CÓSMICO
MALDITO

H.P. LOVECRAFT

histórias ocultas

ns

SUMÁRIO

H.P.
LOVECRAFT
O CASO DE
CHARLES
DEXTER
WARD
JOSEPH
CURWEN
1771
:ns

H.P. Lovecraft

O caso de Charles Dexter Ward

São Paulo, 2020

EDITOR: Luiz Vasconcelos
COORDENAÇÃO EDITORIAL & EDIÇÃO DE ARTE: Nair Ferraz
TRADUÇÃO: Marcely de Marco
REVISÃO: Tássia Carvalho
ILUSTRAÇÕES: Kash Fire
DESENVOLVIMENTO DE EBOOK: Loope Editora | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lovecraft, H.P (Howard Phillips), 1890-1937
O caso de Charles Dexter Ward
Howard Phillips Lovecraft; tradução de Marcely de Marco; ilustrado por Kash Fire.
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2020.

Título original: *The Case of Charles Dexter Ward*
ISBN: 978-65-5561-087-1

1. Ficção norte-americana I. Título II. Marco, Marsely de III. Kash Fire

20-3576 CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana 813.6

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323 | E-mail: atendimento@novoseculo.com.br
www.gruponovoseculo.com.br

“Os sais essenciais dos animais podem ser preparados e preservados de modo que um homem engenhoso pode ter toda a Arca de Noé em seu próprio escritório e fazer surgir a bela forma de um animal das cinzas deste a seu bel-prazer; e, pelo mesmo método, dos sais essenciais do pó humano, sem criminosa necromancia, um filósofo pode fazer reviver a forma de qualquer ancestral falecido das cinzas em que seu corpo se tomou.”

Borellus

I — Um resultado e um prólogo

1.

De um hospital particular para doentes mentais, perto de Providence, em Rhode Island, desapareceu há pouco tempo um indivíduo singular ao extremo. O paciente atendia pelo nome de Charles Dexter Ward, e a internação foi ordenada pelo sofrido e relutante pai, que viu a moléstia do filho evoluir de uma mera excentricidade para uma mania funesta que envolvia, ao mesmo tempo, a possibilidade de tendências homicidas e uma peculiar alteração no conteúdo observável de seus pensamentos. Os médicos demonstraram perplexidade em relação ao caso, uma vez que apresentava uma estranheza geral de caráter fisiológico associada a alterações psíquicas.

Em primeiro lugar, o paciente tinha uma aparência mais velha do que meros vinte e seis anos de idade levariam a imaginar. As perturbações mentais de fato aceleram o processo de envelhecimento, porém o semblante do jovem revestia-se da expressão sutil que via de regra caracteriza indivíduos de idade muito avançada. Em segundo lugar, os processos orgânicos indicavam uma anomalia que não encontrava parâmetro em relatos de casos médicos conhecidos. A respiração e a atividade cardíaca apresentavam uma assimetria

desconcertante; a voz havia desaparecido, de maneira que nenhum som mais rumoroso do que um sussurro podia ser produzido; a digestão era incrivelmente prolongada e reduzida, e as reações neurais aos estímulos-padrão não se assemelhavam a qualquer outro caso relatado até então, fosse normal ou patológico. A pele apresentava frigidez e secura de caráter mórbido, e a estrutura celular dos tecidos parecia exageradamente áspera e frouxa. Até a grande marca de nascença marrom no lado direito do quadril havia desaparecido, enquanto no peito havia se formado uma verruga ou um ponto negro do qual não havia qualquer indício anterior. Os médicos em geral compartilham a opinião de que os processos fisiológicos de Ward sofreram um retardamento sem precedentes.

O psicológico de Charles Ward também apresentava características únicas. A loucura que o acometia não apresentava afinidade alguma com qualquer outro tipo registrado sequer nos mais novos e abrangentes tratados e aliava-se a uma destreza mental que o teria elevado à condição de gênio se não tivesse conferido formas estranhas e grotescas aos pensamentos. O dr. Willett, médico da família Ward, afirma que a capacidade mental total do paciente, quando medida em relação a assuntos que não diziam respeito à esfera da insanidade, na verdade havia aumentado desde o surto. A bem dizer, Ward sempre tinha sido um acadêmico e um antiquário; porém nem mesmo o brilhantismo dos trabalhos incipientes demonstrava a visão e a compreensão prodigiosa evidenciadas durante os últimos exames conduzidos pelos psiquiatras. Na verdade, foi difícil obter autorização legal para a internação do paciente, pois a mente do jovem parecia equilibrada e lúcida ao extremo; foram apenas as evidências fornecidas por terceiros e as inúmeras e aberrantes lacunas de conhecimento em uma inteligência de tamanha envergadura que o levaram a ser confinado. Até o instante do desaparecimento, Charles Ward era um leitor onívoro e um debatedor igualmente talentoso enquanto a voz permitiu; e observadores astutos, incapazes de prever a fuga, afirmaram que não tardaria até que recebesse alta.

Apenas o dr. Willett, que trouxe Charles Ward ao mundo e acompanhou o crescimento do corpo e da mente do rapaz, parecia assustado ao pensar na futura liberdade do paciente. O médico tinha vivido uma experiência terrível e feito uma descoberta igualmente terrível que não se atrevia a revelar aos colegas céticos. Para dizer a

verdade, Willett desponta como um pequeno mistério à parte no que diz respeito a esse caso. Foi a última pessoa a ver o paciente antes da fuga, e retornou da derradeira conversa em um misto de horror e alívio lembrado por muitas pessoas quando a fuga de Ward veio a público três horas mais tarde. A fuga em si é apenas mais um dos mistérios não resolvidos no hospital do dr. Waite. Uma janela aberta que dá para uma queda livre de quase vinte metros não parece oferecer uma explicação satisfatória, mas não há dúvidas de que o jovem desapareceu após a conversa com Willett. O próprio Willett não tem explicação pública alguma a oferecer, embora pareça demonstrar uma estranha tranquilidade após a fuga. Na verdade, muitos acham que o doutor teria mais a dizer se acreditasse na existência de um número razoável de pessoas dispostas a lhe darem crédito. Encontrou Ward no quarto, mas, logo depois que partiu, os enfermeiros bateram em vão. Quando abriram a porta, o paciente não estava mais lá dentro, e tudo o que encontraram foi a janela aberta com uma brisa gelada de abril a soprar a nuvem de um fino pó azul-acinzentado que quase os sufocou. É verdade que os cachorros tinham uivado pouco tempo antes; mas foi enquanto Willett ainda estava presente, e os animais não perceberam nada e não demonstraram nenhum tipo de agitação mais tarde. O pai de Ward foi informado de imediato pelo telefone, mas pareceu mais triste do que surpreso. Quando o dr. Waite foi dar a notícia pessoalmente, o pai estava conversando com o dr. Willett, e os dois negaram qualquer tipo de conhecimento ou cumplicidade em relação à fuga. As pistas foram todas colhidas dos amigos próximos de Willett e do patriarca Ward, e mesmo assim eram fantásticas demais para que tivessem algum crédito.

Mesmo assim, permanece o fato de que até o presente momento não se encontrou nenhum vestígio do louco desaparecido.

Charles Ward foi um antiquário desde a infância, e sem dúvida adquiriu esse gosto com a venerável cidade em que cresceu e com as relíquias do passado que enchiam todos os recantos da velha mansão dos pais, situada na Prospect Street, no alto da colina. Com o passar dos anos, a devoção às coisas antigas continuou aumentando, de modo que a história, a geologia e o estudo da arquitetura, do mobiliário e das técnicas de artesanato do período colonial acabaram por expurgar todos os demais assuntos da sua esfera de interesse. É importante mencionar esses gostos ao falar sobre a loucura que o acometeu; pois,

embora não funcionem como um núcleo absoluto, desempenham um papel relevante na manifestação superficial do desvario. As lacunas de conhecimento relatadas pelos psiquiatras estavam todas relacionadas a assuntos modernos, e eram invariavelmente compensadas por um conhecimento em igual medida excessivo, porém oculto a respeito de temas antigos, que surgiu graças aos interrogatórios bem conduzidos e causou a impressão de que o paciente teria sido literalmente transferido para uma época passada graças a um obscuro método de auto-hipnose. O mais estranho era que Ward parecia ter perdido o interesse pelas antiguidades que conhecia tão bem. A dizer pelas aparências, tinha perdido o apreço como resultado da simples familiaridade; e todos os esforços que empreendeu no final estavam sem dúvida relacionados ao aprendizado de fatos corriqueiros da vida moderna que, de maneira total e inequívoca, haviam sido expurgados de suas lembranças. Charles Ward fez o que pôde a fim de ocultar a obliteração, mas era claro para todos aqueles que o observavam que todo o programa de leitura e debate que levava a cabo era marcado por um anseio frenético de embeber-se nos conhecimentos acerca da própria vida e das vivências práticas e culturais do século XX que deviam pertencer-lhe em virtude do nascimento em 1902 e da educação recebida em escolas do nosso tempo. Os psiquiatras passaram a se perguntar como, em vista da ausência da gama de dados absolutamente vitais, o fugitivo poderia lidar com o complexo mundo de hoje; segundo a opinião dominante, estaria "se escondendo" em uma posição discreta e humilde enquanto tentava acumular o mínimo necessário de informações sobre a vida moderna.

O início da loucura de Ward é motivo de disputa entre os especialistas. O dr. Lyman, eminente médico de Boston, situa o princípio da loucura entre 1919 e 1920, durante o último ano passado na Moses Brown School, quando, de repente, Ward abandonou o estudo do passado para se dedicar às ciências ocultas e recusou-se a entrar para a universidade alegando que tinha pesquisas individuais muito mais importantes a fazer. A hipótese parece ser corroborada pelos hábitos anômalos que Ward cultivava à época, e em especial pela incessante busca em arquivos públicos e cemitérios da cidade por um túmulo cavado em 1771; o túmulo de um antepassado de nome Joseph Curwen, cujos papéis Ward alegava ter encontrado atrás dos painéis de uma antiga casa em Olney Court, em Stamper's Hill, que

fora construída e habitada por Curwen. Em linhas gerais, não há como negar que o inverno de 1919–1920 trouxe consigo uma profunda mudança; de súbito, Ward deixou para trás as ambições antiquárias e lançou-se em um desbravamento frenético de assuntos ocultos, tanto em casa como no exterior, que se intercalava apenas com a estranha e persistente busca pelo túmulo do antepassado.

O dr. Willett, no entanto, discorda substancialmente dessa opinião, e fundamenta o veredito no conhecimento íntimo e contínuo que detinha acerca do paciente, bem como em certas investigações e descobertas pavorosas feitas antes do desaparecimento. Essas investigações e descobertas deixaram marcas profundas; a voz do médico estremece quando as menciona, e a mão fica trêmula ao tentar consigná-las ao papel. Willett admite que a mudança do período 1919–1920 de fato parece marcar o início de uma decadência progressiva que culminou na horrível e inexplicável alienação de 1928; porém, motivado por observações pessoais, acredita ser mister fazer uma distinção mais sutil. Mesmo reconhecendo que o garoto sempre apresentou um temperamento desequilibrado e uma propensão a demonstrar um excesso de suscetibilidade e de entusiasmo em relação aos fenômenos que o cercavam, o dr. Willett recusa-se a admitir que a alteração incipiente tenha marcado a passagem da sanidade à loucura; segundo acredita, o momento foi sinalizado por uma declaração do próprio Ward, quando ele afirmou ter feito uma descoberta ou uma redescoberta cujo efeito sobre o pensamento humano seria profundo e prodigioso. A verdadeira loucura, segundo afirma, teria vindo com uma mudança tardia, posterior à descoberta do retrato e dos antigos papéis de Curwen; posterior à viagem a estranhos lugares no estrangeiro e às evocações terríveis entoadas em circunstâncias estranhas e secretas; posterior ao surgimento de certas *respostas* a essas mesmas invocações e à escritura de uma carta frenética nas condições mais inexplicáveis e agonizantes; posterior ao surto do vampirismo e aos agourentos boatos em Pawtuxet; e posterior ao momento em que a memória do paciente começou a excluir imagens contemporâneas ao mesmo tempo em que a voz começou a falhar e o aspecto físico sofreu a sutil alteração percebida por inúmeros outros mais tarde.

É somente por volta dessa época, segundo as observações precisas de Willett, que a qualidade de pesadelo torna-se indissociável de

Ward; e o médico tem a apavorante certeza de que existem indícios sólidos o suficiente para sustentar a alegação do jovem no que diz respeito à descoberta crucial. Em primeiro lugar, dois trabalhadores de elevada capacidade intelectual viram os antigos papéis redescobertos de Curwen. Em segundo lugar, o rapaz certa vez mostrou ao dr. Willett esses papéis e uma página do diário de Curwen, e ambos os documentos tinham um aspecto totalmente genuíno. O buraco em que Ward afirmou tê-los encontrado era uma realidade tangível, e Willett teve um vislumbre muito convincente desses documentos em lugares que quase incitam a descrença e talvez jamais possam ser provados. A esses fatores somam-se os mistérios e as coincidências das cartas entre Orne e Hutchinson, bem como o problema da caligrafia de Curwen e da revelação feita pelos detetives acerca do dr. Allen; e também a mensagem em minúsculas medievais encontrada no bolso de Willett quando recobrou a consciência após a medonha revelação.

Mas, acima de tudo, existem os dois pavorosos *resultados* que o médico obteve de certas fórmulas durante o estágio final das investigações; resultados que praticamente demonstraram a autenticidade dos papéis e das implicações monstruosas ao mesmo tempo em que eram levados para além da esfera do conhecimento humano por toda a eternidade.

2.

É preciso considerar os anos iniciais de Charles Ward como um evento pertencente ao passado, assim como as antiguidades que tanto admirava. No outono de 1918, com uma notável demonstração de fervor durante o serviço militar do período, Ward havia ingressado na Moses Brown School, situada perto da casa em que morava. A construção principal, erguida em 1819, sempre tinha agradado seu gosto por coisas antigas; e o amplo parque em que a academia se localizava agradou o olhar apurado para aquele tipo de cenário. As atividades sociais eram poucas, e o jovem passava a maior parte do tempo em casa, em caminhadas sem rumo, em aulas e exercícios e na busca de dados antiquários e genealógicos na Prefeitura, no Capitólio, na Biblioteca Pública, no Ateneu, na Sociedade Histórica, nas bibliotecas John Carter Brown e John Hay da Brown University e na recém-inaugurada Shepley Library na Benefit Street. Ainda é possível imaginá-lo como era naquela época: alto, esbelto e louro, com olhos estudiosos e uma leve corcunda, vestido com certo descuido, o que dava a pouco atraente impressão geral de uma inofensiva falta de jeito.

As caminhadas eram sempre aventuras rumo à antiguidade, durante as quais conseguia recapturar, a partir da miríade de relíquias de uma cidade antiga e esplendorosa, uma imagem vívida e coesa de séculos passados. A casa em que morava era uma enorme mansão em estilo georgiano no alto da colina quase abismal que se erguia logo a oeste do rio; e pelas janelas nos fundos dos aposentos labirínticos, Charles Ward perdia-se em vertigens ao admirar os pináculos, as cúpulas, os telhados e os topos dos arranha-céus que se amontoavam na parte mais baixa da cidade e que aos poucos davam lugar às colinas purpúreas dos campos mais além. Tinha nascido naquele lugar, e na bela varanda ao estilo clássico na fachada com duas aberturas, a babá o havia empurrado pela primeira vez no carrinho, para além da

pequena casa branca que já existia dois séculos antes que a cidade a alcançasse, e adiante em direção às imponentes universidades ao longo da rua suntuosa e ensombrecida, cujas antigas mansões de tijolos quadrados, junto às casinhas de madeira com varandas estreitas e ornadas por colunas em estilo dórico, sonhavam com a solidez e a exclusividade que desfrutavam em meio aos exuberantes pátios e jardins.

Também fora empurrado ao longo da sonolenta Congdon Street, uma rua abaixo na íngreme encosta da colina, com todas as casas a leste situadas em terraços elevados. As casinhas de madeira eram ainda mais antigas naquele local, pois, ao crescer, a cidade havia escalado a colina; e nesses passeios Charles tinha absorvido as cores de um pitoresco vilarejo colonial. A babá costumava parar e sentar nos bancos de Prospect Terrace para conversar com os policiais; e uma das primeiras lembranças do menino era uma imagem do grande e nebuloso oceano de telhados e cúpulas e pináculos a oeste, bem como a visão das colinas longínquas que teve em uma tarde de inverno mística e violeta junto à balaustrada na margem do rio, com um pôr do sol frenético e apocalíptico repleto de vermelhos e dourados e púrpuras e curiosos matizes de verde. A vasta cúpula de mármore do Capitólio desenhava uma silhueta colossal, em que a estátua que a colmava adquiria um halo fantástico graças a um rasgo em uma das camadas coloridas que encobriam o céu flamejante.

Quando cresceu, tiveram início as famosas caminhadas; primeiro com a babá, levada a contragosto, e mais tarde sozinho, em um devaneio meditativo. Aventurou-se cada vez mais longe na colina quase perpendicular, encontrando a cada vez lugares ainda mais antigos e ainda mais pitorescos da antiga cidade. Avançou com timidez desde a íngreme Jenckes Street, em meio aos barrancos e às empenas coloniais, até a esquina com a ensombrecida Benefit Street, onde avistou uma antiguidade de madeira com entradas guarnecidas de pilastras jônicas, tendo ao lado uma mansarda pré-histórica com o resquício de antiquíssimas terras aráveis, e a enorme mansão do juiz Durfee, com os vestígios decadentes do esplendor georgiano. O lugar estava transformando-se em um cortiço; mas os titânicos olmos projetavam uma sombra restauradora sobre o lugar, e o garoto tinha por hábito continuar o passeio rumo ao sul, em meio às longas fileiras de casas do período pré-revolucionário com grandes chaminés centrais

e portais em estilo clássico. A leste, as casas apoiavam-se no alto de porões guarnecidos por lances duplos de escadas com degraus em pedra, e o jovem Charles conseguia imaginar a aparência que tinham quando eram novos, e quando saltos vermelhos e perucas destacavam os frontões pintados cujos sinais de idade começavam a ficar bastante visíveis.

A oeste, empreendeu uma descida quase tão profunda quanto a leste, até a antiga "Town Street" que os fundadores haviam construído à beira do rio em 1636. Lá corriam incontáveis vielas com residências amontoadas e fora de prumo que remontavam a uma antiguidade inconcebível; e, por maior que fosse o fascínio despertado, levou tempo até que Ward se atrevesse a galgar aquela verticalidade arcaica, por medo de que se revelassem um sonho ou um portal rumo a terrores desconhecidos. Achava bem menos formidável continuar ao longo da Benefit Street, para além da cerca de ferro do cemitério oculto de St. John's, rumo aos fundos da Casa Colonial de 1761 e ao ponderoso vulto da Golden Ball Inn, onde Washington havia se hospedado. Na Meeting Street, sucessivamente a Gaol Lane e a King Street de outros períodos, direcionava o olhar para cima em direção ao leste e contemplava a escadaria em arco a que a estrada teve de recorrer para subir a encosta, e depois para baixo em direção ao oeste para vislumbrar a velha escola colonial de tijolo à vista, que do outro lado da rua sorri para a antiga Insígnia do Busto de Shakespeare, onde o *Providence Gazette* e o *Country-Journal* eram impressos antes da revolução. A seguir, vinha a magnífica Igreja Batista de 1775, ornada com um campanário insuperável desenhado por James Gibbs, à qual se somavam os telhados e cúpulas do período georgiano que flutuavam ao redor. Nesse ponto, e em direção ao sul, a vizinhança melhorava de aspecto, e florescia em pelo menos dois grupos distintos de mansões antigas; mas as vielas ancestrais continuavam a descer o precipício a oeste com arroubos espectrais de arcaísmo nas múltiplas empenas enquanto despencavam rumo a um caos de decadência iridescente em que a sordidez da antiga zona portuária o fazia pensar na pompa das expedições às Índias, em meio à penúria e ao vício nas mais variadas línguas, a cais apodrecidos e a comerciantes de aprestos com os olhos inchados, devido à falta de sono, e nas alusões que sobreviviam em nomes de ruas, como Packet, Bullion, Gold, Silver, Coin, Doubloon, Sovereign, Guilder, Dollar, Dime e Cent.

Por vezes, à medida que crescia e imbuía-se de um espírito mais aventureiro, o jovem Ward avançava rumo à voragem de casas decrépitas, claraboias quebradas, degraus desabados, balaustradas tortas, rostos morenos e odores inomináveis enquanto seguia da South Main em direção a South Water, em busca das docas onde a baía e os vapores do canal ainda se encontravam, para depois retornar pelo norte por aquele nível mais baixo, para além dos armazéns com telhados de duas águas construídos em 1815 e também da ampla praça junto à Great Bridge, onde o Mercado de 1773 permanece sustentado com firmeza pelos velhos arcos. Na praça, detinha o passo para beber água em meio à beleza encantadora da velha cidade que se erguia na margem a leste, ornada por dois campanários georgianos e coroado pela enorme cúpula da Christian Science, assim como Londres é coroada pela St. Paul's Church. Charles Dexter gostava especialmente de chegar ao local no fim da tarde, quando a luz oblíqua do sol toca o Mercado e os ancestrais telhados e campanários da colina, espalhando uma aura de magia ao redor dos cais sonhadores onde os navios de Providence, retornados da Índia costumavam aportar. Após um longo tempo observando, sentia-se tomado pelo amor de um poeta diante de uma paisagem, e então tratava de subir a encosta e voltar para casa em meio ao crepúsculo, passando pela antiga igreja branca e pelos caminhos estreitos e vertiginosos onde raios amarelos espiavam por trás de janelas com pequenas vidraças e de claraboias no alto de lances duplos de escada ornados com curiosos balaústres em ferro lavrado.

Em outros momentos, e nos anos posteriores, buscava os mais vívidos contrastes; passava metade da caminhada nas regiões coloniais decrépitas a noroeste de casa, onde a colina diminui o vulto e dá vez à eminência um pouco mais baixa de Stamper's Hill, com o gueto e o bairro negro próximo ao local de onde a diligência de Boston costumava partir antes da Revolução, e a outra metade no gracioso reino sulista entre a George, a Benevolent, a Power e a Williams Street, onde a velha encosta mantém preservadas as belas casas e resquícios de jardins fechados e íngremes caminhos verdejantes onde persistem inúmeras memórias fragrantes. Esses passeios, somados à dedicação aos estudos que os acompanhava, sem dúvida bastariam para explicar o enorme volume de sabedoria antiquária que, no fim, expulsou o mundo contemporâneo da imaginação de Charles Ward; e

também para explicar o solo mental em que, no terrível inverno de 1919–1920, caíram as sementes que germinaram frutos tão estranhos e terríveis.

O dr. Willett tem certeza de que, antes desse inverno aziago em que surgiu a primeira alteração, o antiquarismo de Charles Ward era isento de qualquer traço de morbidez. Os cemitérios não exerciam nenhuma atração particular, a não ser pelo caráter pitoresco e pelo valor histórico, e Ward era completamente desprovido de inclinações à violência e de instintos agressivos. Mas, a partir de então, de maneira gradual, começou a delinear-se uma singular continuação para um dos triunfos genealógicos do ano anterior, quando o jovem havia descoberto entre os ancestrais da linha materna um homem deveras longevo chamado Joseph Curwen, que havia chegado de Salem em março de 1692, e a respeito de quem se contava aos sussurros uma série de histórias um tanto peculiares e inquietantes.

Welcome Potter, o trisavô de Ward, casara-se em 1795, com uma certa "Ann Tillinghast, filha da sra. Eliza, filha do capitão James Tillinghast", a respeito de cuja paternidade a família não havia preservado traço algum. No fim de 1918, enquanto examinava um volume de manuscritos originais com os registros municipais, o jovem genealogista encontrou uma entrada que descrevia uma alteração de nome realizada em 1772, graças à qual a sra. Eliza Curwen, viúva de Joseph Curwen, readotou, junto com a filha de sete anos, o nome Tillinghast, que havia usado na época de solteira, sob a alegação de que "O nome do marido se havia tornado uma vergonha para a sociedade em razão do que se descobriu após seu falecimento; o qual veio a confirmar um antigo rumor, que no entanto não mereceria o crédito de uma esposa fiel enquanto não fosse provado para além de qualquer dúvida". Essa entrada veio à tona após a separação acidental de duas folhas que haviam sido coladas com todo o cuidado e tratadas como se fossem uma folha única, graças a uma trabalhosa revisão na numeração das páginas.

Naquele instante Charles Ward compreendeu que encontrara um tataravô até então desconhecido. A descoberta foi motivo de um duplo entusiasmo, pois Ward já tinha ouvido relatos vagos e encontrado alusões dispersas acerca daquele nome, sobre o qual restavam tão poucos registros disponíveis, além dos que vieram a público somente na época atual que quase parecia ter havido uma conspiração para

apagá-lo da memória. Além do mais, o caso revestia-se de uma natureza tão singular e provocativa que não havia como afastar certas especulações curiosas sobre o que os tabeliães da época colonial estariam tão ávidos por esconder e esquecer, e tampouco a suspeita de que essa obliteração poderia de fato ter razões válidas.

Antes, Ward limitava-se a deixar as suposições românticas a respeito de Joseph Curwen na esfera da curiosidade; porém, após descobrir o parentesco com esse personagem silenciado, passou a buscar, da maneira mais sistemática possível, tudo o que pudesse encontrar a seu respeito. Nessa busca desenfreada, logrou um sucesso muito além das expectativas mais otimistas, pois cartas, diários e fardos de memórias não publicadas, nos sótãos empoeirados de Providence e de outros lugares, forneceram muitas passagens esclarecedoras que os autores não haviam feito questão de destruir. Uma revelação importante veio da longínqua Nova York, uma vez que certas correspondências da época colonial estavam armazenadas no museu da Fraunces' Tavern. O documento crucial, no entanto, que, segundo a opinião do dr. Willett, precipitou a ruína de Ward, foi o material encontrado em agosto de 1919, por trás dos painéis de uma casa decrépita em Olney Court. Sem dúvida, foi esse documento que descortinou o negro panorama cujo fim era mais profundo do que o abismo.

II — Antecedente e horror

1

Joseph Curwen, segundo os confusos relatos consubstanciados em tudo o que Ward tinha ouvido e descoberto, era um homem impressionante, enigmático, obscuro e terrível. Havia fugido de Salem para Providence, um refúgio universal de tudo o que era estranho, livre e subversivo, no início do grande pânico da bruxaria, com medo de ser acusado por conta da vida solitária e dos singulares experimentos químicos ou alquímicos que conduzia. Era um sujeito pálido, de cerca de trinta anos, e logo obteve a qualificação necessária para tornar-se um homem livre em Providence; e assim, comprou um terreno um pouco ao norte da casa de Gregory Dexter, próximo ao ponto mais baixo da Gluey Street. A casa foi construída em Stamper's Hill, a oeste da Town Street, no que mais tarde viria a se tornar Olney Court; e, em 1761, o proprietário substituiu-a por uma residência maior, que existe até hoje.

A primeira coisa estranha a respeito de Joseph Curwen é que não parecia ficar mais velho do que estava quando chegou à cidade. Envolveu-se com negócios marítimos, comprou uma acostagem próxima a Mile-End Cove, ajudou a reconstruir a Great Bridge em 1713 e, em 1723, foi um dos fundadores da Congregational Church na colina; porém, sempre mantendo o aspecto pouco chamativo de um homem recém-entrado nos trinta ou trinta e cinco anos. Com o passar

das décadas, essa qualidade singular passou a despertar a atenção do público; mas Curwen sempre a explicava, afirmando que tinha ancestrais robustos e que levava uma vida simples que não o exauria. Como tamanha simplicidade poderia ser conjugada às inexplicáveis idas e vindas do furtivo comerciante ou ainda à estranha visão de luz nas janelas da casa em que morava, a todas as horas da madrugada, jamais ficou claro para o povo da cidade, que assim passou a evidenciar certa predisposição a acreditar em outros motivos para a juventude prolongada e a longevidade do forasteiro. Em geral, acreditava-se que as incessantes misturas e fervuras de componentes químicos, promovidas por Curwen, tivessem uma estreita relação com essa condição.

Corriam boatos a respeito de estranhas substâncias trazidas de Londres e das Índias, nos barcos ou compradas em Newport, Boston e Nova York; e, quando o velho dr. Jabez Bowen chegou de Rehoboth e abriu o apotecário, do outro lado da ponte, sob a Insígnia do Unicórnio e do Pilão, correram intermináveis conversas sobre as drogas, os ácidos e os metais que o taciturno recluso solicitava de maneira incessante em compras e encomendas. Movidos pela suposição de que Curwen fosse dotado de habilidades médicas, secretas e maravilhosas, inúmeros doentes dos mais variados tipos começaram a procurá-lo em busca de socorro; mas, embora Curwen parecesse incentivar essas crenças de maneira indireta, e sempre providenciasse poções de estranho colorido em resposta a esses apelos, era visível que o tratamento dispensado aos outros raras vezes trazia efeitos benéficos. Por fim, quando mais de cinquenta anos se haviam passado desde a chegada do forasteiro, sem produzir alterações correspondentes a mais do que cinco anos no semblante e no aspecto físico, a população começou a sussurrar histórias mais obscuras e a respeitar o isolamento a que Curwen sempre fora propenso.

As cartas e os diários do período revelam uma verdadeira miríade de outras razões para que Joseph Curwen fosse admirado, temido e, por fim, abominado como a peste. A paixão por cemitérios, onde era avistado a todas as horas e sob todas as condições climáticas, tornou-se notória, embora não houvesse testemunhas de qualquer comportamento que pudesse ser descrito como mórbido. Tinha uma fazenda na Pawtuxet Road, onde costumava morar durante o verão e para onde muitas vezes o viam cavalgar nos mais variados e

improváveis horários do dia e da noite. Os únicos criados, trabalhadores do campo e zeladores conhecidos, eram um casal de índios Narragansett; o marido, mudo e coberto por estranhas cicatrizes; e a esposa marcada pelo aspecto repulsivo do rosto, provavelmente devido à mistura de sangue negro. No galpão ficava o laboratório em que a maioria das experiências era conduzida. Os curiosos carregadores e carreteiros que entregavam vidros, bolsas e caixas na diminuta porta dos fundos trocavam entre si histórias sobre frascos, cadinhos, alambiques e fornalhas no interior do pequeno recinto repleto de prateleiras; e profetizavam aos sussurros que o taciturno "quimista" — querendo dizer *alquimista* — não tardaria a encontrar a Pedra Filosofal. Os vizinhos mais próximos da fazenda, os Fenner, que moravam a quinhentos metros, tinham histórias ainda mais estranhas a contar sobre os sons que afirmavam vir da propriedade de Curwen à noite. Mencionavam gritos e uivos prolongados; e não gostavam da grande quantidade de animais que enchia os pastos, demasiado excessiva para fornecer a apenas um homem solitário e poucos criados as provisões necessárias de carne, leite e lã. A composição do rebanho parecia mudar de uma semana para a outra à medida que novos animais eram comprados dos fazendeiros de Kingstown. O sentimento de repulsa era tornado ainda mais intenso por uma grande construção de pedra que não tinha nada além de frestas elevadas à guisa de janelas.

Da mesma forma, os desocupados da Great Bridge tinham muito a dizer sobre a casa na cidade, em Olney Court; nem tanto acerca da nova, construída em 1761, quando o proprietário devia ser quase um homem centenário, mas acerca da primeira, mais antiga, que tinha uma água-furtada, um sótão desprovido de janelas e as fachadas cobertas por recortes de madeira, que Curwen teve o cuidado de queimar após a demolição. Verdade que nesse caso o mistério era menor; mas, nas horas em que as luzes estavam acesas, a furtividade dos dois forasteiros de pele morena que compunham a totalidade da criadagem masculina, os pavorosos e incompreensíveis rumores da idosa governanta francesa, as enormes quantidades de comida que adentravam a porta de uma casa onde viviam apenas quatro pessoas e a *qualidade* de certas vozes ouvidas durante conversas abafadas em horários altamente improváveis, combinavam-se com os demais rumores sobre a fazenda de Pawtuxet e davam origem à má reputação

do lugar.

A residência de Curwen era assunto mesmo nos círculos de maior prestígio; afinal, enquanto trabalhava na igreja e na vida comercial do vilarejo, o forasteiro havia cultivado as melhores amizades para assim poder desfrutar companhias e conversas adequadas à educação que havia recebido. O berço de onde vinha era bom, uma vez que os Curwen, ou Corwin de Salem, dispensavam apresentações na Nova Inglaterra. A certa altura veio à tona que Joseph Curwen tinha viajado um bocado ainda menino, tendo vivido por um tempo na Inglaterra e feito pelo menos duas viagens ao Oriente; e o sotaque, quando se dignava a falar, era o de um cavalheiro inglês culto e refinado. Mas, por algum motivo, Curwen não se importava com a vida em sociedade. Embora jamais mandasse os visitantes embora, costumava erguer uma muralha de reserva tão intransponível que poucos conseguiam pensar em dizer alguma coisa que não fosse soar banal.

Seu comportamento parecia ocultar uma arrogância enigmática e sardônica, como se tivesse passado a aborrecer-se com toda a humanidade depois de mover-se em meio a entidades mais estranhas e mais potentes. Quando o dr. Checkley, famoso pela erudição e pelo espírito trocista, chegou de Houston em 1738, para ser pastor da King's Church, Joseph Curwen não perdeu a oportunidade de fazer uma visita à personalidade de quem tanto ouvira falar; mas foi embora após poucos instantes por conta de uma sinistra nota subjacente percebida no discurso do anfitrião. Charles Ward contou ao pai, quando os dois falavam a respeito de Curwen em uma noite de inverno, que estaria disposto a oferecer muita coisa para saber o que aquele velho sinistro teria dito para o vivaz sacerdote, porém todos os diários estão de acordo ao mencionar a relutância do dr. Checkley em repetir o que tinha ouvido. O bom homem havia recebido um choque terrível, e a partir de então não conseguia mais pensar em Joseph Curwen sem obter como resultado o desaparecimento momentâneo da alegria que o havia tornado famoso.

Bem mais claro, no entanto, foi o motivo que levou outro homem de bom gosto e boa criação a evitar o ermitão atrevido. Em 1746, o sr. John Merritt, um idoso cavalheiro inglês, com inclinações literárias e científicas, chegou de Newport à cidade que rapidamente a ultrapassava em prestígio e construiu uma bela casa rural em Neck, onde hoje se localiza o coração da melhor zona residencial. Vivia

cercado de estilo e de conforto, porém mantinha o primeiro coche e a criadagem de *libré* na cidade, e se enchia de orgulho do telescópio, do microscópio e da bem-escolhida biblioteca de livros ingleses e latinos. Ao ouvir que Curwen era o proprietário da melhor biblioteca de Providence, o sr. Merritt tratou de fazer uma visita o mais breve possível, e foi recebido com mais cordialidade do que a maioria dos outros visitantes da casa. A admiração demonstrada pelo visitante em relação às amplas prateleiras do anfitrião, que além dos clássicos gregos, latinos e ingleses vinham equipadas com uma impressionante bateria de obras filosóficas, matemáticas e científicas, incluindo obras de Paracelso, Agricola, Van Helmont, Sylvius, Glauber, Boerhaave, Becher e Stahl, levou Curwen a sugerir uma visita à fazenda e ao laboratório, onde ninguém jamais estivera; e assim os dois partiram de imediato no coche do sr. Merritt.

O sr. Merritt sempre afirmava não ter visto nada de horripilante na fazenda, mas admitia que apenas os títulos dos livros na biblioteca especial de taumaturgia, alquimia e teologia, que Curwen mantinha em um recinto à parte, tinham sido o bastante para inspirar-lhe um duradouro sentimento de repulsa. No entanto, é possível que a expressão facial do proprietário ao exibir os livros tenha contribuído em boa medida para esse preconceito. A estranha coleção, além de uma miríade de obras clássicas que o sr. Merritt pôde invejar sem motivo algum para alarme, abarcava praticamente todos os cabalistas, demonologistas e magos conhecidos à humanidade; e consistia em um verdadeiro tesouro de sabedoria em reinos duvidosos como a alquimia e a astrologia. Hermes Trismegisto na edição de Mesnard; o *Turba Philosophorum*; o *Liber Investigationis,* de Geber; e o *Key of Wisdom*, de Arthepius estavam todos lá, com o cabalístico *Zohar*, a coleção de Alberto Magno, editada por Peter Jammy; o *Ars Magna et Ultima*, de Raimundo Lúlio, na edição de Zelsner; o *Thesaurus Chemicus*, de Roger Bacon; o *Clavis Alchimiae,* de Fludd, e o *De Lapide Philosophico*, de Tritêmio ao redor. Judeus e árabes medievais estavam representados em profusão, e o sr. Merritt empalideceu quando, ao tomar nas mãos um belo volume, claramente identificado como *Qanoon-e-Islam*, descobriu tratar-se, na verdade, do proscrito *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred, a respeito do qual havia escutado coisas monstruosas, ditas aos sussurros anos atrás, quando se revelou a prática de rituais inomináveis no estranho vilarejo pesqueiro de

Kingsport, na Província de Massachusetts Bay.

No entanto, por mais estranho que pareça, o grande motivo da perturbação, alegada pelo digno cavalheiro, foi um mero detalhe. Na enorme mesa de mogno encontrava-se um exemplar muito desgastado de Borellus, que trazia um grande número de anotações e interlineações crípticas, feitas na caligrafia de Curwen. O livro estava aberto no meio, e um determinado parágrafo exibia sublinhados tão grossos e tão trêmulos, sob as linhas de místicos caracteres góticos, que o visitante não pôde resistir a analisá-los. Se foi a natureza da passagem grifada ou o peso febril dos golpes da pena que formavam os grifos, o sr. Merritt não soube dizer; mas algo naquela combinação causou-lhe uma impressão muito negativa e muito peculiar. O sr. Merritt recordou a passagem até o fim da vida, reproduzindo-a de memória no próprio diário pessoal, e, certa vez, tentou recitá-la para o dr. Checkley, com quem mantinha uma estreita amizade, mas deteve-se ao perceber quanto aquilo perturbava o ilustrado pastor. A passagem dizia:

> "Os sais essenciais dos animais podem ser preparados e preservados de modo que um homem engenhoso pode ter toda a Arca de Noé em seu próprio escritório e fazer surgir a bela forma de um animal das cinzas deste a seu bel-prazer; e, pelo mesmo método, dos sais essenciais do pó humano, sem criminosa necromancia, um filósofo pode fazer reviver a forma de qualquer ancestral falecido das cinzas em que seu corpo se tomou".

Era nas cercanias das docas, na parte ao sul da Town Street, no entanto, que corriam os piores boatos acerca de Joseph Curwen. Os marinheiros são supersticiosos, e os lobos do mar, que tripulavam as infinitas chalupas de rum, escravos e melaço, os mal afamados navios corsários e os grandes brigues das famílias Brown, Crawford e Tillinghast, faziam estranhos e furtivos gestos de proteção quando viam a figura magra, e enganadoramente jovem, de cabelos trigueiros, e com uma discreta corcunda, entrar no depósito de Curwen na Doubloon Street ou conversar com os capitães e supervisores no longo cais em que os navios de Curwen aportavam inquietos pela âncora. Os próprios fiscais e capitães de Curwen nutriam temor e ódio pelo

empregador, e todos os marujos pertenciam à rábula mestiça da Martinica, de Santo Eustáquio, de Havana ou de Port-Royal. De certa forma, a frequência com que os marinheiros eram substituídos foi o que inspirou a parte mais intensa e mais tangível do medo despertado pelo velho. Uma tripulação desembarcava na cidade em licença, por vezes com um ou outro afazer a cumprir; porém, no momento da reunião, quase sempre se dava pela falta de um ou mais homens. O fato de que muitos afazeres envolviam a fazenda na Pawtuxet Road, somado ao fato de que poucos marinheiros retornavam do lugar, não foi esquecido; de maneira que, passado algum tempo, Curwen passou a enfrentar grandes dificuldades para manter os homens da caótica tripulação. Quase sempre um grande número de marinheiros desertava imediatamente após ouvir os boatos sobre os cais de Providence, e a reposição desses homens nas Índias Ocidentais tornou-se um problema cada vez maior para o comerciante.

Em 1760 Joseph Curwen havia se tornado um pária e era suspeito de ter perpetrado horrores vagos e forjado alianças demoníacas que pareciam ainda mais ameaçadoras porque não tinham nome, não eram compreendidas e também porque não havia sequer como provar que existiam. A gota d'água pode ter sido o caso dos soldados desaparecidos em 1758, pois, em março e em abril daquele ano, dois regimentos reais, a caminho da Nova França, alojaram-se em Providence e desapareceram como resultado de um processo inexplicável, muito além da taxa média de deserção. Rumores furtivos mencionavam a frequência com que Curwen era visto conversando com os forasteiros de capa vermelha; e, quando eles começaram a desaparecer, as pessoas lembraram-se do estranho fenômeno que acometia os marinheiros. O que teria acontecido se os regimentos não recebessem ordens de seguir adiante, ninguém saberia dizer.

Enquanto isso, o comerciante prosperava nos negócios mundanos. Praticamente detinha o monopólio sobre o comércio de salitre, pimenta-do-reino e canela, e, com a exceção da firma dos Brown, estava à frente de quase todos os outros estabelecimentos de comércio marítimo na importação de artigos de latão, índigo, algodão, lã, sal, aprestos, ferro, papel e bens ingleses de toda sorte. Lojistas como James Green, sob a Insígnia do Elefante em Cheapside, os Russell, sob a Insígnia da Águia Dourada no outro lado da Ponte, ou Clark e Nightingale, sob a insígnia da Frigideira e do Peixe nas proximidades

da New Coffee-House, dependiam de Ward em caráter quase exclusivo para a obtenção desses produtos; e os acordos firmados com os destiladores locais, os leiteiros e criadores de cavalo Narrangasett e os fabricantes de velas em Newport haviam-no transformado em um dos maiores exportadores da Colônia.

Embora relegado ao ostracismo, Joseph Curwen não era desprovido de espírito cívico. Quando a Casa Colonial queimou, fez grandes investimentos nas loterias, graças às quais o novo prédio, de alvenaria — que ainda hoje se ergue na antiga rua principal —, foi construído em 1761. No mesmo ano, ajudou a reconstruir a Great Bridge, após o furacão de outubro. Repôs muitos livros da biblioteca pública, consumidos pelo fogo durante o incêndio da Casa Colonial, e comprou muitos bilhetes da loteria que propiciaram à enlameada Market Parade e à sulcada Town Street, a pavimentação com grandes pedras arredondadas e um passeio ou canteiro de tijolos no meio. Por volta da mesma época, construiu a simples, mas excelente residência cuja fachada sobrevive até hoje como um grande triunfo de entalhes em madeira. Quando os partidários de Whirefield romperam com a igreja do dr. Cotton em 1743 e fundaram a Deacon Snow's Church do outro lado da Ponte, Curwen os acompanhou, embora o fervor e o interesse pelo assunto tenham durado pouco. Porém voltou a cultivar a religiosidade, como se quisesse dissipar a sombra que o havia precipitado rumo ao isolamento e que não tardaria a arruinar-lhe os negócios se não fosse combatida.

2.

A visão do homem estranho e pálido, que aparentava estar na meia-idade, embora não pudesse ter menos do que um século de vida, e tentava enfim dissipar uma nuvem de pavor e repulsa demasiado vaga para que se pudesse compreendê-la ou analisá-la, era a um só tempo dramática, patética e desprezível. No entanto, o poder da fortuna monetária e dos gestos superficiais resultou em uma discreta redução na visível repulsa que lhe era dispensada, em particular depois que o súbito desaparecimento dos marinheiros cessou de repente. Ao mesmo tempo, Curwen deve ter começado a cercar-se de cuidado e discrição durante as expedições noturnas ao cemitério, pois nunca mais foi avistado nessas perambulações; e os rumores acerca de sons e movimentações estranhas na fazenda de Pawtuxet diminuíram na mesma proporção. O consumo de mantimentos e a reposição dos animais do campo mantiveram-se em um nível anômalo; mas apenas em tempos recentes, quando Charles Ward examinou contas e faturas do antepassado na Shepley Library, ocorreu ao público em geral — talvez com a exceção de um certo jovem amargurado com a vida — estabelecer ligações sombrias entre o elevado número de negros importados da Guiné até 1766 e a inquietante ausência de notas fiscais idôneas emitidas para os mercadores de escravos na Great Bridge ou para os donos de plantações em Narragansett Country. Sem dúvida, a astúcia e a engenhosidade da figura abominada revelaram-se deveras profundas quando a necessidade premente de usá-las se apresentou.

Mesmo assim, o efeito dessas correções tardias foi mínimo. Joseph Curwen continuou a inspirar desconfiança e a ser evitado, o que, a bem dizer, encontrava respaldo no eterno aspecto jovial que ostentava mesmo em idade avançada; e, no fim, percebeu que a fortuna poderia dar uma guinada para o pior. Qualquer que fosse a natureza dos complexos estudos e experimentos que conduzia, era evidente que os

manter exigia uma renda considerável; e, uma vez que qualquer mudança na situação o privasse das vantagens comerciais que alcançara, não valeria a pena recomeçar em outra região. O juízo havia ditado que remediasse as relações que mantinha com o povo de Providence, de maneira que sua presença deixasse de ser motivo para conversas a meia-voz, desculpas transparentes para compromissos em outros lugares e uma atmosfera generalizada de reserva e inquietude. Seus empregados, a essa altura limitados aos rejeitos depauperados e modorrentos a quem ninguém mais daria emprego, haviam se transformado em uma fonte de constantes preocupações; e os capitães e imediatos eram mantidos apenas por força da astúcia de Curwen, que tratou de exercer uma forte influência sobre todos por meio de hipotecas, notas promissórias ou informações pertinentes ao bem-estar do interessado. Muitos diários da época registraram, com evidente espanto, que Curwen parecia ter poderes quase sobrenaturais para descobrir segredos de família a fim de empregá-los para fins um tanto questionáveis. Nos últimos cinco anos de vida, a impressão causada era a de que nada menos do que conversas diretas com os mortos de outrora poderia ter fornecido certas informações que tinha na ponta da língua.

Por volta da mesma época, o sagaz erudito tentou um último e desesperado expediente para se restabelecer no seio da comunidade. Depois de passar a vida inteira como um completo ermitão, Curwen resolveu tirar vantagem do matrimônio com uma esposa de reconhecida posição social a fim de tornar impossível o ostracismo da casa onde morava. Pode ser que tivesse outros motivos mais profundos para forjar tal aliança — motivos tão estranhos à esfera cósmica onde vivemos que somente papéis encontrados um século e meio após sua morte levantaram suspeitas; porém jamais teremos respostas definitivas quanto a essas questões. Sem dúvida Curwen estava ciente do horror e da indignação com que qualquer tentativa de corte seria recebida, e assim tratou de procurar uma candidata filha de pais sobre quem pudesse exercer uma pressão considerável. Essas candidatas, no entanto, não eram fáceis de encontrar, pois Curwen tinha exigências muito específicas no que dizia respeito à beleza, aos talentos e à estabilidade social. Por fim, viu-se reduzido à casa de um dos melhores e mais antigos capitães — um viúvo nascido em berço de ouro e de reputação impecável chamado Dutee Tillinghast, cuja filha

Eliza parecia ter sido abençoada com toda sorte de favorecimento imaginável, a não ser no que dizia respeito às perspectivas como herdeira. O capitão Tillinghast estava sob o completo domínio de Curwen; e, após um terrível colóquio na casa encimada por uma cúpula onde morava, em Power's Lane Hill, consentiu em sancionar essa aliança blasfema.

Eliza Tillinghast somava na época dezoito anos de idade, e tinha sido criada da forma mais delicada possível nas limitadas circunstâncias do pai. Havia frequentado a Stephen Jackson's School em frente à Court-House Parade e sido instruída nas artes e requintes da vida doméstica pela diligente mãe, que morreu em decorrência de varíola em 1757. Exemplares de objetos feitos por Eliza aos nove anos de idade podem ainda hoje ser vistos nas salas da Rhode Island Historical Society. Após o falecimento da mãe, Eliza passou a cuidar da casa, auxiliada somente por uma preta velha. As discussões que teve com o pai acerca do matrimônio proposto por Curwen devem ter sido dolorosas, mas a esse respeito não há nenhum registro. O que se sabe é que o noivado com o jovem Ezra Weeden, o segundo imediato do paquete *Enterprise*, de Crawford, foi devidamente rompido, e que a união com Joseph Curwen foi celebrada na igreja batista, aos sete de março de 1763, na presença dos mais distintos personagens que a cidade tinha a oferecer, em uma cerimônia oficiada pelo jovem Samuel Winsor. A *Gazette* publicou uma breve nota sobre a cerimônia, e na maioria dos exemplares que sobreviveram à passagem do tempo o item em questão parece ter sido recortado ou rasgado. Após inúmeras buscas, Ward encontrou um único exemplar intacto nos arquivos de um notável colecionador particular, e admirou com gosto a falsa cortesia da linguagem empregada:

> "Na tarde da última segunda-feira, o senhor Joseph Curwen, dessa Cidade, comerciante, casou-se com a senhorita Eliza Tillinghast, filha do capitão Dutie Tillinghast, uma jovem que soma real merecimento a uma bela pessoa, para honrar o estado conjugal e perpetuar sua Felicidade".

As correspondências trocadas entre Durfee e Arnold, descobertas por Charles Ward pouco antes do primeiro surto de loucura, na coleção do sr. Melville F. Peters, da George Street, cobrem esse

período e o período imediatamente anterior e oferecem um testemunho contundente do ultraje causado ao sentimento público pelo mal-arranjado casamento. O prestígio social dos Tillinghast, no entanto, não podia ser negado; e mais uma vez Joseph Curwen viu-se em uma casa frequentada por pessoas que, de outra forma, jamais teria persuadido a cruzar o umbral de sua porta. Mas a aceitação não foi de forma alguma total, e a noiva sofreu diversos reveses sociais em decorrência da união forçada; mesmo assim, a muralha de absoluto ostracismo desabou em parte. No tratamento dispensado à esposa, o estranho noivo surpreendeu tanto à própria, quanto à comunidade em geral, ao demonstrar profunda graciosidade e consideração. A nova casa em Olney Court ficou assim completamente a salvo de manifestações perturbadoras, e, embora Curwen passasse boa parte do tempo ausente na fazenda em Pawtuxet que a esposa jamais visitava, parecia nessa época uma pessoa mais normal do que jamais havia sido em todos os longos anos de residência. Somente uma pessoa manteve uma inimizade declarada: o jovem oficial de navio cujo noivado com Eliza Tillinghast fora rompido de maneira tão abrupta. Ezra Weeden havia jurado vingança; e, embora tivesse uma disposição pacata e introvertida, viu-se tomado por uma determinação obsessiva e odiosa que não trazia bons presságios para o marido usurpador.

No dia sete de maio de 1765, nasceu Ann, a única filha de Curwen; a menina foi batizada pelo reverendo John Graves, da King's Church, com quem tanto o marido quanto a esposa haviam entrado em contato logo após o matrimônio a fim de encontrar um meio-termo para as respectivas afiliações à igreja congregacional e à igreja batista. O registro do nascimento, bem como o do matrimônio celebrado dois anos antes, foi riscado de quase todos os documentos eclesiásticos e anais da cidade; Charles Ward localizou-os apenas graças a um árduo trabalho de busca empreendido depois que a mudança de nome efetuada pela viúva revelou o parentesco que o ligava ao objeto da pesquisa e assim engendrou o interesse febril que culminou em loucura. Com efeito, a certidão de nascimento foi encontrada em uma troca de correspondências bastante curiosa entre os herdeiros do dr. Graves, que havia levado consigo uma duplicata de todos os registros quando deixou o pastorado após o início da Revolução. Ward havia buscado essa fonte porque sabia que a trisavó Ann Tillinghast Potter tinha sido adepta da igreja episcopal.

Pouco tempo após o nascimento da filha — um acontecimento que parece ter recebido com um fervor bastante incompatível com a frieza habitual —, Curwen decidiu encomendar um retrato de si mesmo. O retrato foi pintado por um escocês muito talentoso de nome Cosmo Alexander, que na época morava em Newport e mais tarde ganhou fama como um dos primeiros mestres de Gilbert Stuart. Segundo relatos, teria sido executado em um painel na biblioteca da casa em Olney Court, mas nenhum dos antigos diários que o mencionavam oferecia qualquer pista sobre o destino final do retrato. Por volta desse período, o acadêmico errático começou a dar mostras de uma abstração fora do comum e a passar o maior tempo possível na fazenda em Pawtuxet Road. Segundo relatos, dava a impressão de se encontrar em um estado de empolgação contida ou de suspense, como se aguardasse um acontecimento extraordinário ou estivesse prestes a fazer uma estranha descoberta. A química, ou a alquimia, pareciam ter desempenhado um papel importante, pois Curwen levou a maior parte dos livros sobre esses assuntos para a fazenda.

A afetação de interesse cívico não arrefeceu, e Curwen tampouco perdia a oportunidade de ajudar líderes como Stephen Hopkins, Joseph Brown e Benjamin West a elevar o nível cultural da cidade, que na época se encontrava muito abaixo do nível encontrado em Newport, no que dizia respeito às artes.

Ajudou Daniel Jenckes a estabelecer a livraria em 1763, e a partir de então passou a ser o mais assíduo cliente; e ofereceu ajuda também à emergente *Gazette*, impressa todas as quartas-feiras sob a Insígnia do Busto de Shakespeare. Na política, ofereceu apoio irrestrito ao governador Hopkins contra o partido de Ward, que concentrava forças em Newport, e o eloquente discurso que proferiu no Hacker's Hall, em 1765, contra a emancipação de North Providence como um vilarejo independente, através de um voto pró-Ward na Assembleia Geral, fez todo o possível para diminuir o preconceito com que era visto. Mas Ezra Weeden, que o observava de perto, zombava de todo aquele ativismo político e alardeava, para quem quisesse ouvir, que tudo não passava de uma máscara sob a qual Curwen mantinha tráfico com os mais negros abismos do Tártaro. O jovem vingativo lançou-se em um estudo sistemático do homem e de seus afazeres sempre que estava em terra; à noite, quando via luzes nos armazéns de Curwen, passava longas horas de prontidão em uma canoa a remo no cais, para então

seguir o barquinho, que por vezes cruzava furtivamente a baía. Também vigiava de perto a fazenda de Pawtuxet, e em uma ocasião levou graves mordidas dos cachorros que o casal de índios havia soltado contra o invasor.

3.

Em 1766, Joseph Curwen sofreu a derradeira transformação. A mudança foi muito repentina e chamou a atenção de todos os moradores curiosos, pois a atmosfera de suspense e de expectativa caiu como um velho manto, dando vez à exaltação mal contida de um triunfo perfeito. Curwen parecia enfrentar dificuldades para evitar manifestações públicas sobre o que havia descoberto ou aprendido ou feito; mas, aparentemente, a necessidade de discrição era maior do que o desejo de compartilhar o êxito, pois nenhuma explicação foi oferecida. Após a transição, que parece ter se operado no início de julho, o sinistro acadêmico começou a impressionar as pessoas com a posse de informações que somente antepassados falecidos muito tempo atrás poderiam ser capazes de fornecer.

Porém, as febris atividades secretas de Curwen não cessaram com a mudança. Muito pelo contrário: davam a impressão de aumentar, pois uma parte cada vez maior dos negócios marítimos começou a ser administrada pelos capitães, que àquela altura estavam ligados a Curwen por laços de medo tão poderosos quanto antes haviam sido os da bancarrota. O comércio de escravos foi abandonado por completo, sob o pretexto de que os lucros eram cada vez menores. Curwen passava o tempo inteiro na fazenda de Pawtuxet, embora de vez em quando surgissem rumores de que estivera em lugares que, embora não fossem próximos a nenhum cemitério, levaram os mais pensativos a refletir sobre a real extensão da mudança de hábitos que se havia operado no comerciante. Ezra Weeden, embora tivesse períodos de espionagem necessariamente breves e intermitentes em função das viagens marítimas, tinha uma persistência vingativa sem par entre os

moradores e fazendeiros de espírito mais prático; e assim submeteu os negócios de Curwen a um escrutínio que nunca haviam recebido antes.

Muitas das estranhas manobras executadas pelas embarcações do comerciante tinham sido atribuídas à turbulência de um período em que todos os colonizadores pareciam estar determinados a resistir às provisões da Lei do Açúcar, que impediam a movimentação conspícua dos navios. O contrabando e a evasão eram as regras em Narragansett Bay, e o desembarque noturno de cargas ilícitas era uma ocorrência corriqueira. Porém, Weeden, depois de observar, noite após noite, as balsas ou as pequenas chalupas que se afastavam com manobras dos armazéns de Curwen, junto às docas da Town Street, logo percebeu que não eram apenas os navios armados de Vossa Majestade que o sinistro personagem tentava evitar. Antes da mudança, em 1766, a maior parte dos navios trazia cargas de negros acorrentados, que eram levados até o outro lado da baía e descarregados em um local obscuro nas margens logo ao norte de Pawtuxet, para então serem conduzidos outeiro acima e campo afora até chegar à fazenda de Curwen, onde eram trancados na enorme construção de pedra que não tinha nada além de frestas elevadas à guisa de janelas. Após a mudança, no entanto, todo o programa sofreu alterações. A importação de escravos cessou de repente, e por um tempo Curwen abandonou a movimentação noturna dos navios. Então, por volta da primavera de 1767, surgiu uma nova política. Mais uma vez as balsas começaram a zarpar das negras e silenciosas docas e a descer a baía por uma certa distância, por vezes até Namquit Point, quando então recebiam carregamentos de estranhos navios de tamanho considerável e aspecto variado ao extremo. A seguir, os marinheiros de Curwen depositavam a carga junto à margem, no lugar de sempre, e de lá a transportavam por terra até a fazenda, para, então, trancafiá-la na críptica estrutura de pedra que antes havia recebido os negros. A carga era composta quase exclusivamente de caixa, quase sempre caixotes grandes e pesados e oblongos que guardavam uma perturbadora semelhança com a silhueta de um ataúde.

Weeden vigiava a fazenda de maneira persistente, realizando visitas diárias por longos períodos e raramente permitindo uma semana inteira passar sem observações, salvo quando a neve no chão pudesse reter suas pegadas. Mesmo nesses casos, aproximava-se

quanto fosse possível pela beira da estrada ou pelo gelo do rio vicinal para investigar os rastros que outros pudessem ter deixado. Ao perceber que essas vigílias noturnas seriam interrompidas pelos deveres náuticos, Ezra Weeden contratou um companheiro de taverna chamado Eleazar Smith para levar adiante as buscas durante o período em que estivesse ausente; e os dois poderiam ter dado início a rumores extraordinários. Mesmo assim, os rumores não vieram à tona porque ambos sabiam que o efeito de qualquer publicidade seria alertar a presa e impedir qualquer tipo de progresso nas investigações. Weeden e Smith queriam ter alguma certeza antes de tomar qualquer atitude. O que descobriram deve ter sido espantoso ao extremo, e, em várias conversas com os pais, Charles Ward lamentou o fato de que Weeden mais tarde houvesse queimado todos os cadernos que tinha. Tudo o que se pode saber a respeito das descobertas é o que Eleazar Smith anotou em um diário um tanto desconexo e o que outros diários e cartas da época repetiram timidamente a partir dos relatos feitos mais tarde pelos dois — segundo os quais a fazenda era apenas o invólucro externo de uma ameaça colossal e repulsiva, de um escopo e de uma grandeza demasiado profundos e intangíveis para uma compreensão menos difusa e nebulosa.

Percebe-se que Weeden e Smith não tardaram a se convencer da existência de uma enorme série de galerias e catacumbas, habitadas por um número considerável de pessoas, além do velho casal de índios, sob o terreno da fazenda. A casa era uma antiga relíquia da metade do século XVII, com telhado de duas águas, guarnecido por uma enorme chaminé e janelas de treliça em forma de losango, estando o laboratório situado em um galpão mais ao norte, em um ponto onde o telhado quase tocava o chão. A construção ficava longe de todas as demais; porém, a dizer pelas diferentes vozes escutadas no interior, até mesmo nos horários mais improváveis, devia ser acessível a partir de passagens secretas nos subterrâneos. Antes de 1766, essas vozes eram meros balbucios, sussurros e gritos desesperados dos negros, somados a peculiares cânticos ou invocações. Após essa data, no entanto, revestiram-se de um caráter deveras peculiar e odioso, e passaram a oscilar entre murmúrios de aquiescência reprimida e explosões de dor ou de ira frenética, rumores de conversas e gemidos de lamúria, arquejos de entusiasmo e gritos de protesto. Davam a impressão de pertencer a diferentes línguas, todas faladas por Curwen,

cujo sotaque gutural muitas vezes podia ser ouvido em resposta, reprimenda ou ameaça. Às vezes, tinha-se a impressão de que havia diversas pessoas na casa; Curwen, certos prisioneiros e os guardas desses prisioneiros. Havia vozes que nem Weeden nem Smith jamais tinham ouvido, embora possuíssem um vasto conhecimento sobre as nações estrangeiras, e outras que davam a impressão de pertencer a esta ou àquela nacionalidade. A natureza das conversas parecia consistir sempre em uma espécie de sabatina, como se Curwen quisesse arrancar informações dos prisioneiros rebeldes ou aterrorizados.

Weeden tinha diversas anotações *verbatim* de fragmentos ouvidos, pois o inglês, o francês e o espanhol eram usados com frequência; mas nenhuma delas chegou até nós. Afirmou, no entanto, que, à exceção de uns poucos diálogos monstruosos em que os assuntos passados das famílias de Providence eram discutidos, a maioria das perguntas e respostas que conseguiu ouvir era de natureza histórica ou científica, por vezes atinentes a lugares e épocas muito longínquas. Certa vez, por exemplo, uma figura que alternava entre momentos de ira e mau humor foi questionada em francês acerca do massacre promovido pelo Príncipe Negro em Limoges no ano de 1370, como se houvesse uma razão secreta que pudesse esclarecer. Curwen perguntou ao prisioneiro — se é que de fato se tratava de um prisioneiro — se a ordem para matar fora dada em resposta ao Símbolo do Bode encontrado no altar da antiga cripta romana sob a Catedral ou se o Homem Negro do Pacto de Haute-Vienne havia proferido as Três Palavras. Diante do fracasso na obtenção de respostas, o inquisidor dera a impressão de recorrer a meios extremos — pois ouviu-se um terrível grito seguido por silêncio e balbucios e, por fim, um baque.

Nenhum desses colóquios foi testemunhado com os olhos, uma vez que as janelas se encontravam o tempo inteiro cobertas por pesadas cortinas. Certa vez, no entanto, durante um pronunciamento em uma língua desconhecida, uma sombra avistada na cortina infundiu extremo pavor em Weeden, pois lembrou-o das marionetes que tinha visto em um espetáculo no outono de 1764 no Hacker's Hall, quando um homem de Germantown, Pensilvânia, apresentou um interessante espetáculo mecânico, anunciado como "Vista da Famosa Cidade de JeruSalem, na qual são representados Jerusalém, o Templo de Salomão, seu Trono Real, as Torres famosas e as Colinas, bem como

os padecimentos do Nosso Salvador desde o Jardim de Getsemani até a Cruz sobre o Monte Gólgota; Peça Artística que os curiosos não podem deixar de ver". Foi nessa ocasião que o investigador, à espreita junto à janela do recinto frontal de onde as vozes emanavam, soltou um grito que acordou o velho casal de índios e levou-os a soltar os cachorros. A partir de então, nenhuma outra conversa foi ouvida na casa, e Weeden e Smith concluíram que Curwen havia transferido o campo de ação para as regiões inferiores.

Que tais regiões existiam de verdade parecia ser um fato amplamente comprovado por diversos indícios. Gritos e gemidos inconfundíveis de tempos em tempos saíam do que parecia ser terra sólida em lugares distantes de qualquer estrutura, e, oculto nos arbustos ao longo do rio mais ao fundo, onde o terreno elevado se precipitava, de repente, em direção ao vale de Pawtuxet, foi encontrada na pesada cantaria uma porta de carvalho em arco, que sem dúvida era uma via de acesso às cavernas no interior da colina. Quando e como essas catacumbas teriam sido construídas, Weeden não saberia dizer; mas com frequência chamava atenção para a facilidade com que o local seria alcançado por bandos de trabalhadores não avistados que viessem pelo rio. De fato, Joseph Curwen empregava os marinheiros de sangue mestiço nas mais variadas tarefas! Durante as fortes chuvas, na primavera de 1769, os dois observadores ficaram de olho na íngreme margem do rio para ver se quaisquer segredos subterrâneos podiam revelar-se à luz, e foram recompensados pela visão de incontáveis ossos de origem humana e animal em lugares em que sulcos profundos haviam cortado o solo das margens. Naturalmente poderia haver diversas explicações para essas coisas nos fundos de uma fazenda de gado em um local onde antigos cemitérios indígenas eram comuns, mas Weeden e Smith tiraram suas próprias conclusões.

Em janeiro de 1770, quando Weeden e Smith ainda discutiam em vão o que pensar ou fazer a respeito de toda a perturbadora situação, deu-se o incidente com o *Fortaleza*. Exasperados pelo incêndio que acometeu a chalupa da receita *Liberty*, ocorrido em Newport durante o verão anterior, a esquadra alfandegária comandada pelo almirante Wallace adotara uma vigilância mais severa no que dizia respeito a embarcações desconhecidas; e, nessa ocasião, a escuna armada *Cygnet*, pertencente a Vossa Majestade e comandada pelo capitão Charles

Leslie, capturou após uma breve perseguição a barca *Fortaleza*, de Barcelona, Espanha, que segundo o registro de bordo viera desde o Cairo, no Egito, até Providence sob o comando do capitão Manuel Arruda. Ao ser passado em revista em função de possíveis contrabandos, o navio fez a surpreendente revelação de que a carga transportada consistia exclusivamente de múmias egípcias, consignadas ao "Marinheiro *a. b. c.*", que receberia os bens em uma balsa em local próximo a Namquit Point e cuja identidade o capitão Arruda sentia-se na obrigação moral de preservar. O Tribunal do Vice-Almirantado em Newport, sem saber o que fazer, levando em conta, por um lado a natureza não contrabandeada da carga, e, por outro lado, o sigilo da entrada ilegal, aceitou a recomendação do coletor Robinson de liberar o barco, mas impedir que aportasse nas águas de Rhode Island. Mais tarde surgiram rumores de que o navio teria sido avistado na Baía de Boston, embora nunca tenha entrado abertamente no porto do vilarejo.

O extraordinário incidente atraiu muita atenção em Providence, e eram poucos os que duvidavam da existência de alguma ligação entre a carga de múmias e o sinistro Joseph Curwen. Sendo as pesquisas exóticas e as estranhas importações químicas assuntos de conhecimento público, e a preferência de Curwen por cemitérios uma suspeita comum, não seria preciso muita imaginação para associá-lo a um carregamento que não poderia ter por destinatário qualquer outro habitante do vilarejo. Como se estivesse ciente dessa crença natural, Curwen teve o cuidado de falar em várias ocasiões sobre a relevância química dos bálsamos encontrados nas múmias, imaginando talvez que, dessa forma, o assunto poderia ganhar ares menos sobrenaturais, porém, mesmo assim evitando admitir qualquer tipo de participação. Weeden e Smith, é claro, não tinham nenhuma dúvida quanto à importância do assunto, e cogitavam as mais desvairadas teorias a respeito de Curwen e dos monstruosos trabalhos que executava.

A primavera seguinte, como a do ano anterior, trouxe pesadas chuvas; e os observadores investigaram de perto as margens do rio atrás da fazenda de Curwen. Grande parte do terreno sofreu erosão, e um certo número de ossos foi descoberto; mas não houve nenhum vislumbre de câmaras ou de galerias subterrâneas. No entanto, surgiram rumores no vilarejo de Pawtuxet, cerca de um quilômetro e meio mais abaixo, onde as águas do rio despencam em cachoeiras

acima de um terraço rochoso e juntam-se em uma plácida enseada rodeada de terra. Lá, onde pitorescas casas antigas escalavam a colina desde a ponte rústica e barcos de pesca dormitavam nas sonolentas docas enquanto portavam pela âncora, correu um vago relato sobre coisas que flutuavam rio abaixo e revelavam-se por um instante quando despencavam das cachoeiras. Como sabemos, o Pawtuxet é um rio comprido que serpenteia em meio a várias regiões habitadas, repletas de cemitérios, e sabemos que as chuvas de primavera tinham sido fortes; mas os pescadores que moravam ao redor da ponte não gostaram nem um pouco da forma como uma dessas coisas olhou ao redor enquanto caía até as águas lá embaixo, nem da forma como outra gritou, embora as condições em que se encontrava apresentassem uma grotesca divergência em relação às circunstâncias de todas as coisas em geral capazes de gritar. O rumor levou Smith — pois Weeden estava em alto-mar — a apressar-se rumo às margens do rio atrás da fazenda, onde havia fartas evidências de um enorme desabamento. Não havia, entretanto, qualquer indício de uma passagem rumo ao interior da margem talhada a pique, uma vez que a diminuta avalanche tinha deixado para trás uma sólida muralha de terra e de arbustos. Smith chegou a arriscar escavações preliminares, mas foi desencorajado pela ausência de sucesso — ou talvez pelo medo de um possível sucesso. Seria interessante cogitar o que o vingativo e persistente Weeden teria feito se estivesse em terra durante aquele período.

4.

No outono de 1770, Weeden decidiu que havia chegado a hora de contar a outros sobre as descobertas que havia feito, pois reunira um grande número de fatos correlacionados e uma segunda testemunha ocular, capaz de refutar as possíveis acusações de que a inveja e a vingança teriam engendrado um desvario. Escolheu como primeiro confidente o capitão James Mathewson, do *Enterprise*, que, por um lado, conhecia-o bem o suficiente para não duvidar da veracidade da história, e, por outro lado, tinha influência suficiente na cidade para que o ouvissem com a devida consideração. O colóquio deu-se próximo às docas, em um dos quartos, no segundo andar da Sabin's Tavern, com Smith presente a fim de corroborar cada declaração, e sem dúvida causou uma forte impressão sobre o capitão Mathewson. Como todos os outros na cidade, o capitão tinha nutrido as mais negras suspeitas acerca de Joseph Curwen, e por esse motivo necessitou apenas da confirmação e da ampliação de dados para convencer-se de uma vez por todas. No final da conferência, o capitão adotou uma expressão de gravidade extrema, e solicitou o mais estrito silêncio aos dois jovens. Segundo informou, transmitiria a informação separadamente para cerca de dez homens escolhidos entre os mais eruditos e prestigiosos cidadãos de Providence a fim de averiguar as opiniões que pudessem manifestar em relação ao assunto e de seguir quaisquer conselhos que tivessem a oferecer. A discrição seria essencial para a empreitada, pois o assunto não poderia ser assumido pelos condestáveis ou pela milícia do vilarejo; e, acima de tudo, a turba deveria ser mantida na mais absoluta ignorância, para que em meio a todas essas atribulações não se corresse o risco de repetir o

terrível pânico ocorrido em Salem, o qual menos de um século atrás levara Curwen até a cidade.

As pessoas a serem avisadas, segundo acreditava, seriam o dr. Benjamin West, cujo panfleto sobre o trânsito recente de Vênus havia-o consagrado como acadêmico e pensador; o reverendo James Manning, recém-chegado, Presidente da Universidade e hóspede temporário da escola na King Street enquanto aguardava o término da construção na colina acima da Presbyterian-Lane; o ex-governador Stephen Hopkins, que tinha sido membro da Sociedade Filosófica de Newport e era um homem de percepções muito amplas; John Carter, o editor da *Gazette*; os irmãos John, Joseph, Nicholas e Moses Brown, reconhecidos como os quatro magnatas locais, sendo que Joseph era também um cientista amador; o velho dr. Jabez Bowen, homem de erudição considerável e detentor de informações obtidas em primeira mão sobre as singulares compras de Curwen; e o capitão Abraham Whipple, um corsário de energia e coragem extraordinárias com quem se poderia contar para a tomada de quaisquer medidas necessárias. Esses homens, caso fossem todos favoráveis, poderiam ser reunidos em uma deliberação coletiva; e, assim, teriam por responsabilidade dar o veredito sobre informar ou não o Governador da Colônia, Joseph Wanton de Newport, antes de partir para a ação.

A missão do capitão Mathewson obteve um êxito muito além das expectativas mais otimistas, pois, embora um ou dois confidentes tenham recebido o aspecto possivelmente sinistro da história de Weeden com certa dose de ceticismo, todos concordaram em que seria necessário tomar providências secretas e articuladas. Embora de maneira vaga, Curwen representava uma ameaça potencial para o bem-estar da cidade e da Colônia, e, portanto, devia ser eliminado a qualquer custo. No fim de dezembro de 1770, um grupo de eminentes habitantes do vilarejo reuniu-se na casa de Stephen Hopkins e debateu as medidas cabíveis. As anotações, que Weeden havia entregado ao capitão Mathewson, foram lidas com todo o cuidado; e solicitou-se que Weeden e Smith fizessem relatos e oferecessem mais detalhes. Um sentimento muito semelhante ao medo tomou conta da companhia antes que o encontro chegasse ao fim, embora esse medo fosse perpassado por uma determinação sinistra, expressa com perfeição pela bravata e pela ribombante imprecação proferida pelo capitão Whipple. Ninguém informaria o Governador porque um curso de ação

fora da alçada da lei parecia necessário. Devido aos poderes ocultos de extensão ignorada que tinha à disposição, Curwen não podia ser instado a abandonar a cidade de maneira segura. Retalhações inomináveis podiam vir à tona, e mesmo que a sinistra criatura obedecesse, a remoção não seria mais do que a transferência de um fardo blasfemo para outra localidade. Vivia-se em uma época sem lei, e homens que haviam zombado das forças do Rei por anos a fio não hesitariam diante de coisas mais graves quando o dever chamasse. Curwen seria surpreendido na fazenda de Pawtuxet por um numeroso grupo de corsários experientes e receberia a oportunidade de se explicar de uma vez por todas. Caso se revelasse um louco, que se divertia com gritos e conversas imaginárias executadas em vozes diversas, seria devidamente trancafiado. Caso o resultado fosse mais grave, e caso os horrores subterrâneos de fato fossem reais, devia morrer junto com todo o restante. Tudo poderia ser feito com discrição, e sequer a viúva e o pai da viúva saberiam o que de fato teria acontecido.

Enquanto as medidas sérias eram discutidas, ocorreu na cidade um incidente tão horrível e tão inexplicável que por um determinado tempo não se falou em mais nada por quilômetros ao redor. Durante uma noite enluarada de janeiro, com uma grossa camada de neve sob os pés, ressoou por todo o rio e por toda a colina uma série de gritos que trouxe rostos sonolentos a todas as janelas; e os moradores próximos a Weybosset Point avistaram uma enorme coisa branca executando movimentos frenéticos ao longo do espaço aberto em frente ao Turk's Head Building. Cachorros latiam ao longe, mas o alarido cessou assim que o clamor da cidade desperta tornou-se audível. Grupos de homens com lanternas e mosquetes apressaram-se para ver o que estava acontecendo, mas não encontraram nada durante as buscas. Na manhã seguinte, contudo, um enorme corpanzil musculoso e desnudo foi encontrado em meio ao acúmulo de gelo ao redor dos píeres ao sul da Great Bridge, no ponto onde a Long Dock estendia-se em frente à destilaria Abbott; e a identidade desse objeto foi tema de inúmeras especulações e sussurros. Não eram tanto os jovens, mas os velhos que sussurravam; pois apenas nos patriarcas aquele semblante impassível com olhos arregalados e repletos de horror poderia fazer soar os acordes da memória. Com tremores a varar-lhes o corpo, trocaram murmúrios furtivos de espanto e temor,

pois as rígidas e horrendas feições apresentavam uma semelhança tão espantosa que chegava às raias da identidade, e essa identidade dizia respeito a um homem falecido cinquenta anos atrás.

Ezra Weeden estava presente no momento da descoberta; e, ao recordar os latidos na noite anterior, percorreu a Weybosset Street e atravessou a Muddy Dock Bridge de onde o som havia chegado. Tinha um curioso sentimento de expectativa e não se surpreendeu quando, chegando ao limite do distrito habitado onde a rua juntava-se à Pawtuxet Road, encontrou rastros curiosos sobre a neve. O gigante nu fora perseguido por vários cães e homens que calçavam botas, e o rastro que os animais e os donos haviam deixado na volta pôde ser traçado sem nenhuma dificuldade. A caçada fora interrompida nos arredores do vilarejo. Weeden abriu um sorriso lúgubre e, à guisa de verificação perfunctória, seguiu as pegadas de volta à origem. Era a fazenda de Joseph Curwen em Pawtuxet, como havia imaginado; e o investigador desejou que o jardim estivesse em um estado de menor arruaça. Da maneira como estava, não poderia mostrar-se demasiado curioso em plena luz do dia. O dr. Bowen, a quem Weeden prontamente ofereceu um relatório, encarregou-se de fazer a autópsia do estranho cadáver, e assim descobriu certas peculiaridades que o deixaram estupefato. O trato digestivo do homem parecia não ter sido usado jamais, e a pele como um todo apresentava uma textura rústica e mal-ajambrada para a qual seria difícil achar uma explicação. Impressionado pelos sussurros dos velhos, que mencionavam a semelhança do cadáver com o defunto ferreiro Daniel Green, cujo bisneto Aaron Hoppin era um supervisor de carga a serviço de Curwen, Weeden fez as perguntas de praxe até descobrir onde Green fora enterrado. Na mesma noite, um grupo de dez homens visitou o North Burying Ground em frente a Herrenden's Lane para abrir uma sepultura. Encontraram-na vazia, precisamente como tinham antecipado.

Nesse meio-tempo o grupo tomou as providências necessárias para que se interceptasse a correspondência de Joseph Curwen, e pouco antes do incidente do corpo desnudo fora descoberta uma carta de Jedediah Orne, de Salem, que levou os cidadãos confederados a fazerem profundas reflexões. Partes dessa missiva, copiadas e preservadas nos arquivos privados da família Smith, onde Charles Ward a encontrou, diziam o seguinte:

> “Alegro-me que o senhor continue no estudo de Antigos Casos com seu método e não penso que melhor tenha sido feito na casa do senhor Hutchinson, na vila de Salem. Certamente, nada havia senão o mais vivo horror no que H. evocou daquilo que só pudemos compreender apenas em parte. O que o senhor enviou não funcionou, ou porque alguma coisa estava faltando, ou porque as palavras que eu pronunciei ou que o senhor copiou não estavam certas. Sozinho fico sem saber. Não possuo as artes químicas para imitar Borellus e confesso que fiquei confuso com o VII Livro do Necronomicon que o senhor recomenda. Mas gostaria que observasse o que nos foi dito a respeito de quem chamar, pois o senhor tem conhecimento do que o senhor Mather escreveu nos Marginalia de____, e pode julgar quão fielmente a Horrenda Coisa está relatada. Recomendo-lhe novamente que não evoque ninguém que não possa mandar de volta; com isso quero dizer, ninguém que por sua vez possa chamar algo contra o senhor, contra o qual seus mais poderosos artifícios não seriam de uso algum. Chame os menores para que os maiores não desejem responder e sejam mais poderosos do que o senhor. Fiquei assustado quando li que o senhor sabe o que Ben Zaristnatmik tem em sua Caixa de Ébano, pois estou ciente de quem lhe deve ter contado. E novamente peço-lhe que me escreva como Jedediah e não como Simon. Nessa comunidade um homem pode não viver por muito tempo e o senhor conhece meu Plano, pelo qual voltei como meu Filho. Desejaria que me fizesse conhecer o que o Homem Negro aprendeu com Sylvanus Cocidius na cripta debaixo do muro romano e ficaria agradecido se me emprestasse o manuscrito de que o senhor fala”.

Outra carta sem assinatura franqueada na Filadélfia provocou o mesmo sentimento, em especial devido à seguinte passagem:

> “Observarei o que o senhor diz com respeito ao envio das contas unicamente por seus navios, mas não pode saber ao certo quando deverá esperá-las. Quanto ao assunto de que fala, quero apenas mais uma coisa, mas desejo ter certeza de

> que o entendo perfeitamente. O senhor me informa que nenhuma parte deve estar faltando para que se obtenham os melhores efeitos, mas o senhor deve saber quão difícil é ter certeza. Parece muito perigoso e uma tarefa muito pesada levar toda a caixa, e na cidade (ou seja, na Igreja de São Pedro, São Paulo, Santa Maria e na Igreja de Cristo) isto não pode ser feito. Mas sei das imperfeições daquele que foi retirado em outubro passado e quantos espécimes vivos o senhor foi obrigado a empregar antes de chegar ao método certo no ano de 1766; portanto, seguirei suas orientações em todas as questões. Aguardo com impaciência seu brigue e indago todos os dias no cais do senhor Biddle".

Uma terceira carta suspeita estava escrita em um idioma e até mesmo em um alfabeto desconhecido.

No diário de Smith, encontrado por Charles Ward, uma única combinação de caracteres encontra-se copiada repetidas vezes; os especialistas da Brown University declararam que o alfabeto deve ser amárico ou abissínio, embora não tenham reconhecido a palavra. Nenhuma dessas epístolas jamais foi entregue a Curwen, embora o desaparecimento de Jedediah Orne em Salem, conforme atestam os registros da época, demonstre que os homens de Providence tomaram a iniciativa necessária. A Sociedade Histórica da Pensilvânia também dispõe de algumas cartas curiosas recebidas pelo dr. Shippen relativas à presença de um personagem insalubre. No entanto, os passos mais decisivos permaneciam vagos, e é na reunião secreta entre marinheiros fiéis e conhecidos e velhos e leais corsários que se deu à noite, nos armazéns de Brown, que devemos buscar os principais resultados das revelações de Weeden. Não restavam dúvidas de que havia um plano de campanha com o objetivo de obliterar todos os resquícios dos mistérios nefastos de Joseph Curwen.

Curwen, apesar de todas as precauções, deve ter percebido alguma coisa no ar, pois testemunhas relatam que a partir daquele momento passou a ter a marca de uma grande preocupação estampada no semblante. O coche era visto a todas as horas do dia na cidade e na Pawtuxet Road, e aos poucos o homem abandonou a congenialidade forçada com que nos últimos tempos vinha tentando combater o preconceito do vilarejo. Os vizinhos mais próximos da fazenda — os

Fenner — perceberam, certa noite, um grande facho de luz projetar-se rumo ao céu a partir de uma abertura no teto da misteriosa construção em pedra com as frestas elevadas à guisa de janelas; um acontecimento que não tardaram a relatar a John Brown em Providence. O sr. Brown assumira o cargo de líder executivo do seleto grupo dedicado à aniquilação de Curwen, e nessa condição informou aos Fenner que alguma providência seria tomada.

Esse seria um passo necessário em função da impossibilidade de evitar que a família testemunhasse a invasão final; e o sr. Brown explicou a providência, alegando que Curwen era um espião dos oficiais da alfândega em Newport, contra quem os punhos de todos os expedidores, comerciantes e fazendeiros de Providence estavam erguidos em segredo. Não se sabe se o artifício recebeu crédito da parte dos vizinhos que já haviam testemunhado inúmeros fenômenos estranhos; mas, de qualquer forma, os Fenner estavam dispostos a associar qualquer tipo de mal com um homem de hábitos tão estranhos. O sr. Brown pediu que vigiassem a propriedade rural de Curwen e que relatassem quaisquer incidentes ocorridos no local.

5.

A chance de que Curwen estivesse de guarda e tentando manobras fora do comum, sugerida pelo singular facho de luz, precipitou enfim a ação cuidadosamente orquestrada pelo grupo de graves cidadãos. Segundo o diário de Smith, uma companhia de cerca de cem homens encontrou-se às 22 horas, na sexta-feira, 12 de abril de 1771, no grande salão da Thurston's Tavern junto à Insígnia do Leão Dourado em Weybosset Point, do outro lado da ponte. Além do líder John Brown, encontravam-se presentes nesse grupo de homens célebres o dr. Bowen, com a maleta de instrumentos cirúrgicos, o presidente Manning, destituído da grande peruca (a maior de todas as Colônias) pela qual era conhecido, o Governador Hopkins, envolto em um manto escuro e acompanhado pelo irmão Esek, um desbravador dos mares, convocado de última hora, com a aprovação de todos os restantes, John Carter, o capitão Mathewson e o capitão Whipple, que seria o líder do grupo encarregado da invasão. Os homens deliberaram em um cômodo nos fundos da taverna, e por fim o capitão Whipple retornou ao grande salão para dar as últimas instruções e solicitar os últimos juramentos de lealdade aos marujos presentes. Eleazar Smith estava com os líderes quando eles se sentaram no cômodo de fundos à espera de Ezra Weeden, encarregado de vigiar Curwen a fim de avisar quando o coche deixasse a fazenda.

Por volta das 22h30, ouviu-se um forte estrondo na Great Bridge, seguido pelo som de um coche na rua lá fora; e àquela altura não havia necessidade de esperar por Weeden para saber que o condenado havia partido na última noite de feitiçaria profana. No momento seguinte, enquanto o coche se afastava com certo estrépito pela Muddy Dock Bridge, Weeden apareceu; e em silêncio os invasores assumiram uma formação militar na rua, tendo nos ombros os arcabuzes, mosquetes ou arpões baleeiros que traziam consigo. Weeden e Smith estavam junto com o grupo, e entre os cidadãos da

assembleia deliberativa que haviam se disposto a desempenhar um papel ativo na operação estavam o capitão Whipple, na condição de líder, o capitão Esek Hopkins, John Carter, o presidente Manning, o capitão Mathewson e o dr. Bowen; e também Moses Brown, que havia aparecido às onze horas a despeito da ausência na sessão preliminar na taverna. Todos os homens livres e a centena de marujos puseram-se em marcha sem mais delongas, com uma expressão grave e um pouco apreensiva enquanto deixavam Muddy Dock para trás e escalavam a suave inclinação da Broad Street em direção à Pawtuxet Road. Logo depois da igreja de Elder Snow, alguns dos homens olharam para trás e lançaram um olhar de despedida em direção a Providence, que se estendia sob as estrelas do início da primavera. Campanários e torres se erguiam em silhuetas negras e graciosas, e brisas marítimas sopravam da enseada ao norte da ponte. Vega subia a grande colina na margem oposta, cujo pico verdejante era interrompido pelo telhado do prédio ainda inacabado da universidade. No pé da colina, e ao longo das estreitas vielas que subiam a encosta, a velha cidade sonhava — a velha Providence, em nome de cuja segurança e sanidade uma blasfêmia monstruosa e colossal estava prestes a ser extinta.

Uma hora e quinze minutos mais tarde, os invasores chegaram, como haviam combinado, à fazenda dos Fenner, onde ouviram o último relato sobre a vítima pretendida. Curwen havia chegado à fazenda mais de uma hora atrás, e logo a seguir o estranho facho de luz fora mais uma vez avistado no céu, embora não houvesse luz em nenhuma das janelas visíveis. Nos últimos tempos era sempre assim. No instante mesmo em que a notícia era relatada, mais um grande clarão ergueu-se em direção ao sul, e os homens do grupo perceberam que de fato haviam chegado próximo ao palco de portentos inacreditáveis e sobrenaturais. Naquele instante, o capitão Whipple ordenou que o grupo fosse separado em três divisões; uma, formada por vinte homens e comandada por Eleazar Smith, foi encarregada de cruzar a margem e proteger o local da aportagem contra possíveis reforços mandados por Curwen até que um mensageiro a chamasse de volta para executar um serviço desesperado; a segunda, formada por vinte homens e comandada pelo capitão Esek Hopkins, foi encarregada de se esgueirar até o vale atrás da fazenda de Curwen e demolir com machados ou pólvora a porta de carvalho na margem

elevada; e a terceira foi encarregada de cercar a casa e as construções adjacentes. Um terço da última divisão seria liderado pelo capitão Mathewson em uma incursão até o críptico edifício de pedra com frestas elevadas à guisa de janelas; outro terço seguiria o capitão Whipple até a casa principal, e o terço restante permaneceria disposto em um círculo ao redor de todo o grupo de construções até que fosse chamado pelo derradeiro sinal de emergência.

O grupo do rio arrombaria a porta da encosta ao ouvir o primeiro sopro de um apito, e a seguir permaneceria de tocaia a fim de capturar o que quer que pudesse sair das regiões subterrâneas. Ao som do segundo sopro de apito, o grupo avançaria pela brecha a fim de enfrentar o inimigo ou juntar-se ao restante do contingente invasor. O grupo da construção de pedra receberia os respectivos sinais de maneira análoga, forçando a entrada no primeiro e, no segundo, descendo por qualquer passagem subterrânea que pudesse ser descoberta a fim de juntar-se ao combate geral ou local que deveria eclodir no interior das cavernas. Um terceiro sinal de emergência, que consistia em três sopros de apito, serviria para convocar a reserva que estaria de guarda, composta por vinte homens que se dividiriam e adentrariam as profundezas desconhecidas tanto através da fazenda como também pela construção de pedra. A crença do capitão Whipple na existência das catacumbas era absoluta, e portanto não havia outra alternativa contemplada nos planos. O capitão tinha consigo um apito de som estridente e altissonante, e não temia nenhum mal-entendido em relação aos sinais. A reserva final no local da aportagem, claro, estava quase além do alcance do instrumento; e por esse motivo dependeria de um mensageiro, caso fosse necessária. Moses Brown e John Carter foram com o capitão Hopkins até a margem do rio, enquanto o presidente Manning seguiu com o capitão Mathewson rumo à construção de pedra. O dr. Bowen permaneceu com Ezra Weeden no grupo do capitão Whipple, encarregado de invadir a fazenda. O ataque começaria assim que o mensageiro do capitão Hopkins se juntasse ao capitão Whipple e anunciasse que o grupo do rio estava de prontidão. O líder então faria soar o primeiro apito, e os vários grupos lançariam ataques simultâneos nos três locais. Pouco antes da uma hora da manhã, as três divisões saíram da casa dos Fenner; uma destinada a defender o local da aportagem, outra a buscar o vale e a porta na encosta e a terceira a subdividir-se e vigiar

as construções na propriedade de Curwen.

Eleazar Smith, que acompanhava o grupo encarregado de defender a margem, registrou no diário uma marcha sem nenhum contratempo e uma longa espera no outeiro junto à baía, interrompido uma vez pelo que parecia ser o som distante do apito sinalizador e depois por uma mistura peculiar de gritos e urros abafados com uma explosão de pólvora que parecia ter vindo da mesma direção. Mais tarde um dos homens imaginou ter ouvido tiros ao longe, e ainda mais tarde o próprio Smith sentiu a reverberação de palavras titânicas e tonitruantes que ressoaram pelo ar. Pouco antes do amanhecer, um mensageiro solitário e exausto com o olhar desvairado e um pavoroso e desconhecido odor a exalar das roupas apareceu e insistiu em pedir que o destacamento se dispersasse em silêncio, voltasse para casa e nunca mais pensasse ou falasse sobre os acontecimentos daquela noite ou sobre aquele que tinha sido Joseph Curwen. Alguma coisa na maneira como o mensageiro se portava transmitiu uma convicção mais profunda do que as palavras seriam capazes de fazer, pois, embora fosse um marinheiro conhecido por vários dos homens presentes, notou-se uma perda ou um ganho de dimensões sombrias na alma do pobre homem, que a partir de então seria eternamente um pária. O mesmo tornou a acontecer mais tarde quando encontraram velhos companheiros que haviam adentrado aquela região de horror. A maioria havia sofrido uma perda ou um ganho imponderável e indescritível. Tinham visto ou ouvido ou sentido coisas que não se destinavam às criaturas humanas, e, portanto, jamais poderiam esquecer. Aqueles homens jamais contaram histórias, pois existem barreiras terríveis até mesmo para os mais comezinhos instintos mortais. E por conta desse mensageiro solitário o grupo da margem foi tomado por um espanto inefável que por pouco não selou os lábios de todos. Os rumores espalhados pelos homens são parcos, e o diário de Eleazar Smith é o único registro escrito remanescente de toda a expedição que partiu da Insígnia do Leão Dourado sob a luz das estrelas.

Charles Ward, no entanto, descobriu um detalhe vago e interessante em uma correspondência dos Fenner encontrada em New London, onde sabia que outra parte da família tinha vivido. Parece que os Fenner, de cuja residência avistava-se à distância a fazenda condenada, tinham observado o avanço das colunas de invasores; e

ouviram claramente os latidos furiosos dos cachorros de Curwen, seguidos pelo estridente sinal que precipitou o ataque. O sinal foi seguido por uma repetição do grande facho de luz na construção de pedra, e em outro momento, após o sinal de duas breves notas que deu a ordem para a invasão geral, ouviu-se um rumor abafado de mosquetes seguido por um rugido horrendo, que o correspondente Luke Fenner representou na epístola mediante o emprego dos caracteres *"Waaaahrrrrr — R'waaahrr"*. O grito, no entanto, revestia-se de uma qualidade que não se deixava representar pela mera escrita, e o correspondente afirma ter visto a própria mãe desfalecer ao ouvir o som. Mais tarde, repetiu-se com menos intensidade, e a seguir vieram outros indícios ainda mais abafados de disparos, seguidos por uma explosão de pólvora na direção do rio. Cerca de uma hora mais tarde, os cachorros puseram-se todos a latir freneticamente, e o chão sofreu abalos capazes de fazer os castiçais balançarem no consolo da lareira. Havia um forte odor de enxofre; e o pai de Luke Fenner declarou ter escutado o terceiro sinal de emergência, mesmo que os outros não tenham percebido nada. Logo, vieram mais sons abafados de mosquetes, seguidos por um grito menos estridente, mas ainda mais horrível do que aquele que o havia precedido; uma espécie de tossido ou gorgolejo plástico e gutural, cuja definição como grito deveu-se mais à continuidade e ao impacto psicológico que causou do que propriamente à configuração acústica.

Então, a coisa em chamas surgiu no ponto exato onde devia estar a fazenda de Curwen, e ouviram-se os gritos humanos de homens tomados pelo horror e pelo desespero. Os mosquetes dispararam em meio a clarões e estampidos, e a coisa flamejante caiu ao chão. Logo, uma segunda coisa flamejante apareceu, e um berro de origem claramente humana fez-se ouvir. Fenner relatou ter conseguido distinguir algumas palavras vomitadas em meio ao frenesi: "Todo-Poderoso, protege o teu cordeiro!". A seguir vieram mais tiros, e a segunda coisa flamejante tombou. Fez-se então um silêncio de cerca de quarenta e cinco minutos, e, ao fim desse intervalo, o pequeno Arthur Fenner, irmão de Luke, afirmou aos gritos ter visto uma "névoa vermelha" deixar a amaldiçoada fazenda ao longe para se alçar rumo às estrelas. Não existe nenhuma outra testemunha do fenômeno além do menino, mas Luke reconhece que o momento coincidiu com o pânico e o desespero quase convulsivo que no mesmo instante levou

os três gatos no recinto a arquear as costas e eriçar os pelos.

Cinco minutos depois, um vento gélido soprou, e a atmosfera foi impregnada por um fedor insuportável que apenas o intenso frescor do oceano poderia ter impedido de chegar até o grupo da margem ou a qualquer outra alma desperta no vilarejo de Pawtuxet. O fedor jamais fora percebido por qualquer um dos Fenner, e produziu uma espécie de medo amorfo e paralisante muito além daquele provocado pelo túmulo ou pelo cemitério. Em seguida, veio a terrível voz que nenhuma das desafortunadas testemunhas jamais poderá esquecer. Ribombou pelo céu como uma maldição, e as janelas estremeceram à medida que os ecos se dissipavam. Era uma voz grave e musical; poderosa como as notas graves de um órgão, porém maléfica como os livros proscritos dos árabes. O que disse, ninguém saberia dizer, pois falou em uma língua desconhecida; mas eis as palavras que Luke Fenner consignou à escrita a fim de retratar as invocações demoníacas: *“DEES MEES – JESHET – BONEDOSEFEDUVEMA – ENTTEMOSS”*. Até o ano de 1919 não houve ninguém capaz de relacionar essa transcrição a qualquer outro conhecimento mortal, porém Charles Ward empalideceu ao reconhecer o que Mirandola denunciara em meio a tremores como sendo o horror supremo dentre todos os feitiços da magia negra.

Um grito inconfundivelmente humano ou um brado profundo repetido em coral pareceu responder a esse prodígio maligno na fazenda de Curwen, e a seguir o fedor desconhecido tornou-se mais complexo mediante o acréscimo de um novo odor em igual medida insuportável. No instante seguinte, ecoou um uivo marcadamente distinto do grito, que permaneceu ululando em paroxismos ascendentes e descendentes. Às vezes, tornava-se quase articulado, embora nenhuma testemunha tenha conseguido compreender palavras coerentes; e, em certo ponto, pareceu chegar às raias de uma gargalhada histérica e diabólica. Então um urro de terror supremo e absoluto somado à loucura consumada foi arrancado de vintenas de gargantas humanas — um urro ouvido de maneira clara e distinta apesar das profundezas de que devia ter emergido; e a seguir a escuridão e o silêncio envolveram tudo. Espirais de fumaça acre subiram e encobriram as estrelas, embora não se visse nenhuma chama e nenhuma construção estivesse desaparecida ou danificada no dia seguinte.

Próximo ao amanhecer, dois mensageiros assustados com os odores monstruosos e inidentificáveis que lhes saturavam as roupas bateram na porta dos Fenner e pediram um barril de rum, pelo qual pagaram uma soma considerável. Um deles contou à família que os assuntos relativos a Joseph Curwen estavam encerrados, e que os acontecimentos daquela noite jamais deveriam ser mencionados outra vez. Por mais arrogante que parecesse a ordem, o aspecto de quem a proferiu afastou toda sorte de ressentimento e transmitiu uma autoridade terrível, de modo que apenas as furtivas cartas de Luke Fenner, que solicitou a um parente de Connecticut que as destruísse, restaram para contar a história do que foi visto e ouvido.

Foi a relutância do parente em seguir essa instrução, graças à qual as cartas foram salvas, que impediu o assunto de cair em um misericordioso olvido. Mas Charles Ward tinha um detalhe a acrescentar depois de longos questionamentos feitos aos residentes de Pawtuxet acerca das tradições ancestrais. O velho Charles Slocum, habitante do vilarejo, disse que o avô estava a par de um estranho rumor a respeito de um corpo distorcido e carbonizado que aparecera nos campos uma semana depois que a morte de Joseph Curwen veio a público. O que motivava os rumores era a ideia de que o corpo, mesmo na situação retorcida e queimada em que se encontrava, não parecia nem humano nem relacionado a qualquer outro animal que as pessoas de Pawtuxet jamais tivessem visto ou lido a respeito.

6.

Nenhum, dentre os homens que participaram da terrível invasão, jamais pôde ser convencido a dizer uma única palavra a respeito do que aconteceu, e todos os fragmentos das vagas informações que sobreviveram vêm de fontes exteriores ao grupo que participou do derradeiro combate. Existe algo de assustador no cuidado com que os invasores destruíram todos os fragmentos que pudessem fazer qualquer alusão ao assunto. Oito marinheiros haviam sido mortos, mas, embora os corpos jamais tenham sido entregues, as famílias pareceram dar-se por satisfeitas com a explicação de que houvera um conflito com os oficiais da alfândega. O mesmo tratamento foi dispensado aos numerosos casos de ferimentos, todos limpos e tratados apenas pelo dr. Jabez Bowen, que tinha acompanhado o grupo. O mais difícil de explicar, no entanto, era o fedor inefável que exalava de todos os invasores — um assunto que foi discutido por semanas. Dentre os líderes dos cidadãos, o capitão Whipple e Moses Brown sofreram os ferimentos mais graves, e as cartas das respectivas esposas oferecem um testemunho da reticência e da discrição com que as bandagens eram tratadas. Em termos psicológicos, todos os participantes sentiam-se mais velhos, mais sóbrios e mais abalados. Por sorte, eram todos robustos homens de ação e religionários simples e ortodoxos, pois, com uma disposição maior à introspecção sutil e à complexidade mental, o resultado teria sido desastroso. O presidente Manning era o mais perturbado; mas, como os outros, conseguiu vencer a sombra mais obscura e sufocar as lembranças nas orações. Todos os líderes tiveram papéis importantes a desempenhar nos anos vindouros, e pode ser que tenha sido melhor

assim.

Pouco mais de um ano depois, o capitão Whipple liderou a turba que incendiou o navio da receita *Gaspee*, e, nesse ato de coragem, podemos notar um passo em direção ao apagamento das imagens deletérias.

À viúva de Joseph Curwen foi entregue um caixão de chumbo de estranho formato, com certeza disponível no momento necessário, e dito que o corpo do marido se encontrava lá dentro. Segundo a explicação oferecida, Curwen tinha sido morto em uma batalha política a respeito da qual mais detalhes não seriam oferecidos. Não se falou mais sobre o fim de Joseph Curwen, e Charles Ward dispunha de uma única pista para elaborar uma teoria. A pista consistia apenas em uma vaga sugestão — a linha trêmula que sublinhava uma passagem na carta interceptada de Jedediah Orne para Curwen, copiada em parte na caligrafia de Ezra Weeden. A cópia estava em posse dos descendentes de Smith; e assim nos resta decidir se Weeden a entregou ao companheiro após o fim, como uma pista tácita a respeito da anormalidade que havia ocorrido, ou se, como parece mais provável, Smith já dispunha da cópia e apenas sublinhou a passagem com base nas informações que conseguiu arrancar do amigo à base de conjecturas sagazes e habilidosos questionamentos. A passagem sublinhada consiste apenas no que segue:

> "Digo-lhe novamente, não evoque ninguém que não possa mandar de volta; quero dizer ninguém que por sua vez chame algo contra o senhor e contra o qual seus recursos mais poderosos não possam ter eficácia alguma. Busque os menores, para que os maiores não desejem responder e tenham mais poder do que o senhor".

À luz dessa passagem, e depois de refletir sobre os últimos aliados que um homem derrotado poderia tentar invocar na mais extrema necessidade, Charles Ward pode muito bem ter se perguntado se algum morador de Providence teria matado Joseph Curwen.

A supressão deliberada de todas as memórias do morto na vida e nos anais de Providence recebeu amplo incentivo graças à influência dos líderes da invasão. A princípio, nenhum dos homens pretendia levar a cabo um projeto muito abrangente, e assim permitiram que a

viúva e a filha permanecessem alheias à situação real; mas o capitão Tillinghast era um homem perspicaz, que logo descobriu rumores suficientes para acirrar o horror e levá-lo a pedir que a filha e a neta trocassem de nome, queimassem a biblioteca e todos os papéis remanescentes e apagassem a inscrição entalhada na lápide de Joseph Curwen. Conhecia bem o capitão Whipple e provavelmente obteve mais pistas do marinheiro sincero do que qualquer outra pessoa jamais conseguiu em relação ao fim do feiticeiro maldito.

A partir de então, a obliteração da memória de Curwen tornou-se cada vez mais sistemática, e, por fim, estendeu-se, de comum acordo, aos registros da cidade e aos arquivos da *Gazette*. Poderia ser comparada em espírito somente ao silêncio que pairou sobre o nome de Oscar Wilde na década seguinte à desgraça do irlandês, e em extensão somente ao destino do pecaminoso Rei de Runazar no conto de Lord Dunsany, que pela vontade dos Deuses precisou não apenas deixar de existir, mas deixar de um dia ter existido.

A sra. Tillinghast, como ficou conhecida a viúva de 1772 em diante, vendeu a casa em Olney Court e passou a morar com o pai em Power's Lane até morrer no ano de 1817. A fazenda em Pawtuxet, temida por todas as pessoas da região, permaneceu abandonada ao longo dos anos, e parecia degradar-se com uma rapidez inexplicável. Em 1780, somente as pedras e os tijolos permaneciam de pé, e em 1800 tudo se reduzira a montes de entulho. Ninguém se aventurava a penetrar o denso matagal à margem do rio que devia ocultar a porta na encosta, e tampouco se dispôs a estabelecer uma imagem bem definida das cenas em meio às quais Joseph Curwen abandonou os horrores que havia perpetrado.

Apenas o robusto capitão Whipple às vezes balbuciava como que para si mesmo na presença de ouvintes atentos: "Que aquele… morresse de sífilis, ele não tinha que rir enquanto gritava. Era como se o excomungado… tivesse um trunfo na manga. Por meia coroa eu botaria fogo em sua… casa".

III – Uma busca e uma evocação

1.

Charles Ward, como sabemos, descobriu, em 1918, que era descendente de Joseph Curwen. Não causa nenhum espanto o profundo interesse que desenvolveu por tudo o que dizia respeito ao mistério de um tempo passado; pois cada rumor vago que ouvira a respeito de Curwen passou a ser algo vital para si, uma vez que o sangue de Curwen corria em suas veias. Nenhum genealogista espirituoso e imaginativo poderia ter feito outra coisa que não se lançar de imediato em uma ávida e sistemática coleta de dados relativos a Curwen.

Nos primeiros tempos não houve nenhuma tentativa de sigilo — motivo pelo qual o dr. Lyman hesita em situar a loucura do jovem em qualquer período anterior ao fim de 1919. Charles Ward discutia o assunto com a família — embora a ideia de ter um ancestral como Curwen não agradasse à mãe — e com os funcionários dos museus e das bibliotecas que visitava. Ao solicitar os arquivos pessoais das famílias que podiam tê-los, não fazia segredo do motivo da busca, e compartilhava do ceticismo irônico com que os relatos dos antigos diários e cartas eram vistos. Muitas vezes expressava profundo espanto em relação ao que teria ocorrido um século e meio atrás naquela

fazenda em Pawtuxet cuja localização esforçava-se em vão por encontrar, bem como em relação à natureza exata do que Joseph Curwen teria sido.

Quando encontrou o diário e os arquivos de Smith e descobriu a carta de Jedediah Orne, Charles Ward decidiu visitar Salem e fazer uma pesquisa sobre as primeiras atividades e ligações de Curwen na cidade, o que de fato ocorreu no feriado de Páscoa de 1919. No Essex Institute, que conhecera em outros passeios à glamorosa cidade antiga de empenas puritanas decrépitas e grandes concentrações de mansardas, Ward foi muito bem recebido, e além do mais encontrou um volume considerável de dados acerca de Curwen. Descobriu que o antepassado havia nascido em Salem-Village, hoje Danvers, a dez quilômetros da cidade no dia 18 de fevereiro (no antigo calendário juliano) de 1662–3; e que fugira para o mar aos quinze anos para voltar apenas nove anos mais tarde, com o sotaque, as roupas e os modos de um inglês nativo para estabelecer-se em Salem. Na época, Joseph Curwen tinha pouco contato com a família e passava a maior parte do tempo com os singulares livros que havia trazido da Europa e com os estranhos produtos químicos que chegavam em navios da Inglaterra, da França e da Holanda. Certas viagens ao interior atiçaram a curiosidade local, e, mais tarde, foram associadas em tom de lamento aos vagos rumores sobre as fogueiras avistadas à noite nas colinas.

Os únicos amigos próximos de Curwen haviam sido um certo Edward Hutchinson de Salem-Village e um certo Simon Orne de Salem. Era visto com frequência na companhia desses homens, sempre a falar sobre o Amherst College, e as visitas entre os amigos não eram raras. Hutchinson tinha uma casa na orla da floresta que era evitada pelos habitantes mais sensíveis em função dos sons que lá se ouviam à noite. Corriam boatos de que recebia estranhos visitantes, e as luzes vistas nas janelas não eram sempre da mesma cor. O conhecimento que detinha a respeito de pessoas falecidas muito tempo atrás e de acontecimentos havia muito esquecidos, em particular, era tido por insalubre; e desapareceu na época em que começou o pânico da bruxaria sem que nunca mais se tivessem notícias a seu respeito. Por volta daquela época, Joseph Curwen também se afastou da cidade, mas o novo endereço em Providence logo veio a público. Simon Orne morou em Salem até 1720, quando a extraordinária capacidade de não

sucumbir ao envelhecimento começou a chamar atenção. A seguir, desapareceu, embora trinta anos mais tarde um homem de feições e porte idênticos, que se disse filho do desaparecido, tenha surgido para reivindicar as posses do pai. A reivindicação foi atendida em virtude da existência de documentos escritos com a caligrafia do próprio Simon Orne, e Jedediah Orne continuou morando em Salem até 1771, quando cartas enviadas por moradores de Providence ao rev. Thomas Barnard e a outras pessoas de renome culminaram no afastamento sigiloso rumo a um destino ignorado.

Certos documentos escritos por todos esses estranhos personagens, somados a outros acerca dos três, encontravam-se disponíveis no Essex Institute, no Fórum e no Registro de Títulos e Documentos, e incluíam não apenas trivialidades inofensivas como a escritura de terrenos e recibos de venda, mas também fragmentos furtivos de natureza mais provocadora. Havia quatro ou cinco alusões inconfundíveis aos três nos registros dos julgamentos de bruxaria; como quando um certo Hepzibah Lawson afirmou, no dia dez de julho de 1692, no tribunal presidido pelo juiz Hathorne, que *"quarenta bruxas e o Homem Negro foram vistos reunir-se nos bosques atrás da casa do senhor Hutchinson"*, ou quando um certo Amity How declarou, na sessão do dia 8 de agosto diante do juiz Gedney, que *"o senhor G. B. (George Burroughs) naquela noite colocou a Marca do Diabo em Bridget S., Jonathan A., Simon O., Deliverance W., Joseph C., Susan P., Mehitable C., e Deborah B."*. Havia também um catálogo da impressionante biblioteca de Hutchinson, encontrado após o desaparecimento, e um manuscrito inacabado em sua caligrafia, vazado em uma cifra que ninguém fora capaz de ler. Ward solicitou uma cópia fotostática desse manuscrito e começou a trabalhar ocasionalmente na cifra assim que ela lhe foi entregue. Passado o agosto seguinte, o labor dedicado à cifra tornou-se intenso e febril, e a fala e a conduta de Ward davam motivos para crer que tivesse encontrado uma solução antes de outubro ou novembro. Mesmo assim, o próprio Ward jamais revelou se obteve ou não sucesso.

Porém o material de interesse imediato era o que dizia respeito a Orne. Em pouco tempo, Ward conseguiu determinar, por meio da identidade da caligrafia, o que já dava por certo em função da carta endereçada a Curwen — a saber, que Simon Orne e o suposto filho eram na verdade a mesma e única pessoa. Como Orne dissera ao

correspondente, seria muito arriscado permanecer em Salem; a seguir, recorreu a uma estada de trinta anos no exterior e não voltou mais para reivindicar as posses que tinha acumulado, a não ser como representante de uma geração posterior. Ao que tudo indicava, Orne havia tomado o cuidado de destruir a maior parte da correspondência, mas os cidadãos que participaram da ação em 1771 encontraram cartas e documentos que despertaram perplexidade. Havia fórmulas e diagramas crípticos na caligrafia de Orne e de outras pessoas, que Ward copiou minuciosamente ou mandou fotografar, e uma carta misteriosa ao extremo em uma quirografia que o investigador reconheceu como sendo de Joseph Curwen graças à absoluta identidade com a quirografia presente no Registro de Títulos e Documentos.

Essa carta de Curwen, embora não trouxesse nenhuma indicação de ano, com certeza não era a que havia suscitado a missiva confiscada; e, graças a evidências internas, Ward estabeleceu que não devia ter sido escrita muito depois de 1750. Talvez não seja despropositado reproduzir o texto na íntegra a fim de exemplificar o estilo de um homem cuja história foi tão obscura e tão terrível. O destinatário foi identificado como “Simon”, mas existe um risco (Ward não descobriu se feito por Curwen ou por Orne) que corta o nome de lado a lado.

Providence, primeiro de maio (Ut. vulgo)

> IRMÃO — Meu honrado e velho amigo, meus devidos respeitos e sinceras saudações àquele que servimos para seu eterno poder. Acabo de descobrir aquilo que o senhor deve saber, referente ao funesto transe e ao que é preciso fazer a respeito. Não estou disposto a seguilo e partir por causa de minha idade, pois Providence não possui a agudeza do latido na perseguição de coisas incomuns e em seu julgamento. Estou atarefado com navios e mercadorias e não poderia fazer como o senhor, além do mais, debaixo de minha fazenda em Pawtuxet está aquilo que o senhor sabe não esperaria que eu voltasse como outra pessoa. Mas eu estou disposto a enfrentar tempos difíceis, como lhe disse, e tenho trabalhado muito sobre a maneira de reaver o que perdi. Na noite passada, descobri as palavras que evocam YOGGE-

SOTHOTHE e vi pela primeira vez aquele rosto de que fala Ibn Schacabac no________. E ELE disse que o III Salmo no Liber-Damnatus tem a Clavícula. Com o Sol na V casa, Saturno na tríade, desenhe o Pentagrama do Fogo e pronuncie e nono verso três vezes. Repita esse verso na véspera do dia da Cruz e de Todos os Santos e a coisa se multiplicará nas esferas exteriores. E da semente do velho nascerá Um que olhará para trás embora não saiba o que busca. Isto de nada servirá se não houver um herdeiro e se os sais, ou a maneira de fazer os sais, não estiverem à mão. E nesse caso admito que não tomei as medidas necessárias nem descobri muito. O processo é danado de difícil de funcionar e utiliza tamanha multiplicidade de espécies que tenho dificuldades em encontrá-las em quantidade suficiente, não obstante os marinheiros das índias que eu tenho. O povo por aqui é curioso, mas eu consigo enganá-lo. Os senhores de boa família são piores do que a população, pois possuem mais informações e as pessoas respeitam mais o que eles dizem. Temo que o pastor e o senhor Merritt tenham comentado algo, mas até o momento não há perigo. As substâncias químicas são fáceis de se conseguir, havendo dois bons boticários na cidade, o doutor Bowen e Sam Carew. Estou seguindo o que Borellus diz e disponho do auxílio do VII Livro de Abdul Al-Hazred. O que eu obtiver, o senhor terá também. E no meio-tempo não deixe de usar as palavras que dei aqui. Elas estão certas, mas se desejar vê-lo, empregue o que escrevi no pedaço de________, que estou enviando nesse pacote. Diga os versos na véspera de cada dia da Cruz e de Todos os Santos e se sua linhagem não acabar, nos anos por vir aparecerá aquele que olhará para trás e usará os saís ou a matéria dos sais que tu lhe deixar es. Jó, XIV, 14. Alegro-me que o senhor esteja novamente em Salem e espero poder vê-lo em breve. Tenho um bom garanhão e estou pensando em comprar uma carruagem, pois já há uma (a do senhor Merritt) em Providence, embora as estradas sejam más. Se estiver disposto a viajar, não deixe de me visitar. De Boston, pegue a estrada da diligência passando por Dedham, Wrentham e Attleborough, em todas essas cidades há boas

tabernas. Hospede-se na do senhor Bolcom, em Wrentham, onde as camas são melhores do que na do senhor Hatch, mas coma no outro estabelecimento, pois seu cozinheiro é melhor. Vire na direção de Providence na altura das corredeiras de Patucket e pegue a estrada depois da taberna do senhor Sayles. Minha casa fica em frente à taberna do senhor Epenetus Olney, saindo de Town Street, a primeira do lado norte de Olney Court. A distância de Boston Store é cerca de 44 milhas.
Declaro-me, senhor, seu velho e sincero amigo e criado em Almonsin-Metraton.

JOSEPHUS C.
Para Simon Orne, William's-Lane, em Salem.

Por mais estranho que pareça, foi essa carta que revelou a Ward a localização exata da residência de Curwen em Providence, uma vez que nenhum dos registros encontrados até então trazia informações detalhadas. A descoberta foi ainda mais notável porque revelou ser a casa erigida por Curwen em 1761, no mesmo terreno da antiga residência, uma construção dilapidada que permanecia de pé em Olney Court e que Ward havia conhecido tempos atrás durante os passeios antiquários por Stamper's Hill. A bem da verdade, o local ficava a poucos quarteirões da residência de Ward, situada em um ponto mais elevado da colina, e na época servia de lar para uma família de negros muito estimados pelos serviços ocasionais de lavagem, limpeza e manutenção de fornalhas que ofereciam. Encontrar, na longínqua Salem, provas inesperadas da importância da espelunca familiar no histórico da própria família era um acontecimento não menos do que extraordinário; e assim Ward resolveu explorar o local imediatamente ao voltar. As passagens mais abstrusas da carta, interpretadas como parte de um simbolismo extravagante, deixaram-no de todo perplexo, embora tenha percebido com um frêmito de curiosidade que a passagem bíblica mencionada — Jó 14:14 — era o conhecido versículo, "Morrendo o homem, acaso tornará a viver? Todos os dias da minha vida esperaria eu, até que viesse a minha mudança".

2.

O jovem Ward voltou para casa com notável entusiasmo, e passou todo o sábado seguinte fazendo um longo e detalhado estudo da casa em Olney Court. O lugar, que começava a desabar em função da idade, nunca tinha sido uma mansão; mas era uma modesta casa de dois andares com sótão, telhado de duas águas, uma grande chaminé central e uma fachada repleta de entalhes, rematada por uma claraboia raiada, um frontão triangular e elegantes pilastras dóricas. A construção havia sofrido poucas alterações externas, e Ward sentiu que estava próximo de certos aspectos deveras sinistros da busca a que se havia lançado.

Os ocupantes negros eram conhecidos, e, portanto, o velho Asa e a robusta esposa Hannah receberam-no com modos corteses no interior da residência. A parte interna sofrera mais alterações do que o exterior levaria a crer, e Ward notou com pesar que metade dos ornatos acima do consolo, bem como os antigos entalhes conquiformes nos armários, haviam desaparecido, enquanto boa parte dos lambris e dos frisos estavam marcados, danificados e arrancados, ou simplesmente cobertos com papel de parede barato. Em geral, a pesquisa não trouxe os bons resultados que Ward havia esperado; porém, mesmo assim era emocionante caminhar entre as paredes ancestrais que haviam dado abrigo a um homem medonho como Joseph Curwen. Ward percebeu com um surto de entusiasmo que um monograma fora cuidadosamente apagado da velha aldraba em latão.

Daquele ponto até o fim dos estudos, Ward dedicou todo o tempo de que dispunha à cópia eletrostática da cifra de Hutchinson e ao acúmulo de dados locais a respeito de Curwen. A cifra permaneceu insolúvel; mas, no que diz respeito aos dados, Ward encontrou-os em tão vasta quantidade, e somados a tantas outras pistas sobre informações similares, que em julho estava com tudo pronto para fazer uma viagem a New London e a Nova York a fim de consultar as

antigas correspondências cuja presença nesses locais estava indicada. A viagem foi extremamente frutuosa, pois rendeu-lhe as cartas de Fenner, com o terrível relato da invasão à fazenda em Pawtuxet, e as correspondências trocadas entre Nightingale e Talbot, graças às quais tomou conhecimento do retrato pintado em um painel na biblioteca de Curwen. O retrato despertou um interesse muito particular, uma vez que Ward tinha um profundo desejo de saber qual teria sido o aspecto de Joseph Curwen; e por esse motivo decidiu empreender uma segunda busca em Olney Court a fim de averiguar se não poderia haver resquícios do revestimento original por trás das camadas de tinta que descascavam ou dos embolorados papéis de parede.

A busca foi realizada no início de agosto, e Ward submeteu a um exame minucioso as paredes de todos os cômodos grandes o suficiente para que pudessem ter sido a biblioteca do malévolo construtor. Dispensou atenção especial aos grandes painéis acima dos consolos remanescentes, e foi tomado por um profundo entusiasmo cerca de uma hora mais tarde, quando a grande área que ficava em cima da lareira de um espaçoso cômodo no térreo revelou, por baixo de várias camadas de tinta, uma área mais escura do que qualquer outra tinta ou madeira usada no interior da casa poderia ter sido. Depois de fazer alguns testes com uma faca de lâmina fina, Ward teve a certeza de que havia descoberto um retrato a óleo de grandes dimensões. Com o mais genuíno rigor acadêmico, o jovem furtou-se a assumir o risco de causar danos à pintura com uma tentativa imediata de revelar o retrato oculto mediante o uso da faca e deixou o local da descoberta em busca de ajuda especializada. Passados três dias, retornou com o sr. Walter C. Dwight, um artista experiente que trabalhava em um estúdio próximo ao sopé de College Hill; e o talentoso restaurador de pinturas pôs-se a trabalhar de imediato com os métodos e os reagentes químicos pertinentes. O velho Asa e a esposa demonstraram grande entusiasmo com a presença dos estranhos visitantes, e foram devidamente reembolsados pela intrusão.

Quanto mais avançava o trabalho de restauro, mais interesse Charles Ward demonstrava em relação às linhas e sombras que aos poucos se revelavam ao cabo daquele longo oblívio. Dwight havia começado por baixo; e, como se tratava de um retrato de três quartos, o rosto não se revelou por algum tempo. Nesse ínterim, descobriu-se que o modelo era um homem esbelto e de boa figura, que trajava um

casaco azul-escuro, um colete bordado, um lenço de cetim preto e meias brancas de seda, que estava sentado em uma cadeira entalhada e que tinha ao fundo uma janela por onde se viam cais e navios.

Quando enfim surgiu, a cabeça revelou uma peruca Albemarle e um semblante magro, calmo e discreto, que pareceu familiar tanto a Ward como ao meticuloso artista. Foi apenas quando o trabalho estava próximo ao fim, no entanto, que o restaurador e o cliente puderam demonstrar espanto perante os detalhes do rosto descarnado e pálido e reconhecer com uma nota de espanto o truque dramático executado pela hereditariedade. Pois foram necessários o último banho de óleo e o golpe final do delicado raspador para que fosse revelada por completo a expressão que os séculos haviam ocultado — e para que o estupefato Charles Dexter Ward, eterno habitante de épocas passadas, se defrontasse com as feições do próprio rosto no semblante do horrendo tataravô.

Ward levou os pais até a casa para que vissem o portento recém-descoberto, e no mesmo instante o pai resolveu comprar a pintura, ainda que esta tivesse por suporte um painel estacionário. A semelhança com o rapaz, a despeito da aparência de uma idade avançada ao extremo, não era menos do que espantosa; e via-se que, por força de um furtivo truque do atavismo, os contornos físicos de Joseph Curwen haviam gerado uma réplica perfeita um século e meio depois. Não se percebeu nenhuma semelhança notável entre a sra. Ward e o antepassado, embora a mulher tivesse lembranças de parentes que apresentavam certas características faciais compartilhadas pelo filho e pelo finado Curwen. A sra. Ward não gostou da descoberta, e disse ao marido que seria melhor queimar a pintura em vez de levá-la para casa. Asseverou que havia algo de insalubre a respeito do retrato; não apenas no aspecto intrínseco, mas também na maneira como se assemelhava a Charles. O sr. Ward, no entanto, era um homem poderoso e pragmático — um fabricante de algodão com diversos moinhos em Riverpont, no Pawtuxet Valley —, e por esse motivo não deu ouvidos a esse escrúpulo feminino. A pintura impressionou-o deveras em virtude da semelhança com o filho, e assim decidiu que o garoto merecia ganhá-la de presente. Seria ocioso dizer que Charles apoiou efusivamente a opinião do pai; e poucos dias mais tarde o sr. Ward localizou o proprietário da casa — uma pessoa com dentes protuberantes como o dos roedores e com uma

dicção gutural — e arrematou o consolo e o painel com ornatos que trazia o retrato por uma quantia peremptória que visava a poupá-lo de uma torrente de regateios untuosos.

Bastaria, portanto, remover o painel e transportá-lo até a casa dos Ward, onde já estavam sendo tomadas as devidas providências para que a obra fosse restaurada por completo e instalada ao pé de uma lareira elétrica no estúdio ou na biblioteca de Charles, no terceiro andar. Charles foi encarregado de supervisionar a remoção, e no dia 28 de agosto acompanhou dois trabalhadores especializados da firma de decoração Crooker até a casa em Olney Court, onde o consolo e o painel com ornatos, que fazia as vezes de suporte para o retrato, foram removidos com a cautela e a precisão necessárias para então serem colocados no caminhão da empresa. A remoção expôs parte da estrutura em alvenaria e revelou o percurso da chaminé, no qual o jovem Ward observou um recôndito cúbico com cerca de trinta centímetros de lado situado atrás do rosto do retrato. Curioso em relação ao que o espaço poderia significar ou conter, o jovem aproximou-se e olhou para dentro — e assim encontrou, sob grossas camadas de poeira e fuligem, certos papéis amarelados e avulsos, um volumoso e rústico caderno de caligrafia e alguns farrapos embolorados de material têxtil, que deviam ter servido para amarrar o pequeno fardo. Depois de soprar para longe o grosso da sujeira e das cinzas, tomou o caderno nas mãos e leu as opulentas letras inscritas na capa. Elas vinham escritas em uma caligrafia com que se havia familiarizado no Essex Institute, e apresentavam o volume como Diário e Notas de Jos. Curwen, Gent., das Plantações de Providence, anteriormente de Salem.

Tomado pelo entusiasmo da descoberta, Ward mostrou o livro para os dois curiosos trabalhadores que estavam na casa. O relato desses trabalhadores é taxativo no que diz respeito à natureza e à veracidade do achado, e o sr. Willett usa-o para defender a hipótese de que o jovem Ward não estava louco quando deu início às grandes excentricidades. Os demais papéis também estavam todos escritos na caligrafia de Curwen, e um item em especial sugeriu um grande portento devido à seguinte inscrição: “Àquele que virá depois, e como ele poderá voltar no tempo e nas esferas”. Outro consistia em uma cifra, e Ward torceu para que fosse a mesma empregada por Hutchinson e que até então o havia derrotado. Um terceiro, que levou

o jovem antiquário a rejubilar-se, parecia ser uma chave para a cifra; enquanto o quarto e o quinto estavam destinados respectivamente “Ao amigo Edward Hutchinson” e “Ao Senhor Jedediah Orne”, “ou aos seus herdeiros ou representantes legais.” O sexto e último documento ostentava o título: “Joseph Curwen, sua vida e viagens entre os anos 1678 e 1687: para onde viajou, onde viveu, quem viu e o que aprendeu”.

3.

Chegamos agora ao ponto exato que, segundo os círculos mais acadêmicos de psiquiatras, marca o início da loucura de Charles Ward. Imediatamente após a descoberta, o rapaz examinou certas páginas do livro e dos manuscritos, e sem dúvida encontrou algo capaz de causar uma impressão profunda. A bem dizer, quando mostrou os títulos para os trabalhadores, o jovem Ward deu a impressão de que estava a tomar cuidados muito particulares a fim de ocultar o texto, e também de que sofria com uma grave perturbação que dificilmente se deixaria explicar pela importância antiquária e genealógica da descoberta. Ao retornar para casa, deu a notícia com um ar quase tímido, como se desejasse transmitir a ideia de uma importância absoluta sem ter de apresentar qualquer tipo de evidência. Sequer mostrou os títulos para os pais, limitando-se a mencionar a descoberta de alguns documentos na caligrafia de Joseph Curwen, “quase todos cifrados”, que teriam de ser estudados minuciosamente para que revelassem o verdadeiro significado. Parece improvável que fosse mostrar aos pais os objetos antes exibidos aos trabalhadores se não fosse a insistência despertada pela evidente curiosidade. Da maneira como foi, Charles Ward parece ter evitado qualquer demonstração de reticência que pudesse fomentar as discussões acerca do tema.

Naquela noite, permaneceu no quarto estudando o diário e os documentos encontrados, e não se interrompeu sequer quando o dia raiou. As refeições, depois de um pedido urgente feito à mãe quando bateu na porta para ver se havia algo de errado com o filho, passaram a ser mandadas para o quarto; somente à tarde o rapaz fez uma breve aparição enquanto os trabalhadores instalavam o retrato e o consolo

de Curwen no interior do estúdio. A noite seguinte foi marcada por breves sonecas com as roupas ainda no corpo, tiradas entre as longas horas de esforços frenéticos dedicadas à solução do manuscrito cifrado. Pela manhã a sra. Ward encontrou o filho às voltas com a cópia fotostática da cifra de Hutchinson, que já tinha visto em mais de uma oportunidade; porém, em resposta à pergunta feita pela mãe, Charles Ward afirmou que a chave de Curwen não podia ser usada para decifrá-la. À tarde, deixou de lado o trabalho e observou fascinado o término da instalação do retrato acima de uma lareira elétrica com um aspecto quase real, quando a falsa lareira e o painel com ornatos foram afastados da parede norte, como que para dar espaço a uma chaminé, e aos vãos laterais, cobertos por lambris idênticos aos que revestiam as paredes. O painel frontal em que o retrato se encontrava pintado foi serrado e guarnecido com dobradiças para que o espaço atrás da pintura fosse usado como armário. Depois que os instaladores foram embora, Ward levou o trabalho para o estúdio e sentou-se defronte aos papéis, com olhar fixo em parte na cifra e em parte no retrato que o encarava de volta como se fosse um espelho capaz de envelhecê-lo e de evocar os séculos passados.

Os pais, ao relembrar a conduta do filho por volta daquela época, oferecem detalhes interessantes sobre a política de sigilo adotada pelo rapaz. Diante dos criados, Charles Ward escondia todo e qualquer documento que porventura estivesse analisando, pois supunha corretamente que a quirografia rebuscada e arcaica de Curwen seria demais para essas pessoas. Com os pais, no entanto, era mais circunspecto; e, a não ser que o manuscrito em questão fosse uma cifra, ou um simples amontoado de símbolos crípticos e ideogramas desconhecidos (como o documento intitulado *"Para aquele que vier depois de mim* etc." parecia ser), tratava sempre de ocultá-lo com outro papel qualquer até que o visitante houvesse partido. À noite os documentos eram guardados a sete chaves em uma antiga escrivaninha, onde Ward também os guardava sempre que saía do quarto. O rapaz não tardou a voltar para a rotina e os horários de sempre, mas parecia ter perdido todo o interesse nas longas caminhadas e em outras atividades ao ar livre. A abertura da escola, onde começara o último ano de estudos, parecia ser um enorme aborrecimento; e o jovem muitas vezes dizia que jamais se preocuparia em entrar para a universidade. Segundo afirmava, tinha

interesse em conduzir investigações um tanto particulares, capazes de abrir vias de acesso ao conhecimento e às humanidades que nenhuma universidade poderia oferecer.

Naturalmente, uma pessoa de caráter mais ou menos estudioso, excêntrico e solitário poderia ter mantido esses hábitos por vários dias sem chamar atenção. Ward, no entanto, era um acadêmico e um eremita por definição; e por esse motivo os pais mostraram-se mais chateados do que surpresos ao perceber o isolamento e o sigilo adotados pelo filho. Ao mesmo tempo, tanto o pai como a mãe estranharam a relutância de Charles a mostrar qualquer fragmento do baú do tesouro, bem como a oferecer qualquer tipo de relato acerca das informações decifradas. A reticência foi explicada mediante recurso a um desejo de esperar até que pudesse oferecer um relato coeso, mas após semanas inteiras sem nenhuma revelação, surgiu entre o jovem e a família uma sensação de constrangimento, tornada ainda mais intensa aos olhos da mãe em decorrência da desaprovação explícita em relação a toda e qualquer pesquisa relativa a Curwen.

Em outubro, Ward tornou a visitar as bibliotecas, porém não mais em busca dos temas antiquários de outrora. A bruxaria e a magia, o ocultismo e a demonologia passaram a ser os objetos das pesquisas; e quando as fontes em Providence se mostravam infrutíferas, tomava um trem rumo a Boston para ter acesso à fortuna de informações na grande biblioteca de Copley Square, na Widener Library em Harvard ou na Zion Research Library em Brookline, onde se encontram certas obras raras sobre temas bíblicos.

Comprou um grande número de livros e mandou instalar um novo conjunto de prateleiras no estúdio para guardar os volumes recém-adquiridos sobre esses estranhos assuntos; e, durante o feriado de Natal, empreendeu uma série de viagens para fora da cidade, que incluiu uma visita a certos arquivos do Essex Institute.

Em meados de janeiro de 1920, o porte de Ward pareceu revestir-se de um inexplicável elemento de triunfo, e o jovem não foi mais visto a trabalhar na cifra de Hutchinson. No entanto, adotou uma dupla política de pesquisas químicas e análise de registros, que resultou na instalação de um laboratório no espaço ocioso no sótão da casa e em uma busca minuciosa por todos os arquivos de estatísticas vitais em Providence. Os vendedores de medicamentos e de suprimentos científicos questionados mais tarde apresentaram

catálogos deveras estranhos e desprovidos de sentido com listas das substâncias e dos instrumentos adquiridos; porém os burocratas do Capitólio, da Prefeitura e de várias bibliotecas todos concordam no que dizia respeito ao objeto do segundo interesse. Ward lançou-se em uma intensa e febril busca pelo túmulo de Joseph Curwen, cuja lápide tivera o nome sabiamente apagado por uma geração anterior.

Aos poucos, a convicção da família Ward de que havia algo errado ganhou força. Antes, Charles já tivera episódios de pequenos surtos e mudanças repentinas de interesse, mas o crescente sigilo e a extrema atenção dedicada a estranhas buscas era inquietante mesmo em um indivíduo sabidamente excêntrico. As tarefas escolares não passavam de um pretexto; e, embora não se saísse mal em nenhuma matéria, era visível que o antigo empenho havia desaparecido. Tinha outras preocupações; e, quando não estava no laboratório com uma vintena de tomos obsoletos sobre alquimia, debruçava-se sobre antigos registros de cemitérios no centro da cidade ou trancava-se com livros de ocultismo no estúdio, onde as surpreendentes feições de Joseph Curwen — que a cada dia pareciam mais similares às do sucessor distante — encaravam-no do painel na parede norte.

No fim de março, Ward complementou a busca pelos arquivos com um macabro esquema de perambulações em vários cemitérios antigos pela cidade. O motivo veio à tona apenas mais tarde, quando os burocratas da Prefeitura revelaram que provavelmente o jovem havia encontrado uma pista importante. A busca pelo túmulo de Joseph Curwen deu lugar à busca pelo túmulo de um certo Naphthali Field; e essa mudança foi explicada quando, ao revisar os documentos analisados por Ward, os investigadores encontraram um registro fragmentário do enterro de Curwen que havia escapado à obliteração generalizada, segundo o qual o caixão de chumbo tinha sido enterrado "dez pés ao sul e cinco pés a oeste do túmulo de Naphthali Field no____". A ausência de um maior detalhamento acerca do local do enterro complicou bastante as buscas, e o túmulo de Naphthali Field mostrou-se tão esquivo quanto o de Curwen; mas nesse caso não havia nenhum apagamento sistemático, e seria possível deparar com uma lápide mesmo que os registros tivessem perecido. Eis, portanto, o motivo das perambulações — das quais os cemitérios da St. John's Church (antiga King's Church) e o antigo cemitério congregacional no meio do Swan Point Cemetery foram excluídos, uma vez que outras

informações demonstravam que o único Naphthali Field (morto em 1729) a cujo túmulo se podia aludir tinha sido batista.

4.

Era quase maio quando o dr. Willett, a pedido do patriarca Ward e equipado com todas as informações sobre Curwen que a família tinha obtido de Charles no período anterior ao sigilo, tentou conversar com o rapaz. A entrevista teve pouca serventia e admitiu poucas conclusões, uma vez que durante o tempo inteiro Charles demonstrou ter pleno domínio das faculdades mentais e pareceu estar lidando com assuntos de suma importância; mas pelo menos o jovem viu-se obrigado a oferecer explicações racionais para o comportamento adotado. Ward, um tipo pálido e impassível que apenas raramente dava sinais de constrangimento, pareceu disposto a discutir as buscas, mas não a revelar o propósito a que serviam. Afirmou que os documentos do ancestral tinham revelado impressionantes segredos de um conhecimento científico incipiente, quase sempre cifrado, de uma abrangência comparável apenas às descobertas do Frade Bacon, embora pudessem ter importância ainda maior do que estas. No entanto, o conhecimento não fazia sentido a não ser quando relacionado a todo um arcabouço de erudição totalmente obsoleto, de modo que uma apresentação imediata dos achados a um mundo que dispunha apenas da ciência moderna acabaria por roubar-lhe toda a magnitude e toda a importância dramática. Para que pudessem reivindicar o merecido destaque na história do pensamento humano, essas relações precisariam ser estabelecidas por uma pessoa familiarizada com o contexto em que haviam evoluído, e era a essa tarefa que Ward então se dedicava. Estava procurando adquirir o mais depressa possível todas as artes negligenciadas de outrora necessárias a uma interpretação adequada

de todos os dados relativos a Curwen, e tinha a esperança de, no futuro, fazer uma revelação e uma apresentação completa de supremo interesse para a humanidade e para o mundo das ideias como um todo. Segundo afirmou, nem mesmo Einstein poderia trazer uma revolução mais profunda à atual concepção acerca das coisas.

Quanto às buscas nos cemitérios, cujo objeto foi assumido de pronto, embora sem nenhum comentário a respeito do progresso eventualmente feito, Ward afirmou ter motivos para crer que a lápide depredada de Joseph Curwen ostentasse certos símbolos místicos — entalhados a partir de instruções deixadas no testamento e por mero acaso ignoradas por aqueles que haviam apagado o nome — absolutamente essenciais para a solução final do críptico sistema. Segundo acreditava, Curwen teria guardado esse segredo com muito cuidado, distribuindo os dados de acordo com um método deveras curioso. Quando o dr. Willett pediu para ver os documentos místicos, Ward mostrou-se relutante e tentou desanimá-lo com as cópias fotostáticas da cifra de Hutchinson e das fórmulas e diagramas de Orne; mas por fim concordou em mostrar o exterior de certos documentos relacionados a Curwen — como o *"Diario e Apontamentos"*, a cifra (com o título igualmente cifrado) e a mensagem repleta de fórmulas intitulada *"Para aquele que vier depois de mim"* — e permitiu que o visitante examinasse o interior daqueles escritos em caracteres obscuros.

Também abriu o diário em uma página escolhida em função da inocuidade, e assim ofereceu a Willett um vislumbre da caligrafia cursiva de Curwen em inglês. O médico procedeu a um minucioso exame das letras rebuscadas e elaboradas e da aura setecentista que pairava ao redor da caligrafia e do estilo, apesar da sobrevivência do autor até o século dezoito, e logo concluiu tratar-se de um documento genuíno. O texto em si era relativamente trivial, e Willett se recordava apenas de um breve fragmento:

> "Quarta-feira, dia 16 de outubro de 1754. Minha corveta Wahefal saiu hoje de Londres com XX novos homens embarcados nas índias, espanhóis da Martinica e holandeses do Suriname. Os holandeses estão propensos a desertar por terem ouvido falar um tanto mal desse empreendimento, mas farei de modo a induzi-los a ficar. Para o senhor Knight

> Dexter no Bay and Book 120 peças de chamalote, 100 peças sortidas de pelo de camelo, 20 peças de lã azul, 50 peças de calamanta, 300 peças cada de algodão das índias e shendsoy. Para o senhor Green do Elefante, 50 panelas de um galão, 20 panelas de aquecer, 15 fôrmas de assar, 10 tenazes de defumar. Para o senhor Perrigo, l conjunto de sovelas. Para o senhor Nightingale, 50 resmas de papel de primeira. Recitei o SABBAOTH três vezes na noite passada, mas ninguém apareceu. Preciso saber mais do senhor H. na Transilvânia, embora seja difícil entrar em contato com ele e é muito estranho que ele não possa me ensinar o uso daquilo que tem usado tão bem nesses cem anos. Simon não escreveu nessas V semanas, mas espero ter notícias suas em breve."

Ao chegar àquele ponto, o dr. Willett virou a página, mas foi impedido por Ward, que quase lhe arrancou o tomo das mãos. Tudo o que o médico teve a chance de ver na página recém-aberta foram duas breves frases; mas estas, por mais estranho que pareça, perduraram com tenacidade na memória. Diziam: "Pronunciado o verso do Liber-Damnatus em V vésperas do dia da Cruz e IV vésperas de Todos os Santos, espero que a coisa esteja se preparando fora das esferas. Ele trará aquele que está para vir se eu puder ter certeza de que ele existirá e pensará as coisas passadas e olhará para trás dos anos e para isto deverei ter os sais prontos ou o necessário para fazê-los".

Willett não viu mais nada, mas o pequeno vislumbre conferiu um novo e vago terror às feições pintadas de Joseph Curwen que o encaravam do painel acima do consolo. Mesmo depois, passou a ter a singular impressão — que a formação médica assegurava não ser mais do que uma simples impressão — de que os olhos do retrato nutriam uma espécie de desejo, senão de fato uma tendência, a seguir o jovem Charles Ward enquanto andava pelo cômodo. Antes de sair do estúdio, o dr. Willett deteve-se para examinar o retrato de perto, admirando a grande semelhança que guardava em relação a Charles e memorizando cada detalhe daquele rosto pálido e críptico, incluindo uma discreta cicatriz ou depressão acima da sobrancelha direita. Decidiu que Cosmo Alexander era um pintor digno da Escócia onde havia nascido Raeburn, e um mestre digno do ilustre aluno Gilbert Stuart.

Ao escutarem do médico que a saúde mental de Charles não

corria perigo e que o filho na verdade estava às voltas com uma pesquisa que mais tarde poderia revelar-se deveras importante, os Ward adotaram uma postura mais tolerante do que teriam feito de outra forma quando em junho o rapaz se recusou de vez a frequentar a universidade. Declarou que tinha estudos de importância vital com que se ocupar; e deu a entender que desejava viajar para o estrangeiro no ano seguinte para ter acesso a certas fontes de informações indisponíveis nos Estados Unidos. O patriarca Ward, tendo negado o último desejo por considerá-lo absurdo para um rapaz de apenas dezoito anos, concordou no que dizia respeito à universidade; de maneira que, após uma formatura não muito brilhante da Moses Brown School, sobreveio um período de três anos durante os quais Charles ocupou-se com intensos estudos de ocultismo e buscas em cemitérios. Obteve reconhecimento como um personagem excêntrico, e, assim, tornou-se ainda mais recluso do que havia sido antes; devotava a maior parte do tempo ao trabalho e apenas em raras ocasiões fazia viagens a outras cidades a fim de consultar registros obscuros. Certa vez foi ao sul conversar com um velho e estranho mulato que morava em um pântano e a cujo respeito um jornal havia publicado um curioso artigo. Em outra ocasião saiu em busca de um pequeno vilarejo nas montanhas Adirondack, de onde haviam chegado relatos de singulares práticas ritualísticas. Mas os pais continuavam a negar-lhe a viagem ao Velho Mundo que tanto desejava.

Quando alcançou a maioridade, em abril de 1923, depois de herdar uma pequena quantia monetária da avó materna, Ward enfim decidiu fazer a viagem europeia que até então lhe fora negada. Quanto ao itinerário pretendido, não revelou nada, a não ser que as exigências ditadas pelos estudos haveriam de levá-lo a diversos lugares; mas prometeu escrever aos pais com detalhes fidedignos. Ao perceber que o filho não seria dissuadido, o sr. e a sra. Ward abandonaram toda a oposição e passaram a ajudar da melhor forma possível; e assim o rapaz zarpou rumo a Liverpool em junho com as bênçãos de despedida do pai e da mãe, que o acompanharam até Boston e acenaram-lhe do píer White Star em Charlestown.

Logo, chegaram cartas que narravam a bem-sucedida viagem e a busca por boas acomodações na Great Russell Street, em Londres, onde, depois de recusar todas as ofertas de amigos da família, Charles Ward decidiu hospedar-se até exaurir todos os recursos do Museu

Britânico a respeito de um certo tema. Os relatos sobre a vida cotidiana eram raros, pois havia pouco a escrever. Os estudos e os experimentos consumiam-lhe todo o tempo, e Charles mencionou que havia montado um laboratório em um dos cômodos. A ausência de qualquer comentário acerca de passeios antiquários pela opulenta cidade antiga, com um vistoso panorama de cúpulas e coruchéus ancestrais em meio a um emaranhado de avenidas e becos repletos de volteaduras místicas e vistas repentinas que ora surpreendem e ora inspiram, foi interpretada pelos pais como um bom indício do ponto que os novos interesses passaram a ocupar nos pensamentos do filho.

Em junho de 1924, uma breve nota deu conta de uma partida rumo a Paris, para onde Charles já havia feito duas viagens expressas em busca de material na Bibliothèque Nationale. Pelos três meses a seguir, limitou-se a enviar cartões-postais, informando um endereço na Rue St. Jacques e referindo-se a uma busca especial em meio aos manuscritos raros pertencentes à biblioteca de um colecionador particular cujo nome não foi mencionado. Charles Ward evitava os conhecidos, e não havia relatos de turistas que o tivessem avistado. Então veio um período de silêncio, e em outubro os Ward receberam um cartão-postal de Praga, na Tchecoslováquia, relatando que Charles estava nessa antiga cidade para uma conferência com um homem de idade muito avançada que, segundo relatos, seria a última pessoa viva em posse de certas informações medievais deveras singulares. Informou um endereço em Neustadt e anunciou que não devia fazer mais viagens antes de janeiro seguinte, quando enviou diversos cartões de Viena que narravam a passagem por essa cidade durante a jornada rumo a uma região mais ao leste para onde um correspondente e pesquisador das ciências ocultas o convidara.

O cartão-postal seguinte veio de Klausenburg, na Transilvânia, e narrava o progresso de Ward rumo ao destino final. Haveria de visitar um certo barão Ferenczy, proprietário de terras nas montanhas a leste de Rakus; e estaria hospedado em Rakus, nos aposentos do nobre em questão. O cartão enviado de Rakus uma semana mais tarde, com informações de que o anfitrião fora encontrá-lo de carruagem e de que em breve deixaria o vilarejo rumo às montanhas, foi a última mensagem durante um período razoavelmente longo; de fato, Charles não respondeu às frequentes correspondências dos pais antes de maio, quando escreveu para desencorajar o plano materno de encontrar o

filho em Londres, Paris ou Roma durante o verão, quando o sr. e a sra. Ward planejavam viajar para a Europa. Afirmou que o estágio em que se encontravam as buscas não permitiria que saísse do local onde se encontrava, e que a situação no castelo do barão Ferenczy não favorecia visitas. A construção situava-se em um rochedo em meio a montanhas sombrias, e a região era temida com tanta intensidade pelos camponeses locais que nenhuma pessoa normal poderia sentir-se à vontade no lugar. Além do mais, o barão não seria considerado uma pessoa agradável pela aristocracia correta e conservadora da Nova Inglaterra. Tinha idiossincrasias de aspecto e de atitude, e uma idade avançada a ponto de causar incômodo naqueles que o viam. De acordo com Charles, seria melhor se os pais o aguardassem em Providence, uma vez que o retorno não poderia estar muito distante.

O retorno, todavia, ocorreu apenas em maio de 1926, quando, depois de alguns cartões-postais em que anunciou a novidade, o jovem viajante chegou furtivamente a Nova York no *Homeric* e atravessou os longos quilômetros até Providence em um ônibus motorizado, saciando a sede com as viçosas colinas ondulantes, os fragrantes pomares em flor e os vilarejos salpicados de coruchéus na primavera em Connecticut; pois era o primeiro gosto que tinha da antiga Nova Inglaterra em um período de quase quatro anos. Quando o ônibus atravessou o Pawcatuck e chegou a Rhode Island em meio ao ouro feérico de um entardecer primaveril, o coração de Charles Ward bateu com forças renovadas; e a entrada em Providence ao longo da Reservoir e da Elmwood Avenue deixou-o sem fôlego, apesar das profundezas de sabedoria proscrita em que havia mergulhado. No ponto em que a Broad, a Weybosset e a Empire Street se encontram, viu no fogo que se estendia adiante e abaixo de si as agradáveis casas e cúpulas e coruchéus que recordava da antiga cidade; e entregou-se aos devaneios enquanto o veículo rodava por trás do Biltmore, revelando o enorme domo e a macia vegetação de raízes profundas que medrava na ancestral colina na margem oposta do rio, e por fim o sobranceiro coruchéu em estilo colonial da Primeira Igreja Batista debuxou-se em rosa em meio à prodigiosa luz do entardecer, tendo ao fundo o vertiginoso panorama do viço e do frescor primaveril.

A velha Providence! Fora aquele lugar e as estranhas forças de uma longa e contínua história que lhe haviam dado a vida e que o impeliram rumo a portentos e segredos cujos limites nenhum profeta

seria capaz de predizer. Lá estavam os poderes arcanos fantásticos ou medonhos para os quais todos os anos dedicados às viagens e aos estudos o haviam preparado. Um coche levou-o para além do Post Office Square com um vislumbre do rio, do velho Mercado e da baía, e então subiu a curva íngreme da Waterman Street até a Prospect, onde a vasta cúpula reluzente e as colunas iônicas ensolaradas da Christian Science Church chamavam-no rumo ao norte. Depois vieram mais oito quarteirões repletos das antigas casas que o olhar de Charles havia conhecido na infância, e a seguir as calçadas de tijolos galgadas tantas vezes durante a meninice. Então uma pequena propriedade à direita, que logo ficou para trás, e por fim, à esquerda, a clássica varanda ao estilo de Robert Adams e a suntuosa fachada guarnecida por arcos da imponente mansão onde havia nascido. A noite começava a cair, e Charles Dexter Ward havia tornado a casa.

5.

Uma vertente da psiquiatria, um pouco menos acadêmica que a do dr. Lyman, atribui à viagem europeia de Ward o início da loucura consumada. Admitindo a sanidade de Ward no momento da partida, esse grupo acredita que a conduta do rapaz na volta indica uma mudança desastrosa. No entanto, o dr. Willett reluta em aceitar sequer essa afirmação. Insiste em alegar que a transformação se operou apenas mais tarde; quanto às excentricidades do rapaz por volta desse período, atribuiu-as à prática de rituais aprendidos no estrangeiro — coisas estranhas, sem dúvida, mas que não implicam nenhum tipo de aberração mental por parte do praticante. Ward, embora mais velho e mais endurecido, continuava a comportar-se de maneira normal, e em várias conversas com Willett deu mostras de um equilíbrio que nenhum louco — sequer nos primórdios da loucura — poderia fingir por muito tempo. O que levantou a suspeita acerca de uma possível insanidade por volta dessa época foram os *sons* ouvidos a todas as horas do dia e da noite vindos do laboratório que Ward havia montado no sótão, onde permanecia durante a maior parte do tempo. Ouviam-se cânticos e repetições, e declamações ribombantes em ritmos desconhecidos; e embora os sons viessem sempre na voz do próprio Ward, havia algo indefinível na qualidade da voz e no sotaque das fórmulas pronunciadas que enregelava o sangue de todos os que as escutavam. Logo se percebeu que Nig, o amável e venerado gato preto da casa, eriçava os pelos e arqueava as costas quando certos sons eram entoados.

Os odores que por vezes sopravam do laboratório também eram demasiado estranhos. Às vezes tinham um cheiro agressivo ao

extremo, porém com maior frequência eram aromáticos, e revestiam-se de uma qualidade fugidia e assombrosa que parecia ter o efeito de induzir imagens fantásticas. As pessoas que sentiam esses cheiros evidenciavam uma tendência a ver miragens fugazes de enormes panoramas com estranhas colinas e intermináveis avenidas de esfinges e hipogrifos que se estendiam rumo ao infinito. Ward não retomou as caminhadas de outrora, mas dedicou-se com afinco aos estranhos livros que havia levado para casa e às igualmente estranhas investigações que conduzia nos aposentos particulares, com a justificativa de que as fontes europeias haviam produzido uma grande ampliação no campo de trabalho e prometiam grandes revelações nos anos vindouros. O aspecto mais velho levou a semelhança de Ward com o retrato de Curwen a um nível impressionante; e o sr. Willett, com frequência, detinha-se junto à pintura ao final das visitas, admirando a notável identidade entre as duas figuras e ponderando que, naquela altura, somente a pequena cicatriz acima do olho direito do retrato diferenciava o feiticeiro morto há mais de um século do rapaz cheio de vida. Essas visitas de Willett, feitas a pedido do sr. e da sra. Ward, eram um tanto estranhas. Em nenhum momento Charles Ward rejeitou o médico, mas este logo percebeu que jamais conseguiria alcançar a psicologia íntima do rapaz. Com frequência notava objetos singulares, como pequenas imagens grotescas moldadas em cera nas prateleiras ou nas mesas, e os resquícios parcialmente apagados de círculos, triângulos e pentagramas desenhados a giz ou a carvão no vão livre que ocupava o centro do amplo cômodo. À noite, os ritmos e os encantamentos continuavam a ribombar, e por fim surgiram dificuldades para manter os criados na casa ou suprimir as conversas furtivas sobre a loucura de Charles.

Em janeiro de 1927, ocorreu um incidente bastante peculiar. Certa noite, por volta da meia-noite, enquanto Charles entoava um ritual de cadência inaudita que ecoava por todos os andares da casa, uma rajada de vento gélido soprou da baía, e um discreto e obscuro tremor de terra foi percebido por todos os moradores da vizinhança. Ao mesmo tempo, o gato exibiu traços de um pavor fenomenal, enquanto todos os cachorros em um raio de um quilômetro e meio ao redor puseram-se a latir. Esse foi o prelúdio de uma forte tempestade elétrica, bastante anômala naquela época do ano, que trouxe consigo um estrondo tão intenso que o sr. e a sra. Ward chegaram a acreditar

que a casa teria sido atingida. Os dois subiram as escadas correndo a fim de averiguar os estragos, porém Charles encontrou-os na porta do sótão; estava pálido, decidido e aziago, e ostentava no rosto uma combinação quase terrível de triunfo e seriedade. Assegurou-os de que a casa não fora atingida, e de que a tempestade logo passaria. O casal deteve-se e, depois de olhar para fora de uma janela, percebeu que o filho de fato tinha razão, pois os raios iluminavam céus cada vez mais distantes, enquanto as árvores aos poucos deixavam de vergar-se com as estranhas rajadas gélidas que vinham do mar. O trovão reduziu-se a uma espécie de rumor abafado e por fim desapareceu. As estrelas surgiram, e a marca de triunfo no semblante de Charles Ward cristalizou-se em uma expressão deveras singular.

Por dois meses ou mais, após esse incidente, Ward passou menos tempo do que o habitual confinado no laboratório. Passou a exibir um curioso interesse pelo clima e a fazer estranhas indagações a respeito da data em que o gelo começaria a derreter na primavera. Certa noite em março saiu de casa após a meia-noite e retornou apenas pouco tempo antes do alvorecer, quando a mãe, que estava acordada, ouviu o ruído de um motor aproximando-se da entrada da carruagem. Era possível distinguir imprecações abafadas, e a sra. Ward, depois de erguer-se e avançar até a janela, divisou quatro vultos retirando uma longa e pesada caixa de um caminhão e carregando-a até a porta lateral sob o comando de Charles. Ouviu uma respiração arquejante e passadas ponderosas nos degraus da escada, e por fim um baque surdo no sótão, quando então as pegadas tornaram a descer e os quatro homens reapareceram do lado de fora e partiram com o caminhão.

No dia seguinte, Charles retomou o enclausuramento no sótão, baixando as cortinas escuras nas janelas do laboratório e dando a impressão de estar trabalhando em alguma substância metálica. Não abria a porta para ninguém, e recusava toda e qualquer comida que lhe fosse oferecida. Por volta do meio-dia, um estrépito repentino foi seguido por um grito e uma queda terríveis, mas quando a sra. Ward bateu na porta o filho enfim atendeu com uma voz débil e disse que não havia nada de errado. O horrendo e indescritível fedor que o laboratório exalava era absolutamente inofensivo e infelizmente necessário. A solidão era o mais importante naquele momento, porém se comprometeu a aparecer mais tarde para o jantar. Naquela tarde, quando cessaram os estranhos sons sibilantes que se ouviam por detrás

da porta trancada, Charles enfim apareceu, revelando um aspecto de extremo desalento e proibindo toda e qualquer pessoa de adentrar o laboratório sob qualquer pretexto. De fato, o anúncio revelou-se como o início de uma nova política de sigilo; pois a partir de então jamais outra pessoa recebeu permissão para visitar o misterioso estúdio na água-furtada ou a despensa adjacente que Charles Ward esvaziou, mobiliou de maneira precária e incorporou a seus domínios particulares na condição de quarto de dormir. Passou a morar naquele cubículo com os livros que retirava da biblioteca no andar de baixo, até que, passado algum tempo, comprou a casa em Pawtuxet e mudou-se para lá com todos os aparatos científicos.

À noite, Charles pegou o jornal antes dos outros membros da família e danificou-o em parte em um suposto acidente. Mais tarde o dr. Willett, tendo estabelecido a data a partir dos testemunhos de vários membros da casa, procurou um exemplar intacto na redação do *Journal* e descobriu que a seção destruída trazia a seguinte nota:

ESCAVADORES NOTURNOS SUPREENDIDOS NO NORTH BURIAL GROUND

Robert Hart, vigia noturno do North Burial Ground, descobriu hoje pela manhã um grupo de vários homens com um caminhão na parte mais antiga do cemitério, mas conseguiu afugentá-los antes que pudessem cumprir qualquer desígnio que pudessem ter em mente.

A descoberta deu-se por volta das quatro horas da manhã, quando a atenção de Hart foi atraída pelo som de um motor no lado de fora da guarita. Quando saiu para investigar, percebeu um caminhão de grandes proporções na estrada principal a vários metros de distância; mas não conseguiu alcançá-lo antes que o som dos próprios passos no cascalho o denunciasse. Os homens puseram uma enorme caixa no caminhão e saíram às pressas em direção à rua antes que pudessem ser interceptados; mas, como nenhum túmulo foi profanado, Hart acredita que a caixa encerrava algum objeto que pretendiam enterrar.

Os escavadores devem ter trabalhado por um longo período antes de serem percebidos, pois Hart encontrou um enorme buraco cavado a uma distância considerável da estrada no terreno de Amosa Field, onde a maior parte das antigas lápides desapareceu muito tempo atrás. O buraco, com a largura e a profundidade de uma cova,

encontrava-se vazio, e não coincidia com nenhum jazigo mencionado nos registros do cemitério.

O sargento Riley, da Segunda Delegacia de Polícia, averiguou o local e afirmou que o buraco foi cavado por falsificadores de bebida que, com esse método engenhoso e terrível, poderiam estocar a carga em um lugar onde dificilmente a encontrariam. Durante o depoimento, Hart afirmou que imaginou ver o caminhão seguir rumo à Rochambeau Avenue, embora não pudesse afirmar com certeza.

Durante os dias que vieram a seguir, Charles foi visto em poucas ocasiões pela família. Depois de acrescentar um quarto de dormir a seus domínios no sótão, adotou um regime de enclausuramento ainda mais rígido, e passou a exigir que a comida fosse deixada na porta, negando-se a aparecer enquanto o criado não tivesse se afastado. A litania de fórmulas monótonas e a entoação de ritmos bizarros surgiam a intervalos regulares, enquanto em outras situações o ouvinte casual podia detectar o som de vidros tilintantes, químicos sibilantes, água corrente ou rumorosas bicas de gás. Odores de qualidade indescritível, totalmente estranhos a tudo o que se havia percebido até então, por vezes pairavam ao redor da porta; e o ar de tensão observável no jovem recluso sempre que se aventurava no mundo exterior era capaz de suscitar as mais febris especulações. Certa vez, fez uma viagem às pressas até o Athenaeum em busca de um livro que necessitava, e em outra ocasião contratou um mensageiro para buscar um volume altamente obscuro em Boston. O suspense estava inscrito como um portento em toda a situação, e tanto a família Ward como o dr. Willett declararam não saber o que pensar nem o que fazer a respeito.

6.

O dia quinze de abril trouxe um estranho desdobramento. Embora nada parecesse ter se alterado no tocante à natureza, sem dúvida havia uma terrível diferença de intensidade; e por algum motivo o dr. Willett atribui grande importância a essa mudança. Era Sexta-Feira Santa — uma circunstância a que os criados atribuem grande importância, embora outros naturalmente a considerem apenas uma coincidência sem qualquer relevância. No fim da tarde, o jovem Ward começou a repetir certa fórmula em uma voz de singular potência enquanto queimava uma substância pungente cujos vapores escaparam por toda a casa. A fórmula era audível de maneira tão clara no corredor em frente à porta trancada que a sra. Ward não teve como evitar memorizá-la enquanto aguardava e esperava angustiada, e por esse motivo foi mais tarde capaz de escrevê-la a pedido do sr. Willett. Dizia o seguinte — e os especialistas afirmaram ao sr. Willett que uma fórmula deveras semelhante pode ser encontrada nos escritos místicos de "Eliphas Levi", a alma críptica que se esgueirou por uma rachadura do portal interdito e vislumbrou terríveis panoramas do vazio mais além:

> "Per Adonai Eloim, Adonai Jehova, Adonai Sabaoth, Metraton On Agla Mathon, verbum pythonicum, mysterium salamandrae, conventus sylvorum, antra gnomorum, daemonia Coeli Gad, Almousin, Gibor, Jehosua, Evam, Zariatnatmik, veni, veni, veni."

A ladainha havia se repetido por duas horas sem alterações e sem nenhuma interrupção quando, por toda a vizinhança, os cachorros puseram-se a entoar uivos pandemoníacos. A intensidade dos uivos pode ser imaginada pelo destaque que recebeu nos jornais do dia seguinte, mas para os ocupantes da casa dos Ward o barulho foi

obscurecido pelo odor que veio instantaneamente a seguir; um odor terrível e pungente que nenhum homem jamais tinha sentido e jamais tornaria a sentir outra vez. Em meio a essa torrente mefítica surgiu um clarão muito perceptível, como o de um raio, que teria sido ofuscante e notável se não fosse a luz do dia que o rodeava; e foi então que se ergueu a *voz* que nenhum ouvinte jamais poderá esquecer em função da ribombante distância, da incrível profundidade e da quimérica semelhança em relação à voz de Charles Ward. A voz fez com que a casa estremecesse e sem dúvida foi ouvida por pelo menos dois outros vizinhos em meio ao alarido dos cachorros. A sra. Ward, que escutava desesperada no lado de fora do laboratório trancado pelo filho, estremeceu ao reconhecer a demoníaca importância daquele som; pois Charles havia lhe falado a respeito da negra fama que granjeara em tomos obscuros, e também a respeito da maneira como, segundo as correspondências de Fenner, havia ribombado acima da fazenda de Pawtuxet na noite em que Joseph Curwen foi aniquilado. Não havia como se enganar a respeito daquela frase saída de um pesadelo, pois Charles a descrevera de maneira vívida na época em que falava livremente sobre as investigações acerca de Curwen. Mesmo assim, tratava-se apenas de um fragmento em uma língua esquecida e arcaica: "*dies mies jeschet boene doesef douvema enitemaus*".

O estrondo foi seguido por um obscurecimento momentâneo da luz do dia, embora ainda faltasse uma hora para o pôr do sol, e então por uma rajada de odor diferente da primeira, mas igualmente desconhecida e insuportável. Charles tornou a fazer a entoação mais uma vez e a mãe pôde ouvir sílabas que soavam como "Yi-nash-Yog-Sothoth-he-lgeb-fi-throdog" — e terminavam com um "Yah!" cuja força desvairada escalava em um crescendo de estourar os ouvidos. No instante seguinte todas as memórias anteriores foram obliteradas pelo grito ululante que surgiu em uma explosão frenética e aos poucos transformou-se em um paroxismo de gargalhadas histéricas e diabólicas. A sra. Ward, com o misto de temor e coragem cega da maternidade, avançou e bateu assustada nas tábuas ocultativas, mas não suscitou nenhum sinal de reconhecimento. Bateu de novo, mas parou impotente quando um segundo grito se levantou, dessa vez na voz inconfundível e familiar de seu filho, ao mesmo tempo em que a outra voz ria desmedidamente. No mesmo instante perdeu os sentidos, embora ainda hoje se declare incapaz de recordar a causa precisa e

imediata do desmaio. Às vezes, a memória promove apagamentos piedosos.

O sr. Ward voltou da repartição de negócios por volta de seis e quinze, e, ao perceber que a esposa não se encontrava no térreo, foi informado pela assustada criadagem de que devia estar observando a porta de Charles, de onde haviam surgido gritos mais estranhos do que nunca. Após subir de pronto as escadas, encontrou a sra. Ward estirada no assoalho do corredor em frente à porta do laboratório; e, ao perceber que estava desmaiada, apressou-se em buscar um copo d'água de uma moringa em uma alcova próxima. Depois de aspergir-lhe o rosto com o líquido frio, animou-se ao observar uma reação imediata, e estava a observar o confuso abrir das pálpebras quando um arrepio gélido varou-lhe o corpo e ameaçou reduzi-lo ao mesmo estado de que a esposa naquele instante emergia. O laboratório aparentemente silencioso não estava tão silencioso quanto dava a impressão de estar, mas encerrava os murmúrios de uma conversa tensa e abafada em tons demasiado baixos para a compreensão, porém de uma qualidade profundamente inquietante para o espírito.

Que Charles balbuciasse fórmulas não era nenhuma novidade; mas aquele balbuciar era um tanto diferente. Era sem dúvida um diálogo, ou a imitação de um diálogo, que exibia as alterações regulares de inflexões que sugeriam perguntas e respostas, asserções e réplicas. Uma era a voz corriqueira de Charles, mas a outra apresentava um caráter profundo e cavo que os melhores poderes de mímica cerimonial do jovem mal lograram produzir em outras situações. Havia um elemento medonho, blasfemo e anormal a respeito daquilo, e, se não fosse por um grito da esposa que recobrava a consciência a clarear-lhe os pensamentos e despertar-lhe para os instintos de sobrevivência, seria improvável que Theodore Howland Ward pudesse manter por mais quase um ano a velha bravata de que nunca havia desmaiado. Da maneira como foi, tomou a esposa nos braços e levou-a o mais depressa possível para o térreo antes mesmo que percebesse as horrendas vozes que tanto o perturbavam. Mesmo assim, no entanto, não foi rápido o suficiente para deixar de captar algo que o levou a cambalear perigosamente com o fardo que transportava. Pois o grito da sra. Ward sem dúvida fora ouvido por outros além do próprio marido, e de trás da porta trancada vieram as primeiras palavras reconhecíveis que o terrível e mascarado colóquio

havia produzido. Não passava de um alerta exaltado proferido na voz do próprio Charles, mas por algum motivo trouxe insinuações repletas de um horror inefável para o pai que o ouviu. A frase era simplesmente a seguinte: *“Pssst! — Escreva!”*.

O sr. e a sra. Ward conversaram durante algum tempo após o jantar, e o patriarca resolveu ter uma conversa firme e séria com Charles naquela mesma noite. Por mais importantes que fossem os estudos, aquele tipo de conduta não seria mais tolerado, uma vez que esses últimos desdobramentos haviam transcendido os limites da sanidade e constituído uma ameaça à ordem e ao bem-estar nervoso de todos os habitantes da casa. Não restava dúvida de que o jovem havia perdido completamente o juízo, pois nada além da loucura consumada poderia ter resultado nos gritos frenéticos e nas conversações imaginárias com interpretação de diferentes vozes que aquele dia havia trazido. Tudo precisava acabar, ou a sra. Ward acabaria doente e a manutenção da criadagem tornar-se-ia uma tarefa impossível.

O senhor Ward levantou-se no fim da refeição e começou a subir as escadas rumo ao laboratório de Charles. No entanto, no terceiro andar, ele parou ao ouvir os sons procedentes da biblioteca do filho, agora em desuso. Os livros, aparentemente, estavam sendo atirados pela sala e os papéis eram amassados de modo frenético, e ao chegar à porta o senhor Ward observou o jovem no interior do cômodo, reunindo excitado uma enorme braçada de material literário de todos os tamanhos e formatos. A impressão era a de que livros estavam sendo atirados para todas as direções enquanto documentos eram folheados, e ao se aproximar da porta o sr. Ward vislumbrou o jovem lá dentro, coligindo em frenesi uma vasta quantidade de volumes literários dos mais diversos tipos e formatos. O aspecto de Charles era de cansaço e desalento extremos, e o jovem deixou cair toda a carga com um sobressalto ao escutar a voz do pai. Ao comando do patriarca, sentou-se, e por algum tempo escutou as admoestações havia tanto tempo merecidas. Não houve cena alguma. No fim do sermão, o filho aceitou que o pai tinha razão, e que os ruídos, balbucios, encantamentos e odores químicos de fato eram aborrecimentos imperdoáveis. Concordou em adotar uma conduta mais silenciosa, embora insistisse em um prolongamento da privacidade extrema. Asseverou que muito do trabalho que ainda restava fazer resumia-se a

pesquisas bibliográficas; e que podia alojar-se em outro lugar para as vocalizações rituais, necessárias em um estágio mais avançado. Expressou o mais profundo arrependimento em relação ao susto e ao desmaio da mãe, e explicou que a conversa ouvida mais tarde havia sido parte de um elaborado simbolismo que tinha por meta criar uma certa atmosfera mental. O uso de termos técnicos e abstrusos desorientou o sr. Ward, mas a impressão geral foi de inegável sanidade e compostura, apesar de uma tensão misteriosa da mais profunda gravidade. A entrevista revelou-se um tanto inconclusiva, e quando Charles juntou os livros e deixou o recinto o sr. Charles mal sabia o que pensar a respeito da situação como um todo. Era tão misteriosa como a morte do velho Nig, cuja forma rígida havia sido encontrada uma hora antes no porão, com os olhos vidrados e a boca distorcida pelo medo.

Levado por um vago instinto de detetive, o pai desorientado lançou olhares curiosos às prateleiras vazias a fim de averiguar que volumes o filho havia levado para o sótão. A biblioteca do jovem apresentava uma organização clara e rígida ao extremo, de maneira que em um único relance era possível identificar os livros ou ao menos o tipo dos livros que haviam sido levados. Nessa ocasião o sr. Ward surpreendeu-se ao descobrir que nenhuma das obras antiquárias ou ocultistas, além das que já tinham sido removidas, fora levada. As novas remoções diziam respeito apenas a itens recentes: livros de história, tratados científicos, atlas de geografia, manuais de literatura, compêndios filosóficos e certos jornais e periódicos contemporâneos. Era uma mudança bastante curiosa em vista da recente lista de leituras de Charles Ward, e o pai deteve-se em meio a uma voragem cada vez maior de perplexidade e de estranheza. A estranheza revelou-se uma sensação muito aguçada, e quase lhe arranhava o peito enquanto se esforçava por descobrir o que estaria errado. Não havia dúvidas de que algo estava errado, não apenas em termos tangíveis, mas também espirituais. Desde o instante em que adentrou o recinto, o sr. Ward teve o pressentimento de que havia alguma coisa fora dos conformes, e por fim percebeu o que era. Na parede norte ainda se erguia o antigo painel entalhado da casa em Olney Court, porém o desastre havia se abatido sobre os óleos craquelados e precariamente restaurados do grande retrato de Curwen. O tempo e o aquecimento irregular por fim surtiram efeito, e em um momento qualquer desde a

última limpeza do cômodo o pior havia acontecido. Após se desprender da madeira e encarquilhar-se em voltas cada vez mais próximas, até enfim pulverizar-se em pequenos cacos em um movimento repentino e silencioso de malignidade latente, o retrato de Joseph Curwen abandonara para sempre a vigilância constante do jovem com quem tanto se parecia e, naquele instante, encontrava-se espalhado pelo chão como uma fina camada de pó cinza-azulado.

IV – Uma mutação e uma loucura

1.

Na semana que se seguiu à memorável Sexta-Feira Santa, Charles Ward foi visto com mais frequência do que o normal, e passou o tempo inteiro carregando livros entre a biblioteca e o laboratório no sótão. Executava as ações de maneira calma e racional, mas tinha um olhar furtivo e acuado que em nada agradou à mãe, e desenvolveu um apetite incrivelmente voraz no que dizia respeito às exigências feitas à cozinheira. O dr. Willett ouviu relatos acerca dos ruídos e desdobramentos da sexta-feira, e na terça-feira seguinte teve uma longa conversa com o jovem na biblioteca onde o retrato não mais vigiava. A entrevista, como sempre, foi inconclusiva; mas Willett continuava disposto a jurar que o rapaz mantinha o pleno domínio das faculdades mentais naquele momento. Fez promessas de uma revelação prematura e falou sobre a necessidade de montar um laboratório em outra parte. Em vista do entusiasmo inicial, Charles demonstrou pouco remorso em relação à perda do retrato, dando a impressão de ter descoberto um elemento positivo na súbita degradação da pintura.

Por volta da segunda semana, Charles começou a se ausentar da casa por longos períodos, e certo dia, quando veio ajudar com a faxina

de primavera, a velha preta Hannah mencionou as frequentes visitas que Charles fazia à antiga casa em Olney Court, onde aparecia com uma valise enorme e conduzia singulares buscas no porão. Costumava mostrar-se muito à vontade na presença da criada e do velho Asa, embora parecesse sempre mais preocupado do que costumava aparentar — o que muito a angustiava, visto que conhecia o jovem patrão desde o dia em que havia nascido. Outro relato sobre os afazeres de Charles chegou de Pawtuxet, onde certos amigos da família afirmaram tê-lo visto à distância um surpreendente número de vezes. Parecia frequentar o hotel de Rhodes-on-the-Pawtuxet, e os questionamentos ulteriores feitos pelo dr. Willett nesse local trouxeram à tona o fato de que o propósito do investigador era sempre encontrar uma via de acesso à margem do rio, cercada por arbustos ao longo dos quais costumava seguir rumo ao norte, em geral para não ser visto durante um bom tempo a seguir.

No fim de maio houve uma retomada momentânea dos sons ritualísticos no laboratório da mansarda que provocou uma severa reprovação do senhor Ward e uma promessa um tanto distraída de Charles de que se emendaria. Tudo aconteceu pela manhã, e parecia consistir em uma continuação da conversa imaginária percebida na turbulenta Sexta-Feira Santa. O jovem mantinha um debate ou uma discussão acalorada consigo mesmo, pois de repente ergueu-se uma série perfeitamente reconhecível de gritos conflitantes em diferentes tons, como se fossem exigências e recusas alternadas, que levou a sra. Ward a subir a escada correndo e postar-se junto à porta a fim de escutar. Não pôde ouvir mais do que um fragmento cujas únicas palavras audíveis foram "Preciso do vermelho durante três meses", e quando bateu todos os sons cessaram no mesmo instante. Quando mais tarde foi questionado pelo pai, Charles afirmou que havia certos conflitos de esferas da consciência que somente uma grande habilidade seria capaz de evitar, mas que se esforçaria por transferi-los a outros reinos.

No meio de junho, ocorreu um bizarro incidente noturno. No fim da tarde, ouviram-se barulhos e estrépitos no laboratório do sótão, e o sr. Ward esteve a ponto de investigá-los quando de repente cessaram. À meia-noite, depois que a família tinha se recolhido, o mordomo estava trancando a porta da frente quando, de acordo com o depoimento, Charles apareceu com passos cambaleantes e incertos

junto ao pé da escada com uma enorme valise e pôs-se a fazer sinais indicativos de que buscava uma via de egresso. O jovem não proferiu sequer uma palavra, mas o valoroso nativo de Yorkshire percebeu o olhar febril do patrão e começou a tremer sem saber ao certo por quê. Abriu a porta e o jovem Ward saiu, porém na manhã seguinte o homem pediu demissão à sra. Ward. Segundo disse, havia algo de profano no olhar com que Charles o havia encarado. Não convinha que um jovem cavalheiro olhasse para um empregado honesto daquela maneira, e assim o mordomo afirmou que não poderia ficar sequer mais uma noite. A sra. Ward dispensou-o, mas não deu muita importância ao comentário. Imaginar Charles em um estado febril naquela noite parecia um tanto ridículo, pois durante todo o tempo em que esteve acordada a sra. Ward não ouviu mais do que rumores no laboratório do sótão; sons que sugeriam passos e um choro convulsivo, e suspiros que nada revelavam além de um profundo desespero. A sra. Ward havia se acostumado a apurar o ouvido em busca de sons durante a noite, pois o mistério do filho sobrepunha-se a todos os demais pensamentos.

No entardecer seguinte, como em outro entardecer cerca de três meses antes, Charles Ward pegou o jornal muito cedo e acidentalmente perdeu a seção principal. O assunto foi retomado apenas mais tarde, quando o dr. Willett começou a investigar as pontas soltas e a buscar os elos faltantes aqui e acolá. Na redação do *Journal* conseguiu encontrar a seção que Charles havia perdido, e identificou duas notas de possível interesse. Ei-las:

> MAIS ESCAVAÇÕES NO CEMITÉRIO
>
> Hoje pela manhã Robert Hart, o vigia noturno do North Burial Ground, descobriu que ladrões de sepultura estiveram mais uma vez em atividade na parte antiga do cemitério. O túmulo de Ezra Weeden, nascido em 1740 e falecido em 1824 segundo a lápide de ardósia tombada e completamente lascada, foi escavado e violado, sem dúvida mediante o uso de uma pá que se encontrava na casa de ferramentas adjacente.
>
> Qualquer que pudesse ser o conteúdo do jazigo mais de um século após a ocasião do enterro, não se encontrou nada além

de umas poucas lascas de madeira apodrecida. Não havia marcas de rodas, mas a polícia examinou as pegadas encontradas nas proximidades e concluiu que foram deixadas pelas botas de um homem requintado.
Hart acredita que o incidente esteja relacionado à escavação frustrada de março passado, quando um grupo de homens em um caminhão foi descoberto após cavar um buraco um tanto profundo; mas o sargento Riley da Segunda Delegacia de Polícia descarta essa hipótese e afirma haver diferenças fundamentais entre os dois casos. Em março a escavação ocorreu em um local onde não havia nenhuma sepultura conhecida; porém desta vez um túmulo bem sinalizado e em boas condições de preservação foi violado de maneira voluntária e com requintes de malignidade consciente expressos na depredação na lápide, que se encontrava intacta no dia anterior ao ocorrido.
Os membros da família Weeden manifestaram espanto e pesar, e não conseguiram pensar em nenhum inimigo que pudesse querer profanar o túmulo desse antepassado. Hazard Weeden, domiciliado à Angell Street, 598, afirma conhecer uma lenda segundo a qual Ezra Weeden teria se envolvido em circunstâncias bastante peculiares, embora não desonrosas, pouco antes da Revolução; mas desconhece qualquer inimizade ou mistério na época atual. O inspetor Cunningham assumiu o caso e espera descobrir pistas valiosas nos próximos dias.

CACHORROS EM POLVOROSA EM PAWTUXET

Os moradores de Pawtuxet acordaram por volta das três horas da manhã de hoje com o alarido ensurdecedor dos inúmeros cachorros que latiam, principalmente às margens do rio logo ao norte de Rhodes-on-the-Pawtuxet. Segundo o relato de testemunhas, o volume e a qualidade dos uivos eram singulares ao extremo; e Fred Lemdin, o vigia noturno em Rhodes, afirmou que em meio ao alarido era possível distinguir o que pareciam ser os gritos de um homem em terror e agonia mortais. Uma tempestade elétrica breve e

> intensa, que começou próximo às margens do rio, pôs fim ao tumulto. Estranhos e desagradáveis odores com provável origem nos tanques de óleo dispostos ao longo da baía foram identificados pelos populares como sendo a causa do incidente, e de fato podem ter contribuído para alterar o temperamento dos animais.

O aspecto de Charles agora tornara-se muito conturbado e atormentado e todos concordaram posteriormente que nesse período ele talvez desejasse prestar alguma declaração ou fazer uma confissão das quais se abstinha por mero terror. O mórbido hábito da sra. Ward de escutar à noite revelou que Charles Ward com frequência saía da casa sob o manto da escuridão, e a maior parte dos psiquiatras mais acadêmicos associam-no aos revoltantes casos de vampirismo que a imprensa noticiou com requintes sensacionalistas na época, embora ainda não tenham sido atribuídos de maneira conclusiva a nenhum malfeitor conhecido. Aqueles casos, demasiado recentes e célebres para que seja necessário entrar em detalhes, envolvem vítimas das mais variadas características e faixas etárias, e parecem centrar-se em duas localidades distintas: na parte residencial do morro e no North End, próximos à casa da família, e nos distritos suburbanos do outro lado da Cranston Line, próximo a Pawtuxet. Viajantes noturnos e pessoas acostumadas a dormir com as janelas abertas foram vítimas de ataques, e os que sobreviveram para contar a história falaram em um monstro esbelto e ágil que soltava fogo nos olhos, cravava os dentes na garganta ou na parte superior do braço da vítima e banqueteava-se com um apetite voraz.

O doutor Willett, que se recusa a datar a loucura de Charles Ward até mesmo nesta época, mostra-se cauteloso ao tentar explicar esses horrores. Ele afirma possuir certas teorias próprias e limita suas declarações positivas a um tipo peculiar de negação. “Não pretendo”, diz ele, “apontar quem ou o que acredito tenha perpetrado esses ataques e assassinatos, mas declaro que Charles Ward era inocente. Tenho razões para garantir que ele ignorava o gosto do sangue, como de fato seu contínuo definhamento físico, em função da anemia, e uma crescente palidez comprovam mais do que qualquer argumento verbal. Ward se envolveu com coisas terríveis, mas pagou por isto, ele jamais foi um monstro ou um vilão. Quanto ao que está acontecendo agora,

nem gosto de pensar. Houve uma mudança e quero crer que o velho Charles Ward morreu com ela. Sua alma morreu, de qualquer maneira, mas o corpo tresloucado que desapareceu do hospital de Waite tinha outra.”

Willett falava com autoridade, pois estava com frequência na casa dos Ward cuidando da sra. Ward, cujos nervos haviam começado a se deteriorar com a tensão. As audições noturnas haviam engendrado alucinações mórbidas reveladas com certo receio para o médico, que as ridicularizava ao falar com a paciente, mas ponderava-as em profundas reflexões quando sozinho. Todos esses delírios referiam-se aos sons tênues que a sra. Ward imaginava ouvir no laboratório e no quarto do sótão, e enfatizavam a ocorrência de suspiros abafados e choro nos horários mais impossíveis. No início de julho, Willett mandou a sra. Ward passar uma temporada de convalescência em Atlantic City sem data para voltar, e orientou o sr. Ward e o desalentado e fugidio Charles a escrever-lhe apenas com boas notícias. É possível que a mulher deva a sanidade e a própria vida a esse afastamento indesejado e compulsório.

2.

Pouco tempo após a partida da mãe, Charles Ward começou a negociar a casa em Pawtuxet. Era uma pequena e sórdida construção de madeira com uma garagem de concreto, empoleirada no alto da margem esparsamente povoada do rio acima de Rhodes, mas por algum motivo bizarro o jovem não demonstrou interesse por nenhuma outra propriedade. Tampouco deu sossego aos corretores imobiliários enquanto não lograram comprar o imóvel de um proprietário avesso ao negócio por uma soma exorbitante, e assim que a casa foi desocupada Charles instalou-se no local sob o manto da noite, transportando em um grande caminhão fechado todo o conteúdo do laboratório no sótão, incluindo os livros que havia retirado do estúdio. O caminhão foi carregado durante as trevas da madrugada, e o pai recorda-se apenas de perceber imprecações abafadas e o som de passos na noite em que os bens foram levados. A seguir Charles tornou a ocupar os antigos aposentos no terceiro andar e nunca mais voltou a frequentar o sótão.

Para a casa em Pawtuxet Charles levou todo o sigilo que antes rodeava o antigo reino do sótão — a única diferença foi que a partir desse ponto começou a dar a impressão de ter dois companheiros de mistério: um mestiço português de aspecto repulsivo que trabalhava na zona portuária da South Main Street como criado e um magro e erudito forasteiro que usava óculos escuros e uma barba cerrada de aspecto tingido cuja posição era sem dúvida a de um colega. Os vizinhos tentaram em vão entabular conversas com esses singulares personagens. O mulato Gomes falava muito pouco inglês e o sujeito barbudo, que dissera chamar-se doutor Allen, seguia voluntariamente

seu exemplo. O próprio Ward tentou ser mais afável, mas só conseguiu provocar a curiosidade com seus relatos desconexos a respeito de pesquisas químicas. Logo começaram a circular estranhas histórias referentes a luzes acesas a noite toda, e um pouco mais tarde, depois que cessaram, surgiram histórias mais esquisitas ainda sobre encomendas descomunais de carne no açougue e gritos, entoações abafadas, recitações rítmicas e berros supostamente provenientes de algum local subterrâneo e profundo debaixo da casa. É evidente que a nova e estranha residência era profundamente detestada pela honesta burguesia da vizinhança, e não é de estranhar se foram levantadas terríveis suspeitas ligando seus habitantes à atual epidemia de ataques vampirescos, em particular devido ao fato de que o raio de ação parecia agora restringir-se totalmente a Pawtuxet e às ruas adjacentes de Edgewood.

Ward passava a maior parte do tempo na casa em Pawtuxet, mas por vezes dormia na mansão da família e ainda era contado entre aqueles que moravam sob o teto do pai. Por duas vezes, ausentou-se da cidade em viagens de uma semana cujos destinos ainda não foram descobertos. Estava cada vez mais pálido e mais descarnado do que antes e parecia ter perdido a antiga convicção quando repetiu para o sr. Willett a velha história sobre pesquisas vitais e revelações futuras. Willett muitas vezes interpelava-o na casa do pai, pois o patriarca Ward demonstrava perplexidade e preocupação extremas e desejava que o filho recebesse tanta supervisão quanto fosse possível oferecer a um adulto tão sigiloso e independente. O médico insistia em afirmar que o rapaz mantinha o pleno domínio de todas as faculdades mentais até esse ponto e apresentava evidências colhidas ao longo de inúmeras conversas para demonstrar essa afirmação.

Por volta de setembro, os casos de vampirismo diminuíram, mas no janeiro seguinte Ward quase acabou envolvido em problemas sérios. Por um tempo a chegada e a saída de caminhões à noite na casa de Pawtuxet tinham sido motivo de comentários, e foi nessa circunstância que um obstáculo inesperado revelou a natureza de pelo menos um item transportado nos carregamentos. Um local isolado próximo ao Hope Valley foi palco de uma das frequentes e sórdidas emboscadas promovidas pelos “sequestradores” de caminhões em busca de carregamentos de bebida, porém, dessa vez, os ladrões estavam destinados a levar um tremendo susto. Ao serem abertas, as

caixas oblongas das quais se haviam apossado revelaram coisas medonhas ao extremo; a bem dizer, tão medonhas que não foram mantidas em sigilo nem mesmo pelos frequentadores do submundo. Os ladrões enterraram às pressas o que haviam encontrado, mas quando a Polícia Civil tomou conhecimento do caso iniciou-se uma busca minuciosa. Um andarilho preso não muito tempo atrás, mediante a promessa de que não seria indiciado por nenhum outro crime, por fim concordou em levar um grupo de investigadores ao local; e no esconderijo cavado às pressas foi encontrado um carregamento vergonhoso e horrendo. Não faria bem ao decoro nacional ou mesmo internacional que a população soubesse o que foi encontrado por esse atônito grupo de investigadores.

Não havia engano possível, nem mesmo para aqueles investigadores nada estudiosos; e logo telegramas foram despachados para Washington com uma rapidez frenética.

As caixas eram endereçadas a Charles Ward em seu bangalô de Pawtuxet e agentes estaduais e federais imediatamente lhe fizeram uma visita com propósitos enérgicos e sérios. Encontraram-no pálido e preocupado com seus dois estranhos companheiros e receberam dele o que lhes pareceu uma explicação válida e provas de inocência. Ele necessitara de certos espécimes anatômicos como parte de um programa de pesquisa cuja profundidade e autenticidade qualquer um que o conhecesse na última década poderia comprovar, e encomendara tipo e número exigidos a certas agências que ele julgara tão legítimas quanto este tipo de coisas poderia ser. Quanto à *identidade* do espécime, afirmou nada saber, e a bem da verdade mostrou-se chocado quando os inspetores sugeriram o impacto monstruoso que o ocorrido poderia ter sobre o sentimento público e a dignidade nacional se porventura viesse à tona. O depoimento foi confirmado pelo barbado dr. Allen, cuja estranha voz cava transmitia ainda mais convicção do que o tom nervoso em que se expressava; e assim os oficiais decidiram não levar o caso adiante e limitaram-se a anotar o nome e o endereço em Nova York que Ward havia mencionado como ponto de partida para uma busca que no fim não deu em nada. Cabe mencionar que os espécimes foram devolvidos ao lugar de origem com a maior brevidade e o maior sigilo possíveis, e que a população jamais tomará conhecimento dessa profanação blasfema.

No dia 9 de fevereiro de 1928, o dr. Willett recebeu de Charles Ward uma carta que considerou ser de extraordinária importância e que serviu como mote de inúmeras discussões com o dr. Lyman. Lyman acreditou que essa correspondência trazia provas irrefutáveis de um evidente caso de *dementia praecox*, enquanto Willett a interpretou como a última manifestação salubre do malfadado jovem. O médico da família chamou especial atenção para a caligrafia, que, embora trouxesse evidências de uma alteração nervosa, representava de maneira fidedigna o estilo de Ward. Eis o texto integral da carta:

> Prospect St., 100, Providence, R.I., 8 de março de 1928.
>
> CARO DR. WILLETT — Sinto que enfim chegou o momento de fazer as revelações que há muito tempo prometi ao senhor, e pelas quais o senhor tantas vezes me pressionou. A paciência demonstrada nessa espera e a confiança evidenciada pelo senhor em relação à minha sanidade e à minha integridade serão motivos de eterno apreço da minha parte.
>
> Mesmo agora, quando me encontro disposto a falar, reconheço humilhado que um triunfo como o que idealizei jamais poderá ser atingido — pois em vez do triunfo encontrei o terror, e a revelação que ora ofereço não é a bravata de um vitorioso, mas apenas o pedido de um suplicante em busca de ajuda e de conselhos para salvar a si mesmo e ao mundo de um horror que transcende toda a concepção humana. Com certeza o senhor recorda o que as cartas de Fenner dizem a respeito do antigo grupo encarregado da invasão em Pawtuxet. Tudo aquilo precisa ser feito mais uma vez, e depressa. De nossas providências dependem mais coisas do que seria possível expressar em palavras — todas as civilizações, todas as leis naturais e talvez até mesmo o destino do sistema solar e do universo como um todo. Eu trouxe à luz do dia uma aberração monstruosa, porém meu único objetivo era a obtenção de conhecimento. Agora, em nome da vida e da Natureza, o senhor precisa me ajudar a empurrá-la de volta para as trevas.

Abandonei a residência em Pawtuxet para sempre, e precisamos aniquilar tudo aquilo que lá se encontra, independentemente de estar vivo ou morto. Não pretendo voltar jamais até aquele lugar, e o senhor não deve acreditar se em algum momento receber notícias de que me encontro lá.

Prometo explicar por que quando nos encontrarmos pessoalmente. Voltei para casa em definitivo, e gostaria que o senhor me fizesse uma visita na primeira oportunidade em que possa dispor de cinco ou seis horas ininterruptas para ouvir o que tenho a dizer. Todo esse tempo será necessário — e acredite-me quando digo que o senhor nunca teve um dever profissional mais genuíno do que esse. Minha vida e minha sanidade são as coisas menos importantes que estão em jogo.

Não me atrevo a contar nada ao meu pai, que não conseguiria apreender o todo. Mesmo assim, informei-o do perigo atual, e agora temos quatro homens de uma agência de detetives vigiando a casa. Não tenho certeza de que possam ter grande serventia, pois o oponente é uma força que mesmo o senhor mal poderia conceber ou admitir. Assim, peço que venha logo se pretende me encontrar vivo e saber como pode ajudar a salvar o cosmo do inferno.

Venha a qualquer momento — não vou mais sair de casa. Não telefone antes, pois não há como saber quem ou o que pode tentar emboscá-lo no caminho. Rezemos a quaisquer deuses que existam para que nada possa impedir nosso encontro.

Na mais absoluta gravidade e desespero,
CHARLES DEXTER WARD.

P.S. Caso encontre o dr. Allen, mate-o a tiros no ato e dissolva o corpo em ácido. Não o queime.

O dr. Willett recebeu o bilhete por volta das 10h30 e imediatamente resolveu dedicar todo o final do entardecer e toda a noite a essa importantíssima conversa, disposto a permitir que se estendesse por tanto tempo quanto fosse necessário. Planejou chegar por volta das quatro horas da tarde, e durante o tempo que antecedeu

o encontro viu-se tão distraído por toda sorte de especulações improváveis que executou a maioria das tarefas de forma mecânica. Por mais lunática que a carta pudesse ter soado aos ouvidos de um estranho, Willett conhecia as excentricidades de Charles Ward demasiado a fundo para considerá-las um simples caso de alucinação. Tinha quase certeza de que uma sombra furtiva, antiga e terrível pairava sobre a revelação, e a referência ao dr. Allen quase podia ser compreendida à luz do que os boatos correntes em Pawtuxet diziam a respeito do enigmático colega de Ward. Willett nunca o tinha visto, mas escutara vários comentários sobre o aspecto e o porte desse personagem, e por esse motivo nutria uma certa curiosidade em relação aos olhos que os óculos escuros discutidos nas mais variadas rodas sociais podiam ocultar.

Pontualmente às quatro horas da tarde, o dr. Willett apresentou-se na residência dos Ward, porém descobriu com justificada frustração que Charles cumprira a promessa de manter-se em casa. Os guardas estavam a postos, mas informaram-lhe que o jovem aparentava ter perdido um pouco da timidez. Segundo um dos detetives, naquela manhã tinha feito reclamações e protestos um tanto receosos ao telefone, respondendo a uma voz desconhecida com frases como “Estou muito cansado e preciso descansar um pouco”, “Não posso receber ninguém por algum tempo, desculpe”, “Por favor adie as medidas decisivas para quando pudermos chegar a um meio-termo” e “Lamento, mas preciso tirar férias de tudo; conversamos mais tarde”. Por fim, tendo aparentemente encontrado coragem na meditação, esgueirou-se para a rua com tanto sigilo que ninguém o viu partir ou sequer percebeu que havia se ausentado enquanto não voltou, por volta da uma hora da tarde, e entrou na casa sem dizer uma palavra. Subiu imediatamente as escadas, o que parece ter causado o ressurgimento parcial do medo; pois, quando entrou na biblioteca, ouviram-no soltar um grito de pavor que aos poucos deu lugar a uma espécie de estertor sufocado.

Quando, no entanto, o mordomo subiu para averiguar qual era o problema, Charles recebeu-o junto à porta com uma grande demonstração de coragem e dispensou-o com um gesto que infundiu no serviçal um terror inexplicável. A seguir, procedeu sem dúvida a uma reorganização das prateleiras, uma vez que se ouviram estrépitos e baques e rangidos; e por fim reapareceu e de imediato saiu da casa.

Willett perguntou se Ward teria deixado alguma mensagem, mas foi informado de que não havia nenhuma. O mordomo parecia evidenciar uma estranha perturbação relativa a alguma coisa na aparência e nos modos de Charles, e indagou preocupado se havia esperança de cura para o estado de nervos em que se encontrava.

Durante quase duas horas, o doutor Willett esperou em vão na biblioteca de Charles Ward, observando as prateleiras cobertas de poeira com grandes espaços vazios de onde haviam sido retirados os livros e sorrindo severamente para o painel da chaminé na parede norte, de onde um ano antes as feições afáveis de Joseph Curwen olhavam com ar benigno para baixo.

Passado algum tempo, as sombras do crepúsculo adensaram-se, e o pôr do sol deu lugar a um vago terror crescente que fugia como uma sombra perante a noite. O sr. Ward por fim chegou e demonstrou surpresa e raiva ao saber da ausência do filho depois de todas as precauções que tomara para resguardá-lo. Não sabia nada acerca do encontro marcado por Charles, e prontificou-se a notificar Willet, assim que o jovem retornasse. Ao despedir-se do médico, expressou a mais absoluta perplexidade em relação à situação do filho, e suplicou ao visitante que fizesse todo o possível a fim de restabelecer a compostura normal do rapaz. Willett sentiu-se aliviado ao deixar a biblioteca, pois algo terrível e profano dava a impressão de assombrar o lugar, como se o retrato desaparecido tivesse deixado para trás um legado maligno. Nunca tinha gostado daquela pintura; e naquele instante, por mais domínio que tivesse sobre os próprios nervos, uma qualidade indefinível no painel vazio fê-lo sentir a necessidade urgente de sair para o ar puro o mais depressa possível.

3.

Na manhã seguinte, Willett recebeu uma mensagem do patriarca Ward dizendo que Charles seguia ausente. O sr. Ward mencionou que o dr. Allen telefonara para dizer que Charles permaneceria em Pawtuxet por algum tempo e que não devia ser perturbado. Todas essas medidas eram necessárias porque o próprio Allen de repente se viu obrigado a se ausentar por um período indefinido, durante o qual as pesquisas seriam deixadas aos cuidados de Charles. Charles havia mandado saudações e pedia desculpas por quaisquer transtornos causados pela súbita mudança de planos. O sr. Ward escutou a voz do dr. Allen pela primeira vez ao ouvir essa mensagem, e o timbre pareceu reavivar uma lembrança vaga e fugidia que não podia ser identificada de maneira precisa, mas se mostrava perturbadora a ponto de causar temor.

Ao confrontar-se com esses relatos contraditórios e intrigantes, o dr. Willett não soube como reagir.

Não havia como negar a seriedade frenética do bilhete de Charles, mas o que se poderia cogitar a respeito da violação imediata das políticas expressas pelo próprio missivista? O jovem Ward escrevera que os aposentos que habitava tinham se transformado em um lugar blasfemo e ameaçador, que deviam ser aniquilados junto com o colega barbado a qualquer custo e que ele próprio jamais retornaria ao local; porém, de acordo com os últimos relatos, havia se esquecido de tudo e voltado a envolver-se com o mistério. O senso comum recomendaria deixar o jovem em paz com essas excentricidades, porém um instinto mais profundo impedia que a impressão causada pela carta frenética desaparecesse. Willett leu e releu a mensagem, mas não conseguiu

fazer com que a essência que encerrava soasse vazia e insana como a verborragia bombástica e a súbita inobservância da conduta recomendada poderiam sugerir. O terror era demasiado profundo e real, e somado a tudo que o médico sabia evocava sugestões demasiado vívidas de monstruosidades para além do tempo e do espaço para que permitissem qualquer tipo de explicação mais cética. Havia horrores inomináveis à espreita; e, por mais improvável que se afigurasse uma tentativa de aproximação, era necessário estar preparado para tomar providências a qualquer momento.

Por mais de uma semana, o dr. Willett meditou sobre o dilema que parecia haver se imposto, e assim viu-se cada vez mais inclinado a fazer uma visita a Charles na casa em Pawtuxet. Nenhum amigo do jovem havia se aventurado a penetrar no refúgio proibido, e mesmo o patriarca Ward conhecia apenas os detalhes interiores que o filho tinha por bem lhe oferecer; mas Willett sentiu que uma conversa direta com o paciente seria necessária. O sr. Ward vinha recebendo correspondências breves e evasivas do filho, sempre datilografadas, e afirmou que a situação da sra. Ward não era diferente em Atlantic City.

Por fim o dr. Willett decidiu-se a agir; e, apesar de uma sensação curiosa inspirada pelas velhas lendas a respeito de Joseph Curwen e das revelações e alertas recentes de Charles Ward, partiu cheio de coragem rumo à casa situada nas margens do rio.

Movido por uma profunda curiosidade, Willett já havia visitado o local, embora jamais tivesse adentrado a casa ou mencionado essa incursão; e, portanto, sabia exatamente que caminho tomar. Depois de pegar o carro e tomar a Broad Street em uma tarde no fim de fevereiro, pensou com certa estranheza no sinistro grupo de homens que havia tomado aquele mesmo caminho cento e cinquenta e sete anos atrás para cumprir uma missão que ninguém jamais poderá compreender.

O trajeto pela periferia decadente da cidade era curto, e a graciosa Edgewood e a sonolenta Pawtuxet logo se estenderam à frente. Willett virou à esquerda para descer a Lockwood Street e continuou dirigindo pela estrada rural até onde era possível; então desceu do carro e prosseguiu a pé rumo ao norte, onde a margem erguia-se em meio às belas curvas do rio e aos rochedos nebulosos que se espraiavam mais além. As casas ainda eram um tanto esparsas

naquele ponto, e não havia como enganar-se a respeito da construção com a garagem de concreto em um ponto elevado à esquerda. Após subir a passos lépidos a estrada de cascalho abandonada, o médico bateu na porta com a mão firme e falou sem nenhum temor com o mulato português que a abriu pouco mais do que uma fresta.

Alegou que precisava ver Charles Ward o quanto antes para discutir um assunto de vital importância. Nenhuma desculpa seria aceita, e uma eventual recusa significaria um relato completo do ocorrido ao patriarca Ward. O mulato continuou hesitante e empurrou a porta no instante em que Willett tentou abri-la; porém o médico ergueu a voz e tornou a repetir as exigências feitas. Nesse instante veio do interior sombrio um sussurro rouco que enregelou o sangue do visitante, ainda que não conhecesse o motivo desse temor. "Deixe-o entrar, Tony", disse a voz; "agora podemos conversar." Mas, por mais perturbador que fosse o sussurro, um temor ainda maior veio logo a seguir. O assoalho estalou e o misterioso interlocutor se revelou — e o dono daquela estranha e ribombante voz não era outro senão Charles Dexter Ward.

A precisão com que o dr. Willett recordou e registrou a conversa dessa tarde deve-se à importância que atribui a esse período em particular. A partir desse ponto, o médico enfim reconhece a ocorrência de uma alteração fundamental na mentalidade de Charles Dexter Ward, e acredita que o jovem que encontrou na casa em Pawtuxet falava movido por ideias e pensamentos totalmente estranhos às ideias e aos pensamentos do rapaz que tinha acompanhado ao longo de vinte e seis anos. A polêmica com o dr. Lyman obrigou-o a ser mais específico, e assim o dr. Willett afirmou que a loucura de Charles Ward começou na época em que passou a enviar as correspondências datilografadas para os pais. Essas correspondências não são vazadas no estilo habitual de Ward nem no estilo da última carta frenética endereçada a Willett.

Parecem estranhas e arcaicas, como se o colapso mental do remetente tivesse feito transbordar uma torrente de pendores e impressões acumuladas de maneira inconsciente ao longo de toda uma infância de antiquarismo. Percebe-se uma evidente tentativa de parecer moderno, porém o espírito e por vezes a linguagem das cartas remontam ao passado.

O passado também se mostrou presente na postura e nos gestos de

Ward quando recebeu o dr. Willett na casa obscura. Charles fez uma mesura, indicou um assento a Willett e sem mais delongas começou a falar de repente naquele estranho sussurro que tentou explicar desde o primeiro momento.

“Estou tísico”, disse, “por causa dos ventos desse rio maldito. Por favor não repare na minha voz. Imagino que o meu pai o tenha mandado averiguar o que me aflige, mas espero que o senhor não leve notícias alarmantes.”

Willett estudou aqueles sons com o maior cuidado, mas estudou ainda mais de perto a expressão do interlocutor. Percebeu que havia alguma coisa errada; e lembrou-se do que a família lhe dissera a respeito do susto que o mordomo de Yorkshire havia tomado em uma certa noite. Desejou que não estivesse tão escuro, mas não pediu que as cortinas fossem abertas. Em vez disso, simplesmente perguntou a Ward por que tinha contrariado o bilhete frenético de pouco menos de uma semana atrás.

“É o que eu gostaria de explicar”, respondeu o anfitrião. “Como o senhor deve saber, meus nervos encontram-se em um estado deveras precário, e assim me levam a dizer e a fazer coisas pelas quais não posso ser responsabilizado. Conforme afirmei em inúmeras ocasiões, estou envolvido em pesquisas de extrema importância; e a grandeza dessas pesquisas por vezes embota-me os pensamentos. Qualquer um haveria de sentir-se assustado pelo que descobri, mas eu não posso adiar meu progresso por muito tempo. Sinto-me um idiota por ter pedido aquela guarda e me decidido a ficar em casa, pois o meu lugar é aqui. Não sou bem falado por meus vizinhos bisbilhoteiros, e talvez a fraqueza tenha me levado a acreditar no que disseram a meu respeito. Não há mal algum no que faço, desde que eu o faça direito. Tenha a bondade de aguardar seis meses e hei de recompensar-lhe a paciência.”

“O senhor deve saber que tenho maneiras de inteirar-me a respeito de temas antigos valendo-me de fontes mais confiáveis que os livros, e, portanto, deixo-lhe a tarefa de julgar a importância da contribuição que posso fazer à história, à filosofia e às artes com as portas a que tive acesso. Meu antepassado dispunha dessas coisas todas quando aqueles idiotas enxeridos vieram matá-lo. Eu, agora, tenho-as mais uma vez ao meu dispor, ou ao menos hei de ter alguma parte, ainda que de maneira imperfeita. Dessa vez nada deve

acontecer, e acima de tudo não em decorrência de meus temores estúpidos. Rogo ao senhor que esqueça tudo o que escrevi, e que não tenha medo desse lugar nem das pessoas que aqui se encontram. O dr. Allen é um homem decente, e devo-lhe um pedido de desculpas por todos os males que espalhei a seu respeito. Eu não gostaria de tê-lo dispensado, porém tinha compromissos em outro lugar. O fervor que demonstra em relação a essas coisas não é menor do que o meu, e imagino que quando temi meu dever também o temi na condição de meu principal ajudante."

Ward deteve-se e o dr. Willett mal soube o que fazer ou pensar. Sentiu-se quase tolo em vista desse tranquilo repúdio em relação à carta; porém, mesmo assim, ateve-se ao fato de que, embora tivesse parecido estranha e bizarra e sem dúvida insana, a mensagem tinha sido trágica por conta da naturalidade e da profunda semelhança que guardava com o Charles Ward que conhecia de outrora. Willett tentou abordar temas mais antigos para que o jovem recordasse eventos passados capazes de restaurar uma atmosfera mais familiar, entretanto obteve apenas resultados grotescos nesse processo. O mesmo se repetiu mais tarde com todos os psiquiatras. Partes importantes da massa de imagens mentais de Charles Ward, principalmente aquelas que diziam respeito aos tempos modernos e à sua vida pessoal, haviam sido inexplicavelmente eliminadas, enquanto toda a paixão pela arqueologia acumulada na juventude brotava de um profundo subconsciente que tragava o contemporâneo e o individual. O conhecimento íntimo que o jovem evidenciava acerca de coisas antigas era anômalo e profano, e por esse motivo o paciente tentava ocultá-lo da melhor forma possível. Às vezes, quando Willett mencionava um objeto favorito dos estudos arcaicos da infância, Charles Ward revelava por acaso um conhecimento de que nenhum mortal comum poderia dispor, e quando essas alusões surgiam o médico nunca deixava de estremecer.

Não era salubre deter tanto conhecimento a respeito da maneira como a peruca do rotundo xerife caiu quando se inclinou para a frente durante uma encenação na Histrionick Academy do sr. Douglass, em plena King Street, no dia onze de fevereiro de 1762, uma quinta-feira; nem a respeito da ocasião em que os atores fizeram tantos cortes no texto de *O Amante Consciente*, de Steele, que o fechamento do teatro pela legislatura batista da época duas semanas mais tarde foi visto

quase com alegria por certas pessoas. Que o coche para Boston de Thomas Sabin era "desconfortável de sobejo" as correspondências da época talvez pudessem revelar; mas que antiquarismo saudável poderia recordar que os estalos da nova placa de Epenetus Olney (a espalhafatosa coroa adotada depois que passou a chamar a taverna de Crown Coffee House) soavam exatamente como as primeiras notas da nova canção de jazz que tocava em todas as rádios de Pawtuxet?

Ward, contudo, não se deixava questionar por muito tempo nessa veia. Os tópicos pessoais e modernos eram abandonados de maneira sumária, e os temas antigos não tardavam a aborrecê-lo. O que claramente pretendia fazer era satisfazer a curiosidade do visitante para que fosse embora sem a intenção de voltar. A fim de atingir esse objetivo, dispôs-se a mostrar a Willett a casa inteira, e no instante seguinte começou a acompanhar o médico por todos os cômodos do porão ao sótão. Willett examinou tudo com atenção e percebeu que os livros visíveis eram demasiado parcos e triviais para que pudessem ter preenchido as grandes lacunas deixadas nas prateleiras de Ward, e também que o suposto "laboratório" não passava de uma cortina das mais ordinárias. Sem dúvida havia uma biblioteca e um laboratório em outro lugar, mas era impossível determinar onde. Derrotado na busca por algo que nem ao menos sabia o que era, Willett voltou para a cidade antes do anoitecer e contou ao patriarca Ward tudo o que havia se passado. Os dois chegaram à conclusão de que o jovem havia definitivamente perdido o controle sobre as próprias faculdades mentais, porém acharam que nenhuma medida drástica precisaria ser tomada de imediato. Acima de tudo a sra. Ward devia ser mantida na mais absoluta ignorância a respeito do ocorrido, na medida em que as estranhas notas datilográficas do filho permitissem.

Na ocasião, o sr. Ward decidiu-se a fazer uma visita pessoal ao filho, sem comunicá-lo de antemão. O dr. Willett levou-o de carro em um entardecer, mostrou onde se situava a casa e esperou pacientemente o retorno do companheiro de viagem. A entrevista foi longa, e por fim o pai saiu em um estado de profunda tristeza e perplexidade. A recepção fora similar à de Willett, com a diferença de que Charles levou um tempo deveras longo para apresentar-se depois que o visitante abriu passagem à força pelo corredor e mandou o português embora com uma ordem peremptória; e na compostura alterada do jovem não havia nenhum resquício de afeição filial. A

iluminação era tênue, porém mesmo assim Charles afirmou sentir-se ofuscado de maneira quase insuportável. Tinha falado em voz baixa, alegando que a garganta estava em condições precárias; mas no sussurro rouco havia uma qualidade vagamente perturbadora que o sr. Ward não conseguia afastar dos pensamentos.

Unidos em definitivo para fazer o quanto fosse possível a fim de resguardar a sanidade do jovem, o sr. Ward e o dr. Willett começaram a reunir todos os detalhes que pudessem encontrar acerca do caso. Os boatos que circulavam em Pawtuxet foram o primeiro item examinado, e a tarefa foi relativamente fácil porque ambos tinham amigos na região. O dr. Willett coletou o maior número de rumores porque as pessoas dispunham-se a ser mais abertas com um médico do que com o pai da figura central — e, a dizer pelos relatos que colheu, o jovem Ward vinha levando uma vida deveras estranha. As línguas comuns não conseguiam dissociar a casa onde morava dos casos de vampirismo ocorridos no verão anterior, e a movimentação noturna dos caminhões dava origem a muitas outras especulações sombrias. Os comerciantes locais mencionaram a estranheza dos pedidos feitos pelo mulato de aspecto maligno e em particular as enormes quantias de carne e sangue frescos compradas dos únicos dois açougues na vizinhança imediata. Para uma residência com apenas três pessoas, as quantidades eram absurdas.

Havia também a questão dos ruídos subterrâneos. Os relatos acerca das coisas eram difíceis de interpretar, mas todas as vagas insinuações concordavam nos detalhes essenciais. Surgiam ruídos de natureza ritual nas ocasiões em que a casa se encontrava às escuras. Poderiam, é claro, vir do porão conhecido; mas os rumores insistiam em afirmar que havia criptas mais extensas e mais profundas. Tendo em mente as antigas histórias sobre as catacumbas de Joseph Curwen e o pressuposto de que a casa atual tivesse sido escolhida por ocupar o mesmo terreno da antiga propriedade de Curwen, segundo informavam certos documentos encontrados atrás do retrato, o dr. Willett e o sr. Ward prestaram muita atenção a essa faceta dos rumores, e por inúmeras vezes procuraram sem sucesso a porta à margem do rio mencionada nos antigos manuscritos. Quanto à opinião popular acerca dos vários habitantes da casa, logo ficou evidente que o português de Brava era abominado, que o dr. Allen de barba e de óculos era temido e que o pálido e jovem estudioso era o objeto de

uma profunda repulsa. Durante os dez ou quinze últimos dias Ward sem dúvida havia sofrido mudanças profundas; tinha abandonado qualquer tentativa de mostrar-se afável e passara a falar apenas com sussurros roucos e estranhamente repulsivos nas raras ocasiões em que saía de casa.

Aqueles eram os retalhos e fragmentos coletados aqui e acolá pelo sr. Ward e pelo dr. Willett; e a respeito deles tiveram várias conferências longas e graves. Os dois se esforçaram por aplicar métodos de dedução, indução e imaginação criativa da forma mais abrangente possível, e também por estabelecer relações entre todos os fatos conhecidos acerca da vida recente de Charles, incluindo a carta frenética que o médico havia mostrado ao pai e as parcas evidências documentais disponíveis que diziam respeito a Joseph Curwen. Estariam dispostos a dar muita coisa em troca de um vislumbre dos papéis que Charles encontrara, pois sem dúvida a explicação para a loucura do jovem estava naquilo que aprendera sobre as façanhas do antigo feiticeiro.

4.

Apesar de tudo, o último movimento desse caso singular não se deveu às ações do sr. Ward ou do dr. Willett. O pai e o médico, confusos e perplexos ante uma sombra demasiado amorfa e intangível para que pudessem combatê-la, desfrutavam um repouso intranquilo à espera do passo seguinte enquanto as notas datilográficas do jovem Ward tornavam-se cada vez menos frequentes. Quando o dia primeiro do mês trouxe os ajustes financeiros habituais, os funcionários de certos bancos começaram a balançar a cabeça e a telefonar uns para os outros. Oficiais que conheciam Charles Ward de vista foram até a casa em Pawtuxet perguntar por que todos os cheques apresentados naquela circunstância traziam falsificações grosseiras no campo da assinatura, e receberam uma resposta menos convincente do que gostariam de receber quando o jovem explicou com voz rouca que, nos últimos tempos, os tremores nervosos vinham-lhe afetando a mão a ponto de tornar a escrita normal impossível. Segundo disse, não conseguia mais formar caracteres manuscritos a não ser com extrema dificuldade, e resolveu provar o que dizia explicando que se vira obrigado a datilografar todas as correspondências recentes, inclusive aquelas endereçadas ao pai e à mãe, que poderiam confirmar essa alegação.

A confusão que levou os investigadores a se deterem não foi a circunstância isolada, pois àquele respeito não havia nada de inédito ou de suspeito; tampouco os boatos de Pawtuxet, a respeito dos quais um outro investigador ouvira falar. Foi a fala desconexa do jovem que os deixou atônitos, uma vez que indicava uma total perda de memória no tocante a assuntos monetários de grande importância que apenas

um ou dois meses atrás tinham sido tratados com a mais absoluta desenvoltura. Alguma coisa estava errada, pois, a despeito do aspecto de coerência e de racionalidade presente no discurso, não poderia haver uma razão concebível para aquela ignorância escondida a duras penas em relação a tópicos vitais. Além do mais, embora nenhum dos homens fosse muito próximo a Ward, todos perceberam uma alteração no porte e na maneira de falar do jovem. Tinham ouvido falar das inclinações ao antiquariato, porém nem mesmo o antiquário mais empedernido faria uso diário de frases e gestos obsoletos. No geral, essa combinação de voz rouca, mãos paralisadas, lacunas de memória e alterações de fala e de comportamento devia ser o indicativo de um distúrbio ou de uma moléstia grave, o que sem dúvida formava a base dos rumores que circulavam; e depois de partir o grupo de oficiais decidiu que a providência mais urgente seria arranjar uma entrevista com o patriarca Ward.

Assim, no dia 6 de março de 1928, houve uma longa e grave reunião no escritório do senhor Ward, após a qual o pai, totalmente desorientado, convocou o doutor Willett com uma espécie de desamparada resignação. Willett examinou as assinaturas forçadas e desajeitadas nos cheques e comparou-as mentalmente à caligrafia daquela última carta desesperada. Com certeza a mudança fora radical e profunda, mas havia algo detestavelmente familiar na nova caligrafia. Apresentava fortes tendências a garatujas e arcaísmos de um tipo deveras curioso, e parecia ser o resultado de traçados muito diferentes daqueles, via de regra, usados pelo jovem. Parecia estranho — mas onde teria visto aquilo antes? Dado o contexto geral, era óbvio que Charles tinha enlouquecido. Quanto a isso não restavam dúvidas. E como parecia improvável que pudesse gerenciar a propriedade ou se manter no mundo dos negócios por mais tempo, alguma providência devia ser tomada o mais depressa possível em relação a uma possível curatela. Foi nesse ponto que os psiquiatras foram chamados: os doutores Peck e Waite de Providence e o dr. Lyman de Boston, a quem o sr. Ward e o dr. Willett ofereceram um relato tão abrangente quanto possível do caso, e que por fim mantiveram uma longa conferência na biblioteca ociosa do jovem enfermo, analisando os livros e papéis deixados para trás com vistas a formar uma opinião acerca da têmpera habitual do paciente.

Depois de averiguar o material e examinar o agourento bilhete

enviado a Willett, todos concordaram em que os estudos de Charles Ward haviam desequilibrado ou ao menos distorcido um intelecto comum, e manifestaram o vivo desejo de perscrutar outros volumes e documentos pessoais; mas sabiam que esse passo somente poderia ser dado no próprio local da casa em Pawtuxet. Willett revisou o caso inteiro com uma disposição febril; e foi por volta dessa época que colheu os depoimentos dos trabalhadores que tinham acompanhado o momento em que Charles descobrira os documentos de Curwen e coligiu os incidentes dos jornais danificados após localizá-los na redação do *Journal*.

Na quinta-feira, dia oito de março, os doutores Willett, Peck, Lyman e Waite, acompanhados pelo sr. Ward, partiram rumo à tão aguardada visita ao jovem; não fizeram nenhum segredo a respeito do que pretendiam e questionaram o recém-declarado paciente com extrema minúcia. Charles, embora tenha levado um tempo excessivo para atender a porta e conquanto ainda trescalasse estranhos e nocivos odores do laboratório quando enfim se apresentou, mostrou-se um anfitrião nem um pouco recalcitrante, e admitiu com a mais absoluta franqueza que a memória e o equilíbrio mental haviam sofrido um pouco com a profunda dedicação a estudos abstrusos. Não ofereceu nenhuma resistência quando insistiram em que mudasse de acomodações; e, a bem da verdade, pareceu evidenciar um alto grau de inteligência além da simples memória.

A conduta presenciada teria deixado os entrevistadores perplexos se não fosse a persistente tendência a arcaísmos na fala, enquanto a inconfundível substituição de ideias modernas por conceitos obsoletos marcava-o em definitivo como uma pessoa fora da normalidade. Quanto às pesquisas realizadas, não poderia dizer ao grupo de médicos mais do que já havia revelado previamente à própria família e ao dr. Willett, e o bilhete frenético do mês anterior foi desdenhado como a simples consequência de nervos agitados e histeria. Charles insistiu em dizer que a casa ensombrecida não dispunha de um laboratório nem de uma biblioteca além daqueles que se podiam enxergar, e ofereceu explicações abstrusas quando pediram que explicasse a ausência, na casa, dos odores que lhe impregnavam as roupas.

Os boatos da vizinhança foram atribuídos à inventividade barata da curiosidade frustrada. Quanto ao paradeiro do dr. Allen, disse que

não estava em posição de oferecer informações precisas, mas assegurou aos inquiridores que o homem de barba e de óculos escuros retornaria no momento oportuno. Ao pagar o impassível português de Brava que resistiu a toda sorte de questionamento da parte dos visitantes e ao fechar a casa que ainda parecia guardar segredos noctíferos, Ward não demonstrou nenhum sinal de nervosismo, salvo apenas por uma discreta tendência a deter-se e apurar o ouvido como se desejasse captar um som longínquo. Parecia estar animado por uma serena resignação filosófica, como se o afastamento fosse apenas um incidente passageiro que causaria menos transtornos se não oferecesse resistência e se livrasse daquilo o mais depressa possível.

Era evidente que confiava na agudeza intocada da própria mentalidade absoluta para vencer todos os constrangimentos em que a memória deturpada, a perda da voz e da caligrafia e o comportamento furtivo e excêntrico haviam culminado. Foi combinado que a mãe não seria informada a respeito dessa mudança, e que o pai haveria de enviar bilhetes datilográficos em nome do filho. Ward foi levado ao tranquilo e pitoresco hospital particular mantido pelo dr. Waite em Conanicut Island, na baía, onde foi examinado e questionado minuciosamente por todos os médicos relacionados ao caso. Nesse ponto as anomalias físicas foram percebidas; o metabolismo desacelerado, a pele alterada e as reações neurais desproporcionais. O dr. Willett era o mais perturbado entre todos os examinadores, pois tinha acompanhado Ward ao longo de toda a vida e, portanto, era quem melhor podia dimensionar a gravidade e a extensão da decadência física. Até mesmo a familiar marca de nascença no quadril havia desaparecido, enquanto no peito havia surgido um sinal ou uma cicatriz de cor preta que nunca havia estado lá e que levou Willett a indagar se o jovem teria participado dos rituais de "marcação das bruxas" que supostamente ocorrem durante certos encontros noturnos insalubres em lugares ermos e selvagens. O médico não conseguia tirar da cabeça a transcrição do julgamento de uma bruxa em Salem que Charles lhe havia mostrado antes de adotar o comportamento furtivo, que dizia: "O senhor G.B. naquela noite pôs a Marca do Diabo em Bridget S., Jonathan A., Simon O., Deliverance W. Joseph C., Susan P., Mehitable C. e Deborah B.". O rosto de Ward também o horrorizava, e por fim descobriu de repente a causa de tamanho horror. Acima do olho direito do jovem, notou um detalhe que nunca havia percebido

antes — uma pequena cicatriz ou depressão exatamente idêntica à presente na pintura decrépita do velho Joseph Curwen, que talvez indicasse uma inoculação ritualística medonha à qual ambos tivessem se submetido a certa altura da carreira ocultista.

Enquanto Ward intrigava os médicos do hospital, todas as correspondências endereçadas ao paciente ou ao dr. Allen passaram a ser mantidas sob a mais estrita vigilância e entregues na mansão da família Ward. Willett imaginou que o método traria poucos resultados, uma vez que as comunicações de natureza vital provavelmente seriam trocadas de mensageiros; mas no fim de março uma carta que chegou de Praga para o dr. Allen deixou tanto o médico quanto o pai um tanto pensativos. Veio escrita com garatujas arcaicas ao extremo; e, embora não tivesse saído da pena de um estrangeiro, apresentava desvios quase tão singulares em relação à linguagem moderna quanto a maneira de falar do jovem Ward. Ei-la:

Kleinstrasse, 11 Altstadt, Praga, 11 de fevereiro de 1928

IRMÃO EM ALMOUSIN-METRATON — Recebi hoje seu relato do que saiu dos sais que eu lhe enviei. Estava errado e significa claramente que as pedras tumulares haviam sido mudadas quando Barnabus me mandou o espécime. Isto ocorre com frequência, como deve ter percebido pela coisa que recebeu do cemitério de King' Chapel em 1769 e por aquela que recebeu do Cemitério Velho em 1690, que poderia acabar com ele. Eu obtive coisa semelhante no Egito, há 75 anos, de onde apareceu aquela cicatriz que o menino viu em mim em 1924. Como lhe disse há muito tempo, não evoque aquilo que não puder mandar de volta quer pelos sais mortos quer pelas esferas do além. Tenha sempre prontas as palavras para mandar de volta todas as vezes e não espere para ter certeza quando tiver alguma dúvida de Quem você tem. As lápides estão todas mudadas agora em nove túmulos de cada dez. Nunca terá certeza enquanto não perguntar. Hoje recebi notícias de H., que teve problemas com os soldados. É provável que ele lamente o fato de a Transilvânia ter passado da Hungria para a Rumênia e mudaria sua sede se o castelo não estivesse tão cheio daquilo que nós sabemos.

Mas sem dúvida ele lhe escreveu a este respeito. Na minha segunda remessa, haverá algo de um túmulo da colina do leste que muito lhe agradará. Enquanto isso, não esqueça que desejo B.F. se você puder chamá-lo para mim. Você conhece G. em Filadélfia melhor do que eu. Chame-o você em primeiro lugar se quiser, mas não o use demais; ele será difícil, terei de falar com ele no fim.

Yogg-Sothoth Neblod Zin SIMON O.

Para o senhor J.C. em Providence

O sr. Ward e dr. Willett detiveram-se em estado de absoluto caos perante a evidente prova de insanidade consumada. Apenas aos poucos lograram compreender o que parecia insinuar. Seria o ausente dr. Allen, e não Charles Ward, o espírito dominante em Pawtuxet? Isso explicaria as referências desvairadas e a denúncia na última carta frenética do jovem. E o que dizer a respeito do destinatário, identificado pelo forasteiro de barba e de óculos escuros como "Sr. J.C."? Não havia como escapar à inferência, mas existem limites para as monstruosidades concebíveis. E quem seria "Simon O."? O velho que Ward tinha visitado em Praga quatro anos antes? Talvez, mas nos séculos passados havia existido um outro Simon O. — Simon Orne, também conhecido como Jedediah, de Salem, que desapareceu em 1771 e cuja caligrafia um tanto peculiar o sr. Willett naquele instante reconheceu graças às cópias fotostáticas das fórmulas de Orne que Charles certa vez lhe havia mostrado. Que horrores e mistérios, que contradições e contravenções da Natureza teriam retornado depois de um século e meio para assolar a velha Providence repleta de cúpulas e coruchéus?

O pai e o velho médico, sem saber o que fazer ou o que pensar, foram visitar Charles no hospital para questioná-lo com o maior tato possível a respeito do dr. Allen, da viagem a Praga e das coisas que havia aprendido com Simon ou Jedediah Orne de Salem. O jovem ofereceu respostas polidas, mas evasivas a todos os questionamentos, restringindo-se a dizer em um rouco sussurro que havia encontrado o dr. Allen a fim de estabelecer uma comunicação espiritual com almas do passado e que qualquer contato que o homem barbado tivesse em

Praga muito provavelmente teria dons similares. Quando foram embora, o sr. Ward e o dr. Willett notaram com pesar que tinham sido vítimas de uma sabatina; pois, sem oferecer nenhum tipo de informação vital, o jovem se valera de uma lábia impressionante para fazer com que relatassem todo o conteúdo da carta de Praga.

Os doutores Peck, Waite e Lyman não estavam dispostos a atribuir muita importância à estranha correspondência do companheiro de Charles Ward, pois conheciam a tendência dos excêntricos e dos monomaníacos a buscar espíritos irmãos e acreditavam que Charles e Orne não tinham feito nada além de encontrar uma contraparte no estrangeiro — uma contraparte que talvez houvesse visto a caligrafia de Orne e decidido copiá-la em uma tentativa de passar-se por uma reencarnação do falecido personagem.

O próprio caso de Allen não era muito diferente, pois talvez se houvesse apresentado ao jovem como um avatar do finado Curwen. Casos semelhantes haviam ocorrido no passado, e, baseados no conhecimento, os intransigentes médicos descartaram as crescentes preocupações de Willett com a mudança da caligrafia de Charles Ward em relação aos espécimes não premeditados obtidos graças às mais diversas manobras. No fim Willett imaginou ter identificado a origem da estranha familiaridade, e estabeleceu que se assemelhava à caligrafia outrora empregada pelo velho Joseph Curwen; porém os outros médicos afirmaram que uma fase imitativa era parte integrante da mania que afligia o paciente e assim se recusaram a atribuir qualquer importância favorável ou desfavorável ao assunto. Ao perceber a atitude prosaica dos colegas, o dr. Willett aconselhou o sr. Ward a não comentar a carta que chegou no dia dois de abril, enviada ao dr. Allen desde Rakus, na Transilvânia, e escrita em uma caligrafia que guardava semelhanças tão intensas e fundamentais com a cifra de Hutchinson que tanto o pai como o médico viram-se paralisados de espanto por um instante antes de violar o lacre. O conteúdo da carta era o seguinte:

> Castello Ferenczy
> 7 de março de 1928.
>
> CARO C. — Apareceu um esquadrão de vinte milicianos por causa dos boatos do povo. Preciso cavar mais fundo e manter

menos gado. Esses rumenos incomodam horrivelmente, são intrometidos e detalhistas, enquanto era possível comprar um magiar com bebida e comida. No mês passado M. me mandou o sarcófago das cinco esfinges da Acrópole onde aquele que eu evoquei me disse que estaria, e tive três conversas com aquilo que estava inumado em seu interior. Irá diretamente para S. O. em Praga e de lá para o senhor. É obstinado, mas o senhor sabe como agir. O senhor mostrou sabedoria em ter menos do que antes, pois não havia necessidade de manter os guardas em forma e comendo tanto, e muito poderia ser encontrado em caso de problemas, como os senhores bem sabem.
Agora o senhor pode se mudar e trabalhar em outro lugar sem o inconveniente de matar, se necessário, embora espere que nada o obrigue tão cedo a uma medida tão incômoda. Folgo que não esteja traficando muito com os de fora, pois nisso sempre houve um perigo mortal e o senhor sabe o que ele fez quando pediu proteção de alguém que não estava disposto a dá-la. O senhor me supera em conseguir as fórmulas para que um outro o possa dizê-las com sucesso, mas Borellus imaginou que seria assim, bastando ter as palavras certas. O rapaz as usa frequentemente? Sinto que ele esteja se tornando excessivamente melindroso, como eu temia quando esteve aqui há cerca de quinze meses, mas percebo que o senhor sabe como lidar com ele. O senhor não pode fazê-lo voltar com as fórmulas, pois aquilo só funciona com aqueles que as fórmulas chamam dos sais, mas o senhor ainda tem mãos fortes, faca, pistola e túmulos não são difíceis de cavar, nem os ácidos difíceis de queimar. O. diz que o senhor lhe prometeu B.F. Eu preciso tê-lo depois. B. irá para o senhor logo e poderá lhe dar o que o senhor deseja daquela coisa negra debaixo de Memphis. Tenha cuidado com aquilo que evocar e cuidado com o menino. Daqui a um ano será o momento de convocar as legiões das profundas e então não haverá limites ao nosso poder. Confie no que eu digo, pois o senhor sabe que O. e eu tivemos esses 150 anos mais que o senhor para estudar tais assuntos.

Nephreu — Ka nai Hadoth Edw:H. Para o Cavalheiro J. Curwen, Providence

Mas, embora Willett e o sr. Ward tenham se furtado a mostrar a carta aos psiquiatras, não se furtaram a tomar as devidas providências. Não haveria sofisma ou erudição capaz de contradizer o fato de que o estranho dr. Allen de barba e de óculos escuros, descrito na carta frenética de Charles como uma ameaça monstruosa, mantinha uma correspondência íntima e sinistra com duas criaturas inexplicáveis que Ward visitara durante as viagens e que sem dúvida afirmavam ser avatares dos antigos colegas de Curwen em Salem; de que se via como a reencarnação do próprio Joseph Curwen, e de que tinha — ou ao menos fora instado a ter — desígnios assassinos contra um "garoto" que dificilmente poderia ser outro que não Charles Ward. Havia um horror organizado à espreita; e independentemente de quem o houvesse começado, nesse ponto tornou-se evidente que o desaparecido Allen estava por trás de tudo. Foi assim que, aliviado ao saber que Charles estava a salvo no hospital, o sr. Ward de imediato contratou detetives para que descobrissem o quanto fosse possível a respeito do críptico médico barbado — Wde onde tinha vindo e o que os habitantes de Pawtuxet sabiam a seu respeito, e se possível o paradeiro de então. Depois de entregar aos investigadores uma das chaves da casa em Pawtuxet que Charles lhe havia confiado, o patriarca Ward pediu que examinassem os aposentos vazios de Allen, identificados durante o transporte dos artigos pertencentes ao jovem paciente, a fim de averiguar a existência de pistas entre os artigos pessoais que pudesse ter deixado para trás. O sr. Ward conversou com os detetives na antiga biblioteca do filho, e todos sentiram uma profunda sensação de alívio ao deixarem o cômodo, que parecia envolto em uma vaga aura de malignidade. Talvez já tivessem ouvido boatos a respeito do infame feiticeiro cujo retrato outrora havia fitado de um painel acima do consolo da lareira, e talvez fosse outro detalhe irrelevante qualquer; mas o fato é que todos pressentiram o miasma intangível que se concentrava nos resquícios entalhados daquela habitação de outrora e que por vezes quase ganhava a intensidade de uma emanação material.

V – Um pesadelo e um cataclismo

1.

Logo a seguir, precipitaram-se os medonhos eventos que deixaram a indelével marca do medo na alma de Marinus Bicknell Willett, e que acrescentaram uma década à idade aparente de outro, cuja juventude encontrava-se ainda mais longe. O dr. Willett teve um longo colóquio com o sr. Ward, e chegou a um acordo relativo a vários aspectos que, na opinião de ambos, seriam ridicularizados pelos psiquiatras. Em primeiro lugar, reconheceram a existência de um terrível movimento em ação no mundo, cuja relação direta com uma necromancia ainda mais antiga do que a bruxaria de Salem estava além de qualquer dúvida. Que pelo menos dois homens — e também um terceiro em quem não se atreviam a pensar — tinham a posse absoluta de intelectos ou de personalidades que haviam existido desde 1690 ou antes era um fato para o qual havia provas incontestáveis mesmo em vista de todas as leis naturais conhecidas. O que essas criaturas horrendas — e também Charles Ward — estavam fazendo ou tentando fazer parecia claro o bastante em vista das correspondências e de outras descobertas antigas e recentes que haviam esclarecido diversas facetas do caso. Estavam roubando túmulos de todas as épocas, entre os quais se encontravam o lugar de repouso dos maiores e mais sábios homens que a humanidade já conheceu, na esperança de recuperar, das cinzas de outrora, os vestígios da consciência e da

sabedoria responsáveis por animá-los e informá-los em vida.

Um tráfico horrendo estava sendo conduzido por aqueles ladrões de túmulos saídos de um pesadelo, que promoviam o escambo de ossos ilustres com a fleuma de escolares que estivessem a trocar livros; e com aquilo que conseguiam extrair do pó secular esperavam obter sabedoria e poderes além de tudo o que o cosmo já viu se concentrar em um único homem ou grupo de homens. Encontraram maneiras profanas de manter os cérebros vivos, fosse no mesmo corpo ou em corpos distintos; e sem dúvida encontraram uma forma de acessar a consciência dos mortos com que se congregavam. Havia indícios de que o velho e quimérico Borellus tivesse revelado certas verdades ao escrever sobre o método de preparação dos "Sais Essenciais" que poderiam ser extraídos dos mais antigos restos mortais a fim de conjurar a sombra de coisas mortas muito tempo atrás. Havia uma forma para invocar essas sombras, e outra para esconjurá-las; e naquele momento ambas tinham sido aperfeiçoadas e podiam ser ensinadas com sucesso. Era necessário tomar cuidado com essas invocações, pois as demarcações nos túmulos antigos nem sempre estão corretas.

Willett e o sr. Ward estremeceram ao passar de uma conclusão à outra. Coisas — presenças ou vozes de natureza desconhecida — podiam ser conjuradas de lugares ignotos e também do túmulo, mas era preciso tomar muito cuidado na execução do processo. Joseph Curwen indubitavelmente tinha conjurado inúmeras coisas proscritas, e quanto a Charles — o que se poderia pensar do rapaz? Que forças de "fora das esferas" poderiam tê-lo alcançado desde a época de Joseph Curwen para voltar seus pensamentos em direção a coisas esquecidas? Fora levado a encontrar certas instruções, e então a usá-las. Tinha falado com aquele terrível homem em Praga e permanecido um longo período com a criatura nas montanhas da Transilvânia. E por fim devia ter encontrado o túmulo de Joseph Curwen. A nota do jornal e aquilo que a sra. Ward ouvira à noite eram detalhes importantes demais para que não fossem percebidos. Depois havia invocado alguma coisa, que devia ter atendido ao chamado. A poderosa voz que veio das alturas na Sexta-Feira Santa e os *diferentes tons* vindos do laboratório trancado no sótão… com o que se pareciam em função da natureza profunda e cava? Não havia nesse ponto um espantoso prenúncio do temível e desconhecido dr. Allen com a voz grave e

espectral? Ah, eis o que o sr. Ward sentira com um vago horror durante a única conversa que teve com esse homem — se de fato um homem estivesse na linha!

Que consciência ou voz infernal, que sombra ou presença mórbida respondera aos ritos secretos conduzidos a portas fechadas por Charles Ward? As vozes ouvidas na contenda — "Preciso do vermelho durante três meses" — por Deus! Não tinha acontecido logo antes dos surtos de vampirismo? A profanação do antigo túmulo de Ezra Weeden e mais tarde os gritos em Pawtuxet — que mente haveria planejado a vingança e redescoberto a medonha origem de blasfêmias ancestrais? Depois vieram a casa em Pawtuxet e o forasteiro barbado e os rumores e o medo. Nem o pai nem o médico tentaram oferecer explicações para a derradeira loucura de Charles, mas ambos tinham certeza de que a mente de Joseph Curwen estava de volta à Terra para dar prosseguimento à morbidez de outrora. Seria a possessão demoníaca uma possibilidade real? Allen estava de alguma forma implicado nos acontecimentos, e os detetives precisariam obter mais informações a respeito de um homem cuja existência ameaçava a vida do jovem Ward. Nesse meio-tempo, uma vez que a existência de uma vasta cripta sob a casa em Pawtuxet parecia estar além de qualquer controvérsia, esforços seriam envidados para localizá-la. Willett e o sr. Ward, conscientes da atitude cética dos psiquiatras, resolveram em uma última conferência proceder a uma exploração sigilosa de inigualável minúcia; e assim combinaram de encontrar-se na casa pela manhã seguinte munidos de valises e de certas ferramentas necessárias às buscas arquitetônicas e à exploração subterrânea.

O dia 6 de abril raiou com uma manhã clara, e às dez horas os dois exploradores estavam em frente à casa. O sr. Ward tinha a chave, e logo a entrada e uma busca superficial foram levadas a cabo. A julgar pela desordem do quarto antes ocupado pelo dr. Allen, parecia óbvio que os detetives já haviam estado lá, e os exploradores tardios acalentaram a esperança de que pudessem encontrar uma pista que se mostrasse útil. Era evidente que a parte mais importante do trabalho a ser feito encontrava-se no porão, e assim os dois exploradores desceram sem mais delongas, refazendo o circuito que já haviam feito em vão na presença do jovem proprietário louco. Por alguns instantes tudo os deixou atônitos, pois cada centímetro do chão de terra batida e das paredes de pedra revestia-se de um aspecto tão sólido e tão

inócuo que mal era possível cogitar a ideia de uma abertura. Willett refletiu que como o porão original fora escavado sem que se soubesse da existência de uma catacumba debaixo dele, o início da passagem seria justamente a escavação recente do jovem Ward e seus sócios, à procura do antigo subterrâneo cuja existência lhes poderia ter sido revelada por meios insalubres.

O médico tentou colocar-se no lugar de Charles para entender como um explorador poderia começar, mas o método não lhe trouxe muita inspiração. Então decidiu adotar a política da eliminação, e percorreu cuidadosamente toda a superfície do porão subterrâneo no sentido vertical e horizontal, tentando averiguar cada centímetro separadamente. Logo, havia reduzido os pontos suspeitos de maneira considerável, e por fim viu-se reduzido à pequena plataforma em frente às tinas d'água, que já tinha examinado anteriormente em vão. Experimentando de todas as maneiras possíveis e exercendo força redobrada, descobriu enfim que a parte superior de fato era capaz de girar e de deslizar no plano horizontal graças a um ponto fixo na extremidade da superfície. Logo abaixo havia uma superfície de concreto com um bueiro de ferro, em direção ao qual o sr. Ward correu tomado de entusiasmo. A tampa não ofereceu resistência, e o pai havia quase terminado de removê-la quando percebeu a estranheza daquele objeto. O sr. Ward pôs-se a cambalear e começou a sentir vertigens, e a rajada de ar viciado que soprou do abismo negro foi logo identificada como causa suficiente para esses sintomas.

No instante seguinte, o dr. Willett deitou o companheiro desmaiado no chão da peça e reavivou-o com água fria. O sr. Ward não fez mais do que esboçar uma reação, mas pôde-se notar que a rajada mefítica da cripta subterrânea havia causado uma moléstia grave. Relutante em dar qualquer chance ao azar, Willett apressou-se até a Broad Street à procura de um coche e logo despachou o doente para casa, apesar dos débeis protestos a meia-voz; e então sacou do bolso uma lanterna elétrica, cobriu o nariz com uma tira de gaze estéril e desceu mais uma vez a fim de perscrutar as profundezas recém-descobertas. A intensidade do ar pestilento diminuiu, e Willett conseguiu divisar um facho de luz que descia por aquele buraco rumo ao Estige. Por cerca de três metros era uma passagem cilíndrica vertical com paredes de concreto e uma escada de ferro; e a partir de então o buraco parecia levar a uma antiga escadaria de pedra que

outrora devia ter chegado até a superfície do solo em algum ponto a sudoeste da construção atual.

2.

Willett admite que por um instante a memória das lendas a respeito do velho Curwen impediu-o de galgar sozinho a escada que descia rumo ao abismo fétido. Não conseguia tirar da cabeça o comentário que Luke Fenner havia feito na derradeira e monstruosa noite. No entanto, o dever se impunha, e assim o médico empreendeu a descida com uma grande valise para o eventual transporte de quaisquer documentos de suprema importância que viesse a encontrar. Aos poucos, como seria conveniente a um homem já entrado em anos, desceu a escada e chegou aos degraus viscosos lá embaixo. A lanterna revelou uma construção de cantaria ancestral; e nas paredes úmidas o dr. Willett percebeu uma grande quantidade de musgo secular e insalubre. Os degraus desciam cada vez mais fundo; não em espiral, mas em três curvas fechadas; e em passagens tão estreitas que dois homens teriam dificuldade para caminhar lado a lado. Willett havia contado cerca de trinta quando percebeu um som abafado; e depois não se dispôs mais a contá-los.

Era um som herético; um ultraje insidioso e cavo da Natureza que não devia sequer existir.

Descrevê-lo como um grito indistinto, como um resmungo arrastado ou como o uivo desesperado de uma carne irracional aflita e atormentada seria ignorar a quintessência monstruosa e os repugnantes harmônicos do todo. Seria aquilo o que Ward tentava escutar no dia em que foi levado para o hospital do dr. Waite? Era a coisa mais horrenda que Willett havia escutado ao longo de uma vida inteira, e continuou a emanar de um ponto desconhecido quando o médico chegou ao último degrau e projetou o facho da lanterna em

direção às elevadas paredes dos corredores colmados por abóbadas ciclópicas e varados por incontáveis arcos negros. O corredor em que se encontrava media talvez quatro metros no ponto central da abóbada e três ou quatro metros de largura. O pavimento era composto de lajes grandes e lascadas, e as paredes e o teto eram de cantaria regular. Não era possível imaginar a extensão da galeria, pois ela se estendia indefinidamente adiante rumo à escuridão. Quanto aos arcos, certos espécimes tinham portas de seis painéis, ao estilo colonial, enquanto outros não tinham nada para fechá-los.

Depois de vencer o terror infundido pelo cheiro e pelo uivo, Willett começou a explorar os arcos um a um; e mais além descobriu aposentos com abóbadas de aresta, todos de tamanho mediano e aparentemente usados para fins um tanto bizarros. A maioria tinha uma lareira, e a parte superior das chaminés teria dado um interessante estudo na ciência da engenharia. Nunca tinha visto e jamais tornaria a ver instrumentos ou sugestões de instrumentos como os que assomavam por todos os lados em meio à poeira e às teias de aranha de um século e meio, que, em muitos casos, encontravam-se destruídas como que por antigos saqueadores. Muitos dos cômodos pareciam não ter sido visitados em tempos recentes e deviam representar as primeiras e mais ultrapassadas fases das experiências de Joseph Curwen. Finalmente, apareceu um quarto obviamente moderno, ou pelo menos de ocupação recente. Havia fogareiros, prateleiras e mesas, cadeiras e gabinetes, e uma escrivaninha com enormes pilhas de papéis de variados graus de antiguidade e contemporâneos. Castiçais e lampiões espalhavam-se por vários lugares e, encontrando à mão uma caixa de fósforos, Willett acendeu todos os que estavam prontos para o uso.

Com a iluminação mais intensa, teve a impressão de que o apartamento não seria outra coisa senão o último estúdio ou a última biblioteca de Charles Ward. Quanto aos livros, o dr. Willett tinha visto uns quantos em ocasiões anteriores, e parecia evidente que boa parte da mobília tinha vindo da mansão na Prospect Street. Espalhadas aqui e acolá encontravam-se outras peças conhecidas por Willett, e a sensação de familiaridade tornou-se tão intensa que por alguns instantes o explorador chegou a esquecer a náusea e os uivos, naquele ponto ainda mais audíveis do que junto ao pé da escada. O primeiro dever, como já havia planejado, seria encontrar e resgatar papéis que

pudessem ter importância vital — e em particular os documentos aziagos que Charles tinha encontrado havia muito tempo no recôndito atrás do retrato em Olney Court. À medida que procurava, notou a grandiosidade que envolvia a investigação final; pois eram tantos os arquivos atulhados de papéis escritos em caligrafias variadas e ornados por estranhos desenhos que meses ou até mesmo anos poderiam ser necessários para uma decifração e uma edição de caráter abrangente. Em certo ponto, encontrou grandes pilhas de cartas franqueadas em Praga e em Rakus, escritas na caligrafia de Orne e de Hutchinson; e levou-as todas como parte do fardo a ser transportado na valise.

Por fim, em um gabinete de mogno trancado a chave que costumava agraciar a mansão dos Ward, Willett encontrou o conjunto dos antigos papéis de Curwen, tendo-os reconhecido em função do vislumbre relutante que Charles lhe havia permitido muito tempo atrás. O jovem sem dúvida os havia mantido na mesma disposição em que se encontravam quando da descoberta original, uma vez que todos os títulos mencionados pelos trabalhadores se encontravam lá, à exceção dos papéis endereçados a Orne e a Hutchinson e da cifra com a chave. Willett colocou o monte de papéis na valise e deu prosseguimento ao exame dos arquivos. Como a condição imediata do jovem Ward fosse o mais importante assunto naquele momento, as buscas mais aprofundadas ocorreram na porção mais recente do material; e em meio a essa abundância de manuscritos contemporâneos uma bizarria exasperante foi percebida. A bizarria consistia na pequena quantidade de material escrito na caligrafia ordinária de Charles, que a bem dizer não incluía nenhum documento escrito menos de dois meses atrás. Por outro lado, havia resmas e mais resmas de símbolos e fórmulas, apontamentos históricos e comentários filosóficos feitos com garatujas absolutamente idênticas à caligrafia ancestral de Joseph Curwen, embora sem dúvida fossem documentos contemporâneos. Estava claro que parte do programa mais recente havia incluído uma imitação minuciosa da caligrafia do velho feiticeiro, que Charles parecia ter conseguido reproduzir com um impressionante grau de perfeição. Quanto a uma terceira caligrafia que pudesse ser identificada como a de Allen não havia o menor sinal. Se de fato tivesse sido o líder, devia ter obrigado o jovem Ward a atuar como estenógrafo.

Em meio ao novo material uma fórmula mística, ou melhor, duas fórmulas reapareciam com tanta frequência que Willett o havia decorado antes mesmo que a busca tivesse chegado ao fim. Consistia em duas colunas paralelas — a da esquerda colmada pelo símbolo arcaico conhecido como “Cabeça do Dragão”, usado em almanaques para indicar um nó ascendente, e a da esquerda encimada pelo signo complementar da “Cauda do Dragão”, que assinalava o nó descendente. A aparência do todo era mais ou menos essa, e de maneira quase inconsciente o médico percebeu que a segunda metade não era nada mais do que uma repetição da primeira, com as sílabas escritas ao contrário, à exceção dos monossílabos finais e do estranho nome *Yog-Sothoth*, que tinha se acostumado a reconhecer sob as mais variadas grafias por conta de outras coisas vistas em função desse terrível assunto. As fórmulas eram como se pode ver a seguir — e *exatamente* assim, segundo Willett pôde confirmar em mais de uma ocasião —, e a primeira fez soar uma perturbadora nota de memória latente no cérebro do médico, conforme admitiu mais tarde ao reexaminar os acontecimentos daquela terrível Sexta-Feira Santa do ano anterior.

’NG’NGAH,

YO-SOTHOTH H’EE — L' GEB F'AF’AI THRODOG *UAAAH*

OGTHROD AI’F
GEB’L — EE’H *YOG-SOTHOTH ’NGAH’NG AI’Y ZHRO*

Tão assombrosas eram as fórmulas, e com tanta frequência surgiam nos documentos, que sem nem ao menos perceber o dr. Willett começou a repeti-las sozinho a meia-voz. No fim, porém, sentiu que se havia apossado de todos os papéis dos quais por ora conseguiria obter alguma vantagem; e assim resolveu parar de examiná-los até que pudesse convencer todos os psiquiatras céticos a conduzir uma busca mais ampla e mais sistemática. Ainda teria de encontrar o laboratório oculto, e assim, deixando a valise no aposento iluminado, retornou ao negro e nauseante corredor cuja abóbada

ecoava sem parar o indistinto e horrendo resmungo.

Os outros cômodos que explorou se encontravam todos abandonados, ou repletos de caixas decrépitas e aziagos caixões de chumbo; porém mesmo assim o impressionaram com a magnitude das operações conduzidas por Joseph Curwen. Pensou nos escravos e marinheiros que haviam desaparecido, nos túmulos profanados ao redor do mundo e na visão com que o último grupo encarregado da invasão devia ter deparado; e então decidiu que era melhor não pensar mais. Outrora uma grande escadaria de pedra havia se erguido à direita, e Willett deduziu que devia ter chegado até uma das construções externas no pátio de Curwen — talvez o famoso edifício de pedra com frestas elevadas à guisa de janelas — caso os degraus por onde havia descido tivessem origem na casa com o telhado de duas águas. De repente as paredes deram a impressão de ter desabado mais à frente, e o fedor e os uivos tornaram-se mais intensos. Willett percebeu que tinha chegado a um vasto espaço aberto, tão amplo que o facho da lanterna não chegava à outra extremidade; e, à medida que avançava, encontrou as robustas pilastras que sustentavam os arcos da abóbada.

Depois de algum tempo, chegou a um círculo de pilares agrupados como os monólitos de Stonehenge e um imenso altar esculpido sobre uma base de três degraus no centro; as esculturas daquele altar eram tão curiosas que ele se aproximou para examiná-las com a lanterna, mas, quando viu o que representavam, recuou estremecendo e não parou para investigar as marcas escuras que borravam a superfície superior e haviam se espalhado pelos lados em filetes aqui e ali. Mas, quando percebeu o que representavam, o médico se afastou tremendo e não se deteve para investigar as manchas escuras que haviam tingido as bordas e se espalhado pelas laterais em linhas finas. A seguir, encontrou a parede mais distante e traçou-a da maneira como se estendia em um gigantesco círculo perfurado por eventuais portas negras e marcado por uma miríade de celas rasas guarnecidas com grades de ferro e grilhões para tornozelos e punhos que se prendiam à cantaria logo atrás. As celas encontravam-se vazias, porém mesmo assim o terrível odor e os gemidos desolados continuaram, mais insistentes do que nunca, e às vezes interrompidos por uma espécie de baque viscoso.

3.

O pavoroso cheiro e o assombroso barulho não puderam mais ser ignorados pelo dr. Willett. Ambos eram mais intensos e mais terríveis no grande salão com pilastras do que em qualquer outro lugar, e davam a vaga impressão de uma profundidade extrema, mesmo naquele mundo negro de mistério subterrâneo. Antes de se aventurar pelos degraus além dos arcos negros que continuavam a descer, o médico apontou o facho de luz para as pedras no chão, pavimentado de maneira um tanto solta, e percebeu que a intervalos irregulares havia lajes curiosamente transfixadas por minúsculos furos sem nenhuma disposição particular, ao passo que em determinado ponto havia uma longa escada atirada de qualquer jeito. Dessa escada, por mais estranho que fosse, parecia emanar boa parte do horrendo fedor que envolvia a tudo. Enquanto caminhava lentamente naquela direção, Willett percebeu que tanto o barulho como o odor pareciam mais fortes acima das estranhas lajes perfuradas, como se fossem alçapões rústicos que talvez conduzissem a regiões de horror ainda mais profundas. Ajoelhado junto a uma dessas lajes, Willett descobriu que poderia manuseá-la, embora com extrema dificuldade. A um mero toque os gemidos que vinham de baixo deram a impressão de se tornar mais intensos, e foi apenas com grande trepidação que conseguiu perseverar na tentativa de erguer a ponderosa laje. No mesmo instante um fedor inefável ergueu-se das profundezas, e o médico sentiu vertigens enquanto largava a laje e apontava a lanterna para aquele metro quadrado exposto de negrura hiante.

Se esperava um lance de escada conduzindo a algum imenso abismo de abominação total, Willett estava destinado a se desapontar, pois entre o fedor e os gemidos entrecortados enxergou apenas o topo revestido de tijolos de um poço cilíndrico de aproximadamente um metro e meio de diâmetro, sem qualquer escada ou outros meios para a descida. Enquanto a luz iluminava lá em baixo, os gemidos se

tornaram de repente uma série de uivos horríveis junto com os quais vinha de novo aquele ruído de movimentos desordenados e inúteis e surdos baques e escorregões. O explorador tremeu, avesso a sequer imaginar que coisa insalubre poderia estar à espreita naquele abismo, mas passado um instante reuniu a coragem necessária para espiar além da rústica mureta, deitando-se no chão e segurando a tocha dentro do buraco com o braço estendido para ver o que poderia estar oculto lá embaixo. Por um segundo não conseguiu distinguir nada além das viscosas paredes de tijolo cobertas de musgo que se estendiam infinitamente rumo ao miasma quase tangível de trevas e fedores e frenesi desesperado; e então percebeu que um vulto escuro saltava com gestos canhestros e frenéticos de um lado para o outro no fundo do estreito túnel, que devia localizar-se a cerca de seis ou sete metros abaixo do chão de pedra onde se encontrava. A lanterna tremeu em sua mão, mas o explorador tornou a olhar para ver que espécie de criatura poderia estar confinada na escuridão daquele poço sobrenatural, faminta e abandonada pelo jovem Ward durante todo o longo mês que se havia passado desde a internação, embora fosse apenas um espécime do vasto número aprisionado nos poços similares cujas tampas de cantaria perfurada espalhavam-se pelo enorme chão da grande caverna abobadada. O que quer que fossem aquelas coisas, não conseguiam se deitar no espaço exíguo, e deviam ter se postado de cócoras e ganido e esperado e saltado em vão durante todas aquelas horrendas semanas passadas desde que o dono as havia consignado ao esquecimento.

Porém, Marinus Bicknell Willett lamentou ter olhado mais uma vez; pois, embora fosse um veterano da mesa de dissecação, nunca mais foi o mesmo desde então. Seria difícil explicar como uma única visão de um objeto tangível com dimensões mensuráveis poderia abalar e transformar um homem daquela forma; e podemos dizer apenas que certas entidades e silhuetas revestem-se de um poder sugestivo e simbólico que age de maneira terrível sobre a perspectiva de um pensador sensível e sussurra insinuações horrendas a respeito de relações cósmicas e realidades inomináveis por trás das ilusões protetoras de nossa visão corriqueira. Naquele segundo, Willett viu a silhueta de uma dessas entidades, pois durante os instantes a seguir estava tão louco quanto os pacientes do hospital particular do dr. Waite. Deixou a lanterna cair da mão privada de força muscular e de

coordenação nervosa sem nem ao menos ouvir o som dos dentes que rangeram anunciando o destino do artefato no fundo do poço.

Então gritou e gritou e gritou com uma voz cujo pânico em falsete não poderia ser identificado por nenhum amigo ou conhecido; e, embora não conseguisse postar-se de pé, arrastou-se e rolou em desespero pelo pavimento úmido por onde dezenas de poços tartáreos davam vazão a resmungos e latidos exaustos em resposta a esses gritos insanos. Cortou as mãos nas pedras ásperas e soltas, e por muitas vezes bateu a cabeça nas pilastras, mas conseguiu prosseguir mesmo assim. Por fim voltou a si na mais absoluta escuridão em meio ao fedor insuportável e tapou os ouvidos para não ouvir o uivo insistente a que a explosão de latidos havia se reduzido. Estava encharcado de suor e privado dos meios necessários para obter luz; e apavorado e aflito em meio à escuridão e ao horror abismal, e oprimido por uma lembrança que jamais poderia obliterar. Mais abaixo, inúmeras daquelas coisas seguiam vivas, e a tampa de um duto fora removida. Willett sabia que a coisa vislumbrada jamais poderia escalar as paredes viscosas, porém mesmo assim estremeceu ao pensar que talvez existissem apoios para os pés ocultos pela escuridão.

O que era essa coisa o médico jamais viria a dizer. Assemelhava-se a certos entalhes presentes no altar demoníaco, mas estava vivo. A Natureza jamais havia concebido a criatura daquela maneira, pois era evidente que estava *incompleta*. Apresentava deficiências dos mais variados tipos, e as anomalias nas proporções não poderiam ser descritas. Willett limitou-se a dizer que coisas como aquela deviam representar entidades que Ward invocara a partir de *sais imperfeitos*, e que as mantivera para fins servis ou ritualísticos. Se não tivessem importância, não teriam a imagem gravada na pedra maldita. A criatura não era a pior coisa representada na pedra — mas Willett não abriu mais nenhum fosso. Naquele momento, a primeira ideia coerente que lhe ocorreu foi um parágrafo retirado de certos documentos antigos de Curwen que havia examinado muito tempo atrás; uma frase usada por Simon ou Jedediah Orne na agourenta missiva confiscada que tinha por destinatário o feiticeiro de outrora: "Com certeza, não havia senão o mais vivo horror naquilo que H. evocou daquilo que havia conseguido apenas em parte".

Então, de maneira a prover um horrível suplemento e não um deslocamento da imagem, acudiu- lhe a lembrança dos ancestrais e

duradouros rumores acerca da coisa queimada e retorcida encontrada nos campos uma semana após a invasão da casa de Curwen. Charles Ward certa vez havia contado ao dr. Willett o que o velho Slocum dissera sobre aquele objeto — que não era nem totalmente humano, nem totalmente relacionado a qualquer outro animal que as pessoas de Pawtuxet tivessem visto ou lido a respeito.

As palavras ressoaram na cabeça do médico enquanto balançava de um lado para o outro, agachado no chão de pedra recoberto por salitre. Tentou afastá-las e rezou um Pai-Nosso a meia-voz; e, passado algum tempo, perdeu-se em uma mixórdia mnemônica como a *Terra devastada* do modernista T.S. Eliot, e por fim reverteu à fórmula dúplice que havia encontrado inúmeras vezes na biblioteca subterrânea de Ward: *"Y'ai 'ng'ngah, Yog-Sothoth"*, e assim prosseguiu até o derradeiro *"Zhro"*. Aquilo pareceu acalmá-lo, e, assim, pôs-se de pé após um breve intervalo, lamentando com amargura a lanterna perdida durante o susto e olhando desesperadamente ao redor em busca de uma nesga qualquer de luz em meio ao breu e à atmosfera enregelante. Pensar seria impossível; mas apertou os olhos com o rosto voltado em todas as direções em busca de uma cintilação ou de um reflexo tênue da forte iluminação que deixara para trás na biblioteca. Passado algum tempo, percebeu a suspeita de um brilho infinitamente longínquo, e pôs-se a engatinhar naquela direção com agonizante cautela em meio ao fedor e aos uivos, sempre tateando à frente para evitar colisões com as inúmeras pilastras ou ainda uma queda no interior do abominável fosso que havia destampado.

Em dado momento, os dedos encostaram em algo que Willett imaginou ser o lance de degraus que conduzia até o altar demoníaco, quando então se encolheu tomado de repulsa. Em outro instante, encontrou a laje furada que havia removido, e nesse ponto os cuidados que tomou chegariam quase a inspirar pena. Mas no fim não se aproximou da temida abertura, e nenhuma criatura emergiu a fim de impedir-lhe o progresso. Aquilo que havia estado lá no fundo não fazia sons nem se mexia. Sem dúvida a mastigação da lanterna elétrica derrubada não fizera bem à criatura. Cada vez que os dedos de Willett tocavam em uma laje perfurada, o médico estremecia. A passagem pelos pontos às vezes provocava um aumento nos gemidos lá embaixo, mas em geral não produzia efeito nenhum, uma vez que o explorador se movia de forma quase inaudível. Inúmeras vezes durante o

progresso o brilho mais à frente sofreu uma notável diminuição de intensidade, e assim Willett percebeu que as diversas velas e lamparinas que tinha acendido deviam estar se apagando uma a uma. A ideia de acabar perdido em meio à mais absoluta escuridão sem nem ao menos um fósforo naquele mundo subterrâneo de labirintos saídos de um pesadelo levou-o a pôr-se de pé e correr — o que já podia ser feito em segurança, uma vez que o fosso aberto fora deixado para trás; pois Willett sabia que, quando a luz se extinguisse, a única esperança de resgate e de sobrevivência dependeria do envio de um grupo de buscas que o sr. Ward talvez despachasse ao perceber a ausência do médico após um período suficiente de tempo. Naquele instante, contudo, deixou o espaço aberto para trás e entrou no corredor mais estreito, e assim pôde localizar o brilho, que vinha de uma porta à direita. Imediatamente se dirigiu até lá e mais uma vez se viu na biblioteca secreta do jovem Ward, tremendo de alívio e observando o bruxulear daquela última lamparina que o havia guiado até um lugar seguro.

4.

No instante seguinte, o dr. Willett começou a encher as lamparinas vazias usando um suprimento de óleo que havia percebido durante a primeira visita ao recinto, e, quando o cômodo tornou a se iluminar, olhou ao redor para ver se encontraria uma lanterna que o ajudasse a levar a exploração adiante. Embora estivesse atormentado pelo horror, a convicção implacável ainda era o sentimento dominante; e o médico estava decidido a não deixar nenhum detalhe passar em branco na investigação dos horrendos acontecimentos por trás da bizarra loucura de Charles Ward. Ao perceber que não havia nenhuma lanterna ao redor, decidiu levar consigo uma das lamparinas menores; e aproveitou para encher os bolsos com velas e fósforos, e também para transportar um galão de óleo, que pretendia usar em qualquer laboratório oculto que pudesse revelar-se além do terrível espaço aberto com o altar profano e os inefáveis poços cobertos. Uma nova travessia daquele espaço haveria de exigir uma demonstração de extrema fortitude, mas Willett sabia que não havia outra maneira. Por sorte, nem o terrível altar nem o fosso aberto localizavam-se próximos à parede repleta de celas que circundava toda a área da caverna e cujos negros e misteriosos arcos formavam o objetivo seguinte de uma exploração lógica.

Assim, Willett voltou para o grande saguão cheio de pilares, em meio ao fedor e aos uivos angustiantes, baixou a chama dos lampiões para evitar qualquer vislumbre longínquo do altar infernal ou do poço descoberto com a laje de pedra perfurada virada ao seu lado. A maioria das passagens levava apenas a pequenos cômodos, alguns vazios, outros evidentemente usados como depósitos e, em vários

destes, viu curiosas pilhas de objetos diversos. Um estava repleto de trouxas de roupas podres e cobertas de pó e o explorador estremeceu ao se dar conta de que se tratava inconfundivelmente de vestimentas de um século e meio antes. Em outro cômodo, encontrou numerosas peças de vestuário moderno, como se aos poucos estivessem sendo feitas provisões para equipar um vasto contingente de homens. Mas o que mais o desagradou foram as enormes bacias de cobre espalhadas aqui e ali; estas e as sinistras incrustações que havia sobre elas. Desagradaram-lhe ainda mais que as tigelas de chumbo com figuras fantasmagóricas, cujos restos continham depósitos tão asquerosos e em torno das quais pairavam os repelentes odores perceptíveis mesmo sobre o fedor geral da cripta. Quando completou quase metade da circunferência da parede, descobriu outro corredor como aquele do qual viera, em que se abriam várias portas. Resolveu, então, investigá-las; e, depois de adentrar três aposentos de tamanho médio sem nenhum conteúdo notável, chegou a um amplo cômodo oblongo cujo aspecto profissional com tanques e mesas, fornalhas e instrumentos modernos, alguns poucos livros e incontáveis prateleiras repletas de vidros e potes revelava-o como sendo enfim o tão procurado laboratório de Charles Ward — e, em tempos mais antigos, sem dúvida de Joseph Curwen.

Depois de acender as três lamparinas que havia encontrado e tinha de prontidão, o dr. Willett examinou o lugar e todos os apetrechos que continha tomado pelo mais vivo interesse, notando a partir da quantidade dos vários reagentes nas prateleiras que a preocupação dominante do jovem Ward devia ter se concentrado em uma ramificação da química orgânica. No geral, não era possível apreender muita coisa a partir do equipamento científico, que incluía uma mesa de dissecação de aspecto medonho; e por esse motivo o aposento foi uma decepção e tanto. Em meio aos livros havia um antigo exemplar em frangalhos de autoria de Borellus, impresso em letras góticas — e era interessante notar que Ward havia sublinhado a mesma passagem que tanto perturbara o bom dr. Merritt na fazenda de Curwen mais de um século e meio atrás. O exemplar mais antigo, é claro, devia ter perecido junto com o restante da biblioteca ocultista de Curwen na invasão final. Três arcos se abriam a partir do laboratório, e assim o doutor pôs-se a explorá-los um a um. A partir de um exame sumário, pôde ver que dois simplesmente levavam a

pequenos depósitos; mesmo assim, investigou-os minuciosamente, notando as pilhas de caixões nos mais diversos estágios de decomposição e estremecendo ante as duas ou três placas que conseguiu decifrar.

Também naqueles aposentos encontrou um grande número de peças de vestuário, bem como várias caixas de aparência recente fechadas com pregos que não se deteve para examinar. Mas, talvez, o mais interessante de tudo fossem os estranhos detalhes que imaginou serem fragmentos do laboratório do velho Joseph Curwen. Estes haviam sofrido danos nas mãos dos invasores, mas ainda formavam uma parte reconhecível da parafernália química que remontava ao período georgiano.

O terceiro arco levava a uma câmara de tamanho considerável totalmente forrada de prateleiras e com uma mesa e duas lamparinas no centro. Willett acendeu as lamparinas e no brilho intenso pôs-se a estudar as intermináveis prateleiras que o cercavam. Alguns dos níveis superiores estavam vazios, porém a maior parte do espaço se encontrava repleta de estranhos recipientes de chumbo pertencentes a dois tipos; o primeiro sem nenhum pegador, como um *lekythos* ou vaso de azeite grego, e o outro com um único pegador e de formato semelhante a um jarro de Falero. Todos dispunham de uma tampa de metal e se encontravam cobertos por símbolos de aspecto peculiar moldados em baixo-relevo. Em um instante, o médico percebeu que aqueles jarros estavam classificados de acordo com um rígido princípio; todos os *lekythoi* encontravam-se em um único lado da sala, guarnecido com uma placa de madeira onde se lia “Custodes” logo acima, e todos os jarros de Falero no outro, identificados da mesma forma com uma placa onde se lia “Matéria”. Cada um dos vasos ou jarros, a não ser por certos espécimes avulsos nas prateleiras que estavam vazias, trazia uma etiqueta de papelão com um número que provavelmente se referia a um catálogo; e assim Willett decidiu procurar esse registro. Naquele momento, contudo, estava mais interessado na natureza daquela coleção como um todo; e, à guisa de experimento, abriu diversos *lekythoi* e jarros de Falero ao acaso a fim de obter uma ideia geral acerca do todo. O resultado era sempre o mesmo. Os dois tipos de jarro continham apenas pequena quantidade de um único tipo de substância — um fino pó de peso quase desprezível composto por diversos matizes de uma cor neutra.

Quanto às cores que formavam a única instância de variação, não havia método evidente na maneira como estavam dispostas; e tampouco uma distinção entre o que se encontrava nos *lekythoi* e o que se encontrava nos jarros de Falero. Um pó cinza-azulado podia estar ao lado de um branco-rosado, e qualquer substância em um jarro de Falero podia ter uma contraparte exata em um *lekythos.* A característica mais notável dos pós era a inaderência. Willett derramava um punhado na palma da mão e, ao devolver o pó ao jarro, percebia que nenhum resíduo permanecia grudado à pele.

O significado das placas intrigou-o, e então se perguntou por que aquela bateria de produtos químicos estaria separada de maneira tão radical dos potes de vidro que se encontravam nas prateleiras do laboratório em si. "Custodes" e "Matéria" eram as palavras latinas para "Guardas" e "Materiais", respectivamente — e logo um clarão da memória fez com que o dr. Willett se recordasse onde tinha visto a palavra "Guardas" no contexto daquele terrível mistério. Tinha sido, é claro, na recente carta endereçada ao dr. Allen, supostamente pelo velho Edward Hutchinson; e a frase dizia: "Não havia necessidade de manter os guardas em forma e comendo-lhes as cabeças, posto que isso daria um bocado de assunto se porventura surgissem problemas, como bem sabeis". O que significaria essa frase? Mas espere — não havia ainda *outra* referência a "guardas" que não havia sequer lhe ocorrido durante a leitura da carta enviada por Hutchinson? No período anterior ao sigilo, Ward lhe dissera que o diário de Eleazar Smith registrava a espionagem conduzida por Smith e Weeden na fazenda de Curwen, e que nessa pavorosa crônica havia menções a conversas ouvidas antes que o velho feiticeiro desaparecesse de uma vez por todas sob a terra. Smith e Weeden insistiam em dizer que haviam escutado terríveis colóquios entre Curwen, certos prisioneiros e *os guardas desses prisioneiros.* Esses guardas, de acordo com Hutchinson ou com seu avatar, haviam lhes "comido as cabeças", e assim o dr. Allen não os manteve *em forma.* E se não estavam *em forma*, como poderiam estar, senão como os "sais" a que o bando de feiticeiros parecia estar decidido a reduzir o maior número possível de corpos ou de esqueletos humanos?

Seria *esse*, portanto, o conteúdo dos *lekythoi* — o monstruoso fruto de ritos e atos heréticos, possivelmente convertido ou coagido à submissão a fim de, quando chamado por meio de um encantamento

demoníaco, ajudar a defender o blasfemo mestre ou a interrogar os recalcitrantes? Willett estremeceu ao pensar no que havia derramado sobre as próprias mãos, e por um instante foi dominado pelo impulso de fugir em pânico daquela caverna repleta de prateleiras horrendas com guardiões silenciosos e talvez vigilantes. Então pensou na "Matéria" — na miríade de jarros de Falero que ocupavam o lado oposto do recinto. Sais, também — mas, se não os sais dos "guardas", então sais do quê? Meu Deus! Seria possível que lá estivessem as relíquias mortais de metade dos pensadores titânicos de todas as épocas, retirados por ladrões de sepulturas das criptas onde o mundo os tinha imaginado seguros e à mercê de loucos que buscavam extrair-lhes conhecimento a fim de cumprir um desígnio ainda mais ambicioso cujo resultado último diria respeito, como o pobre Charles havia insinuado no bilhete frenético, a "todas as civilizações, todas as leis naturais e talvez até mesmo o destino do sistema solar e do universo como um todo"? E Marinus Bicknell Willett havia deixado o pó desses homens correr por entre os dedos!

No momento seguinte, percebeu uma diminuta porta no lado oposto do recinto e acalmou-se o suficiente para se aproximar e examinar o rústico símbolo entalhado logo acima. Era apenas um símbolo, e, no entanto, instilou-lhe um vago pavor espiritual; pois um amigo mórbido e sonhador certa vez o havia traçado em uma folha de papel e discorrido sobre os significados que adquire nos negros abismos do sono. Era o símbolo de Koth, que os sonhadores veem afixado logo acima da arcada de uma certa torre negra que se ergue solitária em meio ao crepúsculo — e Willett não gostou nem um pouco do que o amigo Randolph Carter tinha dito acerca dos poderes que encerrava. Mesmo assim, um instante mais tarde esqueceu-se do símbolo ao reconhecer um novo odor acre na atmosfera pestilenta. Era um cheiro químico, e não animal, que sem dúvida tinha origem no cômodo do outro lado da porta. E era sem dúvida o mesmo odor que havia saturado as roupas de Charles Ward no dia em que os médicos o levaram embora. Então era aquele o lugar em que o jovem fora interrompido pelo derradeiro chamado? Nesse caso, Ward seria mais sábio do que Curwen, pois não havia resistido. Willett, determinado a penetrar todos os portentos e pesadelos que aquele reino subterrâneo pudesse encerrar, apanhou a pequena lamparina e atravessou o umbral. Uma onda de pavor inefável veio a seu encontro, mas o

explorador não cedeu a nenhum devaneio e aferrou-se à intuição. Não havia nenhuma criatura viva capaz de fazer-lhe mal naquele lugar, e tampouco se permitiria hesitar na investigação da nuvem quimérica que envolvera o paciente.

O cômodo além da porta possuía dimensões medianas, e não tinha nenhum móvel além de uma mesa, uma única cadeira e dois grupos de curiosas máquinas com rodas e presilhas, que, passados alguns instantes, Willett reconheceu como instrumentos medievais de tortura. Ao lado da porta havia um suporte com diversos azorragues de aparência brutal, acima dos quais se encontravam prateleiras com fileiras vazias de copas em chumbo no formato de cílices gregos. No outro lado estava a mesa, com uma poderosa lâmpada de Argand, um bloco de anotações acompanhado de um lápis e dois *lekythoi* tampados trazidos das prateleiras no outro cômodo e largados a espaços irregulares, como que de maneira provisória ou precipitada. Willett acendeu a lâmpada e examinou minuciosamente o bloco para ver que notas o jovem Ward poderia haver tomado quando foi interrompido, mas não encontrou nada mais compreensível do que os seguintes fragmentos desconexos escritos com as garatujas de Curwen, que não ajudavam a esclarecer nenhum aspecto do caso tomado como um todo:

> "B. não feito. Fugiu dentro das paredes e encontrou lugar lá em baixo." "Vi o velho V. dizer o Sabaoth e aprendi o caminho." "Evoquei três vezes Yog-Sabaoth e no dia seguinte fui libertado." "F. tentou apagar todo conhecimento para evocar os de fora."

Quando o forte brilho da lâmpada de Argand iluminou o cômodo por completo, o médico viu que a parede defronte à porta, entre os dois grupos de instrumentos de tortura dispostos nos cantos, tinha ganchos de onde pendiam mantos informes de um branco-amarelado um tanto lúgubre. Porém ainda mais interessantes eram as duas paredes vazias, cobertas por símbolos e fórmulas místicas entalhadas de maneira rústica na cantaria regular. O assoalho úmido também ostentava marcas de entalhaduras; e Willett não teve dificuldade para decifrar um enorme pentagrama no centro, com um círculo branco de cerca de um metro de diâmetro a meio caminho entre o símbolo

místico e cada um dos cantos. Em um desses quatro círculos, próximo ao lugar onde um manto amarelado fora atirado de qualquer jeito ao chão, repousava um cílice raso como aqueles que se encontravam acima do suporte para os azorragues; e logo além da periferia encontrava-se um dos jarros de Falero retirados das prateleiras no outro recinto, que trazia na etiqueta o número 118. Esse jarro não se encontrava tampado, e um rápido exame revelou que estava vazio; porém o médico estremeceu ao ver que o cílice não estava. Naquela área rasa, preservada pela ausência de vento naquela caverna erma, havia uma pequena quantidade de um pó de coloração verde-fluorescente que devia anteriormente estar contido no jarro; e Willett quase sentiu vertigens ao perceber as implicações que se impuseram assim que aos poucos começou a estabelecer relações entre os vários elementos e antecedentes da cena. Os azorragues e os instrumentos de tortura, o pó ou os sais no jarro de "Matéria", os dois *lekythoi* da prateleira marcada como "Custodes", os mantos, as fórmulas nas paredes, as anotações no bloco, as insinuações de cartas e lendas e os milhares de vislumbres, dúvidas e suposições que atormentavam os amigos e os pais de Charles — a soma desses elementos atingiu o dr. Willett como uma onda de terror quando olhou em direção ao pó esverdeado que se espalhava pelo cílice de chumbo deixado no chão.

Com um esforço da vontade, no entanto, Willett se recompôs e começou a estudar as fórmulas entalhadas nas paredes. A dizer pelas letras manchadas e com diversas incrustações, parecia evidente que remontassem à época de Joseph Curwen, e o texto apresentava uma vaga familiaridade para alguém que tivesse lido o farto material a respeito de Curwen ou estudado a fundo a história da magia. Uma fórmula foi reconhecida por Willett como sendo aquela que a sra. Ward ouvira o filho entoar naquela agourenta Sexta-Feira Santa de um ano atrás, que, segundo um especialista, consistia em uma terrível invocação a deuses proscritos que se encontravam além das esferas normais do ser. Não estava soletrada exatamente como a sra. Ward a havia registrado de memória, tampouco como o especialista lhe havia mostrado no volume proscrito de "Éliphas Lévi"; mas a identidade era inconfundível, e palavras como *Sabaoth, Metraton, Almousin* e *Zariatnatmik* fizeram com que um arrepio de pavor varasse o corpo do homem que tinha visto e sentido de muito perto a abominação cósmica à espreita.

As palavras encontravam-se no lado esquerdo de quem entrava no recinto. O lado direito apresentava uma quantidade similar de inscrições, e Willett teve um sobressalto ao reconhecer um par de fórmulas que ocorriam com grande frequência nas recentes notas encontradas na biblioteca. Em termos gerais, eram idênticas, e ostentavam os símbolos ancestrais da “Cabeça do Dragão” e da “Cauda do Dragão” no alto da página, que a seguir dava lugar à caligrafia de Ward. Entretanto, a grafia variava bastante em relação às versões modernas, como se o velho Curwen usasse um método diferente para registrar os sons, ou como se um estudo mais aprofundado tivesse encontrado variantes mais perfeitas e mais poderosas das invocações em questão. O médico tentou conciliar a versão entalhada àquela que insistia em martelar-lhe os pensamentos, porém encontrou dificuldades. No ponto em que a fórmula memorizada dizia *“Y’ai ’ng ’ngah, Yog-Sothoth”*, a epígrafe trazia *“Aye, engengag, Yogge-Sothotha”*, o que dava a impressão de causar uma séria interferência à silabificação da segunda palavra.

Em função da intensidade com que o texto mais recente havia se impregnado nos pensamentos do explorador, a discrepância o perturbou; e logo se viu entoando a primeira das fórmulas em voz alta em uma tentativa de conciliar o som que havia concebido às letras entalhadas que havia encontrado. Estranha e ameaçadora soou-lhe a própria voz naquele abismo de blasfêmia ancestral, com trenos que seguiam o ritmo de uma litania insistente devido a um feitiço antigo e ignoto ou devido ao exemplo infernal dos uivos abafados e heréticos que se erguiam dos fossos onde distantes cadências rítmicas e inumanas se erguiam e se atenuavam em meio ao fedor e às trevas.

“Y’AI ’NG’NGAH, *YOG-SOTHOTH* H’EE -L’GEB F’AI THRODOG

UAAAH!”

Mas o que seria o vento gélido que de repente havia soprado logo nas primeiras sílabas do cântico? As tristes lamparinas bruxuleavam, e a escuridão se adensou de tal maneira que as letras na parede quase desapareceram em meio às trevas. Havia também fumaça, e um odor acre que abafou quase por completo o fedor dos poços distantes; um

odor como o que havia surgido antes, porém infinitamente mais forte e mais pungente. Então o dr. Willett desviou o olhar das inscrições para virar-se em direção à câmara repleta de itens bizarros e notou que o cílice no chão, no qual o agourento pó fosforescente se encontrava, havia começado a emanar uma densa nuvem de vapor preto-esverdeado com volume e opacidade surpreendentes. Aquele pó — Meu Deus! — Aquilo havia saído da estante de "Matéria" — mas o que estaria fazendo naquele instante, e o que teria desencadeado o processo? A fórmula que havia entoado — a primeira do par — a Cabeça do Dragão, *nó ascendente* — Pai do Céu, seria possível…?

Willett viu-se tomado por vertigens, e por seus pensamentos correram fragmentos desconexos de tudo o que tinha visto, ouvido e lido a respeito do pavoroso caso de Joseph Curwen e de Charles Dexter Ward. "Digo-lhe novamente, não evoque ninguém que não possa mandar de volta… Tenha as palavras prontas todas as vezes para mandar de volta e não se detenha para ter certeza quando houver alguma dúvida de quem o senhor tem… Três conversas com Aquilo que estava inumado…" *Por misericórdia, o que era o vulto por trás da fumaça que se descortinava?*

5.

Marinus Bicknell Willett não tinha a menor esperança de que as diferentes partes da história fossem receber o crédito de outros que não os amigos mais próximos, e por esse motivo não chegou sequer a contá-la fora do círculo mais íntimo em que transitava. Apenas um reduzido número de pessoas de fora tomou conhecimento do relato, e a maioria destas simplesmente riu e afirmou que o médico sem dúvida estava começando a sentir o peso da idade. Aconselharam-no a tirar longas férias e a evitar toda sorte de envolvimento futuro em casos de perturbação mental. Mas o patriarca Ward sabe que o médico veterano não fez mais do que revelar uma verdade horrenda. Não tinha visto com os próprios olhos a abertura insalubre no porão da casa em Pawtuxet? Willett não o havia deixado em casa, vencido e doente, às onze horas daquela agourenta manhã? Não havia telefonado ao médico em vão ao entardecer, e mais uma vez no dia seguinte, e não se dirigira mais uma vez à casa em Pawtuxet na tarde subsequente, apenas para encontrar o amigo desacordado em uma das camas no andar de cima? Willett respirava em arquejos, mas abriu os olhos devagar quando o sr. Ward ofereceu-lhe um gole do uísque que tinha no carro. Então estremeceu e gritou, *"Aquela barba... aqueles olhos... Meu Deus, quem é você?"*. Era um comentário um tanto estranho a se fazer para um cavalheiro elegante, bem-escanhoado e de olhos azuis que havia conhecido desde a meninice.

Na luz forte do meio-dia, a casa permanecia inalterada desde a manhã anterior. As roupas de Willett não traziam nenhum sinal de desalinho a não ser por certas manchas e um certo desgaste nos joelhos, e apenas um discreto odor acre lembraria o sr. Ward do cheiro

que exalara do filho no dia em que o levaram para o hospital. A lanterna do médico havia se perdido, mas a valise estava segura, e vazia como a trouxera. Antes de oferecer qualquer explicação, e obviamente com um grande esforço moral, Willett cambaleou tomado por vertigens até o porão e tentou abrir a fatídica plataforma defronte às tinas. O objeto não se moveu. Depois de ir até o ponto em que deixara a bolsa de ferramentas no dia anterior, sacou um formão e começou a forçar as resistentes tábuas uma a uma. Por baixo o concreto liso ainda era visível, mas quanto a qualquer abertura ou perfuração não restava nenhum traço. Nenhuma passagem se abriu naquele momento para nausear o pai estupefato que tinha descido o lance de escadas em companhia do médico; havia apenas o concreto liso por baixo das tábuas — nenhum poço insalubre, nenhum horror subterrâneo, nenhuma biblioteca secreta, nenhum papel de Curwen, nenhum fosso saído de um pesadelo de uivos e fedores, nenhum laboratório com prateleiras e fórmulas entalhadas… O dr. Willett empalideceu e agarrou-se ao homem mais jovem. “Ontem”, perguntou a meia-voz, “você também viu aqui… você também sentiu o cheiro?” E quando o sr. Ward, transfixado pelo horror e pelo espanto, reuniu forças para fazer um gesto afirmativo com a cabeça, o médico soltou um suspiro engasgado e respondeu-lhe com um gesto idêntico. “Então vou contar tudo”, disse.

E assim, durante uma hora no recinto mais ensolarado que puderam encontrar no andar de cima, o médico sussurrou o terrível relato ao pai estupefato. Não havia nada a relatar além do vulto que surgiu quando o vapor preto-esverdeado que saiu do cílice descortinou-se, e Willett estava cansado demais para indagar sobre o que de fato teria ocorrido. Os dois homens trocaram inúteis meneios de cabeça, e em um dado momento o sr. Ward aventurou-se a perguntar a meia-voz: “Você acha que resolveria alguma coisa se cavássemos?”. O médico permaneceu em silêncio, pois não julgou adequado responder sabendo que os poderes de esferas ignotas haviam chegado a esse lado do Grande Abismo. O sr. Ward tornou a perguntar: “Para onde foi aquela coisa? Você sabe que foi aquilo que o trouxe até aqui e que de algum modo fechou o acesso”. E mais uma vez Willett respondeu com o silêncio.

Mesmo assim, a história estava longe do fim. Quando estendeu a mão a fim de pegar o lenço antes de se levantar e partir, o dr. Willett

fechou os dedos ao redor de um pedaço de papel no interior do bolso que não havia estado lá anteriormente e que se fez acompanhar pelas velas e fósforos que havia encontrado nas galerias desaparecidas. Era uma folha comum, sem dúvida arrancada do bloco que se encontrava naquele fabuloso recinto de horror nas galerias subterrâneas, e a caligrafia sobre o papel era a de um lápis de grafite ordinário — com certeza o instrumento que se encontrava ao lado do bloco. A folha estava dobrada sem nenhum cuidado, e à exceção do discreto cheiro acre das câmaras crípticas não trazia nenhuma marca ou sugestão de qualquer outro mundo que não o nosso. Do texto, contudo, trescalavam portentos; pois não se tratava de uma caligrafia da época contemporânea, mas dos traços rebuscados das trevas medievais, legíveis somente a duras penas aos olhos dos leigos que naquele instante se debruçaram sobre o papel, que, no entanto, ostentava símbolos vagamente familiares. Eis a mensagem rabiscada às pressas — e o mistério instilou convicção na dupla de investigadores abalados, que sem mais delongas foram até o carro do sr. Ward e ordenaram ao motorista que passasse em um restaurante silencioso e depois os levasse até a John Hay Library na colina.

Corvinus necandus est.
Cadaver aq(ua) forti dissolvendum
nec aliq(ui)d retinendum.
Tace ut potes.

Na biblioteca não foi difícil encontrar bons manuais de paleografia, e os homens deixaram-se intrigar por esses volumes até que as luzes do anoitecer se refletissem no enorme lustre. No fim encontraram o que tanto haviam procurado. As letras não eram nenhuma invenção fantástica, mas apenas a caligrafia ordinária de um período obscuro ao extremo. Eram as minúsculas saxônicas do século VIII ou IX, e traziam consigo memórias de uma época de barbárie em que, sob o novo lustre do cristianismo, religiões antigas e ritos ancestrais moviam-se às furtadelas enquanto a lua pálida da Bretanha por vezes contemplava as estranhas cerimônias nas ruínas romanas de Caerleon e de Hexham, e também junto às torres da muralha decrépita de Adriano. As palavras eram vazadas no latim que se podia esperar de uma época bárbara — *"Corvinus necandus est. Cadaver aq(ua) forti dissolvendum, nec aliq(ui)d retinendum. Tace ut potes"* — e podem ser

traduzidas aproximadamente como: “Curwen deve ser morto. O corpo deve ser dissolvido em água-forte, e nada deve restar. Guarde silêncio tanto quanto possível”.

Willett e o sr. Ward calaram-se, perplexos. Ao se defrontarem com o desconhecido, perceberam que não tinham emoções adequadas para reagir da maneira como haviam vagamente antecipado. No caso de Willett, em particular, a capacidade de receber novas impressões de espanto havia chegado muito próximo do limite; e os dois homens permaneceram sentados, imóveis e indefesos, até que o fechamento da biblioteca os obrigasse a ir embora. Então seguiram de carro até a mansão Ward na Prospect Street e falaram noite adentro sem chegar a nenhuma conclusão. O médico descansou perto do amanhecer, mas não foi para casa. Ainda estava na mansão quando, ao meio-dia de domingo, recebeu uma mensagem telefônica enviada pelos detetives contratados para vigiar o dr. Allen.

O sr. Ward, que estava andando com passos nervosos de um lado para o outro vestido com um roupão, atendeu pessoalmente a ligação, e solicitou aos homens que fizessem uma visita à casa na manhã seguinte ao saber que tinham um relatório quase pronto. Tanto Willett como o sr. Ward alegraram-se ao perceber que aquela fase da investigação estava tomando corpo, pois qualquer que fosse a origem da estranha mensagem em minúsculas, tudo indicava que o “Curwen” a ser destruído não podia ser outro senão o forasteiro de barba e de óculos escuros. Charles havia temido esse homem, e também havia dito no bilhete frenético que devia ser morto e dissolvido em ácido. Como se não bastasse, Allen vinha recebendo cartas de estranhos feiticeiros da Europa sob a alcunha de Curwen, e não havia dúvidas de que se considerava um avatar do necromante de outrora. E naquele instante uma nova e até então desconhecida fonte havia surgido, dizendo que “Curwen” devia ser morto e dissolvido em ácido. Os nexos pareciam demasiado coesos para que fossem engendrados; além do mais, Allen não estava planejando o assassinato do jovem Ward a pedido da criatura chamada Hutchinson? Claro, a carta talvez nunca tivesse chegado até o forasteiro barbado; mas a partir do texto foi possível determinar que Allen já tinha planos concretos para lidar com o jovem caso viesse a mostrar-se demasiado “afetado”. Sem dúvida, Allen precisava ser detido; e, mesmo que as providências mais drásticas não se fizessem necessárias, devia ser colocado em um lugar

onde não pudesse fazer mal a Charles Ward.

Naquela tarde, em uma vã esperança de arrancar informações acerca dos mais profundos mistérios da única pessoa capaz de fornecê-las, o pai e o médico dirigiram-se até a baía para visitar o jovem Charles no hospital. Com palavras simples e graves, Willett contou-lhe tudo o que havia descoberto até então e notou que o jovem empalidecia à medida que cada descrição corroborava ainda mais a certeza da descoberta. O médico usou o maior número possível de efeitos dramáticos e permaneceu atento a qualquer expressão de sofrimento no semblante de Charles quando abordou a questão dos poços cobertos e dos inomináveis seres híbridos que continham. Mas a expressão de Ward não se alterou. Willett deteve-se e passou a falar com uma voz indignada quando mencionou que as criaturas estavam passando fome.

Acusou o jovem de ter adotado um comportamento desumano, e estremeceu ao receber como resposta apenas uma risada sardônica. Charles, tendo abandonado qualquer pretensão de fingir que a cripta não existia, deu a impressão de encarar toda aquela circunstância como uma grande piada macabra, e viu-se obrigado a abafar o riso. Então sussurrou, em tons de horror redobrado em função da voz alquebrada que usou, “Que se danem! Eles *comem*, mas ele *não precisa!* Essa é a parte estranha! Um mês sem comida, o senhor disse? Ora, quanta modéstia! Aquele era o chiste que fazíamos com a santimônia do velho Whipple! Matar tudo aquilo, ele? Ah, o desgraçado ficou mouco com os rumores do Espaço Sideral e nunca viu nem ouviu coisa alguma vinda dos poços! Nunca sequer imaginou que existissem! Que o demônio vos leve — *aquelas coisas estão uivando lá embaixo desde que Curwen mordeu a terra cento e cinquenta e sete anos atrás*!”.

Mais informações Willett foi incapaz de arrancar do jovem. Horrorizado, porém quase persuadido malgrado a própria vontade, deu seguimento à própria história na esperança de que um incidente qualquer pudesse despertar o interlocutor da insana compostura adotada. Ao encarar o rosto do jovem, o médico não conseguiu evitar um vago sentimento de terror ao perceber as mudanças operadas pelos meses recentes. Em verdade o rapaz havia trazido horrores inomináveis dos céus. Quando o recinto em que se encontravam as fórmulas e o pó verde foi mencionado, Charles deu a primeira mostra de entusiasmo.

Uma expressão de curiosidade tomou conta do rosto quando ouviu o relato sobre o que Willett havia lido no bloco de anotações, e a seguir o jovem afirmou em um sucinto comentário que os apontamentos eram antigos e desprovidos de significado para qualquer pessoa que não detivesse profundos conhecimentos relativos à história da magia. "Mas", acrescentou, "se o senhor conhecesse a fórmula para invocar aquilo que estava no cílice, não estaria aqui para me contar essa história. Aquele era o número 118, e imagino que o senhor teria estremecido se houvesse consultado a lista no outro cômodo. Eu mesmo jamais o invoquei, muito embora pretendesse conjurá-lo no dia em que o senhor apareceu e mandou-me para cá."

Então Willett falou sobre a fórmula que havia repetido e a fumaça preto-esverdeada que havia se erguido; e enquanto falava viu o mais puro medo despontar pela primeira vez no semblante de Charles Ward. "Ele *apareceu* e o senhor está vivo?" Quando Ward crocitou as palavras, a voz parecia ter vencido todas as barreiras e afundado em abismos cavernosos de lúgubres ressonâncias. Willett, em um súbito lampejo de inspiração, imaginou ter compreendido o que se passava, e assim incluiu na resposta o alerta retirado de uma correspondência que havia recordado. "Não. 118, você diz? Não esqueça que *as pedras Tumulares se encontram trocadas em nove de cada dez cemitérios. Não há como ter certeza sem perguntar!"* Então, sem nenhum aviso prévio, sacou a diminuta mensagem e postou-a ante os olhos do paciente. Não poderia ter imaginado um resultado mais contundente, pois no mesmo instante Charles Ward desfaleceu.

Toda a conversa, é claro, fora conduzida no mais absoluto sigilo para evitar que os psiquiatras residentes acusassem o pai e o médico de incentivar os delírios patológicos de um louco. Sem nenhum auxílio externo, o dr. Willett e o sr. Ward levantaram o jovem desfalecido e puseram-no em cima do sofá. Quando voltou a si, o paciente emitiu diversos balbucios a respeito de uma mensagem que precisava despachar de imediato para Orne e Hutchinson, de modo que, quando a consciência pareceu voltar por completo, o médico lhe asseverou que pelo menos uma dessas estranhas criaturas era um inimigo encarniçado que havia sugerido ao dr. Allen que o matasse. Essa revelação não produziu nenhum efeito visível, e mesmo antes os visitantes puderam ver que o anfitrião tinha o olhar de um homem acossado.

Daquele ponto em diante, Charles Ward recusou-se a continuar a conversa, e assim Willett e o pai resolveram ir embora, deixando para trás um alerta em relação ao barbado Allen, ao qual o jovem respondeu prontamente dizendo que já havia dado um jeito no assunto e que essa pessoa não faria mal a mais ninguém nem se quisesse. O comentário fez-se acompanhar de uma risada malévola muito dolorosa de ouvir. Willett e o sr. Ward não se preocuparam com a chance de que Charles pudesse escrever uma carta para a monstruosa dupla na Europa, pois sabiam que as autoridades do hospital interceptavam toda a correspondência externa para fins de censura e que não deixariam passar nenhuma mensagem extravagante ou desvairada.

Existe, no entanto, uma curiosa sequência para a história de Orne e de Hutchinson, se de fato os feiticeiros no exílio chamavam-se assim. Movido por um vago pressentimento em meio aos horrores desse período, Willett contratou um serviço de recortes internacionais para que se mantivessem atentos a quaisquer relatos de crimes e acidentes em Praga e no leste da Transilvânia; e seis meses depois convenceu-se de que havia encontrado dois itens de suma importância na miscelânea de recortes que havia recebido e mandado traduzir. Um dizia respeito à destruição total de uma casa à noite no bairro mais antigo de Praga e ao desaparecimento de um velho maléfico chamado Josef Nadek, que morava sozinho desde as mais remotas lembranças dos moradores locais. O outro dizia respeito a uma explosão titânica nas montanhas da Transilvânia a leste de Rakus e ao total aniquilamento do agourento Castelo Ferenczy e de todos os antigos ocupantes — um lugar cujo proprietário era tão mal falado pelos camponeses e soldados da região que em breve teria sido intimado a se apresentar em Bucareste para um interrogatório se o incidente não tivesse dado fim a uma longa carreira que remontava a tempos anteriores à lembrança comum. Willett sustenta que a mão que escreveu as minúsculas também era capaz de empunhar armas mais fortes, e que, embora a aniquilação de Curwen tenha ficado a seu próprio encargo, o autor em pessoa teria saído em busca de Orne e de Hutchinson. Em relação ao destino que se teria abatido sobre os dois, o médico evita ao máximo pensar.

6.

Na manhã seguinte, o dr. Willett apressou-se rumo à mansão dos Ward para estar presente quando os detetives chegassem. A destruição ou a captura de Allen — ou de Curwen, se a tácita alegação de reencarnação fosse deveras válida — devia ser empreendida a todo custo, e o médico detalhou essa convicção ao sr. Ward enquanto os dois permaneciam sentados à espera dos homens. Nessa ocasião, encontravam-se no térreo, pois as partes superiores da casa estavam sendo evitadas em função da peculiar repugnância que pairava de maneira indefinida ao redor de tudo; uma repugnância que os criados de longa data associavam a uma maldição deixada pelo desaparecido retrato de Curwen.

Às nove horas, os três detetives apresentaram-se e no mesmo instante relataram tudo o que tinham a relatar. Infelizmente, não tinham localizado o nativo de Brava Tony Gomes como haviam desejado, tampouco encontrado qualquer resquício sobre a origem ou o paradeiro do dr. Allen; mas tinham conseguido reunir um número considerável de impressões e fatos relativos ao lacônico forasteiro. Allen tinha dado aos habitantes de Pawtuxet a impressão de que seria uma criatura vagamente sobrenatural, e havia uma crença generalizada de que a grossa barba escura seria ou tingida ou postiça — uma crença demonstrada de maneira irrefutável quando uma barba postiça de acordo com essa descrição e acompanhada por um par de óculos escuros foi encontrada no quarto que havia ocupado na fatídica casa em Pawtuxet. A voz, como o sr. Ward poderia confirmar a partir da conversa telefônica, tinha um caráter profundo e cavo que seria impossível esquecer; e o olhar irradiava malevolência até mesmo por

trás dos óculos escuros com armação de chifre. Um certo comerciante, durante o curso das negociações, tinha visto um espécime da caligrafia de Allen e declarou que consistia em estranhas garatujas, o que foi confirmado pelas enigmáticas notas a lápis encontradas no quarto que ocupava e mais tarde reconhecidas pelo comerciante. Em relação às suspeitas de vampirismo aventadas no verão anterior, a maioria dos rumores indicava que Allen, e não Ward, seria efetivamente o vampiro. Também foram colhidos relatos dos oficiais que haviam visitado a casa em Pawtuxet após o desagradável incidente do roubo com o caminhão. Todos haviam pressentido menos elementos sinistros no dr. Allen, mas a partir de então passaram a considerá-lo a figura dominante na estranha casa ensombrecida. O lugar era demasiado escuro para que pudessem vê-lo com nitidez, mas seriam capazes de reconhecê-lo mesmo assim. A barba parecia estranha, e o homem parecia ter uma discreta cicatriz acima do olho direito por trás dos óculos. Quanto à busca empreendida pelos detetives no quarto de Allen, não trouxe nenhuma revelação decisiva além da barba e dos óculos e de várias anotações a lápis feitas com garatujas que Willett no mesmo instante reconheceu como sendo idênticas àquelas nos antigos manuscritos de Curwen e nas volumosas notas recentes do jovem Ward encontradas nas desaparecidas catacumbas de horror.

O dr. Willett e o sr. Ward receberam a impressão de um profundo, sutil e insidioso medo cósmico das informações que aos poucos se desvelavam, e quase estremeceram ao levar adiante o pensamento vago e insano que lhes ocorreu ao mesmo tempo. A barba postiça e os óculos — as garatujas de Curwen —, o velho retrato e a pequena cicatriz — e o jovem desvairado no hospital com uma cicatriz idêntica — a voz profunda e cava ao telefone — não fora nessas coisas que o sr. Ward pensou ao ouvir o filho latir as notas dignas de pena às quais naquele ponto afirmava estar reduzido? Alguém já tinha visto Charles e Allen juntos? Uma vez, os oficiais — mas e depois? Não foi quando Allen se afastou que Charles de repente perdeu o medo cada vez maior e começou a viver de forma plena na casa em Pawtuxet? Curwen — Allen — Ward — em que fusão blasfema e abominável essas duas épocas e essas duas pessoas teriam se envolvido? A semelhança maldita entre Charles e o retrato — por acaso a pintura não costumava encarar o jovem e segui-lo com os olhos pelo cômodo? Mas por que tanto Allen como Charles haveriam de copiar a caligrafia de

Joseph Curwen, mesmo sozinhos e com a guarda baixa? E havia também o horrendo trabalho dessas pessoas — a cripta de horrores perdida que havia levado o médico a envelhecer de um dia para o outro; os monstros famintos nos poços insalubres; a pavorosa fórmula capaz de trazer resultados inomináveis; a mensagem em minúsculas encontrada no bolso de Willett; os papéis e as cartas e as discussões acerca de túmulos e "sais" e descobertas — como tudo poderia encaixar-se? No fim o sr. Ward fez a coisa mais sensata. Armado contra todos os questionamentos quanto ao motivo para agir dessa forma, entregou aos detetives um artigo que devia ser mostrado aos comerciantes de Pawtuxet que tivessem visto o agourento dr. Allen. O artigo era uma fotografia do próprio filho desafortunado, na qual desenhou com todo o cuidado, a tinta, um par de pesados óculos escuros e a barba negra e pontuda que os detetives haviam trazido do quarto de Allen.

Por duas horas esperou com Willett na atmosfera opressiva da mansão, onde o medo e os miasmas aos poucos se mesclavam enquanto o painel vazio na biblioteca do terceiro andar de cima sorria e sorria e sorria. Então os homens retornaram. De fato. A fotografia alterada era uma representação absolutamente passável do dr. Allen. O sr. Ward empalideceu, e Willett enxugou com um lenço a testa que se havia umedecido de repente. Allen — Ward — Curwen — tudo estava se tornando horrendo demais para um raciocínio coerente. O que o garoto havia invocado do abismo, e como a entidade poderia tê-lo afetado? O que, em suma, havia acontecido do início ao fim? Quem era esse Allen que tentara matar Charles por considerá-lo "afetado", e por que a vítima pretendida havia dito no *post-scriptum* à carta frenética que o forasteiro devia ser destruído com ácido? Por que, além do mais, a mensagem em minúsculas, cuja origem ninguém se atrevia a cogitar, dizia que "Curwen" devia ser destruído de maneira idêntica? No que consistiria a mudança, e quando o estágio final havia chegado?

No dia em que o bilhete frenético foi recebido — Charles havia passado a manhã inteira nervoso, e depois operou-se uma mudança. O jovem se esgueirou para fora da casa sem que ninguém o visse e caminhou a passos largos, deixando para trás os homens contratados para vigiá-lo. Durante aquele tempo esteve fora. Mas não — por acaso não havia soltado um grito de terror ao adentrar o estúdio — aquele

mesmo recinto? O que havia encontrado lá dentro? Ou então — o que o havia encontrado? O simulacro que tornou a casa sem que o vissem partir — seria um espectro sideral e um horror que se abatia sobre uma figura trêmula que na verdade jamais havia saído? O mordomo não havia mencionado barulhos estranhos?

Willett pediu que chamassem o homem e fez-lhe algumas perguntas em voz baixa. Sem dúvida a situação havia sido tensa. Houve barulhos — um grito, um suspiro e um engasgo, e a seguir uma espécie de rangido ou estrépito ou baque, ou ainda todos os três. E o sr. Charles não era mais o mesmo quando deixou o cômodo sem dizer uma palavra sequer. O mordomo tremia ao falar, e sentiu o cheiro do ar fétido que soprava de uma janela aberta no andar de cima. O terror havia se instalado em definitivo na mansão, e apenas os detetives profissionais davam a impressão de não ter digerido a notícia. Mesmo assim, também estavam irrequietos, pois no segundo plano o caso apresentava elementos vagos que não lhes agradavam nem um pouco. O dr. Willett pensava com profundidade e clareza, e esses pensamentos eram terríveis. Às vezes quase sucumbia aos balbucios enquanto examinava mentalmente uma nova, terrível e cada vez mais conclusiva cadeia de acontecimentos dignos de um pesadelo.

Então o sr. Ward sinalizou que a conferência havia chegado ao fim, e todos à exceção do pai e do médico deixaram o recinto. Era meio-dia, porém sombras como as da noite que cai ameaçavam engolir a casa assombrada por espectros em um triunfo de zombaria. Willett começou a falar em tom muito sério com o anfitrião e insistiu em pedir-lhe que deixasse grande parte da futura investigação a seu encargo.

Segundo imaginava, haveria certos elementos nocivos que um amigo poderia suportar melhor do que um familiar. Como médico da família, precisaria ter carta branca, e a primeira coisa que exigiu foi um período de solidão e repouso na biblioteca abandonada do andar de cima, onde o antigo painel havia ganhado uma aura de horror insalubre mais intensa do que quando as próprias feições de Joseph Curwen espreitavam com olhos argutos desde o retrato pintado.

O sr. Ward, perplexo ante a enxurrada de elementos morbidamente grotescos e de sugestões inconcebivelmente insanas que o assaltavam por todos os lados, não teve alternativa senão aquiescer; e meia hora mais tarde o médico estava trancado no temido

recinto com o painel retirado de Olney Court. O pai, escutando no lado de fora, ouviu sons de movimentações e de vasculhamentos à medida que o tempo passava; e por fim um esforço e um rangido, como se um pesado armário estivesse a ser aberto. Então veio um grito abafado, uma espécie de engasgo e um baque veloz, provocado pelo fechamento do que quer que tivesse sido aberto. Quase no mesmo instante a chave movimentou-se na fechadura e Willett apareceu no corredor, com uma expressão sinistra e tétrica, e exigiu lenha para a lareira na parede sul da habitação. Asseverou que a fornalha não seria o bastante; e a lareira elétrica teve pouco uso prático.

Angustiado, porém avesso a fazer perguntas, o sr. Ward deu as ordens correspondentes e um homem levou troncos de pinho, estremecendo ao penetrar a atmosfera pestilenta da biblioteca a fim de colocá-los na grelha. Nesse meio-tempo, Willett subiu ao laboratório desativado e desceu com uma miscelânea de itens não levados durante a mudança efetuada no mês de julho anterior. Estavam todos em uma cesta coberta, e o sr. Ward jamais chegou a ver do que se tratava.

Então o médico trancou-se mais uma vez na biblioteca, e pelas nuvens de fumaça que saíam da chaminé e ondulavam em frente às janelas pôde-se depreender que havia acendido o fogo. Mais tarde, após um intenso farfalhar de jornais, o puxão e o rangido foram ouvidos mais uma vez, seguidos por um baque que desagradou a todos os que o ouviram. A seguir, vieram dois gritos abafados de Willett, e no momento seguinte um rumor que provocou um indefinível sentimento de repulsa. A fumaça empurrada pelo vento tornou-se muito escura e acre, e todos desejaram que o clima os houvesse poupado daquela sufocante e deletéria inundação de vapores peculiares. O sr. Ward sentiu a cabeça rodopiar, e toda a criadagem amontoou-se em um grupo compacto para ver a horrenda fumaça preta descer pela chaminé. Após um longo tempo de espera, os vapores deram a impressão de se dissipar, e os ruídos quase amorfos de arranhões, deslizamentos e de outras operações menores foram ouvidos por trás da porta trancada. Por fim, após o bater de um armário no interior do cômodo, Willett tornou a aparecer — triste, pálido e desalentado, e segurando na mão a cesta coberta que havia buscado no laboratório do andar de cima.

Tinha deixado a janela aberta, e por todo aquele recinto outrora maldito soprava uma brisa de ar puro e salubre que se misturava ao

estranho e recente cheiro dos desinfetantes. O antigo painel continuava no lugar de sempre, mas parecia desprovido de malignidade, e erguia-se calmo e opulento como se jamais tivesse ostentado o retrato de Joseph Curwen. A noite se aproximava, porém, desta vez, as sombras não traziam nenhum medo latente — apenas uma suave melancolia. Quanto ao que havia feito, o médico jamais viria a falar. Para o sr. Ward, disse apenas: “Eu não posso responder a nenhuma pergunta, mas afirmo que existem diferentes tipos de magia. Fiz uma grande purgação, e as pessoas desta casa vão dormir melhor agora”.

7.

Que a “purgação” feita pelo dr. Willett foi um suplício quase tão devastador quanto as pavorosas andanças pela cripta desaparecida pode ser demonstrada pelo fato de que o provecto médico sucumbiu assim que chegou em casa naquela mesma noite. Permaneceu três dias inteiros confinado no quarto, embora mais tarde a criadagem tenha sussurrado alguma coisa sobre a noite de quarta-feira, quando a porta de entrada abriu-se e fechou-se com espantosa delicadeza. A imaginação dos criados, felizmente, é limitada, pois de outra forma poderiam ter-se deixado influenciar por uma nota na edição de quinta-feira do *Evening Bulletin* que dizia o seguinte:

VAMPIROS DO CEMITÉRIO NORTE AGEM MAIS UMA VEZ

Dez meses após o covarde vandalismo perpetrado no jazigo de Weeden no North Burial Ground, um malfeitor noturno foi avistado pela manhã no mesmo cemitério pelo vigia noturno Robert Hart.

Quando olhou por acaso ao redor por volta das duas horas da madrugada, o sr. Hart percebeu o brilho de uma lamparina ou de lanterna portátil um pouco a noroeste e, ao abrir a porta, deparou com o vulto de um homem delineado contra uma luz elétrica nas proximidades. Lançando-se de imediato a uma perseguição, o vigia noturno observou o vulto correr depressa em direção à entrada principal do cemitério, ganhar a rua e perder-se em meio às sombras antes que pudesse efetuar a aproximação ou a captura.

Como os primeiros ladrões de sepultura no ano passado, o intruso não chegou a causar nenhum estrago. Uma parte vazia do jazigo da família Ward mostrava indícios de uma escavação superficial, que, no

entanto, não chegava sequer próximo ao tamanho de uma sepultura, e outros jazigos tampouco foram perturbados.

O sr. Hart conseguiu perceber apenas que o malfeitor era um homem barbado e de pequena estatura, e acredita que os três incidentes tenham uma fonte comum; mesmo assim, os agentes da Segunda Delegacia de Polícia pensam diferente em função da violência observada no segundo incidente, quando um antigo caixão foi removido e teve a lápide destruída mediante o uso da força.

O primeiro incidente, em que a possível tentativa de enterrar alguma coisa viu-se frustrada, ocorreu em março último, e foi atribuído a falsificadores de bebida em busca de um lugar improvável para estocar as mercadorias ilegais. Segundo o sargento Riley, é possível que esse terceiro incidente tenha uma motivação semelhante. Os agentes da Segunda Delegacia de Polícia empenham todos os esforços possíveis na localização e na captura dos malfeitores responsáveis por esses reiterados ultrajes.

Durante o dia inteiro o dr. Willett descansou como se estivesse a se recuperar de algum ocorrido ou a preparar-se para o que pudesse suceder. À tarde escreveu um bilhete para o sr. Ward, que foi entregue na manhã seguinte e que levou o atônito pai a uma longa e profunda meditação. O sr. Ward não fora capaz de se dedicar a nada desde o choque da segunda-feira devido aos impressionantes relatos da sinistra "purgação", mas conseguiu encontrar um lampejo de tranquilidade na carta do médico, apesar do desespero que dava a impressão de prometer e dos mistérios que parecia evocar.

Barnes St., n° 10 Providence, R.I., 12 de abril de 1928.

CARO THEODORE — sinto que devo ter uma palavra com você antes de fazer o que pretendo fazer amanhã. Disponho-me a terminar o assunto que nos tem ocupado (pois sinto que nenhuma pá haverá de encontrar o monstruoso lugar que conhecemos), mas temo que nada seja capaz de tranquilizá-lo enquanto eu não asseverar de maneira expressa que acredito ter encontrado uma solução definitiva.

Você me conhece desde que era menino, então acho que não teria motivo para desconfiar de mim se eu disser que certos assuntos devem ser relegados à incerteza e ao esquecimento.

O melhor a fazer é abandonar toda sorte de especulação acerca do caso de Charles, e é muito importante que você não conte à mãe do garoto nada além do que ela já suspeita. Quando eu o visitar amanhã, Charles terá fugido. Eis tudo o que outras pessoas devem saber. Charles estava louco e fugiu. Você pode fazer revelações suaves e graduais à mãe quando parar de enviar as notas datilográficas em nome do garoto. Eu o aconselharia a encontrar sua esposa em Atlantic City e descansar um pouco. Deus sabe que você precisa descansar após um choque desses, e o mesmo vale para mim. Vou passar uma temporada no Sul para me acalmar e me preparar para o que ainda virá.

Por isso, peço que você não me faça perguntas quando eu o visitar. Pode ser que as coisas deem errado, mas, nesse caso, eu prometo avisá-lo. Não acho que vá acontecer. Não haverá mais nada com o que se preocupar, pois Charles estará a salvo, totalmente a salvo. Agora mesmo está mais seguro do que você pode imaginar. Você não tem mais motivos para temer Allen, ou ainda quem ou o que possa ser esse misterioso personagem. Allen pertence ao passado, assim como o retrato de Joseph Curwen, e, quando eu tocar a campainha da sua porta, você pode ter a certeza de que essa pessoa não existe. O que quer que tenha escrito aquela mensagem em minúsculas nunca mais vai importunar você ou a sua família.

Mas você deve estar pronto para enfrentar a melancolia e preparar a sua esposa para fazer o mesmo. Vejo-me obrigado a dizer, com toda a franqueza, que a fuga de Charles não vai significar a volta do garoto para casa. Charles vem sofrendo com uma moléstia um tanto singular, como você mesmo pode concluir pelas sutis alterações físicas e mentais que o afligiram, e você não deve nutrir a esperança de um dia tornar a vê-lo. À guisa de consolo, saiba que o seu filho nunca foi um demônio ou sequer um louco, mas apenas um garoto ávido, dedicado e curioso levado à ruína pelo amor que nutria em relação ao mistério e ao passado. Charles descobriu coisas que nenhum mortal jamais deveria saber e esquadrinhou o passado de uma forma que ninguém deveria

fazer; e uma sombra surgiu do passado a fim de tragá-lo.

Agora chegamos ao ponto em que a sua confiança se faz mais necessária — pois é certo que não há incertezas quanto ao destino de Charles. Daqui a cerca de um ano, digamos, você pode imaginar um relato coeso para o fim se assim desejar; pois o garoto não haverá mais de existir. Você há de erguer uma lápide no jazigo da família no North Burial Ground exatos três metros a oeste da lápide do seu pai, apontada para a mesma direção, para assim marcar o verdadeiro lugar de repouso do seu filho. Não há motivos para temer que o monumento possa marcar o local de qualquer aberração ou monstruosidade. As cinzas no túmulo serão as dos seus ossos e tendões inalterados — terão pertencido ao verdadeiro Charles Dexter Ward, cujo desenvolvimento você acompanhou desde a infância — o verdadeiro Charles, com a marca escura no quadril e sem a marca das bruxas no peito nem a cicatriz acima da sobrancelha. O Charles que nunca fez nenhum mal, e que há de ter pago a "afetação" com a própria vida.

Eis tudo. Charles vai ter fugido, e daqui a um ano você poderá erguer-lhe uma lápide. Não me faça perguntas amanhã. Mas acredite que a honra dessa antiga família permanece imaculada, como ademais sempre esteve em todas as épocas desde o mais remoto passado.

Com os meus profundos sentimentos, e com exortações à fortaleza, à serenidade e à resignação, permaneço sendo

Seu amigo sincero, MARINUS B. WILLETT.

Então, na manhã do dia 13 de abril de 1928, Marinus Bicknell Willett visitou o quarto de Charles Dexter Ward no hospital particular do dr. Waite em Conanicut Island. O jovem, embora não tentasse evitar o visitante, encontrava-se em um estado de espírito sombrio, e demonstrava pouca disposição para entabular a conversa que Willett obviamente desejava. A nova descoberta feita pelo doutor em relação à cripta e aos monstruosos experimentos conduzidos no local tinha criado uma nova fonte de constrangimento, de maneira que ambos hesitaram após a troca das formalidades obrigatórias. Logo, um novo

elemento restritivo surgiu enquanto Ward dava a impressão de ler por trás do semblante impassível do médico uma terrível obstinação que jamais havia estado lá. O paciente se encolheu, ciente de que desde a última visita havia se operado uma mudança graças à qual o obsequioso médico da família havia cedido o lugar a um vingador impiedoso e implacável.

Ward chegou a empalidecer, e o médico foi o primeiro a tomar a palavra. “Mais coisas foram encontradas”, disse, “e devo avisá-lo de que certas explicações se fazem necessárias”.

“Cavando mais uma vez em busca de bichos famintos?”, retrucou Ward com uma nota de forte ironia. Não havia dúvidas de que o jovem pretendia manter as bravatas até o fim.

“Não”, emendou Willett devagar; “dessa vez não precisei cavar. Nossos homens vigiaram o dr. Allen e encontraram os óculos e a barba postiça na casa em Pawtuxet.”

“Excelente!”, comentou o anfitrião inquieto em uma tentativa de insulto espirituoso; “espero que sirvam melhor do que os óculos e a barba que o senhor está usando nesse instante.”

“Serviriam muito bem em você”, veio a resposta calma e estudada, *“como a bem dizer parecem ter servido.”*

Quando Willett pronunciou aquelas palavras foi como se uma nuvem obscurecesse o sol, embora as sombras no assoalho não tivessem sofrido qualquer alteração. Então Ward arriscou:

“Essa é a explicação que tanto se faz necessária? E se uma pessoa julgar conveniente transformar-se em duas de vez em quando?”

“Não”, respondeu Willett. “Mais uma vez você se engana. Um homem que busca a dualidade não me diz respeito, *contanto que tenha direito a existir e que tampouco destrua aquilo que o invocou desde o espaço.”*

Ward teve um violento sobressalto. “Bem, mas o que descobristes, e por que desejastes ter comigo?”

O médico deixou que alguns instantes se passassem antes de responder, como se estivesse a pensar em uma resposta eficaz.

“Descobri”, continuou por fim, “uma certa coisa em um armário por trás de um antigo painel em que esteve outrora um retrato, e queimei-a e enterrei as cinzas restantes no lugar onde há de ser o túmulo de Charles Dexter Ward.”

O paciente insano engasgou-se e saltou da cadeira onde se

encontrava sentado:

"Maldito sede! A quem contastes — e quem há de acreditar que seja ele após esses dois meses em que estive vivo? O que pretendeis fazer?"

Willett, embora fosse um homem pequeno, investiu-se de uma majestade judicial enquanto acalmava o paciente com um gesto.

"Não contei para ninguém. Não se trata de um caso comum — é uma loucura vinda do tempo e um horror de além das esferas que nenhuma polícia, nenhum tribunal, nenhum advogado e nenhum psiquiatra seria capaz de compreender ou de reparar. Graças a Deus, o destino agraciou-me com a chama da imaginação para que eu não enlouquecesse pensando sobre essa coisa. *O senhor não me engana, Joseph Curwen, pois eu sei que essa magia amaldiçoada é verdadeira!*

"Eu sei que o senhor urdiu o feitiço que pairou ao redor do tempo e aferrou-se ao seu duplo e descendente; sei que o atraiu rumo ao passado e que o levou a retirá-lo da odiosa sepultura onde o senhor se encontrava; sei que o manteve oculto no laboratório enquanto o senhor estudava as coisas modernas e vagava como um vampiro à noite, e sei que mais tarde apresentou-se de óculos e barba para que ninguém se espantasse com a semelhança blasfema entre ambos; sei o que o senhor resolveu fazer quando o garoto hesitou ante a monstruosa profanação das sepulturas mundo afora, *e ante o que o senhor planejava para mais tarde*, e sei como o senhor levou o plano a cabo.

"O senhor tirou a barba e os óculos e enganou os guardas ao redor da casa. Acharam que era Charles quem havia entrado e depois acharam que era Charles quem havia saído, quando na verdade o senhor o havia estrangulado e ocultado o corpo. Mas o senhor não havia levado em conta a diferença de conteúdo entre as duas mentes. O senhor foi um tolo, Curwen, por achar que uma simples identidade visual seria o bastante! Por que não pensou na maneira de falar e na voz e na caligrafia? No fim não deu certo, como o senhor mesmo pode ver. O senhor conhece melhor do que eu quem ou o que escreveu aquela mensagem em minúsculas, mas aviso que não foi escrita em vão. Existem abominações e blasfêmias que precisam ser aniquiladas, e acredito que o autor daquelas palavras há de se juntar a Orne e a Hutchinson. Uma dessas criaturas, certa vez, lhe escreveu, dizendo: 'não invoqueis nada que não possais suprimir'. O senhor já foi vencido

antes, talvez dessa mesma forma, e pode ser que a sua própria magia demoníaca traga-lhe mais uma vez a ruína. Curwen, não podemos interferir com a natureza além de certos limites, e todos os horrores que o senhor urdiu hão de retornar para eliminá-lo".

Naquele ponto, o médico foi interrompido por um grito convulsivo da criatura que tinha diante de si. Acuado, indefeso e ciente de que qualquer demonstração de violência física chamaria uma vintena de enfermeiros em auxílio ao visitante, Joseph Curwen recorreu ao antigo aliado, e assim começou uma série de gestos cabalísticos com os indicadores enquanto a voz profunda e cava, enfim livre da rouquidão fingida, recitou as palavras iniciais de uma terrível fórmula.

> "PER ADONAI ELOIM, ADONAI JEHOVA, ADONAI SABAOTH, METRATON..."

Porém, Willett foi mais rápido. No mesmo instante em que os cachorros do pátio começaram a uivar, e no mesmo instante em que um vento gélido soprou da baía, o médico começou a entoar de maneira solene e compassada as palavras que desde o início pretendia recitar. Olho por olho, magia por magia, que o desfecho mostre como a lição do abismo foi aprendida! Então, com uma voz clara, Marinus Bicknell Willett começou a *segunda* fórmula do par cujo primeiro elemento havia conjurado o autor daquelas minúsculas — a críptica invocação cujo cabeçalho era a Cauda do Dragão, signo do *nó descendentte* — "OGTHROD A'TF GEB'L – EE'H YOG-SOTHOTH 'NGAH'NG Al'Y ZHRO!"

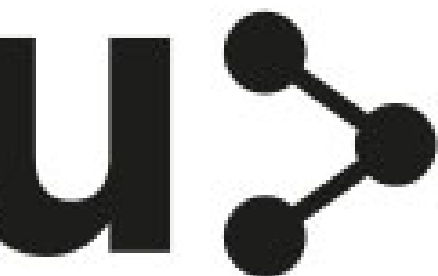
Assim que a primeira palavra deixou os lábios de Willett, a fórmula começada antes pelo interno foi interrompida. Incapaz de falar, o monstro executou gestos frenéticos com os braços até que eles por fim também se detiveram. Quando o terrível nome de *Yog-Sothoth* foi pronunciado, teve início a horrenda transformação. Não era uma simples *dissolução*, mas antes uma *transformação ou recapitulação;* e Willett fechou os olhos para evitar que desfalecesse antes de terminar o encanto.

Porém, não desfaleceu, e aquele homem de séculos blasfemos e segredos proscritos jamais tornou a perturbar o mundo. A loucura, vinda do tempo, desaparecera, e o caso de Charles Dexter Ward havia

chegado ao fim. Quando abriu os olhos antes de sair cambaleando daquele recinto de horror, o dr. Willett percebeu que o que havia retido na memória não fora em vão. Conforme havia previsto, o emprego de ácidos não foi necessário. Pois, como o amaldiçoado retrato de um ano atrás, naquele instante, Joseph Curwen espalhou-se pelo chão como uma fina camada de pó cinza-azulado.

H.P.
LOVECRAFT
SUSSURROS NA
ESCURIDÃO
E OUTROS
CONTOS
ns

H.P. Lovecraft

Sussurros na escuridão e outros contos

São Paulo, 2020

EDITOR: Luiz Vasconcelos
COORDENAÇÃO EDITORIAL & EDIÇÃO DE ARTE: Nair Ferraz
TRADUÇÃO: Bárbara Lima • Fátima Pinho • Marcely de Marco
REVISÃO: Flávia Portellada
ILUSTRAÇÕES: Kash Fire
DESENVOLVIMENTO DE EBOOK: Loope Editora | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lovecraft, H.P (Howard Phillips), 1890-1937
Sussurros na escuridão e outros contos / Howard Phillips Lovecraft; tradução de Bárbara Lima, Fátima Pinho e Marcely de Marco; ilustrado por Kash Fire.
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2020.

Título original: *The Whisperer in Darkness*
ISBN: 978-65-5561-087-1

1. Contos de horror 2. Contos norte-americanos I. Título II. Lima, Bárbara III. Pinho, Fátima IV. Marco, Marcely de V. Fire, Kash

20-3575 CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Contos de terror norte-americanos 813.6

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323 | E-mail:
atendimento@novoseculo.com.br
www.gruponovoseculo.com.br

Sussurros
na escuridão

I

Tenha em mente que eu não presenciei nenhum horror visual concreto no final das contas. Dizer que um abalo mental foi a causa do que imaginei – a gota-d’água que me fez sair correndo da solitária fazenda de Akeley e atravessar as montanhas ermas e abobadadas de Vermont no meio da noite, em um carro de que lancei mão – é ignorar os fatos mais básicos de minha experiência final. Não obstante a profundidade das coisas que vi e ouvi, e a nitidez da impressão que tais coisas causaram em mim, não posso provar, nem mesmo agora, se estava certo ou errado em minha terrível suposição. Pois, no final das contas, o desaparecimento de Akeley não prova nada. Nada de estranho foi encontrado em sua propriedade, a não ser as marcas de balas, tanto dentro como fora da casa. Era como se ele tivesse saído casualmente para um passeio nas colinas e nunca mais voltasse. Nem sequer havia indícios de que um visitante tivesse estado ali, ou de que aqueles horríveis cilindros e máquinas tivessem sido armazenados no cômodo. Também não significava nada que ele temesse mortalmente as montanhas verdejantes e compactas, e o gorgolejar interminável dos córregos em meio aos quais havia nascido e crescido, já que milhares de pessoas estão sujeitas a esse mesmo tipo de medo mórbido. A excentricidade, além do mais, poderia facilmente ser responsabilizada pelas estranhas maneiras e apreensões que ele vinha demonstrando ultimamente.

Para mim, o problema todo começou com as enchentes históricas e sem precedentes que assolaram Vermont em 3 de novembro de 1927. Naquela época, como ainda hoje, eu era professor de literatura na Universidade de Miskatonic, em Arkham, Massachusetts, e um

estudante e entusiasta do folclore da Nova Inglaterra. Logo depois das enchentes, em meio às várias notícias sobre as adversidades, os sofrimentos e a assistência humanitária organizada que tomaram a imprensa, surgiram algumas estranhas histórias sobre a descoberta de criaturas flutuando em alguns dos rios mais avolumados. Por essa razão, muitos de meus amigos embarcaram em discussões curiosas e recorreram a mim na esperança de que eu pudesse lançar alguma luz sobre o assunto. Senti-me lisonjeado por ver meus estudos sobre folclore levados tão a sério, e fiz o que pude para depreciar as lendas extravagantes e vagas que pareciam ser, tão claramente, uma consequência de antigas superstições de camponeses. Eu me divertia ao encontrar várias pessoas de boa educação insistindo na afirmação de que algum fato obscuro e distorcido poderia estar por trás dos rumores.

As histórias, assim trazidas ao meu conhecimento, na maior parte, chegaram através de recortes de jornais, embora uma delas viesse de uma fonte oral e tivesse sido repetida para um amigo meu em uma carta enviada pela mãe, que morava em Hardwick, Vermont. O tipo de coisa descrita era essencialmente o mesmo em todos os casos, embora parecesse haver três diferentes ocorrências envolvidas – uma ligada ao Rio Winooski, perto de Montpellier, outra associada ao Rio Oeste, no condado de Windham, depois de Newfane, e uma terceira, relacionada ao Passumpsic, no condado de Caledônia, ao norte de Lyndonville. É claro que muitos dos relatos recortados mencionavam outros casos, mas depois de analisados, todos eles pareciam reduzir-se a esses três. Em todos os casos, os moradores do campo relatavam ter visto um ou mais objetos bizarros e perturbadores nas águas caudalosas que jorravam das colinas pouco frequentadas, e havia uma tendência generalizada a relacionar essas visões a um círculo de lendas primitivas e já meio esquecidas, que os mais velhos ressuscitaram para a ocasião.

O que as pessoas pensavam ter visto eram formas orgânicas que em nada se pareciam com qualquer coisa que já tivessem visto antes. Naturalmente, havia muitos corpos humanos sendo arrastados pela correnteza naquele trágico período. Mas as pessoas que descreviam essas formas estranhas tinham absoluta certeza de que elas não eram humanas, apesar de algumas semelhanças superficiais no tamanho e no contorno geral. Tampouco, diziam as testemunhas, poderiam ser os

corpos de qualquer tipo de animal conhecido em Vermont. Eram formas rosadas, medindo cerca de um metro e meio; com corpo de crustáceos e dotadas de pares de barbatanas dorsais enormes, ou asas membranosas, e de vários pares de membros articulados. Apresentavam um tipo de elipsoide intrincado, coberto com uma infinidade de pequeninas antenas, onde seria o lugar da cabeça. Era realmente notável como os relatos de diferentes fontes tendiam a coincidir. No entanto, o assombro era minimizado pelo fato de que as antigas lendas, que foram disseminadas em uma época remota por toda a região das colinas, deram origem a um quadro morbidamente detalhado que poderia muito bem ter colorido a imaginação de todas as testemunhas envolvidas. Cheguei à conclusão de que essas testemunhas – em todos os casos, pessoas ingênuas e humildes do interior – avistaram os corpos inchados e dilacerados de pessoas ou animais das fazendas no turbilhão das correntes e permitiram que o folclore que ainda guardavam na memória revestisse esses pobres objetos com atributos fantásticos.

O antigo folclore, embora nebuloso, evasivo e em grande parte esquecido pela presente geração, era de um caráter bastante singular e obviamente refletia a influência de lendas indígenas ainda mais antigas. Eu as conhecia bem, embora nunca tivesse ido a Vermont, através da monografia muito rara de Eli Davenport, que reunia material obtido de declarações orais anteriores a 1839 entre os habitantes mais antigos do estado. Esse material, além do mais, coincidia em grande parte com as lendas que eu já tinha ouvido pessoalmente dos camponeses mais idosos nas montanhas de New Hampshire. Em um breve resumo, aludiam a uma raça oculta de seres monstruosos que estariam à espreita em algum lugar entre as colinas mais distantes – na floresta cerrada dos cumes mais altos e nos vales escuros onde os riachos gotejavam de fontes desconhecidas. Esses seres raramente eram avistados, mas as evidências de sua presença foram relatadas por aqueles que se aventuraram a escalar certas montanhas além do nível habitual ou a adentrar certos desfiladeiros profundos e íngremes que até mesmo os lobos evitavam.

Havia pegadas ou marcas de garras estranhas na lama das margens dos riachos e nas trilhas áridas; e também curiosos círculos de pedras em torno dos quais a grama se desgastara e que não pareciam ter sido dispostos ali ou modelados pela natureza. Além

disso, havia algumas cavernas nas encostas das colinas, de profundidade desconhecida e cujas entradas estavam cobertas por rochas de uma forma que dificilmente poderia ser acidental, com um grande número de pegadas estranhas, tanto na direção da entrada como dela saindo – se de fato a direção dessas pegadas pudesse ser estimada com exatidão. E o pior, havia ainda as coisas que os aventureiros avistavam ao cair da tarde, ainda que em raras ocasiões, nos vales mais remotos e nas densas matas perpendiculares, além do limite das escaladas normais.

Teria sido menos inquietante se os relatos dessas coisas não fossem tão parecidos. Da forma como aconteceu, quase todos os rumores apresentavam vários pontos em comum: asseguravam que as criaturas eram uma espécie de caranguejo enorme e vermelho-claro, com vários pares de patas e duas asas enormes no meio das costas, que se pareciam com asas de morcego. Às vezes andavam sobre todas as patas, outras vezes apenas sobre as patas traseiras, ocasião em que utilizavam as outras para carregar grandes objetos de natureza indeterminada. Em uma ocasião, foram avistados em número considerável – um destacamento deles caminhando lado a lado por um curso-d'água no bosque, em fileiras de três, em evidente formação disciplinada. Certa vez, um espécime foi visto voando – lançando-se do alto de uma montanha solitária e sem vegetação à noite, e desaparecendo no céu depois de a silhueta de suas asas enormes ter sido vista por alguns instantes sacudindo-se contra a lua cheia.

Essas criaturas, no geral, pareciam estar satisfeitas por viverem longe da raça humana, embora por vezes fossem responsabilizadas pelo desaparecimento de alguns indivíduos aventureiros – especialmente pessoas que construíam suas casas muito próximo a alguns vales ou demasiadamente alto nas montanhas. Muitas localidades passaram a ser consideradas como desaconselháveis para o assentamento, e essa sensação persistiu por muito tempo depois de a causa ter sido esquecida. As pessoas olhavam para o alto de alguns dos precipícios com um calafrio, mesmo quando não recordavam mais quantos colonos tinham desaparecido e quantas casas de fazenda tinham queimado até se transformarem em cinzas naquelas sentinelas verdes e nefastas.

De acordo com as lendas mais antigas, apesar de parecer que as criaturas causavam danos apenas àqueles que invadiam sua

privacidade, havia relatos mais recentes acerca da curiosidade delas a respeito dos humanos e de suas tentativas de estabelecer postos avançados secretos no mundo dos homens. Havia lendas sobre as estranhas pegadas em forma de garras perto das janelas das casas, pelas manhãs, e de desaparecimentos ocasionais em regiões fora das áreas conhecidas como preocupantes. Além disso, também havia lendas que falavam de vozes parecidas com zumbidos, que imitavam a fala humana e que faziam ofertas surpreendentes a viajantes solitários nas estradas e trilhas das carroças nas profundezas da floresta, e sobre crianças assustadas até os fios dos cabelos por coisas que viam ou ouviam onde a floresta virgem se aproximava muito de seus quintais. Na última série de lendas – a série que precedeu o declínio da superstição e o abandono do contato íntimo com os locais temidos – há referências chocantes a eremitas e fazendeiros solitários que em algum momento da vida pareciam ter passado por uma mudança mental repulsiva. Essas pessoas eram evitadas e havia rumores de que seriam mortais que tinham vendido suas almas às criaturas estranhas. Em um dos condados do nordeste, aparentemente era moda, em meados de 1800, acusar os eremitas excêntricos e impopulares de serem aliados ou representantes das criaturas abominadas.

Quanto à natureza real das criaturas – as explicações naturalmente variavam. O nome comum aplicado a elas era "aqueles" ou "os antigos", embora outros termos tivessem usos locais e transitórios. Talvez a maioria dos colonos puritanos as tenham classificado bruscamente como parentes do diabo e tenham feito delas um tema para especulações teológicas exaltadas. Aqueles que tinham as lendas célticas como patrimônio – principalmente os escoceses e irlandeses de New Hampshire e seus parentes, e que se fixaram em Vermont graças às doações coloniais do governador Wentworth – as associavam vagamente às fadas malignas e aos "pequeninos" dos pântanos e dos brejos, e se protegiam com trechos de encantamentos passados de geração em geração. Os indígenas, porém, tinham as teorias mais fantásticas de todas. Embora as lendas variassem de tribo para tribo, havia um consenso notável em torno de certas particularidades essenciais: todas concordavam que as criaturas não pertenciam a este mundo.

Os mitos dos Pennacook, que eram os mais consistentes e pitorescos, ensinavam que os Seres Alados vieram da Grande Ursa no

céu e tinham minas em nossas colinas terrestres, de onde retiravam um tipo de pedra que não poderiam conseguir em qualquer outro mundo. Eles não viviam na Terra, diziam os mitos, mas apenas mantinham aqui postos avançados e voavam de volta carregando grandes cargas de pedras para suas estrelas ao norte do céu. Só faziam mal às pessoas que se aproximassem demais deles ou os espionassem. Os animais esquivavam-se deles por aversão instintiva, e não por serem caçados. Eles não podiam comer as coisas e animais da Terra, então traziam seu próprio alimento das estrelas. Era ruim chegar perto deles, e, às vezes, jovens caçadores que se embrenhavam em suas montanhas nunca mais voltavam. Não era bom, também, ouvir o que eles diziam à noite na floresta com vozes parecidas às das abelhas e que tentavam imitar as vozes dos humanos. Eles conheciam as línguas de todos os homens – Pennacooks, Hurons, homens das Cinco Nações – mas não pareciam ter ou precisar de qualquer linguagem própria. Falavam com as cabeças, que mudavam de cor para significar coisas diferentes.

Todas as lendas, obviamente, dos brancos e dos índios, pereceram durante o século XIX, com exceção de algumas ondas atávicas ocasionais. Os caminhos dos habitantes de Vermont foram delimitados e, uma vez que seus caminhos habituais e residências foram estabelecidos de acordo com um plano determinado, eles passaram a lembrar-se cada vez menos dos temores e aversões que determinaram esse plano, e até mesmo que tais medos e aversões um dia existiram. A maioria das pessoas sabia apenas que certas regiões montanhosas eram consideradas incultiváveis, insalubres e malfadadas para se viver, e que quanto mais longe ficassem delas, melhor estariam. Com o tempo, a tradição e o interesse econômico tornaram-se tão arraigados nos lugares já aprovados que não havia mais qualquer razão para sair daqueles limites, e as colinas assombradas foram abandonadas, mais por acidente que por intenção. A não ser por ocasião de raras ondas de alarde, só as avós que gostavam de contar histórias cheias de fantasia e os nonagenários saudosistas murmuravam sobre seres que moravam nas colinas. E mesmo nesses murmúrios admitiam que não havia muito a temer com relação àquelas criaturas, agora que elas já estavam acostumadas à presença de casas e de colonizadores, e agora que os humanos tinham deixado em paz o território escolhido por eles.

Tudo isso eu já sabia, graças às minhas leituras e a certas histórias folclóricas que ouvi em New Hampshire. De modo que, quando os rumores sobre as enchentes começaram a aparecer, não foi difícil imaginar o contexto imaginativo do qual se originaram. Foi preciso grande esforço mental para explicar isso a meus amigos e, na mesma medida, me diverti ao perceber que várias almas explosivas continuavam a insistir na existência de um possível elemento de verdade nos relatos. Essas pessoas tentavam ressaltar que as antigas lendas tinham uma persistência e uma uniformidade significativas, e que a natureza praticamente inexplorada das montanhas de Vermont tornava insensata uma postura dogmática sobre o que poderia ou não estar vivendo entre elas. Também não puderam ser silenciadas por minha garantia de que todos os mitos seguiam um padrão comum, bem conhecido para a maioria da humanidade e determinado pelas fases primitivas da experiência imaginativa, que sempre produziam o mesmo tipo de ilusão.

Era inútil demonstrar a tais opositores que os mitos de Vermont diferiam muito pouco, em essência, das lendas universais de personificação natural que preenchiam o mundo antigo com faunos, dríades e sátiros, que sugeriam a existência dos kallikantzaroi* da Grécia moderna, e que davam à natureza de Gales e do País de Gales as alusões obscuras a estranhas, pequeninas e terríveis raças ocultas de trogloditas e outras criaturas subterrâneas. Também foi inútil ressaltar a crença similar ainda mais espantosa das tribos que vivem nas montanhas do Nepal nos temíveis Mi-Go, ou "Abomináveis Homens das Neves", que espreitam em meio ao gelo e às rochas íngremes dos picos do Himalaia. Quando apresentei essa evidência, meus opositores voltaram-na contra mim, afirmando que isso deveria pressupor algum fundo histórico para as lendas antigas; que deveria ser indício da existência real de alguma estranha raça terrestre primitiva, que foi levada a se esconder depois do advento e da dominação da raça humana, que poderia muito bem ter sobrevivido em número reduzido até tempos recentes – ou mesmo até o presente.

Quanto mais eu ria de tais teorias, mais esses amigos teimosos insistiam nelas. Acrescentavam que, mesmo sem a herança das lendas, os relatos recentes eram bastante claros, consistentes e detalhados, sensatos e prosaicos na maneira como foram contados, para serem completamente ignorados. Dois ou três extremistas fanáticos chegaram

inclusive a especular sobre os possíveis significados das antigas histórias indígenas que atribuíam aos seres ocultos uma origem extraterrestre. Citaram os livros extravagantes de Charles Fort e suas afirmações de que viajantes de outros mundos e do espaço sideral visitavam a Terra com frequência. Entretanto, a maioria de meus opositores era composta de meros sonhadores que insistiam em tentar transferir para a vida real as histórias fantásticas sobre os "pequeninos" que nos espionavam, que foram popularizadas pela magnífica ficção de terror de Arthur Machen.

* Personagens da mitologia grega que promovem o caos durante os doze dias do Ciclo do Natal.

II

Como era natural nas circunstâncias, esse debate acalorado finalmente chegou aos jornais, na forma de cartas ao *Arkham Advertiser*, algumas das quais foram reproduzidas na imprensa das regiões de Vermont, de onde partiram as histórias sobre as enchentes. O *Rutland Herald* publicou meia página com trechos extraídos das cartas de ambos os lados, enquanto o *Brattleboro Reformer* reproduziu na íntegra um dos meus longos resumos históricos e mitológicos, acompanhado de alguns comentários na coluna intelectual "The Pendrifter's", que apoiava e aplaudia minhas conclusões céticas. Na primavera de 1928, eu era praticamente uma figura célebre em Vermont, não obstante o fato de jamais ter colocado os pés naquele estado. Então vieram as cartas desafiadoras de Henry Akeley, que me impressionaram tão profundamente e que me levaram pela primeira e última vez àquele fascinante reino de precipícios verdejantes e riachos murmurantes em meio às florestas.

A maior parte do que sei sobre Henry Wentworth Akeley foi obtida através de correspondências com seus vizinhos e com seu filho único que reside na Califórnia, depois de minha experiência na solitária fazenda em que ele morava. Descobri que ele era o último representante em sua terra natal de uma longa e distinta linhagem de juristas, administradores e agricultores aristocráticos. Henry, contudo, da família havia se desviado mentalmente e abandonado os assuntos práticos para dedicar-se à mais pura erudição. De forma que ele foi um estudante de grande destaque em matemática, astronomia, biologia, antropologia e folclore na Universidade de Vermont. Eu nunca tinha ouvido falar dele antes, e ele não me deu muitos detalhes

autobiográficos em suas correspondências. No entanto, percebi logo de início que era um homem de caráter, educado e inteligente, apesar de ser um eremita com bem pouca sofisticação mundana.

Apesar da natureza inacreditável do que ele propunha, não pude deixar de levar Akeley muito mais a sério do que havia levado qualquer outro opositor. Em primeiro lugar, ele estava bem perto dos fenômenos em questão – visíveis e tangíveis – sobre os quais especulava de maneira tão grotesca. E em segundo lugar, ele estava disposto a deixar suas conclusões em um estado de incerteza, como faz um verdadeiro homem da ciência. Não tinha inclinações pessoais em relação ao assunto e era sempre guiado por aquilo que considerava evidência sólida. É certo que comecei por considerar que ele estava equivocado, mas dei-lhe crédito por tratar-se de um equívoco recheado de inteligência. E em nenhum momento agi como alguns de seus amigos, que atribuíam suas ideias e o medo que sentia das solitárias montanhas verdejantes à insanidade. Eu podia ver que aquilo tinha muita importância para o homem e sabia que aquilo que ele relatava devia estar baseado, com toda certeza, em circunstâncias estranhas que mereciam uma investigação. Embora pouco pudesse ter a ver com as causas fantásticas que ele lhes atribuía. Mais tarde recebi dele algumas provas materiais que colocavam a questão em um patamar um tanto diferente e espantosamente bizarro.

Não posso fazer melhor do que transcrever na íntegra, até onde possível, a longa carta na qual Akeley se apresentou e que se transformou em um marco em minha própria história intelectual. Ela não está mais em meu poder, mas minha memória guarda quase todas as palavras de sua fatídica mensagem. E, mais uma vez, reafirmo minha confiança na sanidade do homem que a escreveu. Eis aqui o texto – um texto que chegou a mim nos garranchos inteligíveis e arcaicos de alguém que obviamente não se socializou muito com o mundo durante sua vida serena de acadêmico.

R.F.D. #2
Townshend, Windham County, Vermont
5 de maio de 1928
Exmo. Sr. ALBERT N. WILMARTH
118 Saltonstall St., Arkham, Massachusetts

Prezado Senhor,

Li com grande interesse, no *Brattleboro Reformer's* (23 de abril de 1928), a reprodução de sua carta em que discorre sobre as recentes histórias de corpos estranhos avistados boiando nos nossos riachos inundados no último outono e o curioso folclore a que muito bem se assemelham. É fácil compreender por que um forasteiro tomaria a posição que o senhor defende, e também por que o "Pendrifter" concorda com o senhor. Essa é, em geral, a posição defendida por pessoas educadas, tanto em Vermont quanto fora daqui, e foi minha própria opinião quando jovem (tenho agora 57 anos), antes que meus estudos, tanto de natureza geral quanto pelo livro de Davenport, me levassem a fazer algumas explorações em partes das montanhas das vizinhanças que habitualmente não são visitadas.

Fui conduzido a tais estudos pelas estranhas lendas antigas que costumava ouvir dos fazendeiros mais velhos do tipo mais ignorante, mas hoje desejaria não ter me interessado por essa questão. Posso dizer, com toda a minha modéstia, que as disciplinas da antropologia e do folclore não me são de forma alguma estranhas. Estudei-as bastante na universidade e estou familiarizado com a maior parte das autoridades de referência como Tylor, Lubbock, Frazer, Quatrefages, Murray, Osborn, Keith, Boule, G. Elliot Smith e outros mais. Não é novidade para mim que as lendas sobre raças ocultas sejam tão antigas quanto a humanidade. Tendo lido as transcrições de suas cartas e daqueles que concordam com o senhor, no *Rutland Herald*, acredito saber onde está a controvérsia no presente momento.

O que desejo dizer agora é que temo que seus oponentes estejam mais perto da verdade do que o senhor, muito embora a razão pareça estar ao seu lado. Eles estão mais próximos da verdade do que imaginam – porque, é claro, guiam-se apenas pela teoria e não sabem o que eu sei. Se eu soubesse tão pouco sobre o assunto quanto eles, não me sentiria culpado por acreditar no que eles acreditam. Eu estaria integralmente do seu lado.

O senhor pode perceber que tenho dificuldade em chegar ao âmago da questão, provavelmente porque eu realmente tenho medo de tocar nesse ponto. Mas o fato é que tenho certas evidências de que criaturas monstruosas realmente vivem nas florestas, no alto das montanhas que ninguém visita. Não vi nenhuma delas boiando nos rios, como foi noticiado, mas já vi coisas como essas em circunstâncias que tenho pavor de repetir. Já vi rastros, e recentemente os vi bem mais perto de minha casa do que ouso lhe contar (moro na antiga propriedade Akeley, ao sul de Townshend Village, ao lado da Montanha Sombria). E tenho ouvido vozes na floresta em certos pontos, vozes essas que nem mesmo começarei a descrever no papel.

Em certo lugar, ouvi essas vozes tantas vezes que fui até lá com um fonógrafo – acoplado a um ditafone e um cilindro de cera virgem –, e tentarei conseguir uma maneira para que o senhor possa ouvir a gravação que obtive. Reproduzi a gravação na máquina para algumas das pessoas mais idosas daqui e uma das vozes quase as paralisou de terror pela semelhança que tinha com certa voz (aquela voz que parecia um zumbido na floresta, mencionada por Davenport) sobre a qual suas avós falavam e a qual imitava para eles. Sei muito bem o que a maioria das pessoas pensa sobre um homem que diz "ouvir vozes" – mas antes que o senhor teça conclusões, ouça essa gravação e pergunte a alguns dos mais velhos das florestas o que é que eles pensam sobre isso. Se o senhor puder dar a ela uma justificativa normal, muito bem. Mas deve haver alguma coisa por trás disso tudo. "Ex nihilo nihil fit"*, o senhor sabe.

Meu objetivo ao escrever-lhe não é dar início a uma discussão, mas fornecer informações que penso que um homem com seus interesses considerará muito interessantes. Isto é particular. Publicamente, estou do seu lado, porque certas coisas me mostram que não é de bom alvitre que as pessoas saibam demais sobre esses assuntos. Meus próprios estudos são feitos agora de forma totalmente privada, e eu não pensaria em dizer nada para atrair a atenção das pessoas e levá-las a visitar os lugares que explorei. É verdade – uma

verdade terrível – que existem criaturas não humanas nos observando todo o tempo. Eles têm espiões entre nós para coletarem informações. Foi de um desses espiões que consegui boa parte de minhas pistas sobre o assunto. Um homem miserável, se é que era mentalmente são (como penso que era). Ele depois se suicidou, mas tenho razões para pensar que há outros agora.

As criaturas vêm de outro planeta e são capazes de viver no espaço interestelar e de viajar por ele por intermédio de asas desajeitadas e poderosas que de alguma forma resistem ao éter, mas são muito ruins no controle da direção para terem qualquer utilidade na Terra. Falarei sobre isso mais tarde, se o senhor decidir me levar a sério e não pensar que sou um louco. Eles vêm aqui para retirar metais das minas profundas sob as montanhas, e penso que sei de onde eles vêm. Eles não nos ferirão se os deixarmos em paz, mas ninguém pode dizer o que acontecerá se ficarmos muito curiosos a respeito deles. Evidente que um bom exército de homens poderia dizimar a colônia de mineradores deles. E é isso que eles temem. Mas se isso acontecesse, mais deles viriam do espaço – sabe-se lá em que número. Eles poderiam dominar a Terra com facilidade, mas não tentaram até agora porque não sentiram a necessidade. Eles preferem deixar as coisas como estão para evitar aborrecimentos.

Acho que pretendem livrar-se de mim devido ao que descobri. Há uma enorme pedra negra com hieróglifos desconhecidos – e já meio desgastada – que encontrei na floresta da Montanha Redonda, a leste daqui. E depois que a trouxe para casa, tudo ficou diferente. Se pensarem que suspeito demais, vão assassinar-me ou levar-me da Terra para o lugar de onde vieram. Eles gostam de levar homens de erudição de vez em quando para manterem-se informados sobre a situação das coisas no mundo humano.

E isso me leva ao segundo propósito de escrever ao senhor – qual seja, instá-lo a acabar com o presente debate, em vez de dar-lhe mais publicidade. As pessoas precisam ser mantidas longe dessas montanhas, e para que isso aconteça, a curiosidade delas não deve ser atiçada ainda mais. Deus sabe

que já há perigo demais, de qualquer forma, com os incorporadores e corretores imobiliários que inundam Vermont no verão com uma multidão de pessoas que infestam os lugares despovoados e cobrem as montanhas com bangalôs baratos.

Ficarei feliz em dar continuidade à nossa comunicação e tentarei enviar a gravação do fonógrafo e a pedra negra (que está tão corroída que as fotografias não conseguem captar muita coisa) através de um serviço de entrega expressa, se o senhor desejar. Digo “tentarei” porque acho que aquelas criaturas têm alguma maneira de adulterar as coisas por aqui. Há um camarada soturno e furtivo por aqui, de nome Brown, que mora em uma fazenda perto da vila. Penso que seja espião das criaturas. Pouco a pouco elas estão tentando me colocar para fora de nosso mundo porque sei coisas demais sobre o mundo deles.

É inacreditável como conseguem descobrir o que faço. Pode ser que o senhor nem sequer receba esta carta. Creio que serei obrigado a deixar esta parte do país e ir morar com meu filho em San Diego, na Califórnia, se as coisas piorarem. Mas não é tão fácil abandonar o lugar em que nascemos e onde nossa família viveu por seis gerações. Além do mais, eu dificilmente ousaria vender esta casa para qualquer pessoa, agora que as criaturas tomaram conhecimento dela. Elas parecem estar tentando reaver a pedra negra e destruir a gravação do fonógrafo, mas não permitirei que isso aconteça, se puder impedi-las. Meus enormes cães de guarda sempre as mantêm afastadas, já que há poucas delas por aqui ainda e elas são atrapalhadas no caminhar. Como já disse, as asas delas não têm muita utilidade para voos curtos na Terra. Estou prestes a decifrar aquela pedra – de uma forma muito terrível – e com seu conhecimento em folclore, talvez o senhor seja capaz de me ajudar a encontrar os elos perdidos. Suponho que o senhor saiba tudo a respeito dos mitos pavorosos sobre coisas que antecedem a chegada do homem à Terra – os ciclos Yog-Sothoth e Cthulhu – acerca dos quais há referências discretas no *Necronomicon*. Tive acesso a uma cópia dele uma vez, e ouvi dizer que o senhor tem uma

guardada a sete chaves na biblioteca da universidade.

Para concluir, senhor Wilmarth, acredito que com nossos estudos podemos ser muito úteis um ao outro. Não tenho a intenção de colocá-lo em perigo, e suponho que devo alertá-lo de que estar de posse da pedra e da gravação pode não ser muito seguro. Mas acredito também que o senhor esteja disposto a enfrentar quaisquer riscos em nome do conhecimento. Irei até Newfane ou Brattleboro para enviar o que quer que o senhor me autorize a enviar, porque os correios de lá são mais confiáveis. Devo dizer que atualmente vivo sozinho, já que não tenho mais como manter os empregados aqui. Eles não querem ficar, devido às criaturas que tentam se aproximar da casa à noite e que mantêm os cães latindo continuamente. Fico aliviado por não ter me embrenhado tão a fundo nesse assunto enquanto minha mulher ainda estava viva, pois ela teria enlouquecido.

Na esperança de não estar incomodando desnecessariamente e de que o senhor se decida a não atirar esta carta ao lixo, tomando-a por um desvario de um louco, fico no aguardo de seu contato e subscrevo-me.

Atenciosamente,
Henry W. Akeley

P.S. Estou providenciando algumas cópias de certas fotografias tiradas por mim, que, em minha opinião, ajudarão a provar alguns dos pontos a que me referi. Os mais velhos acham que elas são monstruosamente verdadeiras. Posso enviá-las em breve, se o senhor estiver interessado.

H.W. A.

Seria difícil descrever meus sentimentos ao ler esse estranho documento pela primeira vez. Por todos os sensos comuns, eu deveria ter gargalhado mais alto diante dessas extravagâncias do que das teorias bem mais moderadas que anteriormente tinham me levado ao riso. No entanto, alguma coisa no tom da carta fez com que eu a encarasse com uma seriedade paradoxal. Não que eu acreditasse sequer por um momento na existência de uma raça oculta vinda das

estrelas, tal como meu correspondente descrevera. Porém, depois de uma severa dúvida inicial, passei a ter uma certeza surpreendente quanto à sanidade e à sinceridade do homem, e também de que ele tinha se confrontado com algum fenômeno genuíno, ainda que singular e anormal, que ele não podia explicar a não ser daquela forma fantasiosa. Não poderia ser como ele pensava, refleti, mas, por outro lado, aquilo não poderia deixar de ser investigado. O homem parecia desnecessariamente exaltado e alarmado com alguma coisa, mas era difícil imaginar que não houvesse um motivo. Ele foi muito específico e lógico de várias formas, afinal, a história dele se encaixava absurdamente bem em alguns dos mitos antigos – até mesmo nas lendas indígenas mais extravagantes.

Era totalmente possível que ele realmente tivesse ouvido vozes perturbadoras nas montanhas e encontrado a pedra negra de que falara, apesar das loucas inferências que tinha feito – inferências essas provavelmente sugeridas pelo homem que dizia ser espião dos seres alienígenas e que pouco depois tinha-se suicidado. Era fácil deduzir que esse homem devia ser totalmente insano, mas que provavelmente possuía uma veia de lógica exterior perversa que fez com que o ingênuo Akeley – já preparado para tais coisas pelos seus estudos de folclore – acreditasse em sua história. Quanto aos últimos acontecimentos, parecia – por sua inabilidade em manter os empregados – que os vizinhos mais humildes e rústicos de Akeley estavam tão convencidos quanto ele de que a casa estava sendo sitiada por criaturas misteriosas à noite. Os cães normalmente latiam, também.

Em relação à gravação do fonógrafo, eu só podia acreditar que ele tivesse conseguido da maneira como havia mencionado. Aquilo deveria significar alguma coisa; talvez fossem ruídos de animais, confundidos com a voz humana, ou mesmo a fala de algum ser humano escondido na floresta, perambulando pela noite, reduzido a um estado não muito melhor que o dos animais. Meus pensamentos voltaram-se então à pedra negra com hieróglifos e às especulações sobre o que poderiam significar. E também, o que dizer das fotografias que Akeley disse estar prestes a enviar, e que os mais idosos tinham achado tão terríveis?

Enquanto eu relia os garranchos da caligrafia, sentia, como nunca antes, que meus crédulos opositores poderiam ter mais coisas do seu

lado do que eu admitia. Afinal, poderia haver alguns rejeitados estranhos e talvez com alguma má-formação hereditária naquelas colinas evitadas, mesmo que não houvesse nenhuma raça de monstros estelares como aqueles que o folclore afirmava haver. Se houvesse, então a presença de corpos estranhos nos riachos inundados não pareceria tão completamente absurda. Seria muita presunção supor que tanto as antigas lendas quanto os relatos recentes tivessem tamanho grau de verdade por trás deles? Mas mesmo enquanto eu nutria essas dúvidas, sentia-me envergonhado pelo fato de uma obra tão bizarra e tão fantástica quanto a carta espantosa de Henry Akeley ter suscitado tantas dúvidas.

No fim, respondi à carta de Akeley adotando um tom de interesse cordial e solicitando mais detalhes. A resposta dele veio quase que no retorno do correio; e continha, como prometido, vários instantâneos de cenas e objetos ilustrando o que ele tinha contado. Olhando para essas fotografias enquanto as tirava do envelope, senti uma curiosa sensação de medo como quando se está perto de coisas proibidas. Pois, apesar da imprecisão da maioria, elas tinham uma força muito sugestiva que foi intensificada pelo fato de serem fotografias genuínas – verdadeiros elos ópticos com aquilo que retratavam e o produto de um processo de transmissão impessoal sem preconceito, falibilidade ou desonestidade.

Quanto mais olhava para elas, mais eu via que minha estimativa sensorial de Akeley e de sua história não fora infundada. Certamente, aquelas fotografias carregavam evidências conclusivas de que havia algo nas colinas de Vermont que estava, no mínimo, completamente fora da esfera comum de nosso conhecimento e de nossas crenças. O pior de tudo eram as pegadas – uma imagem captada onde o sol brilhava em uma trilha de barro, em algum lugar de um planalto deserto. Aquilo não era nenhuma falsificação barata, pude ver à primeira vista. Pois os pedregulhos definidos com nitidez e as lâminas de grama no campo de visão davam uma clara noção da escala e não deixavam nenhuma possibilidade de uma dupla exposição ardilosa. Chamei a coisa de “pegada”, mas “rastros em forma de garras” seria um termo melhor. Ainda hoje, mal consigo descrevê-la, a não ser dizendo que tinha uma forma horrenda, parecida com as marcas de um caranguejo, e que mostrava haver alguma ambiguidade quanto à direção do movimento. Não era muito profunda nem muito recente,

mas parecia ter o tamanho normal de um pé humano. De um bloco central, pares de garras serrilhadas projetavam-se em direções opostas – a função daquilo era um tanto enigmática, se é que, de fato, todo o objeto era unicamente um órgão de locomoção.

Outra fotografia – evidentemente uma exposição prolongada feita em uma sombra profunda – era da entrada de uma caverna na floresta, obstruída por uma enorme rocha de formato esférico. No solo nu defronte a ela, podia-se discernir uma rede intrincada de rastros curiosos, e quando estudei a fotografia com uma lupa tive a certeza inabalável de que os rastros eram parecidos com o da foto anterior. Uma terceira fotografia mostrava um círculo de pedras eretas, no estilo dos druidas, no alto de uma montanha. Ao redor do círculo enigmático, a grama estava bastante desgastada, embora eu não tenha conseguido detectar qualquer pegada, mesmo com a lupa. O extremo isolamento do local era evidente pelo verdadeiro mar de montanhas inabitadas que formavam o segundo plano e se estendiam em direção a um horizonte coberto de névoa.

Contudo, se a imagem mais perturbadora de todas era a da pegada, a mais curiosa e sugestiva era a da grande pedra negra encontrada nas florestas da Montanha Redonda. Evidentemente, Akeley a tinha fotografado da mesa de seu gabinete, pois eu podia ver fileiras de livros e um busto de Milton ao fundo. A coisa, como era de se esperar, aparecia de frente para a câmera, em posição vertical, com uma superfície curva levemente irregular e com medidas aproximadas de trinta centímetros por sessenta. Mas dizer alguma coisa precisa sobre aquela superfície, ou sobre o formato geral da massa toda, quase desafia o poder da linguagem. Que princípios geométricos bizarros teriam orientado sua lapidação – porque era certo que tinha sido lapidada artificialmente –, eu não conseguiria nem mesmo começar a supor. E nunca em minha vida tinha visto qualquer coisa que me parecesse tão estranha e inconfundivelmente alienígena para este mundo. Dos hieróglifos na superfície pude discernir muito pouco, mas um ou dois dos que pude ver me deixaram em choque. É evidente que poderiam ser fraudulentos, já que outras pessoas além de mim já tinham lido o monstruoso e abominável *Necronomicon*, de Abdul Alhazred, o árabe louco. De qualquer forma, causou-me arrepios reconhecer certos ideogramas que o estudo me ensinou a relacionar aos mais assustadores e blasfemos murmúrios de coisas que tiveram

uma espécie de semiexistência louca antes que a Terra e os outros mundos do sistema solar fossem criados.

Das cinco imagens restantes, três eram paisagens de pântanos e montanhas, que pareciam carregar traços de uma ocupação perniciosa e oculta. Outra mostrava uma marca estranha no chão, bem próximo à casa de Akeley. Segundo disse, ele tirou a fotografia na manhã seguinte à noite em que os cães latiram com mais violência que o normal. Estava bastante desfocada e não se poderia chegar a nenhuma conclusão a partir dela. Mas era de fato diabolicamente semelhante à outra marca, fotografada no planalto deserto. A última fotografia era da própria casa de Akeley: uma casa branca bem acabada de dois andares e sótão, com cerca de cento e vinte anos, com um gramado bem conservado e um caminho ladeado de pedras que conduzia a um portal georgiano entalhado com muito bom gosto. Havia vários cães de guarda enormes no gramado, sentados ao lado de um homem com um rosto simpático e barba grisalha bem aparada, que deduzi ser o próprio Akeley – em um autorretrato, como se podia deduzir a partir do bulbo ligado a um tubo que segurava na mão direita.

Depois de ver as fotografias, passei a ler a carta volumosa e escrita com muita diligência; e pelas três horas seguintes, precipitei-me em um abismo de horror indescritível. Se na primeira correspondência Akeley havia feito apenas alguns esboços, ele agora entrava nos detalhes mais minuciosos. Apresentou longas transcrições de palavras ouvidas nas florestas à noite, extensos relatos de formas rosadas monstruosas avistadas entre os arbustos da colina ao crepúsculo e uma terrível narrativa cósmica resultante da aplicação de uma profunda e variada erudição aos intermináveis discursos do louco que se autodeclarava espião e que por fim se matara. Eu me via diante de nomes e termos que havia encontrado em outros lugares associados a horrores: Yuggoth, Grande Cthulhu, Tsathoggua, Yog-Sothoth, R'lyeh, Nyarlathotep, Azathoth, Hastur, Yian, Leng, o Lago de Hali, Bethmoora, o Símbolo Amarelo, L'mur-Kathulos, Bran e o Magnum Innominandum – e fui arrastado de volta no tempo, através de eras inominadas e dimensões inconcebíveis, até os mundos da entidade ancestral e extraterrena sobre os quais o louco autor de *Necronomicon* havia conjecturado da forma mais vaga possível. Ele me falou sobre as profundezas da vida primitiva e dos riachos que lá haviam brotado; e, finalmente, dos pequeninos regatos de um desses riachos que tinha se

emaranhado ao destino de nossa própria terra.

Meu cérebro rodopiava. E se antes eu tentava encontrar explicações para os fatos, agora começava a acreditar nas maravilhas mais anormais e incríveis. O leque de provas vitais era vasto e contundente. E a atitude fria e científica de Akeley – uma atitude tão distante quanto se possa imaginar da demência, do fanatismo, do histerismo ou até mesmo da especulação extravagante – teve um efeito avassalador sobre meu raciocínio e meu julgamento. Quando, por fim, coloquei de lado a carta aterrorizante, pude compreender os temores que ele passou a hospedar e estava pronto para fazer qualquer coisa que estivesse em meu alcance para manter as pessoas longe daquelas montanhas inóspitas e assombradas. Mesmo agora, que o tempo já atenuou o impacto e me fez, em certa medida, questionar minha própria experiência e minhas dúvidas terríveis, há coisas naquela carta de Akeley que eu não mencionaria e nem mesmo colocaria em palavras no papel. Sinto-me quase aliviado que a carta, a gravação e as fotografias tenham se perdido – e desejaria, por razões que em breve tornarei claras, que o novo planeta além de Netuno não tivesse sido descoberto.

Com a leitura daquela carta, meu debate público sobre o horror de Vermont terminou permanentemente. Os argumentos de meus oponentes permaneciam sem respostas ou eram descartados com promessas, e, por fim, a controvérsia foi esquecida. Durante o final de maio e o mês de junho, estive em constante correspondência com Akeley, embora de vez em quando uma carta se extraviasse, de modo que éramos obrigados a retraçar o caminho percorrido e a providenciar novas cópias. O que estávamos tentando fazer, no geral, era comparar nossas anotações relativas a assuntos mitológicos obscuros e chegar a uma correlação mais clara entre os horrores de Vermont e as características gerais das lendas do mundo primitivo.

Para começar, decidimos que aquelas monstruosidades e o demoníaco Mi-Go himalaio pertenciam a uma única e mesma ordem de pesadelo encarnado. Havia ainda conjecturas zoológicas absorventes, as quais eu teria levado ao conhecimento do professor Dexter em minha universidade, não fosse a ordem imperativa de Akeley de que não dissesse nem uma palavra sobre o assunto que tínhamos diante de nós. Se pareço desobedecer a essa ordem agora é só porque, a essa altura dos acontecimentos, acho que uma

advertência sobre aquelas montanhas longínquas de Vermont – e sobre as montanhas himalaias que os exploradores ávidos estão mais e mais determinados a escalar – é mais condizente com a segurança pública do que o silêncio poderia ser. Uma atividade específica para a qual estávamos nos preparando era a decodificação dos hieróglifos daquela infame pedra negra – uma decodificação que bem poderia nos colocar de posse de segredos mais profundos e mais desnorteadores que qualquer outro já conhecido pelo homem.

† Ex nihilo nihil fit é uma expressão latina que significa “nada surge do nada”. Indica um princípio metafísico segundo o qual o ser não pode começar a existir a partir do nada. A frase é atribuída ao filósofo grego Parménides.

III

No final de junho, chegou a gravação fonográfica – enviada de Brattleboro, uma vez que Akeley não estava disposto a confiar nas condições do ramal que operava ao norte daquele lugar. Ele tinha a sensação de que a espionagem estava mais acirrada, sensação que foi agravada pelo extravio de algumas de nossas cartas, e falou muito sobre os atos insidiosos de certos homens, que considerava instrumentos e agentes dos seres ocultos. Acima de tudo, ele suspeitava do carrancudo fazendeiro Walter Brown, que morava sozinho em uma casa em ruínas na encosta da colina, perto dos bosques mais cerrados, e que muitas vezes era visto vagando pelas esquinas de Brattleboro, Bellows Falls, Newfane e South Londonderry, nas circunstâncias mais inexplicáveis e aparentemente sem motivo algum. Akeley estava convencido de que a voz de Brown era uma das vozes que ele tinha ouvido em certa ocasião, em uma conversa muito terrível; e uma vez encontrou uma pegada ou uma marca de garra perto da casa de Brown, o que poderia ter um significado sinistro. A marca estava curiosamente perto de algumas das pegadas do próprio Brown – pegadas que se voltavam para as marcas.

Por isso, a gravação foi enviada de Brattleboro, para onde Akeley foi com seu Ford, dirigindo pelas solitárias estradas secundárias de Vermont. Ele confessou em uma nota que acompanhava a remessa que estava começando a ficar com medo dessas estradas, e que ele não iria nem mesmo a Townshend para fazer compras de agora em diante, a não ser à luz do dia. Ele repetiu várias vezes que não valia a pena saber muito sobre o assunto, a menos que se estivesse bem longe daquelas montanhas silenciosas e problemáticas. Ele iria para a

Califórnia muito em breve para morar com o filho, embora fosse difícil deixar um lugar onde todas as suas memórias e sentimentos ancestrais estavam reunidos. Antes de tentar ouvir a gravação na máquina que emprestei do prédio da administração da universidade, reli cuidadosamente todas as explicações contidas nas várias cartas de Akeley. Esta gravação, ele havia dito, fora obtida por volta da uma hora da manhã no dia primeiro de maio de 1915, perto da entrada bloqueada de uma caverna, onde a encosta oeste da Montanha Sombria se ergue do Pântano de Lee. O lugar sempre fora estranhamente infestado por vozes estranhas, e esse foi o motivo pelo qual havia levado o fonógrafo, o ditafone e a cera virgem, na esperança de conseguir resultados. A experiência anterior já havia demonstrado a ele que a véspera do dia primeiro de maio – a pavorosa noite do Sabá das lendas ocultas europeias – seria provavelmente mais frutífera do que qualquer outra data, e ele não se decepcionou. Era digno de nota, contudo, que ele nunca mais ouviu vozes naquele lugar.

Ao contrário da maioria das vozes ouvidas na floresta, o conteúdo da gravação era quase ritualístico e incluía uma voz claramente humana, voz essa que Akeley nunca conseguiu saber de quem era. Não era a voz de Brown, mas parecia ser a voz de um homem de grande erudição. A segunda voz, entretanto, era o ponto crucial da coisa – pois se tratava do amaldiçoado zumbido que não tinha semelhança alguma com a voz humana, apesar das palavras que proferia em bom inglês e com entonação erudita.

O fonógrafo e o ditafone não funcionaram com uniformidade, e, é claro, havia a desvantagem da natureza remota e abafada do ritual ouvido, de forma que as falas registradas estavam bastante fragmentadas. Akeley tinha enviado uma transcrição do que ele acreditava ser as palavras ditas, e eu passei os olhos novamente por ela enquanto colocava a máquina para funcionar. O texto era mais misterioso e sombrio do que ostensivamente apavorante, embora o conhecimento de sua origem e da maneira como fora obtido dessem a ele todo o horror associativo que quaisquer palavras pudessem possuir. Reproduzirei aqui, na íntegra, o conteúdo da transcrição, tal como me lembro – e estou bastante confiante de que o conheço de cor, não apenas por ter lido a transcrição como também por ter ouvido a gravação repetidas vezes. Não é uma coisa que alguém possa esquecer

facilmente!

(Sons indistintos)
(Voz humana de homem culto): … é o Senhor da Floresta, mesmo para… e os dons dos homens de Leng… dos poços da noite aos abismos do espaço, e dos abismos do espaço aos poços da noite, sempre o louvor ao Grande Cthulhu, a Tsathoggua e Àquele Que Não Deve Ser Nomeado. Louvor eterno a Eles, e abundância para o Bode Negro da Floresta. Iä! Shub-Niggurath! O Bode com Mil Filhotes!
(Zumbido imitando a voz humana): Iä! Shub-Niggurath! O Bode com Mil Filhotes!
(Voz humana): E aconteceu que o Senhor das Florestas, sendo… sete e nove… descendo os degraus de ônix… (tri)butos Àquele que vive no abismo, Azathoth, a Ele, sobre quem Tu nos contaste marav(ilhas)… nas asas da noite para além do espaço, para além do… até Aquele cuja cria mais nova é Yuggoth, girando sozinho no longínquo éter negro na borda…
(Voz de zumbido): … caminhai entre os homens e aprendei seus costumes, para que Ele, no Abismo, possa conhecê-los. A Nyarlathotep, o Poderoso Mensageiro, todas as coisas devem ser contadas. E Ele há de assumir o semblante dos homens, a máscara de cera e o manto que oculta, e há de descer do mundo dos Sete Sóis para zombar…
(Voz humana): … (Nyarl)athotep, Grande Mensageiro, portador de estranha alegria a Yuggoth, através do vazio, Pai do Milhão de Eleitos, à espreita entre…
(Fala cortada pelo término da gravação)

Tais eram as palavras que eu ouviria ao ligar o fonógrafo. Foi com um quê de genuíno terror e relutância que acionei a alavanca e ouvi os arranhões preliminares da ponta de safira, e fiquei aliviado com o fato de que as primeiras palavras débeis e fragmentadas eram de uma voz humana – uma voz macia e culta, com um sotaque que lembrava vagamente o dos naturais de Boston e que certamente não era a de um nativo das montanhas de Vermont. Enquanto ouvia aquela reprodução tênue e irresistível, percebia que a fala era idêntica à transcrição cuidadosamente preparada por Akeley. E a voz cantava, voz macia

com sotaque de Boston… Iä! Shub-Niggurath! O Bode com Mil Filhotes!…

E então ouvi a outra voz. Até hoje estremeço relembrando a forma como aquilo me chocou, ainda que tivesse sido preparado por meio de relatos de Akeley. Todos aqueles a quem, desde então, descrevi a gravação são categóricos em afirmar que não veem nada além de charlatanismo barato ou loucura naquilo. Mas, pudessem eles ouvir aquela coisa maldita ou ler a pilha de correspondências de Akeley (principalmente a terrível e enciclopédica segunda carta), tenho certeza de que pensariam de outra forma. Em resumo, é uma enorme lástima que eu não tenha desobedecido a Akeley e tocado a gravação para outras pessoas – uma tremenda pena também que todas as cartas dele tenham se perdido. Para mim, com o primeiro impacto causado pelos sons e com meu conhecimento do cenário de fundo e das circunstâncias que o cercavam, a voz era uma coisa monstruosa. Ela seguia a voz humana na resposta do ritual, mas em minha imaginação aquilo era um eco mórbido batendo suas asas em meio a abismos inconcebíveis de infernos inimagináveis. Já se passaram mais de dois anos desde que reproduzi aquele cilindro encerado blasfemo pela última vez; mas neste momento, e em todos os outros, ainda posso ouvir aquele zumbido tênue e diabólico tal como o ouvi pela primeira vez.

“Iä! Shub-Niggurath! O Bode com Mil Filhotes!”

No entanto, embora a voz esteja sempre em meus ouvidos, não fui capaz ainda nem mesmo de analisá-la bem o bastante para uma descrição gráfica. Era como o zumbido de um inseto gigante e asqueroso, desajeitadamente moldado à fala articulada de uma espécie alienígena, e tenho a absoluta certeza de que os órgãos que a produziam não podem ter semelhança com os órgãos vocais do homem ou sequer com os dos mamíferos. Havia peculiaridades no timbre, na amplitude e na frequência que colocavam todo o fenômeno fora da esfera da humanidade e da vida terrena. A maneira abrupta como aconteceu da primeira vez me atordoou, e ouvi o resto da gravação em uma espécie de estupor abstraído. Quando o trecho mais longo do zumbido tocou, houve uma intensificação aguda daquela sensação de eternidade blasfema que havia tomado conta de mim durante a passagem anterior, mais curta. Por fim, a gravação terminou de forma abrupta, durante uma fala incomumente clara da voz

humana com sotaque de Boston. Mas eu permaneci parado por um bom tempo, como um estúpido, olhando para a máquina inerte. Não se faz necessário dizer que reproduzi aquela gravação chocante muitas outras vezes e que fiz tentativas exaustivas de analisá-la e de comparar minhas anotações com as de Akeley. Seria inútil e perturbador repetir aqui tudo o que concluímos. Entretanto, devo dizer que concordamos em acreditar que tínhamos obtido fortes indícios quanto às origens de alguns dos mais repulsivos costumes primordiais das religiões mais antigas e insondáveis da humanidade. Também nos pareceu claro que havia uma aliança antiga e intrincada entre as criaturas ocultas do espaço e certos membros da raça humana. Qual a extensão dessas alianças e como a situação atual se comparava à situação nas épocas mais remotas, não tínhamos como saber. Mas, na melhor das hipóteses, havia espaço para uma quantidade infinita de especulações tenebrosas. Parecia existir uma ligação tenebrosa, imemorial, em vários estágios definidos, entre o homem e a imensidão inominável. As blasfêmias que apareciam na Terra, ao que tudo levava a crer, vinham do obscuro planeta Yuggoth, que ficava na fronteira do sistema solar. Entretanto, esse planeta não passava de um mero entreposto avançado, povoado por uma raça interestelar medonha cuja origem deveria estar muito além até mesmo do continuum espaço-tempo de Einstein ou do maior universo conhecido.

Enquanto isso, continuávamos a discutir sobre a pedra negra e a melhor maneira de enviá-la a Arkham – já que Akeley achava arriscado que eu fosse visitá-lo no cenário de seus estudos conturbados. Por alguma razão, Akeley tinha medo de confiar a coisa a qualquer rota de transporte comum ou previsível. Decidiu, afinal, levá-la pelo interior até Bellows Falls e despachá-la de lá por um trem da Ferrovia de Boston e Maine que passaria por Keene e Winchendon e depois por Fitchburg, muito embora isso tornasse necessário que ele dirigisse por estradas mais desertas, mais acidentadas e com mais florestas que a estrada principal para Brattleboro. Ele me disse que havia notado um homem rondando o escritório do expresso em Brattleboro quando me enviou a gravação do fonógrafo cujas atitudes e fisionomia não eram nada tranquilizadoras. Parecia estar muito ansioso para falar com os atendentes, e embarcara no trem em que a gravação fora despachada. Akeley confessou que não se sentiu tranquilo em relação à gravação até que obteve a confirmação de que

eu a tinha recebido em segurança.

Mais ou menos nessa época – na segunda semana de julho – outra carta minha se extraviou, como tomei conhecimento por meio de uma comunicação ansiosa de Akeley. Depois disso, ele me disse para não mais enviar as cartas para Townshend, e em vez disso, enviar toda a correspondência à posta-restante de Brattleboro, para onde faria viagens frequentes, tanto em seu carro quanto na linha de ônibus que há pouco tempo havia substituído o serviço de passageiros do ramal da ferrovia, que sempre atrasava. Eu podia notar que ele estava ficando cada vez mais ansioso, porque se demorava contando com detalhes sobre o aumento dos latidos dos cães nas noites sem luar e sobre as marcas frescas em forma de garras que às vezes encontrava na estrada e na lama nos fundos da propriedade ao amanhecer. Certa vez me falou sobre um verdadeiro exército de pegadas alinhadas, de frente para uma linha igualmente espessa e resoluta de rastros de cães. E enviou-me uma fotografia inquietante para prová-lo. Isso tinha sido depois de uma noite em que os cães haviam se superado nos latidos e uivos.

Na manhã da quarta-feira, 18 de julho, recebi um telegrama de Bellows Falls, no qual Akeley dizia que estava despachando a pedra negra pela B & M, no trem número 5508, que partiria de Bellows Falls às 12:15 e deveria chegar à Estação Norte de Boston às 16:12. Calculei que deveria chegar a Arkham no máximo até o meio-dia do dia seguinte. E de acordo com isso, permaneci em casa durante toda a manhã da quinta-feira para recebê-la. Mas o meio-dia chegou e se foi e nada aconteceu. E quando telefonei para o escritório da companhia, fui informado de que não havia chegado nenhuma encomenda para mim. Meu passo seguinte, que coloquei em prática tomado por um crescente alarme, foi fazer uma chamada de longa distância ao agente da companhia, na Estação Norte de Boston. E pouco me surpreendi ao saber que minha encomenda não havia chegado. O trem 5508 havia chegado com apenas trinta e cinco minutos de atraso no dia anterior, mas não trazia nenhuma caixa endereçada a mim. O agente prometeu, contudo, realizar uma investigação para procurá-la, e terminei o dia enviando a Akeley uma carta noturna delineando a situação.

Com uma prontidão louvável, na tarde seguinte chegou-me um relatório do escritório de Boston, e o agente telefonou-me tão logo tomou conhecimento dos fatos. Ao que parecia, o encarregado do

expresso 5508 recordava-se de um incidente que poderia estar relacionado à minha perda – uma discussão com um homem de voz bastante curiosa, magro, de cabelos louro-escuros e um aspecto rude, quando o trem estava parado em Keene, New Hampshire, pouco depois da uma hora da tarde. O homem, ele disse, mostrava-se bastante exasperado com relação a uma caixa que dizia estar esperando, mas que não estava no trem nem constava dos livros de registros da companhia. Ele apresentara-se como Stanley Adams e tinha uma voz estranhamente grave e com um zumbido tão forte que deixou o encarregado tonto e sonolento. O funcionário não se lembrava claramente de como a conversa havia terminado, mas recordava-se de ter recobrado as condições mentais tão logo o trem começou a se mover. O agente de Boston acrescentou que esse funcionário era um jovem de confiabilidade e honestidade inquestionáveis, com bons antecedentes e que trabalhava há muito tempo na companhia.

Naquela noite fui a Boston para interrogar o funcionário pessoalmente, depois de obter seu nome e endereço no escritório. Era um sujeito franco e simpático, mas logo percebi que ele nada poderia acrescentar ao seu relato original. Estranhamente, ele tinha pouca certeza de que conseguiria sequer reconhecer o estranho se o visse outra vez. Percebendo que ele não tinha nada mais a dizer, retornei a Arkham e fiquei até o amanhecer escrevendo cartas para Akeley, para a companhia, para o departamento de polícia e para o agente da estação em Keene. Senti que o homem de voz estranha que tinha abalado de maneira tão estranha o encarregado devia ter um papel vital em todo o episódio nefasto, e esperava que os empregados da estação de Keene e os registros do posto de telégrafos pudessem dizer alguma coisa sobre ele e sobre como havia feito seus questionamentos na hora e no lugar em que os fez.

Contudo, devo admitir que minhas investigações deram em nada. O homem de voz estranha tinha, de fato, sido notado por perto da estação de Keene no início da tarde de dezoito de julho, e um mendigo pareceu associá-lo a uma caixa pesada. Mas o sujeito era totalmente desconhecido por ali e não foi visto antes ou depois daquilo. Ele não havia visitado o escritório do telégrafo nem recebido qualquer mensagem até onde se pôde averiguar, tampouco havia passado pelo escritório qualquer mensagem que pudesse ser considerada como

referente à presença da pedra negra no trem 5508. Naturalmente, Akeley juntou-se a mim na condução dessas investigações e até mesmo fez uma viagem a Keene pessoalmente para questionar as pessoas ao redor da estação. Mas sua atitude em relação ao problema era mais fatalista que a minha. Ele parecia achar a perda da caixa uma concretização fatídica e ameaçadora de tendências inevitáveis, e não tinha a menor esperança de recuperá-la. Ele falava dos poderes indubitavelmente telepáticos e hipnóticos das criaturas das montanhas e de seus agentes, e em uma das cartas deu a entender que não acreditava que a pedra estivesse mais nesta terra. De minha parte, eu estava enfurecido, pois acreditava que havia ao menos uma chance de conhecer coisas profundas e assombrosas com os hieróglifos antigos e desgastados. A questão teria causado um ressentimento amargo em minha mente se as cartas de Akeley que me chegaram quase que imediatamente não tivessem trazido à baila uma nova fase de todo o terrível problema da montanha, que imediatamente exigiu toda a minha atenção.

IV

As criaturas desconhecidas, Akeley escreveu com uma caligrafia que tinha se tornado lamentavelmente mais trêmula, tinham começado a acuá-lo com um novo grau de determinação. Agora, sempre que a lua estava fraca ou ausente, os latidos noturnos dos cães eram terríveis, e tinha havido tentativas de molestá-lo nas estradas ermas que ele precisava atravessar durante o dia. No dia 2 de agosto, enquanto dirigia seu carro em direção à vila, encontrou um tronco de árvore atravessado no caminho, em um ponto onde a estrada passava por uma floresta fechada. Os latidos desesperados dos dois enormes cães de guarda que levava consigo o advertiram claramente das criaturas que deviam estar por perto, à espreita. O que teria acontecido se os cães não estivessem ali, ele não se atrevia a imaginar – mas ele agora nunca saía sem pelo menos dois cães de sua leal e poderosa matilha. Outras experiências nas estradas tinham acontecido nos dias 5 e 6 de agosto. Em uma ocasião, um tiro passou de raspão em seu carro, e na outra, os latidos dos cães avisaram-no de presenças ameaçadoras na floresta.

Em 15 de agosto, recebi uma carta frenética que me perturbou muito e que me fez desejar que Akeley deixasse de lado sua reticência solitária e pedisse a ajuda da lei. Tinha acontecido uma coisa aterrorizante na madrugada entre os dias 12 e 13. Balas foram disparadas do lado de fora da casa, e, na manhã seguinte, três dos doze cães enormes foram encontrados mortos a tiros. Havia uma miríade de pegadas em forma de garras na estrada, com as pegadas humanas de Walter Brown entre elas. Akeley começou a telefonar para Brattleboro a fim de providenciar mais cães, mas a linha ficou muda

antes que ele tivesse a chance de falar muita coisa. Mais tarde, ele foi a Brattleboro em seu carro e descobriu que os técnicos haviam encontrado o cabo principal cortado intencionalmente em um ponto que passava pelas montanhas desertas ao norte de Newfane. Mas ele estava prestes a voltar para casa com quatro belos cães novos e várias caixas de munição para sua carabina de repetição. A carta foi escrita no posto do correio de Brattleboro e chegou a mim sem demora. A essa altura, minha atitude com relação ao problema deixou rapidamente de ser científica e transformou-se em uma alarmante preocupação pessoal. Temia o que poderia acontecer com Akeley naquela casa remota e solitária, e temia também por mim mesmo, devido à minha conexão, agora definitiva, com o estranho problema da montanha. A coisa estava se aproximando demais. Será que também me sugaria e me engoliria? Na resposta à carta dele, supliquei a Akeley que procurasse ajuda e insinuei que eu mesmo tomaria providências se ele não o fizesse. Falei em visitar Vermont pessoalmente, a despeito de suas orientações, e em ajudá-lo a explicar a situação às autoridades competentes. Como resposta, no entanto, recebi apenas um telegrama vindo de Bellows Falls, que dizia o seguinte:

> AGRADEÇO A POSIÇÃO, MAS VOCÊ NADA PODE FAZER. NÃO FAÇA NADA, POIS PODERIA PREJUDICAR A AMBOS APENAS. AGUARDE EXPLICAÇÕES.
>
> HENRY AKELY

Mas o caso se complicava a olhos vistos. Depois de responder o telegrama, recebi uma nota trêmula de Akeley com a surpreendente notícia de que ele não apenas não tinha enviado o telegrama, como também não havia recebido a minha carta, à qual o telegrama seria obviamente uma resposta. Investigações feitas às pressas por ele em Bellows Falls revelaram que a mensagem foi enviada por um homem estranho, de cabelos louros e uma voz curiosamente grave e que mais parecia um zumbido, embora não tenha conseguido descobrir nada além disso. O funcionário mostrou a ele o texto original, rabiscado a lápis pelo remetente, mas a caligrafia era completamente desconhecida. Era de se notar que a assinatura estava errada – A-K-E-

L-Y, sem o segundo “E”. Certas conjecturas eram inevitáveis, mas, em meio à evidente crise, ele não parou para meditar sobre elas.

Akeley comentou sobre a morte de mais cães e sobre a compra de outros mais, e também sobre as trocas de tiros que tinham se tornado uma rotina em todas as noites sem luar. As pegadas de Brown e as pegadas de pelo menos mais uma ou duas figuras humanas usando calçados eram agora encontradas com regularidade entre as pegadas em forma de garras, tanto na estrada quanto nos fundos da casa. A situação, Akeley admitia, era bastante ruim. Era provável que em breve tivesse de ir morar com o filho na Califórnia, conseguisse ou não vender a casa antiga. Mas não era fácil deixar o único lugar onde se sentia em casa. Ele precisava tentar aguentar um pouco mais. Talvez conseguisse afugentar os invasores – sobretudo se desistisse abertamente de qualquer nova tentativa de desvendar seus segredos.

Escrevi imediatamente a Akeley e renovei minhas ofertas de ajuda. Falei mais uma vez em visitá-lo e ajudá-lo a convencer as autoridades de que ele estava em perigo. Na resposta, ele pareceu menos intransigente com relação a esse plano do que suas atitudes anteriores levavam a prever, mas disse que gostaria de esperar um pouco mais – o suficiente para colocar suas coisas em ordem e conformar-se com a ideia de deixar o local de nascimento que amava de forma quase mórbida. As pessoas olhavam com desconfiança para seus estudos e especulações, e seria melhor sair discretamente, sem deixar a região em polvorosa e criar dúvidas generalizadas quanto à sua saúde mental. Ele já tinha suportado o suficiente, admitia, mas, se possível, queria fazer uma partida digna.

Essa carta chegou a mim no dia 28 de agosto, e logo preparei e enviei a resposta mais encorajadora que consegui escrever. Aparentemente, o encorajamento surtiu efeito, já que Akeley relatou menos terrores quando agradeceu a minha carta. No entanto, ele não estava muito otimista, e manifestou a crença de que apenas a fase da lua cheia estava mantendo as criaturas a distância. Ele esperava que não houvesse muitas noites nubladas, e falou vagamente em alojar-se em algum lugar de Brattleboro quando a lua começasse a minguar. Mais uma vez, escrevi a ele em tom encorajador, mas, em 5 de setembro, recebi uma nova comunicação que sem dúvida cruzou com minha carta no correio. E, a essa comunicação, não pude dar nenhuma resposta esperançosa. Em vista da importância, acredito que devo

transcrevê-la na íntegra – e tento reproduzir, da melhor forma possível, as memórias que guardo da caligrafia trêmula. Dizia basicamente o seguinte:

> Segunda-feira
> Caro Wilmarth,
>
> Uma nota bastante desalentadora à minha última carta. A noite passada foi bastante nublada – embora sem chuva – e não houve sequer um raio de luar. As coisas foram bem ruins, e acho que o fim está próximo, não obstante nossas esperanças. Pouco depois da meia-noite, alguma coisa pousou no telhado da casa, e os cães todos correram para ver do que se tratava. Eu podia ouvi-los tentando morder e sair em disparada, até que um deles conseguiu chegar ao telhado, saltando da ala mais baixa. Houve uma luta terrível lá em cima, e ouvi um zumbido aterrorizante que nunca esquecerei. E então senti um cheiro repulsivo. Quase ao mesmo tempo, as balas começaram a entrar pela janela e quase me acertaram. Acho que a fila principal de criaturas das montanhas conseguiu se aproximar da casa quando os cães se dividiram por causa do tumulto no telhado. O que havia lá em cima, eu ainda não sei, mas temo que as criaturas estejam aprendendo a controlar melhor suas asas espaciais. Apaguei as luzes e usei as janelas como brechas e disparei em todas as direções, com o rifle apontado alto o bastante para não acertar os cães. Aquilo pareceu colocar fim ao problema, mas, pela manhã, encontrei grandes poças de sangue no pátio, além de poças de uma coisa verde e pegajosa que tinha o pior odor que já senti na vida. Subi no telhado e encontrei ali mais da substância pegajosa. Cinco dos cachorros estavam mortos – e temo que eu mesmo tenha acertado um deles por mirar muito baixo, já que ele foi atingido nas costas. Estou agora consertando as vidraças estilhaçadas pelos tiros e depois irei a Brattleboro a fim de providenciar mais cães. Imagino que os homens dos canis pensem que sou louco. Escreverei outra carta em breve. Acredito que estarei pronto para me mudar em uma semana ou duas, embora pensar

nisso quase me mate.

Às pressas,
Akeley

Mas essa não foi a única carta de Akeley a cruzar a minha. Na manhã seguinte – 6 de setembro – recebi mais uma carta. Dessa vez, garranchos frenéticos que me deixaram transtornado ao extremo e sem saber o que dizer ou fazer. Mais uma vez, não posso fazer melhor do que citar o texto da forma mais fiel que minha memória permitir.

Terça-feira

As nuvens não se dissiparam, então não haverá lua mais uma vez – e estamos entrando na fase minguante, enfim. Eu providenciaria instalação elétrica para a casa e colocaria um holofote se não soubesse que eles cortariam os cabos tão rápido quanto eles pudessem ser consertados.
Acho que estou enlouquecendo. Pode ser que tudo que já escrevi a você seja um sonho ou loucura. As coisas já estavam bem ruins antes, mas desta vez foi demais. Eles falaram comigo na noite passada – falaram naquela maldita voz de zumbido e disseram coisas que não me atrevo a repetir a você. Eu os ouvia claramente, acima dos latidos dos cães. E em um momento em que foram abafados pelo barulho, uma voz humana os ajudou. Fique longe disso, Wilmarth – é pior do que você ou eu jamais suspeitamos. Agora não pretendem me deixar partir para a Califórnia. Querem me levar daqui vivo, ou melhor, em uma situação que teórica e mentalmente equivalha a estar vivo – não apenas para Yuggoth, mas além – querem me levar para além dos confins da galáxia e possivelmente para além da última fronteira do espaço. Eu disse a eles que não iria para onde eles querem, ou da forma terrível que sugerem me levar, mas temo que será inútil. Minha casa é tão afastada que eles podem vir durante o dia ou durante a noite e em breve. Mais seis cães mortos, e hoje senti que estava sendo observado em todas as partes da estrada ladeadas de florestas quando dirigi até Brattleboro. Foi um erro tentar enviar a você aquela gravação do

fonógrafo e a pedra negra. Seria melhor que você destruísse a gravação antes que seja tarde demais. Escreverei novamente amanhã se ainda estiver aqui. Gostaria de conseguir levar meus livros e minhas coisas a Brattleboro e hospedar-me por lá. Eu fugiria sem levar nada se pudesse, mas alguma coisa dentro de minha mente me impede. Posso sair à francesa para Battleboro, onde estaria a salvo, mas sinto-me tão prisioneiro lá quanto sou em casa. E tenho a impressão de que não iria muito longe, mesmo se abandonasse tudo e tentasse. É horrível – não se envolva nisso.

Com estima,
Akeley

Não consegui dormir à noite toda depois de receber essa carta terrível e fiquei perplexo quanto ao que poderia restar de sanidade em Akeley. O conteúdo da nota era totalmente insano, mas, mesmo assim, a maneira como ele se expressava – em vista de tudo que tinha acontecido até então – tinha um caráter persuasivo poderoso e sinistro. Não tentei respondê-la, achando que era melhor esperar até que Akeley tivesse tempo de responder à minha última comunicação. Tal resposta, de fato, chegou no dia seguinte, embora as novidades que ela continha quase ofuscassem quaisquer dos pontos levantados pela carta que esta respondia. Eis o que recordo do texto, rabiscado e borrado como estava, no curso de uma redação claramente frenética e apressada.

Quarta-feira
W-

Sua carta chegou, mas já não adianta mais discutir coisa alguma. Estou totalmente resignado. Fico admirado de ainda ter força de vontade suficiente para lutar contra eles. Não posso escapar, mesmo que estivesse disposto a deixar tudo para trás e sair correndo. Eles vão me pegar.
Recebi uma carta deles ontem – o funcionário da R.F.D. entregou-a enquanto eu estava em Brattleboro. Datilografada e postada em Bellows Falls. Conta o que querem fazer comigo – não consigo repetir. Tome cuidado! Destrua a gravação. As

noites permanecem nubladas e a lua míngua a cada noite. Quiçá eu ousasse pedir ajuda – isso poderia fortalecer a minha autodeterminação –, mas todos que se atrevessem a vir aqui me chamariam de louco, a menos que houvesse alguma prova. Eu não poderia pedir às pessoas que viessem sem um motivo plausível – não tenho contato algum com ninguém, e há anos.

Mas ainda não contei o pior, Wilmarth. Prepare-se, porque isso o deixará chocado. Mas estou dizendo a verdade. É essa: eu vi e toquei uma das criaturas, ou parte de uma delas. Deus, homem, é um horror! Estava morta, é claro. Um dos cães a pegou, e eu a encontrei esta manhã, perto do canil. Tentei guardá-la no depósito de lenha para convencer as pessoas sobre tudo isso, mas a coisa evaporou em poucas horas. Não sobrou nada. O senhor sabe, todas aquelas coisas nos rios foram vistas apenas na primeira manhã depois da inundação. E agora vem o pior. Tentei fotografá-la para você, mas quando revelei o filme não havia coisa alguma, exceto o depósito. Do que poderia ser feita a criatura? Eu a vi e a toquei, e todas elas deixam pegadas. Com toda a certeza, era feita de matéria – mas que tipo de matéria? A forma não pode ser descrita. Era um enorme caranguejo, com vários anéis carnudos em forma piramidal ou nós de uma coisa espessa e pegajosa, e coberta com antenas no lugar onde um homem teria a cabeça. A tal da coisa verde e pegajosa é o sangue ou linfa da criatura. E mais deles chegarão à Terra a qualquer minuto.

Walter Brown está desaparecido – não tem sido visto perambulando por nenhuma das vilas da região. Devo tê-lo acertado com um de meus tiros, embora as criaturas sempre pareçam tentar levar com eles seus mortos e feridos.

Cheguei à cidade esta tarde sem nenhum problema, mas temo que eles estejam começando a se afastar porque já têm certeza de que vão me pegar. Escrevo esta dos correios de Brattleboro. Talvez esta seja uma carta de adeus – se assim for, escreva para meu filho – George Goodenough Akeley, 176 Pleasant St., San Diego, Califórnia. Mas não venha para cá. Escreva para o garoto se não tiver notícias minhas em

uma semana e fique atento aos jornais.

Agora jogarei minhas duas últimas cartas – se ainda tiver forças para isso. Primeiro, vou tentar envenenar as criaturas com gás (providenciei as substâncias químicas necessárias e máscaras para mim e para os cães). E então, se isso não funcionar, vou contar ao xerife. Podem me trancafiar em um hospício, se quiserem – seria melhor do que ficar à mercê das outras criaturas. Talvez eu consiga fazer com que prestem atenção às pegadas ao redor da casa – são tênues, mas posso encontrá-las todas as manhãs. Suponhamos, contudo, que a polícia diga que as forjei de alguma forma, já que todos eles pensam que sou uma figura esquisita.

Devo tentar que um policial do estado passe a noite aqui e veja com seus próprios olhos – embora tão logo tomem conhecimento do fato, as criaturas permanecerão afastadas nessa noite. Elas cortam meus cabos sempre que tento telefonar à noite – os funcionários da companhia acham tudo isso muito estranho, e pode ser que testemunhem a meu favor, se não imaginarem que eu mesmo os cortei. Já faz mais de uma semana que desisti de consertá-los.

Eu poderia pedir que alguns dos meus antigos empregados testemunhassem a meu favor sobre a realidade dos horrores, mas todos riem do que eles dizem e, de qualquer forma, eles se esquivam de minha casa há tanto tempo que nem sabem dos últimos acontecimentos. Você não conseguiria convencer nenhum dos fazendeiros miseráveis a chegar a um quilômetro de minha casa por nada nesse mundo. O carteiro escuta o que eles dizem e brinca comigo sobre isso – Deus! Se ao menos eu tivesse coragem de dizer a ele como tudo isso é real! Acho que vou tentar fazer com que ele veja as pegadas. Mas ele vem à tarde, e elas normalmente já desapareceram nesse horário. Se eu preservar uma delas, colocando uma caixa ou uma panela, ele certamente pensará que é falsa ou então uma brincadeira.

Quisera eu não ter me transformado nesse eremita, pois é por isso que as pessoas não aparecem mais por aqui como costumavam fazer. Nunca me atrevi a mostrar a pedra negra ou as fotografias ou a gravação a ninguém, a não ser aos mais

ignorantes. Os outros diriam que forjei a coisa toda e não fariam outra coisa a não ser rir. Mas ainda posso tentar mostrar as fotografias. Elas mostram claramente as pegadas, mesmo que as criaturas que as fizeram não possam ser fotografadas. É uma pena que ninguém tenha visto aquela coisa nesta manhã, antes que ela desaparecesse!

Mas não sei se me importo. Depois de tudo que passei, um hospício é um lugar tão bom quanto qualquer outro. Os médicos talvez possam me ajudar a tomar a decisão de sair desta casa, e isso é a única coisa que poderá me salvar.

Escreva para meu filho George se não tiver notícias em breve.

Adeus, destrua a gravação e não se envolva nisso.

Com estima,
Akeley

Francamente, essa carta atirou-me ao mais profundo terror. Eu não sabia o que dizer em resposta, mas rabisquei algumas palavras incoerentes de conselho e encorajamento, e enviei pela remessa registrada. Eu me recordo de ter pedido encarecidamente a Akeley que se mudasse para Brattleboro imediatamente e que se colocasse sob a proteção das autoridades. Acrescentei que iria àquela cidade com a gravação do fonógrafo e o ajudaria a convencer os tribunais de sua sanidade. Já era hora, também, acho que escrevi, de alertar as pessoas em geral a respeito da ameaça que os cercava. Deve ser observado que, nesse momento de tensão, minha própria convicção em tudo que Akeley havia contado e alegado era praticamente total, embora achasse que seu fracasso em obter uma fotografia do monstro morto não se devia a uma aberração da natureza, mas a algum deslize de sua parte, devido ao nervosismo.

V

E então, aparentemente cruzando minha nota incoerente, na tarde de sábado, 8 de setembro, chegou a mim aquela carta curiosamente diferente e tranquilizadora, datilografada com esmero em uma máquina nova. Uma estranha carta reconfortante e convidativa, que deve ter marcado uma transição muito prodigiosa em todo o pesadelo das montanhas solitárias. Mais uma vez, transcreverei de memória – procurando, por razões especiais, preservar o máximo possível seu estilo. A carta fora enviada de Bellows Falls, e tanto a assinatura quanto o corpo dela estavam datilografados – como é comum acontecer com iniciantes na datilografia. O texto, contudo, estava incrivelmente bem redigido para um trabalho de principiante. E concluí que Akeley deve ter usado uma máquina em algum período anterior – talvez na universidade.

Seria razoável dizer que a carta me aliviou. No entanto, por trás desse alívio havia uma camada de desassossego. Se Akeley conservara o juízo perfeito diante do terror, estaria agora são em sua redenção? E o que seriam as "melhores relações" que mencionava? O que seria aquilo? A coisa toda implicava uma oposição diametral às atitudes pregressas de Akeley! Mas aqui está o conteúdo do texto, transcrito cuidadosamente de uma memória de que me orgulho.

Exmo. Sr. ALBERT N. WILMARTH
UNIVERSIDADE DE MISKATONIC ARKHAM, MASSACHUSETTS
Townshend, Vermont. Quinta-feira, 6 de setembro de 1928.

Meu caro Wilmarth,

É uma enorme satisfação poder tranquilizá-lo em relação a todas as bobagens que vinha escrevendo para o senhor. Digo "bobagens", embora me refira antes à minha reação

assustada do que às descrições de certos fenômenos. Aqueles fenômenos são reais e bastante importantes. Meu erro foi estabelecer uma atitude anômala diante dos fatos.

Penso ter mencionado que meus estranhos visitantes estavam começando a tentar uma comunicação comigo. Na noite passada, essa comunicação concretizou-se. Em resposta a alguns sinais, recebi em minha casa um mensageiro das criaturas que estavam lá fora – um humano, devo me apressar em dizer. Ele me contou muitas coisas que nem o senhor nem eu sequer havíamos começado a imaginar e mostrou-me claramente que estávamos completamente errados e equivocados em relação ao propósito das criaturas siderais em manter uma colônia secreta neste planeta.

Parece que as terríveis lendas sobre o que elas ofereceram aos homens e o que pretendem com relação à Terra são resultado de um mal-entendido quanto a um discurso alegórico – um discurso, é claro, moldado por um cenário cultural e por formas de pensar muito diferentes de tudo o que podemos imaginar. Admito abertamente que minhas próprias conjecturas passaram tão longe do alvo quanto os palpites dos fazendeiros analfabetos e dos índios selvagens. Aquilo que eu havia tomado por algo mórbido, vergonhoso e infame é, na realidade, extraordinário e transcendental, e até mesmo glorioso – e minha avaliação anterior não foi mais do que uma fase da eterna tendência do homem a odiar, temer e evitar tudo o que é diferente.

Hoje me arrependo de todo o mal que causei a esses seres alienígenas e incríveis no decorrer de nossos conflitos noturnos. Se ao menos eu tivesse concordado em conversar de maneira pacífica e civilizada desde o início! No entanto, eles não guardam ressentimento, já que suas emoções são organizadas de uma forma muito diferente da nossa. Foi um infortúnio para eles terem tido como agentes humanos em Vermont alguns espécimes tão desprezíveis – o falecido Walter Brown, por exemplo. Ele foi o responsável por boa parte do meu preconceito contra eles. Na verdade, eles nunca fizeram mal aos homens, mas muitas vezes foram cruelmente injustiçados e espionados por nossa espécie. Existe todo um

culto secreto formado por homens maus (um homem com sua erudição mística me entenderá quando os relaciono a Hastur e ao Símbolo Amarelo), devotados ao propósito de perseguir e abater essas criaturas em nome de poderes monstruosos de outras dimensões. É contra esses transgressores – e não contra a humanidade como um todo – que as precauções drásticas das criaturas siderais estão direcionadas. A propósito, tomei conhecimento de que muitas de nossas cartas extraviadas foram roubadas não pelas criaturas siderais, mas pelos emissários desse culto maligno.

Tudo que as criaturas siderais desejam do homem é a paz, que não os molestem e que possamos estabelecer uma sintonia intelectual cada vez maior. Essa última faz-se absolutamente necessária agora que nossas invenções e aparelhos estão expandindo nosso conhecimento e nossos movimentos, tornando cada vez mais impossível a existência secreta dos postos avançados necessários às criaturas siderais neste planeta. Os seres extraterrestres desejam conhecer a humanidade mais a fundo e fazer com que alguns líderes filosóficos e científicos da humanidade saibam mais sobre eles. Com tal intercâmbio de conhecimento, todos os perigos serão deixados para trás e um modo de vida satisfatório será alcançado. A ideia de qualquer tentativa, por parte dos alienígenas, de escravizar ou destruir a humanidade é ridícula. Para dar início a essa melhor relação, as criaturas siderais escolheram-me – em vista do conhecimento já bastante considerável que tenho sobre elas – como seu primeiro intérprete na Terra. Muito me foi dito na noite passada – fatos de uma natureza das mais estupendas e esclarecedoras – e mais me será comunicado posteriormente, tanto na forma oral como na escrita. Por enquanto, não devo ser chamado a empreender nenhuma viagem ao espaço sideral, embora provavelmente deseje fazê-lo mais adiante – empregando meios especiais que transcendem tudo o que até agora nos habituamos a considerar como a experiência humana. Minha casa não será mais assediada. Tudo voltou ao normal, e os cães não terão mais ocupação. Onde antes havia terror, recebi uma dádiva abundante de conhecimentos e de

aventura intelectual que poucos mortais já tiveram a oportunidade de compartilhar.

As criaturas siderais são, talvez, os seres orgânicos mais maravilhosos em todo o tempo-espaço e além dele – membros de uma raça cósmica da qual todas as outras formas de vida são meras variações degeneradas. São mais animais que vegetais, se é que estes termos podem ser aplicados ao tipo de matéria que os compõem, e têm uma estrutura semelhante aos fungos. Embora a presença de uma substância semelhante à clorofila e de um sistema nutritivo muito singular os diferenciem completamente de um fungo cromofítico verdadeiro. De fato, esse tipo é composto de uma forma de matéria totalmente alienígena à nossa porção do espaço – onde elétrons têm uma taxa de vibração totalmente diferente. É por isso que os seres não podem ser fotografados por filmes e placas comuns das câmeras do nosso universo conhecido, muito embora nossos olhos possam vê-los. Com o conhecimento adequado, contudo, qualquer bom químico poderia fazer uma emulsão fotográfica que registraria as imagens.

O gênero é único em suas habilidades de atravessar o vazio interestelar desprovido de calor e de ar com a forma corpórea completa, e alguns de seus mutantes não conseguem fazê-lo sem a ajuda mecânica ou de curiosos transplantes cirúrgicos. Apenas umas poucas espécies apresentam as asas resistentes ao éter, características essas da variedade encontrada em Vermont. As que habitam certos picos remotos no Velho Mundo foram trazidas de outras maneiras. A semelhança externa à vida animal e ao tipo de estrutura que entendemos como sendo física é uma questão que está mais relacionada à evolução paralela do que a qualquer parentesco. A capacidade cerebral de que são dotados ultrapassa a de qualquer outra forma de vida remanescente, embora os indivíduos alados presentes em nossas colinas não sejam, de maneira alguma, as formas mais desenvolvidas. Comunicam-se através da telepatia, embora sejam dotados de órgãos vocais rudimentares que, após uma cirurgia simples (esses procedimentos são algo muito corriqueiro e desenvolvido

entre eles), conseguem reproduzir grosseiramente a fala de organismos que ainda se comunicam por meio dela.

A moradia principal das criaturas nas proximidades é um planeta ainda desconhecido e quase sem luz, nos confins do nosso sistema solar — está além de Netuno e é o nono planeta a partir do Sol. Trata-se, conforme imaginávamos, do objeto celeste conhecido misticamente como “ Yuggoth” em certos escritos antigos e proibidos; e que em breve será cenário de uma estranha concentração de pensamentos focados no nosso mundo — em um esforço para facilitar nossa sintonia mental. Eu não ficaria surpreso se os astrônomos se tornassem sensíveis a essas correntes mentais a ponto de descobrir Yuggoth quando as criaturas siderais assim desejarem. Mas Yuggoth, claro, é apenas o primeiro passo. A maior parte das criaturas habita abismos organizados de uma forma estranha, totalmente além do alcance da imaginação humana. O glóbulo do espaço-tempo que reconhecemos como sendo toda a entidade cósmica não passa de um átomo na verdadeira infinidade, que pertence às criaturas siderais. E o máximo sobre essa infinidade que um cérebro humano for capaz de absorver será em algum momento revelado a mim, como aconteceu a não mais do que cinquenta outros homens desde que a raça humana existe.

Você pode pensar a princípio que isso é um desvario, Wilmarth, mas no momento oportuno compreenderá a oportunidade colossal na qual tropecei. Quero compartilhar com você tudo o que for possível e, para tanto, preciso contar-lhe milhares de coisas que não serão escritas no papel. No passado, pedi a você que não viesse me ver. Agora que tudo está bem, tenho prazer em retirar o impedimento anterior e convidá-lo para uma visita.

Você não poderia viajar para cá antes que o semestre na universidade começasse? Seria maravilhoso se pudesse. Traga com você a gravação do fonógrafo e todas as cartas que escrevi, para que possamos consultar os dados – podemos precisar deles para juntar as peças dessa incrível história. Você poderia trazer as fotografias também, já que parece que

não sei onde deixei os negativos e as minhas cópias em meio à recente agitação. Mas que riqueza de informações tenho agora para acrescentar a todo esse material atrapalhado e especulativo – e que equipamento estupendo tenho para complementar minhas adições!

Não hesite – estou livre de espionagem agora, e você não encontrará nada sobrenatural ou perturbador. Apenas venha para cá e eu o buscarei de carro na estação de Brattleboro – prepare-se para ficar o quanto puder e para muitas noites de discussão sobre coisas que estão além da conjectura humana. Não diga nada a ninguém sobre isso, é claro – pois esse assunto não deve chegar ao público promíscuo.

O serviço de trem para Brattleboro não é ruim – e você poderá pegar uma tabela de horários em Boston. Pegue a B & M até Greenfield e ali faça a baldeação para completar o resto da viagem. Sugiro que pegue o trem das 16h10 em Boston. Ele chega a Greenfield às 19h35; e às 21h19 sai dali um trem que chega a Brattleboro às 22h01. Isso durante a semana. Diga-me quando virá, que estarei esperando na estação com meu carro.

Perdoe-me a carta datilografada, mas minha caligrafia tem andado muito trêmula ultimamente, como você sabe, e não me sinto à altura de escrever longos trechos à mão. Comprei esta Corona ontem em Brattleboro. Parece estar funcionando muito bem. No aguardo de mais notícias e na esperança de vê-lo muito em breve com a gravação do fonógrafo e todas as cartas – e também as fotografias. Saudações cordiais.

Antecipadamente grato,

Henry W. Akeley

A complexidade das minhas emoções ao ler, reler e ponderar sobre essa estranha e inesperada carta está além de qualquer descrição adequada. Eu disse que fiquei ao mesmo tempo aliviado e apreensivo, mas isso expressa apenas de modo grosseiro as nuances de sentimentos contraditórios – e em grande parte subconscientes – que constituíam tanto o meu alívio quanto minha apreensão. Para começar, a carta era tão diametralmente contrária a toda a cadeia de

horrores que a precederam – a mudança de humor, do terror absoluto para uma condescendência tranquila, e até mesmo alegria, era tão inesperada, tão súbita e tão completa! Eu mal conseguia acreditar que um único dia pudesse alterar de tal forma a perspectiva psicológica de alguém que havia escrito aquele comunicado final e frenético da quarta-feira, não importava o quão tranquilizadoras fossem as revelações que aquele dia pudesse ter trazido. Em certos momentos, uma sensação de irrealidades conflitantes me fazia pensar se todo aquele drama sobre forças fantásticas relatado a distância não seria uma espécie de sonho ilusório criado, em boa parte, dentro de minha própria imaginação. Depois pensei na gravação do fonógrafo e me entreguei a um aturdimento ainda maior.

A carta parecia tão contrária a qualquer coisa que se pudesse esperar! Enquanto analisava minhas próprias impressões, notei que elas se dividiam em duas fases distintas. Primeiro, admitindo que Akeley encontrava-se em perfeitas condições mentais antes e que assim permanecia. A mudança indicada pela situação era brusca demais e inconcebível. E segundo, as mudanças na conduta, na atitude e na linguagem de Akeley estavam muito além do normal ou do previsível. Toda a personalidade do homem parecia ter passado por uma mutação insidiosa – uma mutação tão profunda que dificilmente se poderia reconciliar os dois aspectos com a suposição de que ambos representassem a mesma sanidade mental. A escolha das palavras, a ortografia – tudo era sutilmente diferente. E com minha sensibilidade acadêmica ao estilo da prosa, pude detectar profundas divergências em suas reações mais comuns e no ritmo de suas respostas.

Sem dúvida o cataclismo emocional ou a revelação que produziu uma mudança tão radical deve ter sido extrema, de fato! Por outro lado, a carta parecia bem típica de Akeley. A mesma paixão pelo infinito – a mesma curiosidade acadêmica. Não pude por um instante – ou pelo menos por não mais do que por um instante – dar crédito à ideia de fraude ou de uma substituição maligna. Mas o convite – a disposição para que testasse pessoalmente a veracidade da carta – não provava sua autenticidade?

Não fui para a cama no sábado à noite. Fiquei sentado, pensando nas sombras e nas maravilhas por trás da carta que havia recebido. Minha cabeça, que doía com a rápida sucessão de conceitos monstruosos que fora forçada a enfrentar ao longo dos últimos quatro

meses, trabalhava sobre o novo e espantoso material, alternando-se entre a dúvida e a aceitação, e repetia a maioria dos estágios experimentados ao encarar os assombros de antes. Até que, bem antes do amanhecer, um interesse e uma curiosidade ardentes começaram a substituir a torrente de perplexidade e de inquietação do início. Louco ou são, transformado ou simplesmente aliviado, tudo indicava que Akeley, de fato, tivesse se deparado com uma mudança de perspectiva estupenda em sua perigosa pesquisa; uma mudança que ao mesmo tempo tornava menor o perigo em que se encontrava – real ou imaginário – e abria novos panoramas de conhecimento cósmico e sobre-humano. Meu próprio entusiasmo pelo desconhecido incendiou-se para igualar-se ao dele, e senti-me tocado pelo contágio daquela mórbida remoção de barreiras. Livrar-se das limitações enlouquecedoras e exaustivas do tempo, do espaço e das leis naturais – estar ligado à vastidão do universo – estar próximo dos segredos obscuros e abismais do infinito e do absoluto – sem dúvida, tais coisas justificavam colocar em risco a vida, a alma e a sanidade! E Akeley disse que não havia mais qualquer perigo – e convidou-me a visitá-lo em vez de pedir que me afastasse, como antes. Meu corpo formigava ao pensar nas coisas que ele poderia ter agora para me contar – havia uma fascinação quase paralisante na ideia de estar naquela fazenda solitária e até pouco tempo sitiada, em companhia de um homem que havia conversado com emissários do espaço sideral; de estar lá com a terrível gravação e a pilha de cartas nas quais Akeley havia resumido suas conclusões anteriores.

Então, no final da manhã de domingo, telegrafei a Akeley dizendo que o encontraria em Brattleboro na próxima quarta-feira, 12 de setembro – se aquela data fosse conveniente para ele. Divergi das sugestões dele em apenas um aspecto: quanto à escolha do trem. Honestamente, não me agradava a ideia de chegar àquela região erma de Vermont tarde da noite. Então, em vez de aceitar o trem que ele havia sugerido, telefonei para a estação e escolhi outro. Se acordasse cedo e pegasse o trem das 8h07 em Boston, poderia alcançar o trem das 9h25 para Greenfield e chegaria lá às 12h22. Isso me permitiria pegar o trem que chegaria a Brattleboro às 13h08 – um horário bem mais confortável do que dez horas da noite para encontrar Akeley e atravessar com ele as estradas apertadas entre aquelas montanhas cheias de segredos.

Mencionei minha opção no telegrama e fiquei satisfeito ao saber, na resposta que me chegou à tarde, que ela foi aprovada por meu futuro anfitrião. O telegrama dizia o seguinte:

> ARRANJO SATISFATÓRIO. ENCONTRO TREM 13H08 QUARTA-FEIRA. NÃO ESQUEÇA GRAVAÇÃO, CARTAS E FOTOGRAFIAS. MANTENHA O DESTINO EM SEGREDO. ESPERE GRANDES REVELAÇÕES.
>
> AKELEY

O recebimento dessa mensagem em resposta direta à outra enviada a Akeley – e necessariamente entregue em sua casa pela estação de Townshend, por um mensageiro oficial ou pelo serviço telefônico, que fora restabelecido – acabou com quaisquer dúvidas subconscientes que eu pudesse ter em relação à autoria da carta tão intrigante. Meu alívio foi grande – na verdade, foi maior do que eu poderia explicar àquela época; já que todas aquelas dúvidas tinham estado enterradas no fundo de meu ser. Naquela noite dormi tranquilo, e passei os dois dias seguintes ocupadíssimo com os preparativos da viagem.

VI

Na quarta-feira, parti no horário combinado levando comigo uma valise cheia de objetos pessoais e de dados científicos, entre eles a hedionda gravação do fonógrafo, as fotografias e toda a pilha de correspondências enviadas por Akeley. Conforme me foi pedido, não disse a ninguém para onde estava indo; pois eu podia ver que o assunto exigia o mais absoluto sigilo, mesmo que tudo corresse bem. A ideia de estabelecer um contato mental com entidades alienígenas do espaço sideral já era bastante surpreendente para uma mente treinada e preparada como a minha; e, sendo assim, o que pensar de seus efeitos sobre a grande massa de leigos desinformados? Não sei dizer se era pavor ou expectativa pela aventura o sentimento que predominava em mim quando troquei de trem em Boston e comecei a percorrer o longo caminho em direção ao oeste, deixando para trás as regiões familiares e entrando em outras menos conhecidas. Waltham – Concord – Ayer – Fitchburg – Gardner – Athol.

Meu trem chegou a Greenfield com sete minutos de atraso, mas o expresso que fazia a conexão com o norte estava esperando. Depois de fazer a baldeação às pressas, senti uma curiosa falta de ar à medida que os vagões roncavam em meio ao sol do início da tarde rumo a territórios sobre os quais eu sempre havia lido, mas nunca visitara. Eu sabia que estava entrando em uma Nova Inglaterra mais antiquada e mais primitiva do que as áreas mecanizadas e urbanizadas do litoral e do sul, onde passei toda a minha vida. Uma Nova Inglaterra intocada e ancestral, sem estrangeiros e fumaça de fábricas, sem os cartazes ou as estradas de concreto das áreas tocadas pela modernidade. Haveria vestígios curiosos daquela contínua vida nativa cujas raízes profundas

fazem dela uma continuação da paisagem original – a contínua vida nativa que mantém vivas estranhas memórias ancestrais e fertiliza o solo para crenças obscuras, maravilhosas e pouco comentadas.

Vez ou outra, eu via o rio Connecticut, azul e reluzindo sob o sol, e depois de passar por Northfield, o cruzamos. À minha frente, pairavam misteriosas colinas verdejantes, e quando o trocador entrou no vagão, percebi que estava finalmente em Vermont. Ele me disse para atrasar o relógio em uma hora, já que a região montanhosa do norte recusava-se a adotar as modernices de horários diferentes. Enquanto ajustava o relógio, parecia-me que estava, da mesma forma, voltando o calendário em um século.

O trem corria ao lado do rio e, do outro lado dele, em New Hampshire, eu podia ver se aproximar a elevação do íngreme Wantastiquet, cercado por inúmeras lendas singulares. Então apareceram ruas à minha esquerda, e uma ilha verdejante surgiu no riacho à minha direita. As pessoas se levantaram e foram em fila para a porta, e eu as segui. O vagão parou e desembarquei sob o longo teto da estação de Brattleboro. Olhando para a fila de carros que aguardavam, parei por um instante para ver qual seria o Ford de Akeley, mas fui reconhecido antes que pudesse tomar a iniciativa. E, contudo, estava claro que não era Akeley quem avançava em minha direção com a mão estendida e perguntava melodiosamente se seria eu, de fato, o senhor Albert N. Wilmarth, de Arkham. O homem em nada se parecia com o Akeley grisalho e barbado da fotografia; era uma pessoa mais jovem e mais urbana, com trajes da moda e um bigode pequeno e escuro. Sua voz educada tinha uma familiaridade estranha e quase perturbadora, embora eu não conseguisse lembrar onde a tinha ouvido antes.

Enquanto o examinava, ouvi-o explicar que era amigo de meu futuro anfitrião e que tinha vindo de Townshend no lugar dele. Ele me disse que Akeley tinha sofrido uma crise de asma e não se sentia bem para sair à rua. Mas não era nada grave e não haveria mudança de planos com relação à minha visita. Não consegui descobrir o quanto o tal senhor Noyes – foi assim que se apresentou – sabia a respeito das pesquisas e descobertas de Akeley, embora me tenha parecido que sua atitude casual passava a impressão de que não sabia de nada. Lembrando-me da natureza solitária de Akeley, fiquei um pouco surpreso diante da pronta disponibilidade de tal amigo; mas não

deixei que a surpresa me impedisse de entrar no carro para o qual ele apontou. Não era o carro antigo e pequeno que eu esperava das descrições de Akeley, mas um modelo espaçoso e imaculado de fabricação recente – que, aparentemente, pertencia ao próprio Noyes, e tinha placas de Massachusetts com o divertido "bacalhau sagrado" daquele ano. Meu guia, concluí, devia ser um turista que estava passando o verão em Townshend.

Noyes entrou no carro ao meu lado e partiu imediatamente. Eu estava satisfeito por ele não insistir em conversar, porque alguma tensão peculiar na atmosfera fazia com que eu não estivesse disposto a falar. O vilarejo parecia muito atraente sob o sol da tarde, enquanto subíamos uma ladeira e virávamos à direita na rua principal. O lugar parecia estar adormecido, como as cidades mais antigas da Nova Inglaterra que lembramos da infância, e alguma coisa na disposição dos telhados, dos campanários, das chaminés e das paredes de tijolos formavam contornos que tocavam cordas profundas de uma emoção ancestral. Eu sabia que estava no portal de uma região parcialmente enfeitiçada pela superposição de acúmulos ininterruptos de tempo. Uma região onde coisas estranhas e antigas tiveram a chance de crescer e permanecer porque nunca foram perturbadas.

À medida que saíamos de Brattleboro, meu sentimento de constrangimento e de mau agouro aumentava, pois alguma coisa vaga naquele cenário montanhoso verde e granito, com encostas imensas, ameaçadoras e muito juntas fazia pensar em segredos obscuros e lembranças imemoriais que poderiam ou não ser hostis à raça humana. Por algum tempo, seguimos acompanhando um rio largo e raso que descia das colinas desconhecidas ao norte, e estremeci quando meu guia me disse que aquele era o Rio Oeste. Foi nesse riacho, eu me lembrava da notícia nos jornais, que uma das criaturas mórbidas parecidas com crustáceos tinha sido vista boiando depois da inundação.

Aos poucos, a paisagem ao nosso redor tornava-se mais selvagem e mais deserta. Nos espaços entre as colinas, antigas pontes cobertas sobreviviam de maneira assustadora à passagem do tempo, e a estrada de ferro semiabandonada que seguia paralela ao rio parecia irradiar uma visível aura de desolação. Havia grandes trechos de vales verdejantes, de onde se erguiam enormes colinas, onde o granito virgem da Nova Inglaterra se apresentava, cinza e austero, em meio à

vegetação que subia até os cumes. Havia desfiladeiros onde riachos indomados saltavam, levando em direção ao rio os segredos inconcebíveis de milhares de picos inexplorados. Vez ou outra surgiam estradas estreitas e meio escondidas que abriam seu caminho entre florestas densas e exuberantes, cujas árvores ancestrais exércitos inteiros de espíritos elementais poderiam muito bem habitar. Ao vê-las, lembrei-me de como Akeley tinha sido molestado por agentes invisíveis ao passar por essa mesma rota e não me admirei que tais coisas pudessem existir.

O exótico e pitoresco vilarejo de Newfane, ao qual chegamos em menos de uma hora, foi a nossa última ligação com o mundo que o homem pode, com certeza, chamar de seu em virtude da conquista e da ocupação completa. A partir daquele ponto, abandonamos toda a lealdade a coisas imediatas, tangíveis e temporais, e mergulhamos em um mundo fantástico de irrealidade silenciosa, no qual o caminho estreito, assim como uma fita, subia e descia e fazia curvas com um capricho quase consciente e proposital em meio a picos verdejantes e ermos, e vales quase desertos. A não ser pelo som do motor e pelo fraco movimento nas poucas fazendas solitárias pelas quais passávamos em intervalos esparsos, o único som que chegava aos meus ouvidos era o ruído gorgolejante e insidioso das estranhas águas que corriam de incontáveis fontes ocultas em meio aos bosques ensombrecidos.

A proximidade e a intimidade com as colinas abobadadas que nos faziam parecer anões agora verdadeiramente tiravam-me o fôlego. Eram mais íngremes e abruptas do que eu havia imaginado pelos relatos que tinha ouvido e não pareciam ter nada em comum com o mundo prosaico e objetivo que conhecemos. As florestas densas e ermas naquelas encostas inacessíveis pareciam servir de abrigo para coisas alienígenas e incríveis, e tive a impressão de que o próprio contorno das montanhas guardava algum significado estranho e esquecido pela eternidade, como se fossem enormes hieróglifos deixados por uma suposta raça de titãs cujas glórias vivessem apenas nos sonhos mais raros e profundos. Todas as lendas do passado e todas as alegações aterradoras das cartas e documentos de Henry Akeley ressurgiram em minha lembrança para intensificar a atmosfera de tensão e de ameaça crescente. O objetivo de minha visita e as terríveis anormalidades que ela postulava atingiram-me de repente com um

calafrio que quase fez esmorecer o meu ardor por estranhas investigações.

Meu guia deve ter notado a minha atitude perturbada; pois, quando a estrada ficou mais erma e mais irregular, e o nosso movimento mais lento e mais sacolejante, seus comentários agradáveis ocasionais estenderam-se para um fluxo de discurso mais constante. Falou sobre a beleza e os mistérios da região, e revelou alguma familiaridade com os estudos folclóricos do meu futuro anfitrião. Pelas perguntas educadas que me fez, ficou claro que ele sabia que a minha visita tinha algum propósito científico e que eu tinha comigo dados relevantes; mas não deu nenhum sinal de compreender a profundidade e o horror do conhecimento que Akeley enfim havia alcançado.

Os modos de Noyes eram tão afáveis, normais e refinados que seus comentários deveriam ter me acalmado e tranquilizado; mas, por estranho que pareça, senti-me ainda mais perturbado enquanto avançávamos aos solavancos pelo caminho inabitado e inexplorado em meio a colinas e florestas. Às vezes parecia que ele estava me interrogando para ver o que eu sabia sobre os monstruosos segredos da região, e a cada nova frase, a familiaridade vaga, provocativa e desnorteante em sua voz aumentava. Não era uma familiaridade normal e saudável, apesar da natureza completamente sadia e educada da voz. De alguma forma, eu a associava a pesadelos esquecidos e sentia que poderia enlouquecer se a reconhecesse. Se houvesse algum pretexto razoável, acho que teria dado meia-volta e desistido da visita. Mas quis o destino que eu não tivesse como desistir – e ocorreu-me que uma boa conversa científica com Akeley depois de minha chegada poderia ajudar a me recompor.

Além do mais, havia um elemento de beleza cósmica estranhamente tranquilizador na paisagem hipnótica pela qual subíamos e descíamos de maneira fantástica. O tempo se perdia nos labirintos às nossas costas, e ao nosso redor estendiam-se apenas as ondulações florescentes do reino das fadas e o encanto recuperado de séculos desaparecidos – os arvoredos antigos, as pastagens imaculadas, emolduradas por alegres flores de outono e, a intervalos esparsos, pequenas casas de fazenda marrons aninhadas entre enormes árvores sob precipícios verticais de roseiras bravas cheirosas e campos gramados. Até mesmo o sol assumia um encanto sobrenatural, como se alguma atmosfera especial ou algum encantamento cobrisse toda a

região. Nunca tinha visto nada parecido, a não ser pelas paisagens mágicas que às vezes formam os fundos das telas de certas pinturas italianas. Sodoma e Leonardo conceberam tais paisagens, mas apenas à distância e através das abóbadas das arcadas renascentistas. Estávamos agora nos embrenhando, em carne e osso, pela névoa do quadro, e eu parecia encontrar naquela necromancia alguma coisa que sabia de maneira inata, ou que tinha herdado, e pela qual estivera sempre procurando em vão.

De repente, depois de contornar um ângulo obtuso no alto de uma ladeira íngreme, o carro parou. À minha esquerda, do outro lado de um gramado bem conservado que se estendia até a estrada e exibia um debrum de pedras caiadas, erguia-se uma casa branca com dois andares e sótão, de tamanho e elegância incomuns para a região, cercada por celeiros, galpões e um moinho atrás e à direita da casa, contíguos ou ligados por arcadas. Reconheci a casa no mesmo instante pelas fotografias que havia recebido e não fiquei surpreso ao ver o nome de Henry Akeley na caixa de correio de aço galvanizado próxima à estrada. A alguma distância atrás da casa estendia-se um terreno plano pantanoso e com árvores esparsas, atrás do qual elevava-se uma encosta íngreme e de mata densa que terminava em um cume escarpado e verdejante. Este último, eu sabia, era o pico da Montanha Sombria, que já devíamos ter escalado até a metade.

Depois de descer do carro e pegar minha valise, Noyes me pediu que esperasse enquanto ele entrava na casa para avisar Akeley de minha chegada. Acrescentou que tinha assuntos importantes para tratar em outro lugar e que não poderia se demorar por mais do que alguns minutos. Enquanto ele cruzava o caminho para a casa, desci do carro, desejando esticar um pouco as pernas antes de me embrenhar em uma conversa sedentária. Meu nervosismo e minha tensão atingiam o ápice outra vez agora que estava no real cenário da mórbida perseguição descrita de forma tão assustadora nas cartas de Akeley e, para ser sincero, eu temia as discussões que estavam por vir e que me ligariam a tais mundos alienígenas e proibidos.

O contato íntimo com o totalmente bizarro é quase sempre mais aterrorizante do que inspirador, e não me animei ao pensar que aquele mesmo pedaço de estrada poeirenta era o lugar onde aquelas monstruosas pegadas e a linfa verde e fétida tinham sido encontradas depois de noites sem luar de terror e morte. Com a mente absorta,

notei que nenhum dos cães de Akeley parecia estar por ali. Será que vendera todos tão logo as criaturas siderais fizeram as pazes com ele? Por mais que tentasse, eu não conseguia ter a mesma confiança na profundidade e sinceridade daquela paz que aparecia na carta final e estranhamente diferente de Akeley. Afinal, ele era um homem muito simples e com pouca experiência mundana. Não haveria, talvez, algo escondido e insondável por trás daquela nova aliança?

Levado por meus pensamentos, meus olhos se voltaram para baixo, para a superfície da estrada poeirenta que guardava tantos testemunhos horrendos. Os últimos dias tinham sido secos, e rastros de todos os tipos marcavam o caminho irregular e cheio de sulcos, apesar da natureza pouco frequentada da região. Com uma vaga curiosidade, comecei a traçar o contorno de algumas impressões heterogêneas, tentando ao mesmo tempo reprimir os voos da macabra fantasia que o lugar e suas memórias sugeriam. Havia algo ameaçador e desconfortável na imobilidade fúnebre, no murmúrio abafado e sutil dos riachos distantes, e nos picos verdes amontoados e precipícios com florestas enegrecidas que se amontoavam no horizonte estreito.

E então uma imagem reluziu em minha consciência, o que fez com que as ameaças vagas e os voos da fantasia parecessem suaves e insignificantes. Eu havia dito que estava vasculhando as várias pegadas na estrada com uma curiosidade indolente – mas, de repente, essa curiosidade foi brutalmente substituída por um súbito e paralisante ataque de terror. Pois, embora os rastros na poeira fossem em geral confusos e sobrepostos de maneira a não atrair um olhar casual, minha visão irrequieta captou certos detalhes perto do lugar onde o caminho para a casa se juntava à estrada e reconheceu, acima de qualquer dúvida, o pavoroso significado daqueles detalhes. Não foi em vão, ai de mim, que me debrucei por horas sobre as imagens das pegadas em forma de garras das criaturas siderais que Akeley havia enviado. Eu conhecia muito bem as marcas daquelas garras horrendas, e aquela ambiguidade na direção que estampava os horrores como nenhuma criatura deste planeta. Não havia chance alguma de que eu estivesse enganado. Ali, de fato, em forma objetiva, diante de meus olhos e claramente feita há não muito tempo, estavam pelo menos três marcas que se destacavam pela natureza blasfema em meio à surpreendente abundância de rastros confusos que iam e voltavam da residência de Akeley. Eram os rastros infernais deixados pelos fungos

de Yuggoth.

Consegui me recompor a tempo de sufocar um grito. Afinal, o que havia demais ali além do que eu já deveria esperar, presumindo que tinha realmente acreditado nas cartas de Akeley? Ele havia falado sobre ter feito as pazes com as criaturas. Por que, então, seria estranho que algumas delas tenham visitado a casa? Mas o terror era mais forte que a tranquilidade. Por acaso seria de se esperar que algum homem olhasse impassível, pela primeira vez, para as marcas em forma de garra de seres animados das profundezas do espaço sideral? E foi então que vi Noyes sair pela porta e se aproximar com passos apressados. Refleti que deveria manter o controle sobre mim mesmo, pois havia a chance de que esse amigo cordial nada soubesse sobre as sondagens mais profundas e mais estupendas de Akeley em terreno tão proibido.

Noyes se apressou em informar que Akeley estava feliz e pronto para me ver, embora a súbita crise de asma fosse impedi-lo de ser um anfitrião muito competente por um dia ou dois. Essas crises o debilitavam e eram sempre acompanhadas por uma febre incapacitante e fraqueza geral. Ele nunca se sentia muito bem quando elas apareciam – tinha que falar aos sussurros e tinha dificuldade para caminhar. Os pés e os tornozelos também ficavam inchados, de modo que ele tinha que enfaixá-los como se estivesse com gota. Hoje ele estava especialmente indisposto, então eu teria de cuidar das minhas próprias necessidades. Mas ele estava ansioso para conversar. Eu o encontraria no estúdio, à esquerda do saguão de entrada – a sala onde as persianas estavam fechadas. Ele precisava ficar na penumbra quando adoecia, já que seus olhos eram muito sensíveis.

Enquanto Noyes acenava em adeus e seguia em seu carro para o norte, comecei a andar devagar em direção à casa. A porta tinha sido deixada entreaberta para mim. Mas antes de me aproximar e entrar, olhei ao redor tentando decidir o que havia me causado tanta estranheza naquele lugar. Os celeiros e galpões pareciam um tanto prosaicos, e notei que o velho Ford de Akeley estava no abrigo amplo e desprotegido. Foi quando atinei para o motivo da estranheza. Era o silêncio total. Normalmente, uma fazenda tem pelo menos um pouco de ruídos, pelos vários tipos de criação, mas aqui todos os sinais de vida estavam ausentes. O que teria acontecido com as galinhas e os cães? As vacas, que Akeley dizia possuir em grande quantidade,

poderiam estar fora pastando, e os cães poderiam ter sido vendidos. Mas a ausência de qualquer cacarejo ou de grunhidos era muito singular.

Não me detive por muito tempo no caminho. Entrei decidido pela porta aberta da casa e fechei-a atrás de mim. Isso me custou um enorme esforço psicológico, e agora que estava fechado ali dentro, sentia uma vontade momentânea de bater em retirada. Não que o lugar fosse sinistro no que dizia respeito à impressão visual. Pelo contrário, achei o gracioso vestíbulo no estilo pós-colonial de muito bom gosto e admirei o evidente requinte do homem que o decorou. O que me fazia querer fugir era algo muito indefinido e tênue. Talvez tenha sido o odor estranho que pensei ter sentido – embora soubesse que era comum a presença de certos odores de mofo mesmo nas melhores fazendas antigas.

VII

Recusei-me a deixar que esses receios nebulosos me dominassem. Lembrei-me das instruções de Noyes e abri a porta branca de seis painéis e maçaneta de latão à minha esquerda. A sala à minha frente estava escura, como me tinha sido informado. Ao entrar, notei que o odor estranho era mais forte ali. Da mesma forma, parecia haver no ar algum ritmo ou vibração tênue e quase imaginário. Por um momento, as persianas fechadas permitiram que eu enxergasse muito pouco, mas logo uma espécie de tossido ou murmúrio, em tom de desculpa, atraiu minha atenção para uma enorme poltrona, no canto mais distante e escuro da sala. Entre as sombras, avistei a mancha branca do rosto e das mãos de um homem. E no mesmo instante cruzei a sala para cumprimentar a figura que tentava falar. Embora a luz fosse muito fraca, percebi que aquele era realmente meu anfitrião. Eu havia estudado a fotografia repetidas vezes e não havia dúvida sobre aquele rosto firme, abatido pelo tempo e com a barba grisalha e rente.

Mas ao olhar novamente, esse reconhecimento misturou-se à tristeza e à ansiedade. Porque, com toda certeza, o rosto dele era o rosto de um homem muito doente. Senti que devia haver algo mais do que asma por trás daquela expressão tensa, rígida e imóvel, e do olhar vidrado. E percebi o quanto o esforço de sua experiência terrível devia tê-lo abalado. Aquilo tudo não teria sido o suficiente para destruir qualquer ser humano – até mesmo um homem mais jovem do que esse intrépido pesquisador do proibido? O estranho e súbito alívio, eu temia, tinha chegado tarde demais para salvá-lo de algo como um colapso geral. Havia alguma coisa de lamentável na maneira como

suas mãos débeis e sem vida descansavam sobre o colo. Ele usava um roupão longo e solto, e tinha ao redor da cabeça e do pescoço um cachecol ou gorro amarelo vivo.

E então percebi que estava tentando falar no mesmo murmúrio com que me cumprimentou. Foi um sussurro difícil de entender no início, já que o bigode cinza escondia todo o movimento dos lábios, e algo no timbre da voz causava-me extrema perturbação. Mas concentrando minha atenção, pude logo entender com facilidade o que ele queria dizer. O sotaque não era de forma alguma rústico, e a linguagem era até mais polida do que a correspondência me levava a esperar.

"Senhor Wilmarth, presumo? Perdoe-me por não me levantar. Estou bem doente, como o senhor Noyes deve ter-lhe dito. Mas não pude resistir à ideia de tê-lo aqui. O senhor sabe o que escrevi em minha última carta – tenho muito para contar ao senhor amanhã, quando devo estar melhor. Não posso expressar o quanto estou contente por vê-lo pessoalmente depois de todas as cartas que trocamos. O senhor trouxe o arquivo, é claro? E as fotografias, e as gravações? Noyes colocou sua valise no saguão – suponho que a tenha visto. Por essa noite, temo que o senhor terá de cuidar de si mesmo. O seu quarto fica no andar de cima, exatamente em cima deste. E poderá ver a porta do banheiro aberta no topo da escada. Há uma refeição servida na sala de jantar, que fica na porta à direita. O senhor pode comer quando estiver com fome. Espero poder recebê-lo melhor amanhã, mas por hoje a fraqueza me torna inútil."

"Sinta-se em casa. O senhor pode deixar as cartas, as fotos e as gravações aqui na mesa de centro antes de subir com sua mala. É aqui que deveremos discuti-las – você pode ver meu fonógrafo naquele canto."

"Não, obrigado, não há nada que possa fazer por mim. Eu conheço esses males da velhice. Venha apenas me fazer uma pequena visita antes do anoitecer, e então vá se deitar quando desejar. Vou descansar aqui mesmo, talvez dormir aqui a noite toda, como sempre faço. Pela manhã estarei bem melhor para fazer as coisas que precisamos fazer. O senhor compreende, é claro, a natureza estupenda do assunto que temos diante de nós. Para nós, assim como para poucos homens nessa terra, serão revelados abismos de tempo e espaço e conhecimentos além de qualquer coisa dentro da concepção da ciência ou da filosofia

humanas."

"O senhor sabe que Einstein está errado e que certos objetos e forças podem se mover com uma velocidade maior que a da luz? Com a ajuda adequada, espero poder avançar e retroceder no tempo e, na verdade, ver e sentir a Terra de épocas remotas do passado e do futuro. Você não pode imaginar a que ponto aqueles seres elevaram a ciência. Não há nada que eles não possam fazer com a mente e o corpo de organismos vivos. Espero visitar outros planetas e até mesmo outras estrelas e galáxias. A primeira viagem será para Yuggoth, o mundo mais próximo totalmente povoado pelos seres. É um globo estranho e escuro nos confins de nosso sistema solar – ainda desconhecido dos astrônomos terrestres. Mas eu devo ter escrito sobre isso. No momento oportuno, você sabe, os seres voltarão suas correntes de pensamentos em direção a nós e farão com que ele seja descoberto – ou talvez permitam que um de seus aliados humanos forneça uma pista para os cientistas."

"Existem grandes cidades em Yuggoth – grandes fileiras de torres com terraços, construídas com uma pedra negra como aquela que tentei enviar ao senhor. Aquela pedra veio de Yuggoth. Lá, o sol brilha não mais do que uma estrela, mas os seres não precisam de luz. Eles têm outros sentidos mais sutis, e não colocam janelas em suas enormes casas e templos. A luz, na verdade, até mesmo os fere, atrapalha e confunde, porque não existe no universo negro lá fora, além do tempo e do espaço, de onde os seres vieram originalmente. Uma visita a Yuggoth levaria qualquer homem fraco à loucura – mesmo assim, irei para lá. Os rios negros como piche que correm sob aquelas misteriosas pontes gigantescas – estruturas construídas por alguma raça antiga, extinta e já esquecida, antes que os seres chegassem a Yuggoth, vindos dos confins do vazio – seriam o bastante para transformar qualquer homem em um Dante ou um Poe, isso se fosse capaz de manter a sanidade por tempo suficiente para contar o que viu."

"Mas lembre-se – aquele mundo escuro de jardins fungoides e cidades sem janelas não é, em realidade, terrível. Apenas para nós é que pareceria assim. É provável que este nosso mundo também tenha parecido terrível para os seres quando o exploraram pela primeira vez, em épocas primitivas. Você sabe que eles estavam aqui muito antes que a fabulosa era de Cthulhu terminasse e se lembram de tudo sobre a cidade submersa de R’lyeh, quando ela ainda estava acima das

águas. Eles estiveram também no interior da terra – existem aberturas sobre as quais os seres humanos não sabem – algumas delas aqui mesmo nas montanhas de Vermont – e grandes mundos de vida desconhecida lá embaixo. K'n-yan, de luz azul; Yoth, de luz vermelha; e N'kai, um mundo negro e sem qualquer luz. Foi de N'kai que veio o terrível Tsathoggua. O senhor sabe, a criatura-deus amorfa, que assume a forma de sapo, mencionada nos Manuscritos Pnakóticos, no *Necronomicon* e no ciclo mítico de Commoriom, preservado pelo sumo-sacerdote Klarkash-Ton de Atlanta."

"Mas falaremos sobre tudo isso mais tarde. Devem ser quatro ou cinco horas da tarde agora. Melhor trazer as coisas de sua mala, comer alguma coisa e depois voltar para uma conversa confortável."

Bem devagar, virei-me e comecei a obedecer meu anfitrião. Peguei a valise, retirei os objetos e coloquei-os sobre a mesa, e por fim subi para o quarto que me foi designado. Com a memória dos rastros em forma de garra que vi na estrada ainda fresca em minha mente, os parágrafos murmurados por Akeley me afetaram de uma forma muito estranha. E as insinuações de familiaridade com esse mundo desconhecido de vidas fungoides – o sinistro e proibido Yuggoth – provocaram-me mais calafrios do que eu me dispunha a admitir. Eu estava tremendamente penalizado pela doença de Akeley, mas tinha de confessar que seu sussurro áspero tinha uma natureza tão repugnante quanto lamentável. Se ao menos ele não se regozijasse tanto ao falar sobre Yuggoth e seus segredos malignos!

Meu quarto era bastante agradável e bem decorado, livre do odor de mofo e da perturbadora sensação de vibração. E depois de deixar minha valise lá, desci novamente para cumprimentar Akeley e fazer a refeição que ele havia preparado para mim. A sala de jantar era bem ao lado do estúdio, e vi que a cozinha se estendia ainda mais na mesma direção. Sobre a mesa de jantar, uma farta quantidade de sanduíches, bolos e queijos esperava por mim, e uma garrafa térmica ao lado de uma xícara e um pires comprovava que o anfitrião não se esquecera do café quente. Depois de uma lauta refeição, servi-me de uma generosa xícara de café, mas percebi que o padrão culinário sofria de um lapso nesse detalhe. O primeiro gole revelou um gosto desagradável levemente acre, de forma que o coloquei de lado. Durante o jantar, eu pensava em Akeley sentado em silêncio na enorme poltrona na sala escura ao lado.

Fui até lá uma vez para pedir a ele que viesse dividir comigo a refeição, mas ele sussurrou que ainda não conseguiria comer nada. Que mais tarde, antes de dormir, tomaria um leite maltado – era tudo que conseguiria comer naquele dia.

Depois de comer, insisti em tirar a mesa e lavar os pratos na pia da cozinha – e aproveitei para despejar o café que não consegui tomar.

Depois retornei ao estúdio escuro, puxei uma cadeira para perto do canto onde estava meu anfitrião e me preparei para conversar sobre o que ele desejasse. As cartas, as fotografias e a gravação ainda estavam sobre a grande mesa do centro, mas por enquanto não precisaríamos delas. Em pouco tempo, esqueci-me até mesmo do odor bizarro e da curiosa impressão de vibração.

Eu já disse que havia coisas em algumas das cartas de Akeley – principalmente na segunda e mais volumosa – que eu não me atreveria a repetir ou sequer colocar no papel. Essa hesitação se aplica com ainda maior intensidade às coisas que o ouvi sussurrar naquela noite, na sala escura em meio às montanhas solitárias. Não consigo sequer insinuar a extensão dos horrores cósmicos que me foram revelados por aquela voz áspera. Ele tomara conhecimento de coisas aterrorizantes no passado, mas o que tinha descoberto desde que fez o pacto com as criaturas siderais era quase demais para ser tolerado pela sanidade humana. Até hoje me recuso terminantemente a acreditar no que ele sugeriu sobre a constituição do infinito supremo, sobre a justaposição de dimensões e a aterrorizante posição ocupada por nosso universo conhecido de espaço-tempo na interminável cadeia de átomos cósmicos interligados que compõem o supercosmo imediato de curvas, ângulos e organizações eletrônicas materiais e semimateriais.

Nunca antes um homem são esteve tão perigosamente perto dos arcanos da entidade essencial – nunca um cérebro orgânico esteve tão perto da aniquilação total no caos que transcende a forma, a força e a simetria. Tomei conhecimento da origem de Cthulhu, e por que metade das grandes estrelas temporárias da história irrompeu em luz. Imaginei – pelas insinuações que levaram até mesmo meu anfitrião a fazer uma pausa tímida – o segredo por trás das Nuvens de Magalhães e das nebulosas globulares, e a verdade negra oculta pela alegoria imemorial do Tao. A natureza dos Doels me foi claramente revelada, e fui informado sobre a essência (embora não sobre a fonte) dos Cães de

Tindalos. A lenda de Yig, o Pai das Serpentes, deixou de ser uma metáfora, e tive um sobressalto de aversão quando ele falou sobre o monstruoso caos nuclear além do espaço anguloso que o *Necronomicon* havia piedosamente ocultado sob o nome de Azathoth. Foi um choque ter os pesadelos mais tenebrosos dos mitos secretos revelados em termos tão concretos, cujo horror absoluto e mórbido ultrapassava até mesmo as mais ousadas insinuações dos místicos antigos e medievais. Inevitavelmente, fui levado a acreditar que os primeiros a murmurarem essas lendas amaldiçoadas devem ter tido contato com as criaturas siderais de Akeley e talvez visitado reinos cósmicos do espaço, como agora Akeley se propunha a visitar.

Akeley falou sobre a pedra negra e sobre o que ela significava, e fiquei aliviado por ela nunca ter chegado às minhas mãos. Minhas suposições sobre aqueles hieróglifos estavam todas corretas! E mesmo assim, Akeley agora parecia ter se reconciliado com todo aquele sistema maligno em que tropeçou. Conformado e ávido por sondar ainda mais o monstruoso abismo. Fiquei imaginando com que seres ele teria conversado desde sua última carta, e se muitos deles eram tão humanos quanto aquele primeiro emissário que havia mencionado. A tensão em minha mente crescia insuportavelmente, e eu construí todo tipo de teorias insanas sobre aquele estranho e persistente odor e sobre as vibrações insidiosas no aposento escuro.

A noite estava caindo, e quando recordei o que Akeley havia escrito sobre aquelas noites anteriores, estremeci ao pensar que não haveria lua. Também não me agradava a forma como a fazenda ficava aninhada no centro daquela encosta colossal coberta por florestas que levavam ao pico da inabitada Montanha Sombria. Com a permissão de Akeley, acendi um pequeno lampião, diminuí a chama e o coloquei em uma estante afastada, ao lado do busto fantasmagórico de Milton. Mas logo depois me arrependi de ter feito isso, pois a luz fazia com que o rosto tenso e imóvel, e as mãos débeis de meu anfitrião parecessem anormais, demoníacos e cadavéricos. Ele parecia incapaz de mover-se, embora o visse fazer movimentos rígidos com a cabeça de vez em quando.

Depois de tudo o que me contou, eu mal podia imaginar que segredos profundos ele estaria guardando para o dia seguinte. Mas, por fim, foi revelado que sua viagem para Yuggoth e além – e minha possível participação nela – seria o tópico do dia seguinte. Akeley

deve ter se divertido com meu sobressalto de horror ao ouvir a proposta de uma viagem cósmica, pois sacudiu a cabeça violentamente quando demonstrei meu pavor. Em seguida, ele falou com muita delicadeza sobre como os seres humanos conseguiriam realizar – e já tinham conseguido várias vezes – o aparentemente impossível voo através do vazio interestelar. Parecia que corpos humanos completos, de fato, não eram capazes de fazer a viagem, mas que as prodigiosas habilidades cirúrgicas, biológicas, químicas e mecânicas das criaturas siderais tinham encontrado uma forma de transportar cérebros humanos sem a estrutura física concomitante.

Havia uma maneira inofensiva de extrair um cérebro e uma maneira de preservar vivo o resíduo orgânico durante sua ausência. O material cerebral, puro e compacto, era então imerso em um fluido ocasionalmente reposto, dentro de um cilindro hermético feito com um metal minerado em Yuggoth, e provido de eletrodos que eram cuidadosamente conectados a instrumentos complexos capazes de duplicar as três faculdades vitais: da visão, audição e fala. Para os seres fungoides alados, carregar os cilindros cerebrais intactos através do espaço era uma tarefa simples. Então, em cada planeta coberto por sua civilização, eles encontrariam uma grande quantidade de instrumentos ajustáveis que poderiam conectar ao cérebro encapsulado. Desse modo, depois de pequenos ajustes, essas inteligências viajantes poderiam receber uma vida sensorial e articulada completa – embora incorpórea e mecânica – em cada estágio de sua viagem através e além do espaço-tempo continuum. Era tão simples como carregar uma gravação de fonógrafo por aí e reproduzi-la onde quer que exista um fonógrafo da mesma marca. Quanto ao sucesso da empreitada, não havia dúvidas. Akeley não estava com medo. Aquilo já não tinha sido realizado muitas e muitas vezes?

Pela primeira vez, uma das mãos inertes se levantou e apontou para uma prateleira no lado mais distante da sala. Lá, em uma fileira bem alinhada, estavam mais de doze cilindros de um metal que eu jamais tinha visto – cilindros de mais ou menos trinta centímetros de altura e diâmetro um pouco menor, com três soquetes curiosos dispostos em um triângulo isósceles na parte da frente da superfície convexa de cada um. Um deles estava conectado por dois dos soquetes a um par de máquinas de aparência singular que ficavam mais ao

fundo. Quanto ao propósito daquilo, não era preciso que me falasse, e estremeci de arrepios. Então vi a mão apontar para um canto bem mais próximo, onde estavam alguns instrumentos intrincados, com fios e tomadas, vários deles muito parecidos com os dois equipamentos que estavam na estante, atrás dos cilindros.

"Há quatro tipos de instrumentos aqui, Wilmarth", sussurrou a voz. "Quatro tipos, três faculdades cada um, perfazendo um total de doze peças. Veja que há quatro tipos diferentes de seres representados naqueles cilindros lá em cima. Três humanos, seis seres fungoides, que não podem navegar pelo espaço com a forma corpórea, dois seres de Netuno (Deus! Se vocês pudessem ver o corpo que esse tipo tem em seu próprio planeta!), e os demais, entidades das cavernas centrais de uma estrela escura especialmente interessante que fica além dos confins da galáxia. No principal posto avançado, no interior da Montanha Redonda, você encontrará, de vez em quando, mais cilindros e máquinas – cilindros de cérebros extracósmicos com sentidos diferentes dos que conhecemos – aliados e exploradores do espaço sideral mais longínquo – e máquinas especiais para dar a eles, a um só tempo, impressões e expressões necessárias ao contato com diferentes tipos de interlocutores. A Montanha Redonda, como a maioria dos principais postos avançados dos seres por todos os universos, é um lugar bastante cosmopolita. É claro, consegui apenas os tipos mais comuns para meus experimentos."

"Veja. Pegue as três máquinas para as quais estou apontando e coloque-as em cima da mesa. Aquela mais alta com duas lentes de vidro na frente – depois a caixa com os tubos de vácuo e a placa de ressonância, e por último aquela com um disco de metal em cima. Agora, pegue o cilindro com a etiqueta B-67. Suba naquela cadeira Windsor para alcançar a estante. Pesada? Não importa! Confira o número: B-67. Não se importe com aquele cilindro mais novo e brilhante ligado aos dois instrumentos de teste – aquele que tem o meu nome. Coloque o B-67 em cima da mesa, perto de onde colocou as máquinas – e tenha certeza de que os botões dos três aparelhos estejam totalmente virados para a esquerda."

"Agora conecte o fio da máquina com as lentes ao soquete superior do cilindro... isso! Ligue a máquina do tubo ao soquete inferior do lado esquerdo, e o dispositivo com o disco ao soquete de fora. Agora gire os botões das três máquinas para a direita. Primeiro a

das lentes, depois a do disco e por fim a do tubo. Está correto! Devo lhe dizer que este é um ser humano, como qualquer um de nós. Amanhã eu lhe darei uma demonstração de algumas das outras criaturas."

Até hoje não sei por que obedeci àqueles sussurros com tamanha servidão, ou se pensei que Akeley estava louco ou são. Depois do que havia acontecido antes, eu deveria estar preparado para qualquer coisa. Mas aquela pantomima mecânica me parecia tão semelhante aos caprichos típicos de inventores e cientistas enlouquecidos que fez soar um acorde de dúvida que nem mesmo o discurso antecedente havia despertado. As insinuações de Akeley estavam além de qualquer crença humana – mas, ainda assim, não eram as outras coisas ainda mais ridículas e menos absurdas, apenas pela distância que as separava da prova concreta e tangível? Enquanto minha mente rodopiava em meio a esse caos, tomei consciência de um misto de ruídos de rangido e de rotação que vinha das três máquinas que estavam agora ligadas aos cilindros – rangidos que logo cederam a um silêncio quase absoluto. O que estaria prestes a acontecer? Será que eu ouviria alguma voz? E se assim fosse, que prova teria eu de que não se tratava de algum aparelho de rádio conectado de maneira inteligente a um interlocutor escondido, mas que nos observava de perto? Ainda agora não estou disposto a jurar que ouvi uma voz, ou que aquele fenômeno teve lugar diante de meus olhos. Mas algo certamente pareceu ter acontecido.

Para ser claro e direto, a máquina com os tubos e a caixa de ressonância começou a falar, e com uma inteligência e precisão que não deixavam dúvida de que quem falava estava realmente presente e nos observando. A voz era alta, metálica, sem vida e claramente mecânica em todos os detalhes de sua produção. Era incapaz de inflexão ou de expressividade, mas falava com precisão e deliberação mortais.

"Senhor Wilmarth", disse a coisa, "espero não assustá-lo. Sou um ser humano como o senhor, embora meu corpo esteja agora descansando em segurança e recebendo tratamento revitalizante apropriado dentro da Montanha Redonda, a pouco mais de dois quilômetros a leste daqui. Mas eu estou aqui com vocês – meu cérebro está naquele cilindro e vejo, ouço e falo através desses vibradores eletrônicos. Em uma semana, estarei cruzando o vazio como já fiz

muitas outras vezes, e espero ter o prazer da companhia do senhor Akeley. Desejaria poder ter a sua companhia também, pois o conheço de vista e pela sua reputação, e acompanhei com grande interesse sua correspondência com nosso amigo. Como é claro, sou um dos homens que se aliaram aos seres siderais que visitam nosso planeta. Encontrei-os pela primeira vez no Himalaia e ajudei-os de várias maneiras. Em troca, eles me proporcionaram experiências que poucos homens já tiveram."

"O senhor percebe o que significa quando digo que estive em trinta e sete diferentes corpos celestiais – planetas, estrelas escuras e objetos menos definíveis – incluindo oito fora de nossa galáxia e dois fora do círculo cósmico de espaço e tempo? Tudo isso não me prejudicou em nada. Meu cérebro foi removido de meu corpo por fissões tão hábeis que seria grosseiro chamar a isso de cirurgia. Os seres visitantes têm métodos que tornam essas extrações simples e quase normais – e o corpo não envelhece quando o cérebro está fora dele. O cérebro, devo acrescentar, é praticamente imortal, graças às suas faculdades mecânicas e uma nutrição controlada fornecida pela troca ocasional do fluido preservador."

"Considerando tudo, espero do fundo do coração que o senhor se decida a vir com o senhor Akeley e eu. Os visitantes estão ansiosos para conhecer homens de erudição como o senhor e para mostrar a eles os grandes abismos com os quais, à maioria de nós, em nossa ignorância, resta apenas sonhar. Pode parecer estranho à primeira vista encontrá-los, mas eu sei que o senhor está acima de se importar com isso. Acho que o senhor Noyes irá conosco, também – o homem que, sem nenhuma dúvida, trouxe o senhor para cá com o seu carro. Ele está entre nós há anos – suponho que tenha reconhecido sua voz como uma das que estavam na gravação que o senhor Akeley lhe enviou."

Diante de meu sobressalto, o interlocutor fez uma pausa momentânea antes de concluir:

"Portanto, senhor Wilmarth, cabe ao senhor decidir. Só desejo acrescentar que um homem com o seu amor pela estranheza e pelo folclore nunca deveria perder uma chance como essa. Não há nada a temer. Todas as transições são indolores. E há muito a aproveitar em um estado de sensações totalmente mecanizado. Quando os eletrodos são desconectados, simplesmente entramos em um sono cheio de

sonhos vívidos e fantásticos."

"E agora, se o senhor não se importa, devemos adiar nossa sessão até amanhã. Boa noite. Por favor, peço que gire todos os botões para a esquerda. Não importa a ordem, embora o senhor possa deixar a máquina com as lentes para o final. Boa noite, senhor Akeley. Trate bem o seu convidado! Pronto para girar os botões?"

Isso foi tudo. Obedeci mecanicamente e desliguei todos os três botões, embora estivesse zonzo com tantas dúvidas sobre tudo o que tinha acontecido. Minha cabeça ainda girava quando ouvi a voz em sussurro do senhor Akeley dizer-me que eu poderia deixar todos os aparelhos em cima da mesa do jeito que estavam. Ele não teceu nenhum comentário em relação ao que havia acontecido, e, de fato, nenhum comentário poderia transmitir muito às minhas faculdades mentais já sobrecarregadas. Eu o ouvi dizer que poderia levar o lampião para o meu quarto e deduzi que desejava descansar sozinho no escuro. Sem dúvida, aquele homem precisava descansar, pois os esforços que tinha empreendido em seus discursos da tarde e da noite tinham sido tais que deixariam exaurido um homem no vigor da saúde. Ainda confuso, dei boa noite ao meu anfitrião e subi as escadas com o lampião em punho, embora tivesse comigo uma excelente lanterna de bolso.

Eu estava muito satisfeito por estar fora daquele estúdio com odor estranho e vagas impressões de vibração, mas, é claro, não pude me livrar de uma hedionda sensação de pavor, perigo e anormalidade cósmica quando pensei no lugar onde estava e nas forças com as quais me deparava. A região solitária e selvagem, a encosta negra e misteriosamente cheia de florestas erguendo-se tão perto atrás da casa. Os rastros na estrada, o sussurro doentio e imóvel na escuridão, os cilindros e as máquinas infernais e, acima de tudo, os convites para tão estranha cirurgia e viagens ainda mais estranhas – essas coisas, todas muito novas e em tal sucessão frenética, irromperam dentro de mim com uma força cumulativa que minou minha força de vontade e quase destruiu minha força física.

Descobrir que meu guia Noyes era o humano celebrante naquele monstruoso ritual sabático registrado na gravação do fonógrafo foi um choque à parte, embora antes já tivesse sentido uma familiaridade vaga e repelente em sua voz. Outro choque especial veio com minha própria atitude com relação a meu anfitrião, sempre que fazia uma

pausa para analisá-la. Por mais que tivesse instintivamente gostado de Akeley pela forma como se revelava em suas correspondências, eu agora percebia que ele me inspirava uma repulsa bastante clara. Sua doença deveria ter despertado minha compaixão. Mas, ao contrário, ela me dava uma espécie de calafrio. Ele tinha uma aparência tão rígida, inerte e cadavérica – e aquele incessante sussurro era tão odiável e inumano!

Ocorreu-me que aqueles sussurros eram diferentes de qualquer coisa do gênero que eu já tivesse ouvido. Que, apesar da curiosa imobilidade dos lábios cobertos pelo bigode, eles tinham uma força latente e um poder de transmissão notáveis para a voz ofegante de um asmático. Eu conseguia entender o que ele me falava mesmo quando estava do outro lado da sala, e uma vez ou duas, pareceu-me que os sons fracos, mas penetrantes, representavam não tanto fraqueza, mas uma contenção deliberada – por qual razão, eu não pude imaginar. Desde o início, senti uma qualidade perturbadora no timbre. E agora que tentava refletir sobre o assunto, pensava que poderia atribuir essa impressão a um tipo de familiaridade subconsciente como aquela que me levou a achar a voz de Noyes tão indefinidamente ameaçadora. Mas quando ou onde, exatamente, eu poderia ter me deparado com a coisa que me causava tal sentimento, era mais do que eu podia dizer.

Uma coisa era certa: eu não passaria outra noite nesta casa. Meu fervor científico havia desaparecido em meio ao terror e ao assombro, e eu não sentia nada agora, a não ser um desejo de escapar daquela rede de morbidez e revelações horripilantes. Eu já sabia o bastante. Deve, de fato, ser verdade que estranhas ligações cósmicas existem – mas tais coisas certamente não são destinadas ao envolvimento de seres humanos normais.

Influências tenebrosas pareciam cercar-me e sufocar meus sentidos. Decidi que dormir estava fora de questão. Então, simplesmente apaguei o lampião e me atirei na cama completamente vestido. Sem dúvida era absurdo, mas fiquei preparado para qualquer emergência desconhecida. Segurava na mão direita o revólver que trouxera comigo e a lanterna de bolso na esquerda. Som algum vinha de lá de baixo, e eu podia imaginar que meu anfitrião estivesse sentado no escuro com aquela rigidez cadavérica.

Em algum lugar ouvi um relógio batendo, e fiquei grato pela normalidade do som. Aquilo me lembrou, contudo, de outra coisa que

me perturbava sobre a região – a total ausência de vida animal. Com certeza, não havia animais de fazenda por ali, e agora eu percebia que mesmo os sons noturnos dos animais silvestres estavam ausentes. Exceto pelo gorgolejo sinistro das águas distantes e não visíveis, aquela imobilidade era anormal – interplanetária – e eu me pus a imaginar que praga intangível e astronômica poderia estar pairando sobre a região. Lembrei-me das antigas lendas que diziam que os cães e outros animais sempre odiaram as criaturas siderais, e pensei no que aqueles rastros na estrada poderiam significar.

VIII

Não me pergunte quanto tempo durou meu cochilo inesperado, nem quanto do que se seguiu não passou de um sonho. Se eu disser que acordei em um determinado momento e que ouvi e vi certas coisas, você dirá que, na verdade, eu não estava acordado. E que tudo não passou de um sonho até o momento em que saí correndo da casa, fui tropeçando até o galpão onde tinha visto o velho Ford e lancei mão daquele veículo antigo para uma corrida louca e sem rumo pelas montanhas assombradas que por fim me levaram – depois de horas sacolejando e serpenteando por labirintos em meio à floresta ameaçadora – a uma vila que descobri ser Townshend.

É claro, você também desconsiderará todo o resto de meu relato e declarará que todas as fotografias, as gravações, os cilindros e gravadores, e as evidências relacionadas não passaram de pura fraude, armada para mim pelo desaparecido Henry Akeley. Poderá até mesmo insinuar que meu anfitrião conspirou com outros excêntricos para levar a cabo uma mentira tola e complicada – que ele mesmo retirou a encomenda do expresso em Keene e que teve a ajuda de Noyes para fazer aquela terrível gravação no cilindro de cera. É estranho, no entanto, que Noyes nunca tenha sido identificado. Que fosse desconhecido em qualquer das vilas próximas à fazenda de Akeley, ainda que frequentasse bastante a região. Eu queria ter parado para memorizar as placas do carro – ou talvez tenha sido melhor assim, no final. Porque, apesar de tudo que você possa dizer, e a despeito de tudo que às vezes tento dizer a mim mesmo, eu sei que terríveis influências alienígenas devem estar à espreita lá, nas montanhas quase desconhecidas – e que essas influências têm espiões e emissários no

mundo dos homens. Manter-me o mais longe possível dessas influências e desses emissários é tudo que peço à vida para o futuro.

Quando minha frenética história convenceu o xerife a enviar um destacamento à fazenda, Akeley tinha desaparecido sem deixar traços. O roupão largo, o cachecol amarelo e as bandagens que usava nos pés estavam no chão do estúdio, perto de sua poltrona de canto, e foi impossível saber se qualquer outra coisa tinha desaparecido com ele. Os cães e as criações estavam, de fato, desaparecidos, e havia alguns buracos de bala curiosos tanto no exterior da casa quanto em algumas paredes internas. Mas, além disso, nada de anormal foi detectado. Nenhum cilindro ou máquina, nenhuma das evidências que eu havia trazido em minha valise, nenhum odor estranho ou sensação de vibração, nenhum rastro na estrada e nenhuma das coisas problemáticas que presenciei nos momentos finais de minha estada.

Permaneci uma semana em Brattleboro depois de minha fuga, fazendo investigações entre pessoas de todos os tipos que tinham conhecido Akeley. E os resultados me convenceram de que o assunto não foi fruto de um sonho ou de uma alucinação. A estranha aquisição de cães, munições e produtos químicos de Akeley, e o corte dos cabos de seu telefone eram fatos registrados. Enquanto todos que o conheceram – incluindo seu filho da Califórnia – admitiam que seus comentários ocasionais sobre seus estudos estranhos tinham uma certa consistência. Cidadãos de boa reputação acreditavam que ele era louco e sem nenhuma hesitação declaravam que todas as evidências relatadas eram uma simples farsa inventada com astúcia insana e talvez com a ajuda de associados excêntricos. Mas os camponeses mais humildes sustentavam suas afirmações em cada detalhe. Akeley havia mostrado a alguns desses rústicos suas fotografias e a pedra negra, e tinha reproduzido a hedionda gravação para eles. E todos eles disseram que os rastros e as vozes com zumbido eram como aquelas descritas nas lendas ancestrais.

Disseram, também, que visões e sons suspeitos tinham sido notados cada vez com mais frequência nos arredores da casa de Akeley depois que ele encontrou a pedra negra, e que aquele local era agora evitado por todos, exceto pelo carteiro e outras pessoas casuais e céticas. Tanto a Montanha Sombria como a Montanha Redonda eram notadamente conhecidas como lugares assombrados, e não pude encontrar ninguém que já as tivesse explorado. Desaparecimentos

ocasionais de nativos eram bastante documentados na história do distrito, e estes agora incluíam o andarilho Walter Brown, que as cartas de Akeley tinham mencionado. Cheguei inclusive a encontrar um fazendeiro que pensava ter visto pessoalmente um dos corpos estranhos na época das inundações no Rio Oeste, mas a história dele era muito confusa para ser levada em consideração.

Quando deixei Brattleboro, decidi nunca mais voltar a Vermont, e tinha certeza de que manteria minha decisão. Aquelas montanhas selvagens são certamente o posto avançado de uma terrível raça cósmica – e duvido disso cada vez menos desde que li que um novo nono planeta foi descoberto além de Netuno, tal como as criaturas disseram que seria avistado. Os astrônomos, com uma propriedade hedionda que eles pouco suspeitam, chamaram-no "Plutão". Eu sinto, acima de qualquer dúvida, que se trata de nada menos que o sombrio Yuggoth – e tremo quando tento imaginar o real motivo pelo qual seus monstruosos habitantes desejam que ele se torne conhecido dessa maneira e nesse momento específico. Em vão tento tranquilizar-me de que essas demoníacas criaturas não estão aos poucos adotando uma nova política prejudicial à Terra e a seus habitantes.

Mas tenho ainda que contar o final daquela terrível noite na fazenda. Como já disse, eu realmente caí em um sono conturbado. Um sono repleto de pesadelos que envolviam paisagens monstruosas. Ainda não sei dizer exatamente o que me despertou, mas tenho absoluta certeza de que acordei nesse exato momento. Minha primeira impressão confusa foi a de rangidos nas tábuas do assoalho do corredor, do lado de fora de meu quarto, e de movimentos desajeitados e abafados na tranca. Contudo, isso cessou quase que imediatamente, de modo que minhas impressões realmente claras começam com as vozes que ouvi no estúdio lá embaixo. Parecia haver várias pessoas falando e julguei que estavam engajadas em uma discussão.

Depois de ouvir aquilo por alguns segundos, eu já estava totalmente desperto, porque a natureza das vozes era tal que tornava ridícula qualquer ideia de dormir. Os tons eram curiosamente variados, e ninguém que tivesse ouvido àquela maldita gravação do fonógrafo poderia abrigar qualquer dúvida quanto à natureza de pelo menos duas das vozes. Hedionda que fosse a ideia, eu sabia que estava debaixo do mesmo teto que abrigava criaturas inomináveis vindas do

espaço abismal. Pois aquelas duas vozes eram, inconfundivelmente, os zumbidos blasfemos que as criaturas siderais usavam em suas comunicações com os homens. As duas eram diferentes entre si – diferentes na altura, no sotaque e no ritmo. Mas eram ambas do mesmo tipo abominável.

Uma terceira voz, sem dúvida, vinha da máquina de ressonância, conectada a um dos cérebros extraídos que estavam nos cilindros. Havia tão pouca dúvida quanto a isso como com relação aos zumbidos. A voz alta, metálica e sem vida da noite anterior, com sua falta de inflexão e de expressão, a deliberação e a precisão impessoais, era inesquecível. Por um momento, não parei para questionar se a inteligência por trás daquela voz áspera era a mesma que antes falara comigo. Mas logo depois refleti que qualquer cérebro poderia emitir sons vocais da mesma qualidade se fosse ligado à mesma máquina produtora de fala. As únicas diferenças possíveis seriam a linguagem, o ritmo, a velocidade e a pronúncia. Para completar o colóquio medonho, havia duas vozes humanas – uma delas, a fala grosseira de um homem desconhecido e evidentemente rústico, e a outra era a voz suave com sotaque de Boston de meu ex-guia Noyes.

Enquanto eu tentava ouvir o que diziam as palavras que o assoalho antigo de tábuas grossas interceptava de modo tão frustrante, eu percebia uma grande agitação com ruídos e arranhões no cômodo abaixo; de modo que não pude deixar de ter a impressão de que o cômodo estava repleto de seres – muito mais do que os poucos cujas vozes consegui ouvir. A exata natureza desse alvoroço é extremamente difícil de descrever, já que existem muito poucas bases para comparação. Vez ou outra, as coisas pareciam se mover pela sala como se fossem entidades conscientes. O som de suas pisadas lembrava o choque entre duas superfícies duras – como o contato de superfícies mal encaixadas de chifre ou de borracha dura. Era assim, para usar uma comparação mais concreta, porém menos precisa, como se pessoas com sapatos de madeira largos e rachados se arrastassem cambaleando pelo chão polido de tábuas. Da natureza e da aparência dos responsáveis pelos sons, nem me importei em especular.

Logo percebi que seria impossível distinguir qualquer discurso na íntegra. Palavras isoladas – incluindo os nomes de Akeley e o meu – flutuavam em intervalos, principalmente quando proferidas pela máquina de ressonância. Mas o verdadeiro significado delas

permanecia perdido por falta de um contexto. Hoje me recuso a formar qualquer conclusão definida a partir daquelas palavras, e mesmo o efeito aterrador que tiveram sobre mim foi mais de sugestão do que de revelação. Um conclave terrível e anormal, eu tinha certeza, estava tendo lugar abaixo de mim. Mas para que deliberações tenebrosas, eu não sabia. Era curioso como essa inquestionável sensação de estar diante de algo maligno e blasfemo me invadia, a despeito das garantias de Akeley de que os alienígenas eram amistosos.

Escutando com paciência, comecei a distinguir claramente as vozes, embora não pudesse entender muito o que qualquer uma delas dizia. Eu parecia perceber certas emoções típicas por trás da fala de alguns dos falantes. Uma das vozes com zumbido, por exemplo, carregava um inconfundível tom de autoridade, enquanto a voz mecânica, apesar da sonoridade e da regularidade artificiais, parecia estar em uma posição de subordinação e súplica. O tom de Noyes deixava transparecer uma atmosfera de conciliação. Quanto aos outros, não tive chance de tentar interpretar. Eu não ouvia o sussurro familiar de Akeley, mas sabia bem que um som como aquele jamais poderia atravessar o chão sólido de meu quarto.

Tentarei relatar algumas das palavras soltas e outros sons que pude captar, dando nome aos falantes da melhor forma que puder. As primeiras frases que consegui reconhecer vieram da máquina de ressonância.

(Placa de Ressonância): "... eu mesmo trouxe... devolvi as cartas e a gravação... um fim nisso... recebidas... ver e ouvir... danem-se vocês... força impessoal, afinal... cilindro novo e reluzente... grande Deus..."

(Primeiro zumbido): "... quando paramos... pequeno e humano... Akeley... cérebro... dizendo..."

(Segundo zumbido): "... Nyarlathotep... Wilmarth... gravações e cartas... farsa barata..."

(Noyes): "... (uma palavra ou um nome impronunciável, possivelmente N´gah-Kthun)... inofensivo... paz... algumas semanas... teatral... já havia dito antes..."

(Primeiro zumbido) "... nenhum motivo... plano original... efeitos... Noyes pode observar... Montanha Redonda... cilindro

novo… carro de Noyes…”
(Noyes) “… bem… todo seu… por aqui… descanso… lugar…”
(Várias vozes simultâneas dizendo coisas incompreensíveis)
(Vários sons de passos, incluindo o som peculiar de sapatos de madeira ou de chocalho)
(Um tipo curioso de som de asas batendo)
(Som de um automóvel dando partida e se afastando)
(Silêncio)

Essa é a essência do que meus ouvidos trouxeram a mim enquanto eu permanecia estirado e rígido na cama do andar superior daquela fazenda assombrada em meio às colinas demoníacas − deitado com todas as minhas roupas, empunhando um revólver na mão direita e uma lanterna de bolso na esquerda. Como já disse, eu estava totalmente acordado; mas um tipo de paralisia obscura manteve-me inerte por muito tempo depois que os últimos ecos daqueles sons desapareceram. Escutei o tique-taque lento do velho relógio de madeira de Connecticut em algum lugar distante, e por fim percebi o ronco irregular de alguém que dormia. Akeley devia ter adormecido depois da estranha sessão, e eu realmente acreditava que ele precisava muito desse sono.

Mas decidir o que pensar ou o que fazer era mais do que eu podia exigir de minhas capacidades. Afinal, o que tinha ouvido além das coisas que as informações anteriores já não me tivessem levado a esperar? Eu já não sabia que os alienígenas inomináveis tinham agora livre acesso àquela fazenda? Sem dúvida, Akeley tinha sido surpreendido por uma visita deles. No entanto, alguma coisa naquele discurso fragmentado havia me dado calafrios imensuráveis, levantado as mais grotescas e terríveis dúvidas, e me feito desejar com fervor que eu fosse acordar e descobrir que tudo aquilo tinha sido um sonho. Acho que minha mente subconsciente deve ter capturado algo que minha consciência não havia reconhecido. Mas e quanto a Akeley? Ele não era meu amigo, e não teria protestado se pretendessem causar-me qualquer prejuízo? O ronco tranquilo lá embaixo parecia tornar ridícula toda a intensificação repentina de meus pavores.

Seria possível que Akeley tivesse sido forçado e usado como isca para trazer-me até as montanhas com as cartas, as fotografias e a gravação do fonógrafo? Será que aqueles seres pretendiam nos

destruir porque sabíamos demais? Mais uma vez, pensei na mudança de situação abrupta e pouco natural que ocorrera entre a penúltima e a última carta de Akeley. Meu instinto me dizia que alguma coisa estava terrivelmente errada. Nada era o que parecia. Aquele café acre que recusei – será que não teria havido uma tentativa de alguma entidade oculta e desconhecida de me drogar? Eu tinha que falar com Akeley imediatamente e restabelecer seu senso de propósito. As criaturas o hipnotizaram com suas promessas de revelações cósmicas, mas agora ele tinha de ouvir a razão. Nós precisávamos sair dali antes que fosse tarde demais. Se faltasse a ele a determinação para se libertar, eu iria supri-la. Ou, se eu não conseguisse persuadi-lo a ir embora, pelo menos poderia ir embora sozinho. Com certeza, Akeley permitiria que eu tomasse emprestado seu Ford e que o deixasse em uma garagem em Brattleboro. Eu tinha visto o automóvel no galpão – a porta estava destrancada e aberta agora que o perigo tinha passado – e eu acreditava que havia uma boa chance de que ele estivesse pronto para ser usado. Aquela aversão momentânea que eu sentira por Akeley durante e depois da conversa da noite anterior tinha desaparecido. Ele estava em uma posição muito parecida com a minha, e devíamos nos unir. Conhecendo a condição debilitada de meu amigo, eu detestava ter que acordá-lo nessas conjunturas, mas sabia que precisava fazer isso. Eu não poderia permanecer nesse lugar até o amanhecer, da forma como as coisas estavam.

Por fim, eu me senti capaz de agir e espreguicei-me vigorosamente para recobrar o comando de meus músculos. Levantei-me com um cuidado mais impulsivo que intencional, encontrei e coloquei meu chapéu, peguei minha valise e desci as escadas com a ajuda da lanterna. Em meu nervosismo, eu mantinha o revólver empunhado em minha mão direita enquanto cuidava da valise e da lanterna com a esquerda. Por que eu tomava essas precauções eu não sei, realmente, já que eu estava a caminho de acordar o único outro ocupante da casa.

À medida que descia na ponta dos pés as escadas que rangiam, eu podia ouvir com mais clareza os roncos da pessoa que dormia, e notei que ele devia estar na sala à minha esquerda – a sala de estar em que não tinha entrado. À minha direita, estava a escuridão impenetrável do estúdio no qual ouvira as vozes. Abri a porta destrancada da sala de estar e tracei um caminho com a lanterna em direção à fonte dos

roncos, e finalmente dirigi a luz para o rosto da pessoa que dormia. Mas no segundo seguinte, afastei a luz e dei início a uma retirada a passos de gato em direção ao saguão, e dessa vez meu cuidado vinha da razão e também do instinto. Porque a pessoa que dormia no sofá não era Akeley, e sim meu ex-guia Noyes.

Eu não conseguia imaginar qual era a real situação. Mas o bom senso me dizia que a coisa mais segura a fazer era descobrir o máximo que pudesse antes de acordar quem quer que fosse. Voltando ao saguão, fechei silenciosamente e tranquei a porta da sala de estar atrás de mim, dessa forma diminuindo as chances de acordar Noyes. Eu agora entrava com cautela no estúdio escuro, onde esperava encontrar Akeley, dormindo ou acordado, na grande poltrona de canto que, evidentemente, era seu lugar de descanso favorito. Enquanto avançava, os raios de minha lanterna capturavam a grande mesa de centro, revelando um dos cilindros infernais conectado às máquinas de visão e de escuta e com uma máquina de ressonância bem ao lado, pronta para ser conectada a qualquer momento. Esse, refleti, devia ser o cérebro encapsulado que ouvi falando durante a pavorosa conferência. E por um instante tive o impulso perverso de conectar a máquina de fala para saber o que diria.

O cérebro devia ter consciência da minha presença, já que os conectores de visão e audição não falhariam em perceber os raios de minha lanterna e o leve ranger do assoalho sob meus pés. Mas no fim, não me atrevi a mexer naquela coisa. Percebi distraidamente que se tratava do cilindro novo e reluzente com o nome de Akeley, que eu havia notado na prateleira mais cedo naquela noite e no qual meu anfitrião pedira que não mexesse. Ao recordar aquela cena, só posso lamentar minha timidez e desejar que tivesse feito o aparato falar. Deus sabe que mistérios e dúvidas horríveis e questões de identidade isso poderia ter esclarecido! Por outro lado, pode ter sido um ato de piedade ter deixado aquele cérebro em paz.

Da mesa, direcionei a lanterna para o canto onde imaginei que Akeley estivesse, mas, para minha perplexidade, descobri que a grande poltrona estava vazia de qualquer ocupante humano, acordado ou adormecido. Do assento ao chão, estava espalhado o familiar e volumoso roupão velho, e perto dele, no chão, estavam o cachecol amarelo e as enormes ataduras dos pés que eu tinha achado tão estranhas. Enquanto eu hesitava, lutando para pensar onde Akeley

poderia estar e por que teria descartado de maneira tão repentina as roupas de enfermo, observei que o odor estranho e a sensação de vibração não estavam mais presentes na sala. Qual teria sido a causa daquilo? Curiosamente, ocorreu-me que só os tinha notado nas proximidades de Akeley. Aquelas sensações eram mais fortes onde ele ficava sentado, mas totalmente ausentes nos outros lugares, exceto na sala em que ele estava ou logo além da porta daquela sala. Fiz uma pausa, deixando que a luz da lanterna vagasse pelo estúdio escuro enquanto vasculhava o cérebro à procura de alguma explicação plausível para o rumo que as coisas tinham tomado.

Como eu desejaria ter deixado aquele lugar em silêncio antes de ter permitido que a luz da lanterna pousasse outra vez sobre a poltrona vazia! No entanto, aconteceu que não saí em silêncio, mas com um grito abafado que deve ter perturbado – embora não tenha despertado completamente – a sentinela que roncava adormecida do outro lado do saguão. Aquele grito e o ronco imperturbável de Noyes foram os últimos sons que ouvi naquela fazenda tomada pela morbidez, sob o cume coberto pela floresta escura da montanha assombrada – aquele foco de horror transcósmico em meio às montanhas verdes e solitárias e aos riachos que balbuciavam maldições de uma terra rústica e espectral.

Foi um milagre que não tenha derrubado a lanterna, a valise e o revólver em minha correria desabalada, mas de alguma forma não soltei nenhum deles. Na verdade, consegui sair daquela sala e daquela casa sem fazer mais nenhum barulho, arrastar a mim mesmo e meus pertences em segurança para dentro do Ford no galpão e colocar aquele veículo arcaico em movimento em direção a algum lugar desconhecido, porém seguro, em meio à noite negra e sem luar. A jornada que se seguiu foi um delírio digno de Poe ou de Rimbaud, ou dos desenhos de Doré, mas finalmente cheguei a Townshend. E isso é tudo. Se minha sanidade ainda não tiver sido abalada, sou um sujeito de sorte. Às vezes tenho medo do que os anos irão trazer, principalmente desde que aquele novo planeta Plutão foi descoberto de maneira tão curiosa.

Como mencionei, deixei que a lanterna voltasse à poltrona vazia depois de ter percorrido com ela toda a sala. E foi então que notei pela primeira vez a presença de certos objetos no assento, que não pude perceber antes devido às dobras largas do roupão vazio. Esses foram

os três objetos que os investigadores não encontraram quando, mais tarde, vieram fazer uma busca na casa. E como eu disse no início, não havia nada neles que inspirasse horror visual. O problema estava no que eles me levavam a inferir. Até hoje tenho meus momentos de dúvida – momentos em que eu quase aceito o ceticismo daqueles que atribuem toda a minha experiência ao sonho, ao nervosismo e à ilusão.

As três coisas eram construções terrivelmente inteligentes de seu tipo e estavam guarnecidas com engenhosos grampos metálicos para prendê-los aos desenvolvimentos orgânicos sobre os quais não me atrevo a formar qualquer conjectura. Esperava com devoção que fossem produções artísticas feitas em cera por algum mestre das artes, apesar do que meus temores mais íntimos me diziam. Deus Todo-Poderoso! Aquele homem que sussurrava na escuridão com aquele odor mórbido e aquelas vibrações! Bruxo, emissário, mutante, alienígena… aquele medonho zumbido reprimido… e todo o tempo naquele cilindro novo e reluzente na estante… pobre diabo… “prodigiosas habilidades cirúrgicas, biológicas, químicas e mecânicas”…

Porque as coisas na poltrona, perfeitas até o último detalhe, os detalhes mais sutis de semelhança microscópica – ou, quem sabe, de identidade – eram a face e as mãos de Henry Wentworth Akeley.

Ele

Eu o vi em uma noite insone quando caminhava perdidamente para salvar minha alma e minha imaginação. Minha vinda a Nova York tinha sido um erro; pois ao considerar que eu estava em busca de maravilhas estonteantes e de inspiração nos inúmeros labirintos de ruas antigas que se entrelaçavam interminavelmente desde esquecidos pátios, praças e orlas marítimas até outros pátios, praças e orlas marítimas igualmente esquecidos, e nas torres e arranha-céus modernos e ciclópicos que se erguiam babilônicos e negros sob luas em quarto-minguante, na verdade encontrei apenas um sentimento de horror e opressão que ameaçava me dominar, paralisar e aniquilar.

A desilusão tinha sido gradual. Ao chegar pela primeira vez, avistei a cidade de uma ponte durante o pôr do sol, majestosa sobre as águas com seus incríveis cumes e pirâmides brotando como flores delicadas da névoa violeta dos charcos para brincar com as nuvens flamejantes e as primeiras estrelas do anoitecer. Então, janela por janela se iluminara acima da maré de luzes tremulantes, onde faróis oscilavam e deslizavam e buzinas soltavam acordes que lembravam latidos intimidadores, até que o céu se tornou um estrelado firmamento de sonho, com um aroma de música fantástica, e uno com as maravilhas de Carcassonne, Samarcand, El Dorado e todas as gloriosas e quase lendárias cidades. Pouco depois fui levado através daqueles antigos caminhos de vielas sinuosas e passagens, tão caros em minhas fantasias, onde havia fileiras de casas de tijolos vermelhos georgianos com entradas ladeadas por pilares e encimadas por trapeiras com pequenas vidraças que piscavam para os sedãs dourados e os coletivos com janelas – e ao perceber que estava diante de coisas há tanto tempo desejadas, pensei que havia de fato conquistado os tesouros que fariam de mim um poeta.

Porém, o sucesso e a felicidade nunca chegariam. A luz extravagante do dia não me revelou nada além de miséria, desconexão e da nociva elefantíase de pedras propagando-se e elevando-se onde a

lua insinuava encanto e magia antiga; e a multidão que fervilhava nessas ruas como um tropel era composta de forasteiros morenos atarracados, com o rosto hostil e os olhos enviesados, forasteiros astutos sem sonhos e sem afinidade com o entorno, que não poderiam significar coisa alguma para um homem de olhos azuis da antiga estirpe, que mantinha no coração o amor pelas alamedas verdes e campanários brancos do vilarejo da Nova Inglaterra.

Assim, em vez dos poemas que eu tanto almejava, tudo que conquistei foram a arrepiante escuridão e a inefável solidão; e por fim, vi a temível verdade que ninguém antes se atrevera a sussurrar – o inconfessável segredo dos segredos – o fato de que essa estridente cidade de pedra não é uma perpetuação sensível da Velha Nova York, assim como Londres é da Velha Londres e Paris da Velha Paris, mas está de fato absolutamente morta, com seu extenso corpo embalsamado sem perfeição e infestado por estranhas criaturas que nada têm a ver com a cidade como fora em vida. Após fazer essa descoberta, já não podia dormir em paz; embora tenha recuperado um pouco de tranquilidade resignada com o hábito que gradualmente adquiri de manter-me fora das ruas durante o dia para só aventurar-me a sair durante a noite, quando a escuridão traz à tona o pouco de passado que ainda paira como um espectro, e os velhos portões brancos lembram as robustas formas que um dia passaram através deles. Com esse alento, cheguei até a escrever alguns poemas, ainda refreando a ideia de voltar para casa para que minha gente não me visse como um homem sem honra que derrotado se arrastava de volta. Então, em uma noite insone, encontrei o homem. Foi num grotesco e oculto pátio da área de Greenwich, pois foi ali que em minha ignorância me estabeleci, já que tinha ouvido falar que aquele era o lar natural dos poetas e artistas. As antigas veredas e casas e o inesperado número de praças e pátios me encantaram verdadeiramente, porém quando percebi que os poetas e artistas eram sonoros embusteiros, cuja singularidade era insignificante e cujas vidas eram uma negação da genuína beleza que são a poesia e a arte, mantive-me ali apenas pelo amor por essas características veneráveis. Imaginava-as como teriam sido em seu apogeu, quando Greenwich era uma plácida vila ainda não engolida pela cidade; e nas horas antes do nascer do sol, quando todos os farristas já se tinham recolhido, eu costumava vaguear sozinho entre os enigmáticos e intrincados

caminhos e refletir sobre os curiosos mistérios que as sucessivas gerações deviam ter depositado ali. Isso mantinha minha alma viva e inspirava alguns desses sonhos e visões que o poeta dentro de mim tanto necessitava.

O homem me abordou ao redor das duas horas, em uma nebulosa madrugada de agosto, enquanto eu estava cruzando uma série de pátios, cujo acesso se dava apenas por corredores mal iluminados entre prédios intercalados, que um dia fizeram parte de um complexo contínuo de pitorescas alamedas. Tinha ouvido vagamente falar sobre elas e percebi que não poderiam figurar em nenhum mapa dos dias de hoje; mas o fato de terem sido esquecidas, só fez aumentar meu apreço por elas, de modo que me esforcei por encontrá-las com o dobro do ímpeto que me era costumeiro. Agora que as tinha encontrado, minha ansiedade redobrara, pois algo na maneira como estavam dispostas insinuava que estas poderiam ser apenas algumas entre tantas outras similares ocultas, espremidas silenciosamente entre paredões vazios, cortiços desabitados, atrás de arcadas ainda não traídas por hordas de pessoas de língua estrangeira ou guardadas por artistas furtivos e pouco comunicativos cujas práticas não atraem a publicidade nem a luz do dia.

Ele tomou a liberdade de iniciar a conversa ao notar minha disposição e interesse por certas portas com aldravas no topo de escadas ladeadas por guarda-corpos de ferro e encimadas por bandeiras cujos vidros irradiavam um brilho pálido que iluminava minha face. Seu rosto, porém, estava na sombra, e ele usava um chapéu de abas largas que de certo modo estava de acordo com o capote antiquado que ele ostentava; mas eu havia ficado inquieto mesmo antes que ele me dirigisse a palavra. Tinha uma constituição física delgada; uma magreza quase cadavérica; e sua voz era extraordinariamente suave e vaga, embora não particularmente profunda. Segundo disse, ele já me havia notado diversas vezes durante minhas andanças; e concluiu que eu me parecia com ele no apreço pelos vestígios de outras épocas. Não era para eu gostar da orientação de uma pessoa largamente experimentada em tais explorações e com informações locais muito mais aprofundadas do que um mero recém-chegado poderia sonhar em ter? Enquanto falava, vi de relance seu rosto iluminado por um feixe de luz amarelada vindo da janela solitária de um sótão. Era o semblante nobre de um idoso

com boa aparência, que carregava os sinais de uma estirpe e de um refinamento incomuns para aquela época e lugar. Ainda assim, alguma característica me perturbava quase tanto quanto suas feições me agradavam – talvez ele fosse pálido demais, ou sem expressão demais, ou demasiadamente inadequado para a localidade para que eu me sentisse tranquilo e confortável. Apesar disso, eu o segui; pois naqueles dias melancólicos, minha busca por beleza e mistérios de tempos antigos era tudo que mantinha minha alma viva, e eu considerei que o destino me havia feito um raro favor aproximando-me ao acaso de alguém com interesses tão semelhantes aos meus, porém tão mais desenvolvidos.

Algo na noite compeliu o homem encapotado ao silêncio, e por uma longa hora ele me conduziu sem pronunciar palavras desnecessárias; fazia apenas os mais breves comentários relativos a nomes antigos, datas e mudanças, e guiava-me adiante principalmente através de gestos à medida que nos espremíamos por vãos, percorríamos corredores nas pontas dos pés, pulávamos muros de tijolos, e uma vez rastejamos por uma passagem baixa de pedra em forma de arco muito extensa, cujas intrincadas curvas levaram de mim qualquer senso de orientação que tinha conseguido preservar. As coisas que víamos eram muito antigas e maravilhosas, ou ao menos era o que me parecia enxergar através da luz muito esparsa, e não hei de esquecer nunca as cambaleantes colunas jônicas, as pilastras alongadas como flautas, os mourões de ferro com cântaros nas pontas e as luzentes janelas decorativas sobre as portas que pareciam tornar-se surpreendentemente mais exóticas à medida que avançávamos por esse infindável labirinto cuja antiguidade eu não podia precisar.

Não encontramos ninguém no caminho, e conforme o tempo passava as janelas iluminadas tornavam-se cada vez mais escassas. Inicialmente, os postes que iluminavam a rua eram a óleo, no antigo padrão de losangos. Mais adiante, notei que eram a velas; e finalmente, após meu guia - que usava luvas - conduzir-me pela mão na total escuridão em meio a um pátio horrível até um estreito portão de madeira num muro alto, chegamos ao trecho de uma viela em que a iluminação era feita apenas por uma lanterna a cada sete casas – inacreditáveis lanternas coloniais de latão, com topos em formato de cone e orifícios nas laterais. A pequena rua subia por uma elevação bastante íngreme – mais inclinada do que julgava ser possível

encontrar nesta parte de Nova York – e seu cume estava bloqueado de modo evidente por um muro recoberto de heras, pertencente a uma propriedade privada, além do qual podia avistar uma cúpula e as copas de três árvores balançando contra uma remota claridade no céu. Naquele muro havia um pequeno portão de carvalho negro guarnecido com tachas, que o homem começou a destrancar com uma pesada chave. Guiando-me para dentro, ele traçou um curso pela total escuridão sobre o que me pareceu ser um caminho de cascalho, e finalmente por um lance de degraus de pedra até a porta da casa que ele destrancou e abriu para mim. Logo que entramos, quase desmaiei com o forte odor de mofo que se espalhava e nos invadiu, e que devia ser o resultado de deletérios séculos de abandono. Meu anfitrião parecia não se incomodar com isso e eu, por delicadeza, nada disse enquanto ele me conduzia por uma escadaria curva, que ficava no outro lado do vestíbulo, até uma sala cuja porta eu o ouvi trancar logo atrás de nós. Puxou as cortinas das três janelas com pequenas vidraças quadriculadas que mal se definiam contra a luminosidade do céu, aproximou-se da lareira em que riscou uma pederneira, acendeu duas velas de um candelabro de doze arandelas e com um gesto ordenou que falássemos baixo.

Mesmo com o fraco brilho pude ver que estávamos em uma biblioteca espaçosa e bem mobiliada do primeiro quarto do século 18, revestida com painéis de madeira, com esplêndidos frontões triangulares, uma encantadora cornija dórica e um ornamento magnificamente entalhado e com volutas e urnas sobre o consolo da lareira. Acima das prateleiras cheias, em distâncias regulares ao longo das paredes, havia retratos de família bem trabalhados; todos desvanecidos até uma obscuridade enigmática e exibindo uma inconfundível semelhança com o homem que agora me oferecia uma cadeira ao lado de uma graciosa mesa Chippendale*. Antes de sentar-se do outro lado da mesa, meu anfitrião se deteve por um momento, como se não se sentisse à vontade; depois, demoradamente retirou as luvas, o chapéu de aba larga e o capote, postou-se de maneira teatral em trajes de meados da era georgiana, desde o cabelo preso atrás, o rufo no pescoço, os culotes, as meias de seda até os sapatos com fivelas que eu não havia notado antes. Agora, acomodando-se lentamente numa cadeira com encosto em forma de lira, ele começou a me examinar com atenção.

Sem o seu chapéu, ele adquiriu um aspecto de extrema velhice que não era perceptível antes, e eu me perguntei se essa característica de longevidade tão peculiar que eu não havia notado era uma das fontes de minha inquietação. Quando ele falava mais demoradamente, sua voz suave, grave e especialmente abafada não raramente oscilava; e por vezes eu tinha grande dificuldade em acompanhá-lo enquanto ouvia o que dizia com uma sensação de assombro e certo alarme que tentava negar, mas que crescia cada vez mais.

"O senhor vê diante de vossos olhos", meu anfitrião começou, "um homem de excêntricos hábitos que não haverá de desculpar-se por seus trajes diante de um homem com vossos conhecimentos e inclinações. Ponderando sobre tempos melhores, não tive escrúpulos em averiguar seus caminhos e adotar seu vestuário e seus costumes; um deleite que não há de ofender outrem se praticado sem ostentação. Foi minha boa fortuna ter podido manter a propriedade rural de meus antepassados, área que fora engolida por duas cidades: primeiro, Greenwich, que se formou depois de 1800, e depois, Nova York, que se uniu por volta de 1830. Havia muitas razões para a atenta manutenção do legado na família, e eu não fui negligente no cumprimento de minhas obrigações. O cavalheiro que herdou a propriedade em 1768 estudou certas artes e fez certas descobertas, todas elas conectadas a influências presentes neste particular lote de terra e que por essa razão mereciam ser guardadas com o maior zelo. Alguns efeitos curiosos dessas artes e descobertas atrevo-me agora a exibir-vos sob o mais restrito segredo; e creio poder confiar em meu julgamento sobre os homens ao não questionar vosso interesse ou vossa lealdade".

Ele fez uma pausa, e eu fui capaz apenas de concordar com a cabeça. Eu havia dito que estava ficando alarmado, contudo para minha alma nada era mais mortal do que o mundo material de Nova York à luz do dia, e fosse aquele homem um mero excêntrico ou um mestre de artes ocultas eu não tinha outra escolha a não ser segui-lo e disfarçar meu assombro a cada nova revelação. Então, eu o escutei.

"Para… o meu antepassado", ele continuou com voz rouca, "havia qualidades notáveis nos propósitos da humanidade; qualidades que exerciam um quase insuspeito domínio sobre os atos dos próprios indivíduos, bem como sobre todos os tipos de forças e substâncias da natureza e muitos elementos e dimensões considerados mais

universais do que a própria natureza. Poderia dizer-lhe que ele zombava da santidade de coisas tão importantes como o espaço e o tempo, e se dedicava a estranhas práticas rituais de certos índios peles-vermelhas mestiços que um dia acamparam sobre essa colina? Os índios mostraram-se furiosos quando este lugar foi construído e vinham como uma praga pedir para visitar as terras a cada lua cheia. Por anos eles saltavam furtivamente sobre o muro sempre que conseguiam, e clandestinamente praticavam alguns atos. Então, em 68, o novo proprietário surpreendeu-os em seus atos e ficou perplexo com o que vira. Depois disso, negociou com os índios e deu livre acesso à área em troca da revelação detalhada de suas práticas; assim, aprendeu que os avós desses índios tinham herdado parte de seus costumes de seus ancestrais peles-vermelhas e parte de um velho holandês nos tempos dos Estados Gerais*. Maldito seja, pois receio que aquele cavalheiro deva ter servido a eles um rum da pior qualidade – sem querer ou de propósito – e uma semana após conhecer todo o segredo era o único homem vivo a possui-lo. Sois, cavalheiro, o primeiro estrangeiro a saber da existência de tal segredo, e não me teria atrevido a compartilhar tanto – os poderes – não houvésseis demonstrado tamanha curiosidade por essas cousas".

Tremia à medida que o homem tornava mais coloquial aquele modo peculiar de falar. Ele prosseguiu:

"Mas deveis saber, cavalheiro, que o proprietário obteve dos mestiços selvagens apenas uma pequena parte do conhecimento que alcançaria. Não foi em vão que viajara à Oxford nem foi por nada que falara com um velho boticário e um astrólogo em Paris. Ele estava, enfim, ciente de que todo o mundo nada mais é do que a fumaça de nossos intelectos; de difícil acesso para pessoas comuns, mas que os sábios podem tragar e expelir como uma nuvem do sofisticado tabaco da Virgínia. Aquilo que desejamos, podemos criar ao nosso redor; aquilo que não desejamos, podemos rechaçar. Não vou dizer que isso seja completamente verdadeiro enquanto matéria, mas é suficiente para proporcionar um belo espetáculo em boas ocasiões. Suponho que ficaríeis enlevado pela visão mais atraente de outros anos do que a vossa imaginação poderia permitir; portanto, peço-vos que refuteis qualquer temor ante aquilo que mostrarei. Vinde até a janela e permanecei em silêncio."

Meu anfitrião tomou minha mão para levar-me a uma das duas

janelas do lado mais comprido da malcheirosa sala, e ao primeiro toque de suas mãos sem luvas eu gelei. Sua carne, embora seca e firme, era fria como o gelo, e eu quase recuei ao seu toque. Mas novamente pensei no imenso vazio e no horror da realidade, e bravamente preparei-me para segui-lo aonde quer que me levasse. Uma vez junto à janela, o homem abriu as cortinas de seda amarela e orientou meu olhar para a escuridão exterior. Por um momento não vi nada exceto uma miríade de minúsculas luzes dançando muito, muito distantes. Depois, como se em resposta ao insidioso gesto de meu anfitrião, o clarão de um lampejo quente preencheu o cenário e eu enxerguei um mar de extraordinárias folhagens – folhagens não poluídas e não mais os telhados que uma mente normal esperaria ver. À minha direita o rio Hudson resplandecia perversamente, e à distância eu via o reflexo insalubre de um vasto charco salgado constelado de vagalumes agitados. O clarão desvaneceu e um sorriso diabólico iluminou o rosto encerado de meu envelhecido necromante.

"Isso foi antes do meu tempo e antes do tempo do novo proprietário. Rogo-vos deixar-me fazer uma nova tentativa."

Eu estava abatido, mais abatido do que a detestável modernidade dessa maldita cidade me havia feito sentir.

"Meu bom Deus!", sussurrei. "Isso pode ser feito para qualquer período de tempo?" E quando ele balançou a cabeça afirmativamente e deixou à vista os tocos escuros do que um dia haviam sido seus dentes amarelados, agarrei-me às cortinas para evitar uma queda. Mas ele me amparou com suas terríveis garras frias como o gelo e mais uma vez fez o gesto insidioso. Novamente o clarão surgiu – mas dessa vez num cenário não totalmente estranho. Era Greenwich, a Greenwich que costumava ser, com um telhado aqui e ali ou uma fileira de casas como as vemos hoje, porém com belas alamedas arborizadas, campos e gramados comuns. O charco ainda refletia atrás, porém mais adiante eu via os campanários do que era então toda a cidade de Nova York; eram as igrejas de Trinity, St. Paul e Brick, que pareciam dominar suas irmãs, e um leve nevoeiro da queima de lenha pairava sobre todo o conjunto. Respirei fundo, não tanto pela visão, mas sim pelas possibilidades que minha imaginação evocava de forma tão aterradora.

"O senhor poderia... se atreveria a ir mais longe?", perguntei apreensivo, e creio que ele compartilhou dessa apreensão por um

instante, mas a diabólica expressão risonha voltou.

"Longe? O que meus olhos já viram transformar-vos-ia numa louca estátua de pedra! Para trás, para trás... para a frente, para a frente. Vede, tolo choramingão!" E enquanto ele pronunciava rispidamente a frase com seu forte hálito, ele repetiu o gesto que deu ao céu um clarão mais intenso do que qualquer um dos anteriores. Por três segundos inteiros eu pude vislumbrar essa cena pandemônica, e durante esse tempo vi um panorama que há de atormentar meus sonhos pelo resto da vida. Vi o firmamento infestado por estranhas coisas voadoras, e debaixo delas uma infernal cidade negra com gigantescos terraços de pedra com ímpias pirâmides lançadas brutalmente em direção à lua, e luzes demoníacas ardendo em incontáveis janelas. E como revoadas repugnantes por galerias aéreas, eu vi os amarelos olhos semicerrados dos habitantes dessa cidade, horrivelmente vestidos com roupas vermelhas e laranja, dançando insanamente ao som dos frenéticos timbales e dos obscenos crótalos, e também o lamento maníaco de abafadas cornetas das quais incessantes hinos fúnebres se originavam como ondas de um amaldiçoado oceano de betume.

Eu vi o cenário, como eu disse, e ouvi como se fosse com os ouvidos da mente a blasfema cacofonia que o acompanhava. Era o chiado de satisfação de todo o horror que essa cidade-cadáver havia atiçado em minha alma, e ignorando qualquer recomendação de silêncio eu gritei, gritei e gritei quanto meus nervos permitiam até fazer as paredes tremerem.

Depois, enquanto o clarão diminuía, vi que meu anfitrião também tremia; um olhar de medo e de choque havia disfarçado a distorção viperina da raiva que meus gritos tinham provocado. Ele cambaleou, agarrou-se às cortinas como eu havia feito antes e meneou a cabeça furiosamente como um animal capturado. Deus sabe que ele tinha razão, pois assim que os ecos de meus gritos cessaram, veio outro som tão diabolicamente sugestivo que quase levou minha sanidade e minha consciência, preservadas apenas graças a uma emoção entorpecida. Era o constante e furtivo rangido dos degraus atrás da porta trancada, como se uma horda com os pés descalços ou calçados com peles estivesse subindo; e finalmente, o intencional retinir da tranca de latão que brilhava à débil luz do candelabro. O velho homem me agarrava, e cuspia em mim através do ar bolorento

enquanto vociferava e se inclinava para fechar a cortina amarela.

"A lua cheia… maldito! Maldito cão uivante… vós… vós os chamastes e eles vieram atrás de mim! Pés com mocassins… homens mortos… Deus levou vocês, seus diabos vermelhos, mas eu não envenenei o rum de vocês… não mantive sua maldita mágica a salvo? Vocês encheram-se de bebida até não poderem mais, malditos, e agora querem culpar o proprietário… sumam! Tirem as mãos dessa tranca… não tenho nada para vocês aqui."

Naquele ponto, três batidas secas e intencionais se ouviram à porta e uma espuma branca se formou na boca do mago enlouquecido. Seu susto, transformado em rigoroso desespero, cedeu lugar novamente à sua raiva contra mim; e ele ensaiou um passo em direção à mesa na qual me apoiava. As cortinas, ainda presas em sua mão direita enquanto sua mão esquerda tentava alcançar-me, ficaram cada vez mais estiradas até que finalmente caíram de seus suportes elevados, permitindo que a sala fosse inundada pela claridade daquela lua cheia que o brilho do céu pressagiara. Diante desses raios esverdeados, as luzes das velas empalideceram e um novo aspecto de decadência espalhou-se sobre a sala de odor almiscarado impregnado de mofo com seus painéis infestados de cupins, o assoalho prestes a ceder, o consolo da lareira carcomido, a mobília em estado precário e as tapeçarias em farrapos. Esse aspecto de decadência também dominou o velho homem, seja pela mesma origem, seja por seu medo e veemência, e eu o vi encolhendo e escurecendo enquanto tentava aproximar-se de mim e ferir-me com suas garras de abutre. Apenas seus olhos permaneciam iguais, e eles brilhavam com uma incandescência propulsora e dilatada que crescia enquanto o rosto ao redor deles chamuscava e definhava.

As batidas agora se repetiam com mais insistência, e dessa vez traziam indícios de metal. A coisa negra que estava diante de mim, tornara-se apenas uma cabeça com olhos que tentava em vão movimentar-se pelo assoalho em minha direção, soltando de vez em quando pequenos esputos de malícia imortal. Agora, golpes enérgicos e demolidores atingiam os já estragados painéis das paredes e eu pude ver o brilho de um machado atravessando a madeira. Fiquei imóvel, pois não conseguia me mexer; mas assisti pasmado à destruição da porta que depois de despedaçada permitiu o influxo disforme e colossal de uma substância repleta de olhos brilhantes e malévolos.

Ela escorreu espessamente como um fluxo de petróleo brotando da fenda da antepara de um navio, derrubou uma cadeira em seu caminho e finalmente derramou-se por debaixo da mesa e através da sala onde a cabeça enegrecida com os olhos ainda me encarava. Finalmente, envolveu a cabeça, engolindo-a totalmente para em seguida começar a recuar, carregando a invisível carga sem me tocar e agora escorrendo na direção da porta e descendo pelos degraus da escada que ainda rangiam, embora meus ouvidos percebessem que era na direção contrária.

Então, o assoalho cedeu de vez e eu deslizei ofegante para uma câmara escura abaixo, sufocado por teias de aranha e quase desmaiando de pavor. A lua verde que brilhava pelas janelas quebradas permitiu-me ver a porta entreaberta do vestíbulo; e enquanto me punha de pé nesse piso repleto de pedaços de estuque e espanava os restos do teto que haviam caído sobre mim, vi passar uma horrível torrente negra com inúmeros e brilhantes olhos malignos. Estava procurando a porta do porão e, quando a encontrou, desapareceu por ela. Sentia agora que o assoalho deste aposento inferior seguia o mesmo caminho que o do piso de cima, e, subitamente, um estrondo vindo do alto foi seguido pela queda de algo que passou pela janela oeste, provavelmente a cúpula. Finalmente livre dos destroços, corri pelo vestíbulo em direção à porta de entrada e, vendo-me impossibilitado de abri-la, apanhei uma cadeira, quebrei uma janela e corri desvairadamente pelo descuidado gramado onde o luar pousava sobre o mato alto. O muro era alto e os portões estavam trancados, mas após empilhar algumas caixas que havia num canto, consegui escalar até o topo e agarrar-me à grande urna de pedra que o ornava.

Ao meu redor, exausto, podia ver apenas muros e janelas estranhas e telhados antigos. Não conseguia encontrar a ladeira por onde havia subido e o pouco que via desapareceu rapidamente sob a névoa que subia do rio, apesar do clarão da lua. Repentinamente, essa urna de pedra à qual havia me agarrado começou a tremer como se compartilhasse de meus temores; e em seguida senti meu corpo mergulhar rumo a um destino desconhecido.

O homem que me encontrou disse-me que devo ter rastejado por um longo tempo apesar de meus ossos quebrados, pois meu sangue deixara um rastro até onde seus olhos podiam avistar. Entretanto, uma

chuva forte logo apagou os sinais que ligavam a cena a meu suplício, e os relatórios não podiam afirmar nada além do fato de eu ter surgido de um lugar desconhecido, na entrada de um pequeno pátio escuro da rua Perry.

Nunca mais considerei retornar àqueles tenebrosos labirintos, e jamais guiaria algum homem são até lá. Quem ou o que era aquela criatura eu não faço ideia, mas repito que a cidade está morta e cheia de horrores insuspeitos. Também não sei se ele se foi, de fato, para sempre; mas eu voltei para casa, para as puras veredas da Nova Inglaterra, onde fragrantes brisas marinhas sopram ao anoitecer.

* Thomas Chippendale foi um marceneiro britânico que criou um estilo próprio de mobiliário em meados do século 18 e ganhou fama pelo mundo por seu desenho e execução impecáveis.

* Em inglês, States-General é o órgão legislativo bicameral dos Países Baixos. Sua convocação deu-se em meados do século XV.

Celephaïs

Em um sonho, Kuranes viu a cidade no vale, e mais além a costa, e o pico nevado fazendo sombra no mar, e as galeras de cores alegres que saem do porto rumo às regiões longínquas onde o mar encontra o céu. Foi também num sonho que recebeu o nome de Kuranes, pois em vigília era chamado por outro nome. Talvez fosse natural que sonhasse outro nome; pois ele era o último remanescente da família, sozinho em meio à multidão indiferente em Londres, e não havia muitas pessoas para falar-lhe e lembrá-lo de quem fora. O dinheiro e as terras haviam ficado para trás, e ele não se importava com as outras pessoas, mas preferia sonhar e escrever sobre os sonhos. Esses relatos suscitavam o riso em quem os lia, de modo que, passado algum tempo, guardava-os para si mesmo, e por fim parou de escrever. Quanto mais se afastava do mundo ao redor, mais exuberantes tornavam-se os sonhos; e seria inútil tentar descrevê-los no papel. Kuranes não era moderno e não pensava como outros escritores. Enquanto eles tentavam arrancar o manto encantado que recobre a vida e mostrar uma realidade abjeta em todo o seu horror, Kuranes só se preocupava com a beleza. Quando a verdade e a experiência não eram suficientes para evocá-la, ele a buscava na fantasia e na ilusão, e a encontrava batendo à porta, em meio a lembranças nebulosas de histórias infantis e sonhos.

Poucas pessoas conhecem as maravilhas que as histórias e visões da infância são capazes de revelar; pois quando ainda crianças escutamos e sonhamos, pensamos meros pensamentos incompletos, e uma vez adultos tentamos relembrar, sentimo-nos prosaicos e embotados pelo veneno da vida. Mas há os que acordam na calada da noite com estranhas impressões de morros e jardins, de chafarizes que cantam ao sol, de penhascos dourados suspensos sobre o murmúrio do oceano, de planícies que se estendem até cidades adormecidas em bronze e pedra e de heróis que montam cavalos brancos caparazonados nos limites de densas florestas; e então sabemos ter

olhado para trás, através dos portões de marfim, e visto o mundo incrível que nos pertencia antes de sermos sábios e infelizes.

E, de repente, Kuranes reencontrou o antigo mundo de sua infância. Tinha sonhado com a casa em que nasceu; a enorme casa de pedra recoberta de hera, onde treze gerações de seus antepassados haviam morado, e onde esperava morrer. A lua brilhava, e Kuranes havia saído para a fragrante noite de verão, cruzado os jardins, descido os terraços, passado os enormes carvalhos do parque e seguido a estrada branca até o vilarejo. O vilarejo parecia muito antigo, carcomido nas bordas como a lua que começava a minguar, e Kuranes imaginou se os telhados triangulares das casinhas esconderiam o sono ou a morte.

Nas ruas a grama crescia alta, e as janelas dos dois lados estavam ou quebradas ou espiando, curiosas. Kuranes não se deteve, mas seguiu adiante como se atendesse a um chamado. Não ousou ignorá-lo por temer que fosse uma ilusão como os desejos e ambições da vida, que não conduzem a objetivo algum. Então seguiu até uma estradinha que deixava o vilarejo em direção aos penhascos do canal e chegou ao fim de todas as coisas — ao precipício e ao abismo onde todo o vilarejo e o mundo inteiro caíam de repente no nada silencioso da infinitude, e onde até mesmo o céu parecia escuro e vazio sem os raios da lua decrépita e das estrelas vigilantes. A fé o impeliu adiante, além do precipício e para dentro do golfo, por onde desceu, desceu, desceu; passou por sonhos obscuros, amorfos, jamais sonhados, esferas cintilantes que poderiam ser partes de sonhos sonhados, e coisas aladas e risonhas que pareciam zombar dos sonhadores de todos os mundos. Então um rasgo pareceu abrir a escuridão adiante, e Kuranes viu a cidade no vale, resplandecendo ao longe, lá embaixo, contra um fundo de céu e mar com uma montanha nevada junto à costa.

Kuranes acordou assim que divisou a cidade, mas o breve relance não deixava dúvidas de que era Celephaïs, no Vale de Ooth-Nargai, além das Montanhas Tanarianas, onde seu espírito havia passado a eternidade de uma hora numa tarde de verão em tempos longínquos, quando fugiu da governanta e deixou a quente brisa marítima embalar-lhe o sono enquanto observava as nuvens no rochedo próximo ao vilarejo. Ele protestou quando o encontraram, acordaram-no e levaram-no para casa, pois, no instante em que despertou estava prestes a zarpar em uma galera dourada, rumo às alentadoras regiões

onde o mar encontra o céu. E no presente ele sentiu o mesmo ressentimento ao despertar, pois havia reencontrado a cidade fabulosa depois de quarenta anos.

Mas passadas três noites, Kuranes voltou mais uma vez a Celephaïs. Como da outra vez, sonhou primeiro com o vilarejo adormecido ou morto, e com o abismo que se desce flutuando em silêncio; então o rasgo abriu-se mais uma vez na escuridão e ele vislumbrou os minaretes reluzentes da cidade, e viu as galeras graciosas ancoradas no porto azul, e observou as árvores de ginkgo no Monte Homem balouçando ao sabor da brisa marítima. Mas desta vez ninguém o acordou e, como uma criatura alada, Kuranes aos poucos foi se aproximando de uma encosta verdejante até que seus pés estivessem firmes sobre a grama. De fato, ele havia retornado ao Vale de Ooth-Nargai e à esplendorosa cidade de Celephaïs.

Kuranes caminhou junto ao pé do morro, por entre a grama perfumada e as flores resplendentes, cruzou os gorgolejos do Naraxa pela ponte de madeira onde havia entalhado seu nome tantos anos atrás e atravessou o bosque sussurrante até a enorme ponte de pedra junto ao portão da cidade. Tudo era como nos velhos tempos: as muralhas de mármore seguiam imaculadas, e as estátuas de bronze em seu topo, lustrosas. E Kuranes viu que não precisava temer pelas coisas que conhecia; pois até mesmo as sentinelas nas muralhas eram as mesmas, e jovens como no dia em que as vira pela primeira vez. Quando entrou na cidade, além dos portões de bronze e das calçadas de ônix, os mercadores e os homens montados em camelos cumprimentaram-no como se jamais houvesse ido embora; o mesmo aconteceu no templo turquesa de Nath-Horthath, onde os sacerdotes ornados com coroas de orquídeas disseram-lhe que não existe tempo em Ooth-Nargai, apenas a juventude eterna. Então, Kuranes caminhou pela Rua dos Pilares em direção à muralha junto ao mar, onde ficavam os comerciantes e marinheiros, e os estranhos homens das regiões onde o mar encontra o céu. E lá ficou por muito tempo, contemplando o porto esplendoroso onde as águas refletiam um sol desconhecido, e onde vogavam suaves as galeras vindas de mares longínquos. Contemplou também o Monte Homem, que se erguia altaneiro sobre o litoral, com as encostas mais baixas repletas de árvores balouçantes e o cume branco a tocar o céu.

Mais do que nunca, Kuranes queria navegar em uma galera até as

terras distantes sobre as quais tinha ouvido tantas histórias singulares e, assim, foi em busca do capitão que muito tempo atrás prometera levá-lo. Encontrou o homem, Athib, sentado no mesmo baú de especiarias onde estava da outra vez, e Athib parecia não perceber que o tempo havia passado. Os dois remaram juntos até uma galera no porto e, dando ordens aos remadores, seguiram pelas águas do Mar Cerenariano, que acaba no céu. Por vários dias o navio deslizou sobre as águas, até alcançar enfim o horizonte, onde o mar encontra o céu. A galera não parou por um instante e, sem a menor dificuldade, começou a flutuar pelo azul do céu em meio às felpudas nuvens rosadas. E, sob a quilha, Kuranes pôde ver países estranhos, rios e cidades de beleza ímpar banhados pelos raios de um sol que parecia jamais enfraquecer ou sumir. Passado algum tempo, Athib disse que a viagem estava chegando ao fim, e que eles logo desembarcariam no porto de Serannian, a cidade de mármore rosa nas nuvens, construída no litoral etéreo onde o vento oeste adentra o céu; mas quando as torres lavradas da cidade surgiram no horizonte ouviu-se um som em algum lugar no espaço, e Kuranes acordou no sótão onde morava em Londres.

Por muitos meses depois daquilo Kuranes procurou em vão a resplendente Celephaïs e as galeras celestes; e ainda que os sonhos o levassem a muitos lugares belos e inauditos, ninguém que encontrasse pelo caminho sabia dizer como encontrar Ooth-Nargai detrás das Montanhas Tanarianas. Certa noite, ele voou sobre montanhas sombrias onde havia fogueiras solitárias e esparsas, e manadas estranhas de pelo desgrenhado e com sinetas no pescoço, e na parte mais selvagem dessa terra montanhosa, tão remota que poucos homens poderiam tê-la descoberto, encontrou uma terrível muralha ou barragem de pedra antiga que ziguezagueava por entre escarpas e vales; gigante demais para ter sido construída por homens, e de uma extensão tal que não se lhe via nem o começo nem o fim. Além da muralha, no entardecer sombrio, Kuranes chegou a um país de singulares jardins e cerejeiras e, quando o sol nasceu, vislumbrou uma beleza tão intensa de flores brancas e vermelhas, folhagens e gramados, estradas brancas, riachos cristalinos, lagoas azuis, pontes lavradas e pagodes de telhado vermelho que, por um instante, esqueceu de Celephaïs, tamanho seu deleite. Mas voltou a lembrar-se da cidade ao caminhar por uma estrada branca em direção a um

templo de telhado vermelho, e teria perguntado o caminho aos habitantes daquela terra se não tivesse descoberto que no local não havia homens, apenas pássaros e abelhas e borboletas. Em outra noite, Kuranes subiu uma interminável escadaria de pedra em espiral e chegou à janela de uma torre que dava para uma imponente planície e para um rio iluminado pelos raios da lua cheia; e na cidade silenciosa que se espraiava a partir da margem do rio pensou ter visto algum detalhe ou alguma configuração familiar. Teria descido e perguntado o caminho a Ooth-Nargai se não fosse pela temível aurora que assomou em algum lugar remoto além do horizonte, revelando a ruína e a antiguidade do lugar, a estagnação do rio juncoso e a morte que pairava sobre aquela terra desde que o Rei Kynaratholis voltou das batalhas e defrontou-se com a vingança dos deuses.

Então Kuranes procurou em vão pela maravilhosa cidade de Celephaïs e pelas galeras que singram o firmamento até Serannian, vendo pelo caminho inúmeros prodígios e certa vez escapando por um triz de um alto sacerdote indescritível, que usa uma máscara de seda amarela sobre o rosto e vive isolado em um monastério pré-histórico no inóspito platô gelado de Leng. No fim, ele estava tão impaciente com os áridos intervalos entre uma noite e outra que decidiu comprar drogas para dormir mais. O haxixe ajudava um bocado, e uma vez mandou-o a uma zona do espaço onde não existem formas, mas gases cintilantes estudam os mistérios da existência. E um gás violeta explicou que aquela zona do espaço estava além do que Kuranes chamava de infinitude. O gás nunca tinha ouvido falar em planetas e organismos, mas identificou Kuranes como originário da infinitude onde a matéria, a energia e a gravidade existem.

Kuranes estava muito ansioso para rever os minaretes de Celephaïs e, para tanto, aumentou a dosagem; mas logo o dinheiro acabou e ele ficou sem drogas. Em um dia de verão, expulsaram-no do sótão e ele ficou perambulando sem destino pelas ruas, até atravessar uma ponte e chegar a um lugar onde as casas pareciam cada vez mais diáfanas. E foi lá que veio a realização e Kuranes encontrou o cortejo de cavaleiros de Celephaïs que o levaria de volta à cidade esplendorosa para sempre.

Os cavaleiros pareciam mui garbosos, montados em cavalos ruanos e vestidos com armaduras lustrosas e tabardos com brasões em filigrana. Eram tão numerosos que Kuranes quase os tomou por um

exército, mas na verdade vinham em sua honra, uma vez que ele havia criado Ooth-Nargai em seus sonhos e, por isso, seria coroado como o deus mais alto do panteão para todo o sempre. Então deram um cavalo a Kuranes e puseram-no à frente do cortejo, e todos juntos cavalgaram majestosamente pelas montanhas de Surrey e avante, rumo às regiões onde Kuranes e seus antepassados haviam nascido. Era um tanto estranho, mas à medida que avançavam os cavaleiros pareciam voltar no tempo a cada galope; pois quando passavam pelos vilarejos no crepúsculo viam apenas casas e aldeões como os que Chaucer ou os homens que viveram antes dele poderiam ter visto, e às vezes viam outros cavaleiros montados com um pequeno grupo de escudeiros. Quando a noite caiu, aumentaram a marcha, e logo estavam num voo espantoso, como se os cavalos galgassem o ar. Com os primeiros raios da aurora chegaram ao vilarejo que Kuranes tinha visto cheio de vida na infância, e adormecido ou morto nos sonhos. O lugar estava mais uma vez cheio de vida, e os aldeões madrugadores faziam mesuras enquanto os cavalos estrondeavam rua abaixo e dobravam a ruela que conduz ao abismo dos sonhos. Kuranes só havia adentrado o abismo à noite e assim pôs-se a imaginar que aspecto teria durante o dia; então ficou olhando, ansioso, enquanto o cortejo aproximava-se da beirada.

Assim que chegaram no aclive antes do precipício um fulgor dourado veio de algum lugar no Oeste e envolveu todo o panorama ao redor em mantos refulgentes. O abismo era um caos fervilhante de esplendor róseo e cerúleo, e vozes invisíveis cantavam exultantes enquanto o séquito de cavaleiros precipitava-se além da beirada e descia flutuando, cheio de graça, por entre nuvens cintilantes e lampejos argênteos. A suave descida durou uma eternidade, com os cavalos galgando o éter como se a galopar em areias douradas; e então os vapores luminosos abriram-se para revelar um brilho ainda mais intenso, o brilho da cidade de Celephaïs, e mais além a costa, e o pico nevado sobranceando o mar, e as galeras de cores alegres que saem do porto rumo às regiões longínquas onde o mar encontra o céu.

E, desde então, Kuranes reina sobre Ooth-Nargai e todas as regiões vizinhas ao sonho e preside sua corte ora em Celephaïs, ora em Serannian, a cidade das nuvens. Ele ainda reina por lá, e há de reinar feliz por todo o sempre, ainda que sob os penhascos de Innsmouth as marés do canal tratassem com escárnio o corpo de um

mendigo que atravessou o vilarejo semideserto ao amanhecer; menosprezassem e atirassem o corpo contra as rochas ao lado das Trevor Towers cobertas de hera, onde um cervejeiro milionário, gordo e repulsivo desfruta a atmosfera comprada de uma nobreza extinta.

Dagon

Escrevo sob uma considerável tensão mental, já que esta noite posso não mais existir. Paupérrimo e no final da provisão da droga que serve como único alento em minha vida, não posso mais suportar a tortura e irei lançar-me por essa janela de sótão para a rua esquálida lá embaixo. Não pense você que por minha escravidão à morfina sou um fraco ou um degenerado. Depois de ler estas páginas rabiscadas às pressas, você será capaz de estimar – sem jamais compreender totalmente – por que é que preciso *tanto* do esquecimento ou da morte.

Foi em uma das partes mais abertas e menos frequentadas do Pacífico que o paquete no qual eu era conferente de carga fez-se vítima do navio de guerra alemão. A grande guerra estava, então, bem no início, e as forças marítimas dos bárbaros ainda não tinham sucumbido à degradação final; de modo que nossa embarcação foi tomada como prêmio legítimo, embora tenhamos sido tratados pela tripulação com toda a justiça e consideração que nos cabia como prisioneiros de guerra. Tão liberal, na verdade, era a disciplina de nossos capturadores, que cinco dias depois de sermos apanhados consegui escapar sozinho em um pequeno barco, com água e provisões para um bom período de tempo.

Quando finalmente me vi à deriva e livre, tinha pouquíssima ideia do local em que estava. Como nunca fora um navegador competente, eu podia apenas imaginar vagamente, pelo sol e pelas estrelas, que estava em algum lugar ao sul do Equador. Não tinha a menor ideia da longitude, e não havia nenhuma ilha ou litoral à vista. O clima permanecia ameno, e por incontáveis dias flutuei sem rumo debaixo do sol escaldante, esperando ser resgatado por um navio ou ser lançado na costa de alguma terra habitada. Mas nenhum navio ou terra apareciam, e comecei a entrar em desespero em minha solidão sobre a vastidão ondulante do azul interminável.

A mudança aconteceu enquanto eu dormia. Os detalhes, eu nunca

saberei; porque meu sono, embora agitado e infestado de sonhos, era contínuo. Quando por fim acordei, descobri ter sido parcialmente tragado pela vastidão lamacenta de um atoleiro negro e infernal. O lodo se estendia ao meu redor em ondulações monótonas até onde minha vista podia alcançar, e nele, a alguma distância, estava encalhado meu barco.

Embora alguém possa muito bem imaginar que minha primeira sensação seria de espanto com uma transformação tão prodigiosa e inesperada de cenário, eu na verdade estava mais horrorizado do que espantado, pois havia no ar e no solo putrefato algo de sinistro que me arrepiava até o fundo de meu ser. A região fedia com as carcaças de peixes em decomposição e outras coisas menos descritíveis que eu via saltar da lama nojenta da interminável planície. Talvez eu não devesse nutrir esperança de expressar em meras palavras o indizível horror que pode existir em um silêncio absoluto e em uma imensidão estéril. Não havia nada ao alcance do ouvido e nada a ser visto, a não ser uma imensa extensão de lodo negro; mesmo assim, o caráter absoluto da imobilidade e a homogeneidade da paisagem me oprimiam com um medo repugnante.

O sol era escaldante em um céu sem nuvens que me parecia quase negro em sua crueldade, como que refletindo o pântano escuro que havia embaixo de meus pés. Enquanto me arrastava para dentro do barco encalhado, pensava que apenas uma teoria poderia explicar minha situação. Por algum tipo de erupção vulcânica sem precedentes, uma parte do leito do oceano devia ter sido lançada para a superfície, expondo regiões que durante incontáveis milhões de anos permaneceram escondidas debaixo de profundezas aquáticas insondáveis. Tão grande era a extensão da nova terra que surgia embaixo de mim que eu não conseguia detectar o mais tênue ruído do oceano ondulante, por mais que forçasse os ouvidos. Também não havia qualquer ave marinha para rapinar os animais mortos.

Por várias horas, fiquei pensando e ruminando sentado no barco que, tombado de lado, proporcionava-me um pouco de sombra à medida que o sol se movia pelo céu. Com o avanço do dia, o chão foi ficando menos pegajoso e parecia provável que ficasse seco o bastante para que se pudesse andar sobre ele dentro de pouco tempo. Naquela noite dormi muito pouco, e no dia seguinte preparei um farnel com água e comida para uma jornada por terra em busca do mar

desaparecido e de um possível resgate.

Na terceira manhã, vi que o solo estava seco o bastante para que pudesse caminhar sobre ele sem qualquer dificuldade. O cheiro de peixe era enlouquecedor; mas eu estava preocupado demais com coisas mais sérias para me importar com desgraça tão pequena, e parti com coragem para um destino incerto. Caminhei decidido para o oeste durante todo o dia, guiado por uma colina distante que era mais alta que qualquer outra elevação no deserto ondulado. Acampei naquela noite, e, no dia seguinte, continuei minha jornada em direção à colina, embora ela não parecesse estar mais perto do que quando a tinha avistado pela primeira vez. Na quarta noite cheguei ao sopé da colina, que se mostrou muito mais alta do que parecia à distância. Um vale interposto encarregava-se de separar seu relevo escarpado da superfície em geral. Exausto demais para subir, dormi à sombra da colina.

Não sei por que meus sonhos foram tão agitados naquela noite, mas antes que a lua no quarto minguante se erguesse alta no lado leste da planície, acordei suando frio e decidido a não dormir mais. Não conseguiria suportar outra vez visões como aquelas que experimentei nos sonhos. E sob o brilho do luar, vi quanto fui insensato em viajar durante o dia. Sem o calor intenso do sol escaldante, minha jornada teria custado a mim menos energia. De fato, eu agora me sentia capaz de levar a cabo a escalada que me havia desencorajado no crepúsculo. Peguei o farnel e parti para o cume da elevação.

Disse que a monotonia ininterrupta da planície ondulada era uma fonte de um horror indefinido para mim; mas creio que meu horror foi maior quando alcancei o cume do monte e olhei para baixo, do outro lado, para um imenso vale ou cânion cujos recessos negros a lua ainda não se havia erguido o suficiente para iluminar. Senti-me na beirada do mundo; olhando, por sobre a borda, para um caos impenetrável de escuridão eterna.

Em meio a meu terror perpassaram curiosas reminiscências do *Paraíso Perdido* de Milton e da tenebrosa ascensão de Satã pelos amorfos reinos das trevas.

À medida que a lua se erguia no céu, comecei a notar que as encostas do vale não eram tão perpendiculares quanto eu imaginara. As saliências e protuberâncias das rochas forneciam bons apoios para uma descida, e além do mais, uns trinta metros abaixo, o declive

tornava-se bastante ameno. Impelido por um impulso que não consigo analisar com clareza, desci com dificuldade pelas rochas até chegar à parte menos íngreme, e então olhei para as profundezas infernais onde nenhuma luz havia penetrado ainda.

De repente, minha atenção foi atraída por um objeto enorme e singular na encosta do outro lado, erguendo-se íngreme a cerca de cem metros à minha frente; o objeto reluzia com um brilho esbranquiçado sob os novos raios que a lua que se elevava concedia. De início imaginei que fosse apenas uma rocha gigantesca; mas de alguma forma tive a clara impressão de que o contorno e a posição do objeto não eram simplesmente uma obra da natureza. Um exame mais atento encheu-me de sensações que não consigo expressar, pois apesar do tamanho e da posição em um abismo que se abrira no fundo do mar desde a juventude do mundo, percebi sem nenhuma dúvida que o estranho objeto era um monólito bem moldado cujo volume maciço havia sido trabalhado e, talvez, adorado por criaturas vivas e pensantes.

Atordoado e assustado, mas com a empolgação dos cientistas ou dos arqueólogos, examinei os arredores com mais atenção. A lua, agora perto do zênite, brilhava de forma estranha e forte sobre os penhascos altaneiros que cercavam o abismo, revelando o fato de que um extenso curso-d'água corria lá no fundo, serpenteando até se perder de vista em ambas as direções, e quase tocava meus pés enquanto eu permanecia de pé na encosta. Do outro lado do precipício, as ondulações da água lavavam a base do monólito colossal em cuja superfície eu agora podia identificar inscrições e esculturas inacabadas. A escrita fora feita em um sistema de hieróglifos que eu não conhecia e era diferente de tudo que eu já vira em livros; na maior parte, consistia de símbolos aquáticos convencionados, como peixes, enguias, polvos, crustáceos, moluscos, baleias e coisas do gênero. Diversos símbolos representavam coisas marinhas desconhecidas do mundo moderno, mas cujas formas em decomposição eu havia observado na planície surgida do oceano.

Foram os entalhes pictóricos, no entanto, o que mais me deixou fascinado. Bem visível sobre a água interposta graças ao tamanho gigantesco, havia uma coleção de baixos-relevos cuja temática teria provocado a inveja de Doré*. Imagino que aquelas coisas tinham o objetivo de representar pessoas — ou, pelo menos, um certo tipo de

pessoas, embora as criaturas fossem mostradas divertindo-se como peixes nas águas de alguma gruta marinha ou homenageando algum santuário monolítico que também parecia estar sob as ondas. De seus rostos e formas não ouso falar com detalhes, pois a simples lembrança me deixa aturdido. As criaturas, de um grotesco além da imaginação de um Poe ou de um Bulwer, eram infernalmente humanas nos contornos em geral, apesar das mãos e pés com membranas natatórias, dos lábios chocantemente largos e flácidos, dos olhos vidrados e salientes, e outras características ainda menos agradáveis de recordar. Curiosamente, as figuras pareciam ter sido entalhadas em desproporção com relação ao cenário de fundo, pois uma das criaturas aparecia matando uma baleia que estava representada com um tamanho só um pouco maior que o dela. Como já disse, notei bem a monstruosidade e o estranho tamanho, mas no mesmo instante decidi que eram apenas os deuses imaginários de alguma tribo primitiva de pescadores ou de navegantes; alguma tribo cujo último descendente tinha perecido muitas eras antes do primeiro ancestral do Homem de Piltdown ou do Homem de Neandertal ter nascido. Impressionado diante daquele inesperado vislumbre de um passado além do que o mais ousado antropólogo poderia conceber, fiquei ali contemplando em silêncio enquanto a lua lançava reflexos estranhos no canal silencioso diante de mim.

Então, subitamente, eu vi. Com uma leve agitação para indicar sua subida à superfície, a coisa deslizou para fora das águas escuras. Enorme e repulsiva como um Polifemo*, disparou como um monstro assombroso surgido de um pesadelo em direção ao monólito, ao redor do qual atirou os gigantescos braços escamosos enquanto inclinava a cabeça medonha e dava vazão a alguns sons cadenciados. Acho que foi então que enlouqueci.

Pouco recordo-me de minha subida frenética da encosta e do penhasco, de minha delirante viagem de volta ao barco encalhado. Creio que cantei bastante e que gargalhei de uma forma muito peculiar quando não conseguia mais cantar. Tenho vagas recordações de uma grande tempestade algum tempo depois de ter chegado ao barco. De qualquer forma, sei que ouvi o ribombar de trovões e outros sons que a natureza exterioriza somente em seus humores mais terríveis.

Quando saí da escuridão, estava em um hospital de São Francisco,

para onde tinha sido levado pelo capitão de um navio americano que recolhera meu barco no meio do oceano. Em meu delírio falei muito, mas descobri que não deram muita atenção às minhas palavras. Meus salvadores não sabiam nada a respeito de alguma terra que houvesse aflorado no Pacífico, e nem eu julguei necessário insistir em algo em que sabia que eles não poderiam acreditar. Certa vez procurei um famoso etnólogo e o diverti com perguntas estranhas acerca da antiga lenda filistina de Dagon, o Deus-Peixe*; mas percebendo logo que ele era extremamente tradicionalista, não insisti nas perguntas.

É durante a noite, especialmente quando a lua está no quarto crescente, que eu vejo a coisa. Tentei a morfina, mas a droga deu-me apenas um alívio temporário e arrastou-me para suas garras como um escravo sem esperança. Por isso vou acabar com tudo isso, deixando escrito um relato completo para a informação ou a diversão e o deboche de meus semelhantes. Muitas vezes me pergunto se tudo isso não poderia ter sido pura ilusão — um simples surto febril enquanto eu jazia, castigado pelo sol e delirando, naquele barco descoberto depois de minha fuga do navio de guerra alemão. Isso eu me pergunto, mas sempre me vem uma visão terrivelmente real em resposta. Não consigo pensar no mar profundo sem estremecer com as coisas inomináveis que podem, neste exato momento, estar arrastando-se e debatendo-se em seu leito lamacento, adorando seus antigos ídolos de pedra e entalhando a própria e detestável semelhança nos obeliscos submarinos de granito encharcado. Sonho com o dia em que elas poderão elevar-se acima dos vagalhões para arrastar para o fundo, com suas garras fétidas, os remanescentes dessa humanidade decrépita, devastada pela guerra — o dia em que a terra há de afundar, e o escuro leito do oceano erguer-se em meio a um pandemônio universal.

O fim está próximo. Ouço um ruído à porta, como se um imenso corpo escorregadio fosse movido contra ela. Ela vai me encontrar. Meu Deus, aquela mão! A janela! A janela!

* Gustav Doré foi um dos mais populares e bem-sucedidos ilustradores de sua época. Ilustrou o *Paraíso Perdido*, de Milton, e idealizou várias das criaturas de Lovecraft.

* Polifemo é o filho gigante de Poseidon e Thoosa na mitologia grega e um dos ciclopes descritos na *Odisseia* de Homero.

* Dagon era um deus venerado pelos filisteus. Seu nome pode provir de *dag*, que significa peixe. Assim, ele é representado como um ser que é metade peixe e metade

homem.

por Alcebiades Diniz

EVOCAÇÕES DE ABISMOS CÓSMICOS

H.P. Lovecraft e a tradição ocultista

Evocações de abismos cósmicos

Lovecraft e a tradição ocultista

Por Alcebiades Diniz
São Paulo: Novo Século, 2020

H.P. Lovecraft

nasceu em Providence, estado de Rhode Island, Estados Unidos, no dia 20 de agosto de 1890. O jovem Howard Phillips foi criado pela mãe, pois o pai vivia internado em clínicas de repouso, pois sofria de crises nervosas. Desde pequeno demonstrava muita afinidade pela poesia, tendo escrito seus primeiros versos com apenas seis anos de idade. Sofria de uma doença rara chamada poquilotermia, que mantinha sua pele constantemente gelada. Sua mãe faleceu em 1921, antes de ter tido a chance de conhecer as publicações profissionais do filho.

Somente aos 27 anos de idade Howard se aventuraria pelo gênero do terror, que o consagraria como um dos mais proeminentes autores do mundo. Também atuou como jornalista, época em que conheceu sua esposa, Sonia Greene; o matrimônio, contestado pela família, durou apenas cinco anos. Após o término, sua carreira alavancou. Mantinha contato com jovens romancistas e se tornou amigo próximo de Robert E. Howard, criador das histórias de Conan, o Bárbaro.

As obras de Lovecraft revelam um universo hostil ao homem e indiferença às crenças e às atividades humanas. Ele criou várias entidades fictícias anti-humanas, destilando através delas um feroz pessimismo e um agudo cinismo e desafiando valores e condutas. Muitas de suas obras foram baseadas em seus próprios pesadelos.

Publicou apenas um romance, *O caso de Charles Dexter Ward*, e vários contos que o tornaram famoso. O número reduzido de leitores em vida cresceu com o passar das décadas, até fazer do escritor um dos mais influentes da literatura do século XX.

Seus últimos anos de vida foram conturbados; estava sobrecarregado trabalhando também como revisor e *ghost writer*. Seus textos ficavam cada vez mais complexos e extensos, com pouco apelo comercial. O suicídio do amigo Robert E. Howard, em 1936, o deixou bastante abalado. No mesmo ano, o câncer intestinal que o afetava evoluiu vertiginosamente. Incapaz de suportar tantas dores, internou-se em março de 1937 no Hospital Memorial Jane Brown, onde viria a falecer no dia 15, aos 46 anos.

FICHA TÉCNICA

NOME COMPLETO

Howard Phillips Lovecraft

NASCIMENTO

20/08/1890

MORTE

15/03/1937

NACIONALIDADE

Norte-americana

GÊNEROS PUBLICADOS

Terror

Fantasia

Ficção científica

Cósmico maldito

Uma seleção de histórias com temáticas de ocultismo e do subgênero horror cósmico de H.P. Lovecraft.

	Título original	Data em que foi escrito	Data de publicação
O caso de Charles Dexter Ward (romance)	The Case of Charles Dexter Ward	1927	1941
Sussurros na escuridão (conto)	The Whisperer in Darkness	1930	1931
Ele (conto)	He	1925	1926
Celephaïs (conto)	Celephaïs	1920	1922
Dagon (conto)	Dagon	1917	1919

EVOCAÇÕES DE ABISMOS CÓSMICOS

Lovecraft e a tradição ocultista

por Alcebiades Diniz

Alcebiades Diniz é professor, tradutor, pesquisador e escritor, tendo por especialidade as narrativas, a criação de histórias, o registro de universos fantásticos no papel. Bacharel em linguística pela Universidade de São Paulo (USP), realizou mestrado, doutorado e pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), tendo, nesse percurso, passado por um estágio de pesquisa na Brunel University e na British Library (em Londres). Realizou traduções para as editoras Sol Negro, Carambaia e Perspectiva, de autores como H.G. Wells, Dolfi Trost, Nathanael West e Thomas de Quincey.

“Acontece que tudo neste planeta é, em última análise, irracional; não há, e não pode haver, qualquer razão para a conexão causal das coisas, mesmo porque nosso uso da palavra ‘razão’ já implica na ideia de conexão causal. (...) Em um campo mais raso, não se pode atribuir um verdadeiro motivo pelo qual a água deve fluir colina abaixo, ou o açúcar ter um gosto doce na boca. As tentativas de explicar essas questões simples sempre progridem para uma lucidez assimilada e, em análise ulterior, retiram-se para uma fortaleza remota onde tudo é irracional e impensável.”
(*Diary of a Drug Fiend*, Aleister Crowley)

Um culto selvagem

Os anos 1960 agora parecem distantes como outra era – estamos separados dessa época por mais de meio século, sendo que seus hábitos, modas, tendências e comportamentos, evocados por tantas e tão diversas narrativas (de livros de história a séries televisivas e filmes) soam muitas vezes, ao indivíduo moderno, estranhamente distantes, pertencentes a uma época aparentemente ainda mais remota. De fato, trata-se de uma época marcada por sua música, pela liberação de costumes sexuais, pela descoberta de um misticismo eclético, pelo protesto contra uma guerra que se tornaria símbolo da possível derrota de uma superpotência (na Guerra do Vietnã, uma derrota que foi acompanhada pelo consequente desabrochar da contracultura) e pela busca de outras formas para a expansão da consciência. Talvez, por esse motivo, o período parece marcado – em tantas recriações midiáticas – por um certo colorido, por uma alegria algo ingênua, um interlúdio festivo que precede uma era, a *nossa*, de epidemias e renovadas ameaças às liberdades individuais. Mas esse aspecto gracioso é apenas a superfície do "espírito da época"; em camadas mais profundas, havia elementos bem mais sinistros, gestados em um caldo cultural multiforme. Uma expressão nítida desse lado sinistro é a assim denominada Process Church of the Final Judgment ou simplesmente Process Church. Esse estranho culto, capitaneado por um carismático britânico nascido em Xangai, de nome Robert de Grimston, ao lado de sua parceira Mary Ann MacLean, surgiu em Londres, no início dos anos 1960. Aderentes iniciais dos capítulos da cientologia britânica, logo se decepcionaram com tal seita, mas ainda dominados pelo impulso messiânico/místico de sua época, fundaram sua própria religião. De Grimston era a figura atrativa, hipnótica, como uma espécie de profeta feroz para uma nova época, um líder supremo; mas aqui há um pequeno *plot twist*: quem, de fato, liderava o grupo e teve participação bem maior na estruturação organizativa e conceitual do culto foi Mary Ann MacLean.

A Process tornou-se, em seu curto tempo de existência, uma organização presente em ao menos dois continentes e com amplo impacto cultural, ao mesmo tempo em que gerou em torno de sua estranha e complexa *teologia* alguma coisa como um moderno mito

obscuro e sombrio, algo que os jesuítas obtiveram no século XVII e a crença judaica desde a Idade Média. Oficialmente, a igreja surgiu em 1966 – o casal original e alguns adeptos fundaram uma comuna em Mayfair, um bairro antigo e importante na porção oeste de Londres. Começaram a esmerar a imagem apocalíptica que marcaria a seita e ampliaria seu sinistro renome. Os adeptos utilizavam cabelos compridos, roupas negras (especialmente longos mantos), anéis de ferro com uma cruz ou suástica estilizada que se transformou no símbolo da seita. Uma das atividades centrais na sede era a exibição de filmes de terror, em sessões batizadas "sessões cinematográficas de horror e morte". Suas revistas e panfletos eram publicações vistosas, coloridas e conceitualmente ousadas (tendo em vista sua função ilustrativa ou didática da teologia do grupo), sendo uma influência indireta na arte de capas de discos de bandas ocultistas desde Black Sabbath em diante, ao longo dos anos 1970 e muito depois. Logo mudaram-se para a América – estabelecendo-se primeiro no México e depois nos EUA. Nesse momento, a influência do grupo no mundo da cultura pop era considerável; entre seus adeptos no mundo da música e do entretenimento, podemos listar George Clinton, Mick Jagger, Marianne Faithfull (os dois últimos emprestaram seus conhecidos rostos para a revista do culto) e mesmo o grande músico de jazz Miles Davis, que em seu álbum *Agharta* realizou uma grande reverência ao grupo *Process* e ao ocultismo de modo geral. Até mesmo Stan Lee, o célebre quadrinista, esteve próximo ao grupo e permitiu que a Process utilizasse imagens de personagens da Marvel e respondeu, bem-humorado, a uma enquete do grupo com perguntas como "quais são suas visões no que diz respeito ao fim do mundo?"

Sem dúvida, a estranha mixórdia teológica do grupo soava mais tenebrosa/atrativa do que era de fato – se não fosse a agressiva essência imagética cultivada por de Grimston, sua companheira e demais membros (que influenciou bandas de heavy metal ocultistas pelo mundo afora), talvez a seita tivesse sido percebida apenas como uma heresia protestante algo excêntrica. Pois, de fato, Cristo e o Deus cristão (bem como Satã, igualmente entendido e interpretado por um prisma cristão) ocupam um espaço privilegiado no culto da Process. Contudo, essas figuras surgem transfiguradas – tornam-se entidades de poderio cósmico, inimigas de morte que empregam os seres humanos como peças em um jogo vertiginoso, cuja solução (um compromisso

ou aliança entre as partes celestiais) implica no Apocalipse, na extinção dos seres humanos:

> CRISTO disse: Amai vossos inimigos. O inimigo de CRISTO era SATANÁS e o inimigo de SATANÁS era CRISTO. Através do Amor, a inimizade foi destruída. Através do Amor, o santo e o pecador destruíram a inimizade que havia entre eles. Através do Amor, CRISTO e SATANÁS destruíram a inimizade que se colocava entre eles e se uniram para o Final; CRISTO para julgar, SATANÁS para executar a sentença. ("La unidad de Cristo y Satanás", 2017, p. 201)

Essas ideias de destruição redentora inspiraram, ainda que indiretamente, seitas e indivíduos muito mais afeitos à ação apocalíptica, como a comuna de Charles Manson ou o assassino em série David Berkowitz, conhecido como Filho de Sam. Afinal, a ideia de uma "guerra racial" de Manson bebe na fonte apocalíptica e obscura da teologia Process, enquanto o caso de Berkowitz, ainda mais obscuro, agrega elementos conspiratórios diversos (grupos intermediários, declarações sem comprovação, narrativas sensacionalistas etc.). Após o terrível ato perpetrado pela assim chamada Família Manson, o crime desde então conhecido como Caso Tate-LaBianca, por diversas vezes dado como inspirado pelas ideias da Process, o culto conheceu por fim seu declínio, após uma breve ascensão. Com o divórcio de seus membros fundadores, um grupo, liderado por Mary Ann deu continuidade ao culto com novo nome, Foundation Church of the Millennium. Os resquícios da organização original converteram-se em uma organização de proteção aos animais de nome Best Friends Animal Society.

A existência de uma seita mundial de tamanha ressonância na cultura pop – em que pesem os poucos membros e a limitada inserção social –, como a Process nos faz imaginar qual seria a reação de um escritor como Howard Phillips Lovecraft diante de fenômenos como esse – pois sua ficção, de uma forma ou de outra, direta ou indiretamente, trata das crenças e concepções de mundo a partir de certas tradições ocultistas que ele conhecia e pesquisava. Tradições essas relacionadas à destruição da humanidade e ao culto de entidades poderosas e antigas, ao *aceleramento* do fim do mundo.

Talvez não fosse absurdo pensar que Lovecraft, nascido a 20 de agosto de 1890, ainda estivesse vivo nos anos 1960, se o câncer que crescia em seu intestino não o tivesse matado em 1937, com apenas

46 anos. Esse hipotético encontro entre o “recluso de Providence” e os desdobramentos místicos da contracultura dos anos 1960 seria instigante. Apesar de seu conservadorismo no que dizia respeito a arte e costumes, não deixaria de perceber como sua ficção antecipou, inspirou e alimentou essa nova abordagem do ocultismo, os tais novos cultos e crenças. Por outro lado, o intelecto afiado desse nosso envelhecido Lovecraft logo perceberia como as contradições e estranhezas de seitas como a Process, que marcou uma era, também foram antecipadas no destino terrível de seus *aprendizes de feiticeiro*, peregrinos audaciosos e temerários que acreditavam na possibilidade de controlar ou compreender fluxos, potentados e sombras da escuridão, mas cujo destino terrível (o destino da Process e de seus membros, mais condizente com a realidade prosaica, foi apenas o esquecimento) indica como trata-se de uma temeridade estabelecer ligações com seres/entidades que desconhecem a racionalidade dos acordos, das leis e da lógica.

Da sabedoria arcana à antropologia

Howard Phillips Lovecraft foi, em grande medida, um homem de letras – a leitura e a escritura dominavam sua vida, em que as interações sociais eram algo escassas, embora intensas, mediadas pela *palavra,* pois ocorriam, em geral, por meio de cartas. Assim, em um universo dominado pela leitura e por suas convenções, percebemos o quão eclético nosso “recluso de Providence” era, pois seus processos mentais e suas escolhas de leituras trafegavam por caminhos diversos, testando possibilidades amplas. Nesse universo aparentemente limitado – que jamais se deixou aprisionar pelas fronteiras dos EUA, da cidade de Providence, do quarto de Lovecraft – a imaginação parecia se deslocar a uma velocidade imensa, cobrindo regiões muito mais amplas que aquelas inicialmente disponíveis. Seus contos deslocam-se na dimensão do sonho e na dimensão concreta por distâncias incomensuráveis, por profundezas e abismos distantes igualmente difíceis de sondar.

Assim, Lovecraft leitor dedica-se não apenas ao recenseamento de uma literatura de horror em geral, embora a ela se dedique com frequência – buscava nos mais diversos elementos as germinativas sementes de seu próprio estilo, de sua visão de mundo. Afinal, tal autor acreditava que sua literatura se amparava em um conjunto sensorial, perceptivo e mesmo epistemológico fortemente embasado nessa realidade referencial que nos cerca, que alimenta com suas informações e contornos nosso universo. A percepção de Lovecraft, portanto, era gnosiológica, totalizante, holística, como uma ampla teoria do conhecimento com funcionamento autônomo; pois ele buscava ultrapassar os limites da estrutura narrativa, construindo todo um universo, com suas leis e lógica, que não exclui a monstruosidade. Afinal, logo no início de seu conhecido ensaio *O horror sobrenatural na literatura*, publicado em 1927, Lovecraft declarou, categórico: “A mais antiga e poderosa emoção do ser humano é o medo, e o mais ancestral e poderoso tipo de medo é aquele que temos diante do desconhecido”.

Na busca por tornar a evocação desse medo ancestral mais e mais convincente, Lovecraft mergulhou na antropologia e no ocultismo,

disciplinas que, de forma aparentemente paradoxal, ganharam considerável relevo no início do século XX. Por um lado, a necessidade de aproximação com grupos humanos distantes e que possuíam práticas culturais diferentes daquelas da civilização ocidental alimentou, com a antropologia e a etnografia, um tipo novo de narrativa descritiva bastante influente e até mesmo popular. Por outro, essas mesmas práticas culturais redescobertas projetavam novas formas de interação entre o humano e o sagrado, entre o conhecido e o desconhecido. O desencanto caminhava mais ou menos emparelhado com a descoberta de novas formas de expansão da mente em direções inusitadas. Aquilo que o sociólogo alemão Max Weber denominou "desencanto do mundo" (*entzauberung*) – ou seja, a perda gradativa da referência humana nas dimensões do sagrado com a ampliação dos processos de racionalização, secularização e burocratização – teve um instigante efeito colateral: a busca por disciplinas relacionadas ao oculto, ao sobrenatural, que tivessem um tipo de embasamento científico. Ainda em meados do século XIX, o espiritismo buscou associar-se às hipóteses de magnetismo e eletricidade natural do ser humano. Já no século XX surgiram teorias, aparentemente científicas, que tratavam, por exemplo, dos "povos feéricos" (*little people*, em inglês) – ou seja, fadas, elfos, gnomos etc. – buscando fazer uma genealogia convincente desses seres supostamente reais, apenas refletidos de maneira deformada por uma dada cultura ancestral, chamada *primitiva* ainda no século XX.

Nesse sentido, uma das grandes referências de Lovecraft foi a antropóloga – além de folclorista e egiptóloga – Margaret Murray, que deixou de lado temporariamente sua longa e bastante conceituada carreira como especialista em arqueologia para explorar os meandros mais obscuros da história das religiões em dois livros (além de um verbete sobre feitiçaria na *Encyclopedia Britannica*, publicado em 1929): *The Witch-Cult in Western Europe: A Study in Anthropology* (publicado em 1921 pela prestigiosa editora da Universidade de Oxford) e *The God of the Witches* (1931). Nesses livros, que tiveram impacto tremendo em Lovecraft – o autor chegou a citar Murray em vários de seus contos, inclusive em "Sussurros na escuridão" –, Murray desenvolve a teoria de que a feitiçaria como vista desde a Idade Média pelo prisma do pacto com entidades infernais em ritos folclóricos, notadamente o *Sabbath,* com toda a sua carga de ficcionalização

demoníaca – bruxas voando em vassouras, consumindo carne de crianças, dançando nuas ao redor de fogueiras à espera do *bode negro* – na verdade era um antigo culto da fertilidade, que ela denominava "culto diânico", com a eleição de duas divindades para seu principal panteão, uma feminina e outra masculina. Mais que isso, na percepção evemerista (ou seja, a noção de que divindades um dia foram personagens históricos) de Murray, por exemplo, existiu de *fato* uma raça de anões ou pigmeus na Europa, semelhante ao ramo africano dessas etnias, que foi extinta relegando ao imaginário um *mito* de povos feéricos diminutos em toda a Europa: "A raça dos anões que um dia habitou a Europa desapareceu sem deixar vestígios concretos, mas sobreviveu em inúmeras histórias de fadas e elfos". Essa citação teve um efeito extraordinário na literatura fantástica do início do século XX para além de Lovecraft; pois, com toda certeza, J.R.R. Tolkien e seus colegas do grupo Inklings também devem ter lido o livro de Murray e percebido nele algumas novas possibilidades narrativas.

Nesse caldo cultural havia bastante espaço para o assim chamado *ocultismo*, neologismo aparentemente cunhado pelo iniciado francês Eliphas Lévi, importante nome na divulgação de um novo e mais intrincado misticismo no século XIX. Mas o uso do termo para designar um conjunto misterioso ou secreto de conhecimentos marginalizados pela ciência e pela religião tradicionais é bem mais antigo, datando do século XVI, quando da publicação do tratado *De occulta philosophia*, escrito por Agripa. O conjunto de conhecimentos do ocultismo parece querer reivindicar um corpus mais antigo, uma tradição perdida ou mantida em segredo. Suas operações, por essa natureza, devem ser solitárias, retiradas; seus resultados, distantes da transparência pública buscada pela Ciência usualmente aceita. Dessa maneira, tais tradições podem ser pesquisadas, mas a real descoberta e uso exigiriam algo mais, uma necessidade que ultrapassasse o domínio do livresco – um sacrifício extra, *o ritual de iniciação*. Uma vez iniciado, o neófito precisa guardar o segredo de todos os rituais com os quais teve contato; a fórmula de seu comportamento, de sua ética ocultista, foi delineada por Terêncio, dramaturgo e poeta romano: *Fide et Taciturnitate*, fidelidade e taciturnidade. Evidentemente, esse conhecimento tradicional oculto não fornece recompensas da mesma forma que o conhecimento usual ou mesmo que a adesão ao senso comum; existe, pendente diante do neófito, uma espécie de ameaça

constante, relacionada tanto com a impossibilidade de revelação de tudo o que foi testemunhado quanto com equívocos, potencialmente mortais, concernentes ao uso e a interpretação da filosofia oculta. Por outro lado, por não constituir um campo sólido de conhecimentos – como qualquer ciência reconhecida –, mas uma galáxia vaga de elementos referenciais, o saber ocultista permite certa liberdade interpretativa, a possibilidade de criação a partir de elementos reconhecidos, um tipo de criatividade com os traços obscuros, as mitologias bizarras. Lovecraft nunca deixou de reconhecer esse potencial, compondo a partir daí sua própria mitologia e uma nova ritualística.

Mesmo assim, a promessa de um corpus de conhecimento pouco acessível, mas robusto, sempre foi um poderoso elemento de sedução. Ao mergulhar nesse universo estranhamente equívoco, parte "ciência", parte mito, Lovecraft percebia, em todos os seus contornos, esse potencial de atração ao compor personagens que se embrenhavam em um sombrio mundo ritualístico que ele, gradativamente, moldara ao sabor de sua própria imaginação, de sua racionalidade estranhamente belicosa. Contudo, é preciso destacar que o procedimento de Lovecraft não era apenas uma inocente experiência cultural – havia no autor um poderoso senso paranoico. Em seu universo narrativo, a ameaça sempre partia de um exótico exterior, em que potências que percebemos como infernais colonizam (e esse termo é fundamental para a compreensão da ideologia de Lovecraft) o espaço que o senso comum ocidental sempre considerou cotidiano, familiar, seguro. Um trabalho insidioso realizado com certos sectários, sempre imigrantes ou negros; pois o aprendiz de feiticeiro de Lovecraft guarda alguma inocência, enquanto os oficiantes da suprema maldade – marcados pelo imaginário racista do autor como pessoas de outra etnia, de outra cultura – estão irremediavelmente perdidos em sua aliança permanente com um Mal, que de oculto tornou-se cósmico.

O aprendiz de feiticeiro e outros seres ambíguos

Diversas fontes asseguram que Lovecraft estava mergulhado no ar e no colorido de sua terra natal ao compor seu romance breve (ou minirromance) *O caso de Charles Dexter Ward* – lendas e folclores da Nova Inglaterra, além de fatos históricos como a terrível perseguição às "bruxas", por assim dizer, em Salem e em outras cidades da região. Lovecraft, contudo, não se inspirou apenas no rico folclore de sua Providence natal, mas também em um conhecido monumento literário dos EUA: *Magnalia Christi Americana* (1702), de Cotton Mather. De fato, foi do apêndice ao livro II ("Pietas in Patriam") que Lovecraft retirou a epígrafe da narrativa, atribuída ao químico Pierre Borel (no livro, o nome do sábio aparece grafado em sua forma latina, arcaizante, "Borellus"), a respeito de sais essenciais tão poderosos que poderiam ressuscitar um morto sem intervenção da necromancia, o ramo da magia relacionada aos cadáveres.

> Os sais essenciais dos animais podem ser preparados e preservados de modo que um homem engenhoso pode ter toda a Arca de Noé em seu próprio escritório e fazer surgir a bela forma de um animal das cinzas deste a seu bel-prazer; e, pelo mesmo método, dos sais essenciais do pó humano, sem criminosa necromancia, um filósofo pode fazer reviver a forma de qualquer ancestral falecido das cinzas em que seu corpo se tomou.

É bastante significativo que essa epígrafe espantosa, que descortina todo um sentido do livro – cuja forma só se configura durante a leitura –, tenha surgido no monumento de Mather à história de seu país como uma narrativa devocional, uma progressão de peregrinos que enfrentavam perigos e tentações em um Novo Mundo que poderia ser paradisíaco, mas também era potencialmente infernal. Pois devoto era Mather, uma devoção que o levou a celebrar os tristemente célebres tribunais de bruxas na cidade de Salem.

Mas ele também era homem de ciência, criador de métodos de hibridização avançados; mais que isso, também era alguém que aplicava uma metodologia aparentemente racional na determinação de fenômenos sobrenaturais – à época, campo de pesquisa singular: a

pneumatologia, o estudo de seres espirituais ou imateriais em suas interações com seres materiais e com as emanações da divindade. Mather, assim, congregava em si mesmo aspectos contraditórios de homem de fé, cientista e investigador do sobrenatural. Para além da utilização dessa epígrafe com sabor arcaizante, temos no próprio Mather o modelo do aprendiz de feiticeiro, um tipo de personagem bastante singular que Lovecraft empregou em suas narrativas – notadamente, naquelas de teor ocultista, em que surgem cultos ancestrais, grimórios proibidos, templos profanos e ocultos, seres hediondos (vagamente entrevistos) e oficiantes diabólicos.

O *aprendiz de feiticeiro* desloca-se por alguma cidade, antiga ou moderna, pois em todas elas há traços de alguma antiguidade, de uma *ancestralidade* potencialmente reveladora; sua leitura não está, portanto, circunscrita apenas aos livros, mas busca um conhecimento essencial, ancestral, até mesmo no delineamento de uma cidade, nas narrativas que fornecem coesão a um determinado povo ou etnia. São ardentes, vigorosos e mesmo maníacos em sua busca pelo conhecimento não oficial, que não se encontra disponível em bibliotecas públicas ou acessível em universidades. Mas não é a maldade aquilo que os impele – de fato, esse tipo lovecraftiano segue os passos da vítima que, não raro, se move voluntariamente na direção de seu próprio sacrifício. Pois os aprendizes, em geral, são membros de boas famílias, clãs tradicionais que se estabeleceram no Novo Mundo nos primórdios da colonização – um traço de *positividade* na visão lovecraftiana, para a qual a ancestralidade imaculada pela miscigenação sempre foi um elemento importante.

Em uma posição diametralmente oposta, porém, surgem aqueles que, ao mergulharem nos conhecimentos proibidos alimentando certa sede por poder – na forma de ampliação de riquezas, imortalidade etc. –, acabaram sofrendo uma *contaminação* indelével na alma. Trata-se de um segundo tipo de personagem no universo ocultista forjado por Lovecraft – que denominaremos sumo sacerdote; esse tipo de personagem, em geral, encaminha o *aprendiz de feiticeiro* em sua jornada iniciática, no mais das vezes fatal, através de enganos e promessas. Seu papel é o de instigador, direcionando a vontade de conhecimento e a capacidade de leitura da realidade, elementos que impelem o aprendiz adiante, na direção da voluntária perdição. Há algo nesse sumo sacerdote que lembra o velho Mefistófeles, o demônio

que consegue obter a alma do infeliz Fausto em troca de um conhecimento vazio, ilusório. Por ainda estar ligado – por vezes, de forma bastante tênue – ao mundo dos homens e à sua linguagem, ele encarna com naturalidade o papel de antagonista direto ao *aprendiz de feiticeiro* e aos demais personagens positivos da trama (logo trataremos deles).

Em terceiro lugar, temos os sectários, os seguidores que acompanham os rituais oficiados pelo *sumo sacerdote* e que também atuam como capangas na execução de seus desígnios – não por acaso, os desígnios dos seres ancestrais, os verdadeiros mestres cultuados. O mais evidente entre os *sectários* é a sua natureza coletiva: de um modo geral, no imaginário lovecraftiano, esses personagens são expressões coletivas que se manifestam por meio de uma linguagem gutural, feita de grunhidos indistintos, que parece soar como se imaginava serem os gritos primordiais da espécie humana ou de alguma selvagem nova espécie animal. Seguindo os preconceitos do autor, nesse tipo de personagem encontramos os estrangeiros, os imigrantes e as pessoas de outras etnias. Consta que Lovecraft sofreu um terrível revés, em termos pessoais e profissionais, na temporada em que viveu na metrópole de Nova York – algo que surge com muita clareza no conto "Ele" – e que o traumatizado autor passou a perceber na configuração espacial de uma cidade imensa, pululante de vida, os traços de um desígnio oculto, as feições de uma potência infernal. Por isso, seus sectários por vezes são quase um pano de fundo, parte de um cenário dinâmico para tornar mais tétricas as cenas e os confrontos descritos

Pois há confrontos, e o Mal, embora onipresente – e onipotente em sua *promessa* – não triunfa nos contos de Lovecraft, mesmo estando em geral bem perto disso. A derrota que a bondade aplica sobre as sombras, contudo, é ilusória, e esse é mais um forte traço da narrativa e do mito ocultista do autor: trata-se de uma vitória temporária, improvável – que poderá ser revertida a qualquer momento no futuro caso os heróis, os personagens positivos, não se mantenham em guarda contra tais forças do Mal. Nesse ponto, encontramos os combatentes da maldade oculta em Lovecraft, que denominaremos *investigadores*. Como os *aprendizes* e os *sumos sacerdotes*, seguem uma linhagem relativamente nobre ou, ao menos, livre do contágio da miscigenação, tão maléfica aos olhos de Lovecraft. Possuem as mais diversas ocupações – Marinus Bickwell Willett, o investigador em *O*

caso de Charles Dexter Ward, é um médico familiar – e não buscam ativamente os segredos do oculto, como o aprendiz de feiticeiro. Mas, por curiosidade ou necessidade de sobrevivência, buscam e encontram certas verdades tenebrosas no oculto, ao menos uma parte que seja suficiente para obterem uma vitória dúbia sobre as forças maléficas, mesmo que ao custo de sua estabilidade física e mental, um tipo de sacrifício em sentido diferente daquele do *aprendiz*, por isso muito mais significativo.

Por fim, temos os personagens mais obscuros – mergulhando, de fato, no aspecto mitológico e mesmo oculto das tramas lovecraftianas, as *potências antigas*, seres de um passado imemorial e não humano que buscam retomar (ou colonizar) seus antigos domínios. Criaturas de uma antiguidade incomensurável, as potências antigas, apesar de todo seu poderio, não são capazes de despertar por si mesmas e retomar a Terra, moldando-a ao seu bel-prazer. Necessitam de uma estrutura ritualística, baseada em crenças fixas, em rituais sangrentos e cruéis, para construir as pontes necessárias ao seu *retorno* dos abismos nos quais se encontram temporariamente exilados. A percepção materialista de Lovecraft aliada à inspiração evemerista de autores como Margaret Murray, Helena Blavatsky (a leitura feita por ela do *The Book of Dzyan*, compilação de versos antigos do Tibete que traria uma "sabedoria secreta" tibetana, foi lido com profundidade por Lovecraft) e Arthur Machen (notadamente *The Three Impostors*, publicado em 1895, apresentando um intrincado labirinto narrativo envolvendo uma sociedade secreta destinada a manter vivos certos ritos pagãos em plena sociedade contemporânea) moldou essas criaturas míticas com uma forma física – não mental ou espiritual – definida, historicamente circunscrita, ainda que em um passado incomensurável e de proporções cósmicas. Assim, em geral, são seres marinhos e anfíbios. Seus impedimentos na conquista imediata de seus objetivos, dessa forma, soam factíveis e verossímeis. Criaturas hieráticas, cuja linguagem soa incompreensível e mesmo enlouquecedora, movem-se, lenta e solenes, nas sombras apenas entrevistas pelos personagens lovecraftianos – uma ameaça permanente, invencível.

Tais são os tipos de personagens que, essencialmente, povoam as tramas do "sonhador de Providence". É possível perceber, pela descrição um pouco extensa que realizamos anteriormente, a

estratégia de narrativa de Lovecraft, especialmente no que tange aos seus elementos ocultistas. Narrativas com fartos elementos derivados das "ciências ocultas" mais tradicionais – a cabala, a teosofia, a alquimia – que tornaram-se um modismo na Europa, nos EUA e mesmo na Ásia, África e no restante da América durante o período da virada do século XX. Enquanto autores de reconhecida complexidade bebiam fartamente desta fonte – de Gustav Meyrink, autor de *O Golem* (1915) a Mikhail Bulgákov de *O mestre e margarida* (1967) – iniciados como W. B. Yeats e Aleister Crowley trabalhavam o refinamento estético de suas visões e de seu misticismo na forma de poesia e narrativa. Nesse sentido, Lovecraft fez uma opção ao mesmo tempo ousada e coerente com seu fascínio por outras disciplinas do conhecimento, menos exóticas ou ocultas – como a antropologia – tornou suas visões bem mais originais, sem a recuperação de um panteão de crenças tradicional mas com a entronização de um novo bestiário, que absorvia os demônios, bruxas e aparições em uma outra totalidade.

Se é verdade que o ocultismo redivivo à época de Lovecraft buscava uma renovação das tradições ocultistas, Lovecraft tentava compor toda uma estrutura de conhecimentos ocultos, de rituais e de percepção esotérica completamente nova – algo que aproxima sua ficção daquilo que, posteriormente, seria chamado de "ficção especulativa". Nesse sentido, foi como se Lovecraft tivesse desenvolvido algo como um conjunto de rituais subjetivos, imaginários, que se desdobrou em ofícios de crença bem mais amplos – um feito considerável. Mitologias e rituais individuais podem ter uma carga estética considerável, reconhecida, como acontece com a obra visionária da maturidade de William Blake – especialmente nos mitos por ele urdidos nos livros das chamadas *Profecias continentais* (1793-5), *America: a Prophecy*, *Europe: a Prophecy* e *The Song of Los*. Em outros casos, uma mitologia individual pode ser vista apenas como um criativo sinal de loucura, de esquizofrenia – curiosidade não exatamente estética, embora eventualmente estimulante para um público leitor que vai além dos médicos especialistas. Esse é o caso de Daniel Paul Schreber, o "Presidente Schreber", que deixou suas estranhas visões registradas em seu livro *Memórias de um doente dos nervos* (1903), analisado com rigor por Sigmund Freud; também ocorre algo semelhante com o polímata argentino Xul Solar, que

inventou um idioma – o neocriollo – para descrever suas visões em *Los San Signos*. Por fim, existe a experiência única, aquela capaz de unir cruzamentos alucinados dos mais diversos elementos místicos, impulsionada ou não por algum surto diagnosticado de loucura: esse é o caso do romance autobiográfico *Inferno* (1897), de August Strindberg, ou do *Liber Novus* (também conhecido como *O livro vermelho*) de Carl Gustav Jung, obra que o próprio autor produziu entre 1914 e 1930 (incluindo as caprichadas ilustrações em estilo de iluminura) e que permaneceu inédito até 2009. Embora todas essas experiências fossem instigantes, nenhuma delas teve a consistência dos mitos lovecraftianos, que sobreviveram à morte do autor, à passagem do tempo, aos abalos da História.

Nesse sentido, podemos perceber que Lovecraft leu atentamente outra obra de Arthur Machen – autor que admirava profundamente, como declarou algumas vezes –, o romance parcialmente autobiográfico *A colina dos sonhos* (1907). Na narrativa desse romance, Machen descreve as provações de Lucian Taylor, o protagonista, em sua busca por um espaço interior que fizesse frente às atrocidades cotidianas de um mundo dominado por valores materialistas e medíocres. Descobre em sua mente, quase como um resquício autônomo do *inconsciente coletivo*, uma estranha aldeia romana, espécie de duplicação do seu vilarejo natal e espelhamento de um passado romano mais amplo. Ao fugir para o interior de si próprio, Lucian forja estranhos rituais próprios de autoflagelação, de glorificação de seus ídolos, de fertilidade e iniciação sexual – todos eles possuidores da intensa gravidade dos rituais do passado, embora forjados em seu cotidiano. Pois, para Lucian, sua oposição ao mundo cruel da *objetividade realista* sedimenta a essência mais profunda, o sentido mais completo da iniciação mística:

> Um vento gélido soprou desde o rio ao pôr do sol. As cicatrizes no corpo de Lucian começaram a arder e coçar. Tal incômodo trouxe à sua memória o ritual, e ele começou a recitá-lo conforme caminhava. Havia cortado um galho de espinheiro de uma sebe, depois o colocou sobre a pele e o apertou com suas mãos até o sangue quente começar a fluir. Imaginou que tal procedimento era requintada e terna observância a ela, a mulher; depois pensou no palácio dourado secreto que ele edificava para homenageá-la – a inaudita, belíssima cidade que surgia em sua imaginação.

Lovecraft, sem dúvida, sentia-se próximo do jovem Lucian – fez

sua homenagem ao romance de Machen na bela e poética narrativa de "Celephaïs" – ao buscar distanciamento de um mundo que parecia deliberadamente destrui-lo, como testemunhou em sua infeliz experiência de homem casado na metrópole de Nova York. Isolado em meio aos seus livros, embora em contato com seus amigos e articulando seu próprio cenáculo, erigiu muralhas empregando como matéria-prima a solidez inexpugnável de seu fervilhante imaginário, de sua impiedosa razão. As muralhas terminaram altas demais e as ameaças ilusórias que pressentia pareciam amplificadas pela distância – daí sua intensa desconfiança pelo Outro, pelo estrangeiro, pelo diferente, fosse ele um negro ou um imigrante que dominasse precariamente a língua inglesa. Daí a percepção desses diferentes como membros de uma cabala secreta que visava apenas destruir o modo de vida estabelecido – ainda que, reconhecesse, não era no final das contas um projeto tão ruim assim, ou impossível. Apenas no fim da vida percebeu, ao menos em parte, seu próprio equívoco. Talvez essa percepção de como a mitologia peculiar era perigosa quando outro conjunto de rituais, bastante alucinado, de outro homem, vindo da Alemanha, representava uma ameaça de ruína efetiva ao mundo. Ameaça que foi, de fato, concretizada poucos anos após a morte de H.P. Lovecraft.

A persistência da maldição

Contudo, como já mencionamos, a morte não foi o fim para Lovecraft e seu culto. Seus discípulos – com August Derleth na dianteira – começaram o longo e extenuante trabalho de coletar e estruturar em compêndios a vasta obra escrita do "sonhador de Providence", que logo percebeu-se ultrapassar os limites dos contos para incluir poesia, vasta correspondência e narrativas mais longas, como romances – e assim aconteceu com Charles Dexter Ward, uma das narrativas mais longas compostas por Lovecraft e que não foi publicada em vida, pois o autor estava insatisfeito com o resultado. Ele era, compreensivelmente, exigente com sua própria escrita e com o produto obtido por suas tramas; mas, nesse caso, ele foi injusto consigo mesmo e o valor desse breve romance de horror cósmico e ocultista logo foi restabelecido pela crítica.

Mas o fato é que a produção lovecraftiana, desde sua morte, não ficou circunscrita aos seus adeptos, ao estreito círculo de leitores iniciados. Suas criações inspiraram, direta ou indiretamente, o surgimento de novos cultos, de novas percepções do oculto – inclusive, talvez, a igreja Process. Com toda certeza, a concepção de Apocalipse desse culto e de outros nos anos 1960 parecem diretamente inspirados na visão sem esperança de Lovecraft, na vitória provisória de seus heróis sacrificados. E aqui temos novamente nosso Lovecraft octogenário, perplexo diante desse mundo tão estranho e diferente para ele, com sua divisão em blocos e a luta dos jovens em busca de algum ideal para viver. Talvez sentisse certa simpatia por eles, ainda que execrasse suas práticas. Pois esse Lovecraft idoso perceberia, derradeiramente, que a condição do seu *aprendiz de feiticeiro* tornou-se – e permanece – universal, o signo de perplexidade que todos nós temos diante da falta de sentido de um mundo que parece, em determinados momentos, talvez neste exato momento, acelerar sua corrida para a extinção.

Referências bibliográficas

A la Guerra con Satán. Madrid: La Felguera, 2017.

CROWLEY, Aleister. *The Diary of a Drug Fiend*. Nova York: E.P. Dutton & Company, 1923.

La unidad de Cristo y Satanás. In: *A la Guerra con Satán*. Madrid: La Felguera, 2017, p. 201.

LOVECRAFT, H.P. *The Call of Cthulhu and Other Weird Stories*. Nova York: Penguin Books, 1999.

______. *The Thing on the Doorstep and Other Weird Stories*. Londres: Penguin, 2002.

______. *O horror sobrenatural na literatura*. São Paulo: Escotilha, 2020.

MACHEN, Arthur. *The Hill of Dreams*. North Yorkshire: Tartarus Press, 2011.

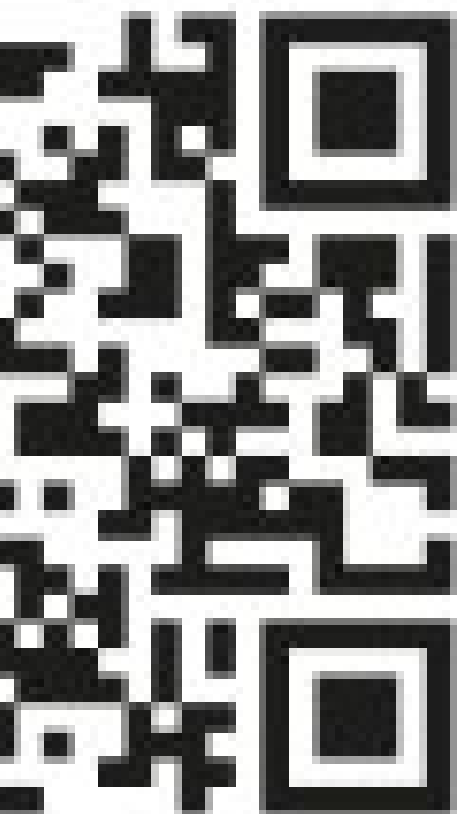
MURRAY, Margaret. *The Witch-Cult in Western Europe: A Study in Anthropology*. Oxford: Oxford University Press, 1921.

SECRET, François. "Du 'De occulta philosophia' à l'occultisme du XIXe siècle". In: *Revue de l'histoire des religions*, tome 186, nº, 1974.

WEBER, Max. "Science as Vocation". In: *From Max Weber: Essays in Sociology*. Abington: Routledge, 2005.

WYLLIE, Timothy. *Love Sex Fear Death: The Inside History of the Process Church of the Final Judgment*. Port Townsend: Feral House, 2009.

EDITOR: Luiz Vasconcelos
EDIÇÃO DE TEXTO E DE ARTE: Nair Ferraz
REVISÃO: Vitor Donofrio

As ilustrações que compõem este box foram produzidas por Kash Fire – ilustrador, quadrinista e publicitário de São Paulo que, inspirado no chiaroscuro de Caravaggio e no cinema noir dos anos 1940, transporta para seus trabalhos uma atmosfera sombria e misteriosa.

ns
O DONO DO TEMPO
PARTE I
RENATA VENTURA
A ARMA ESCARLATE
LIVRO 3

O Dono do Tempo

Ventura, Renata

9788542815726

512 páginas

Compre agora e leia

Palavras têm poder. Elas podem reerguer uma pessoa ou atingi-la com a força de mil feitiços. Em seu terceiro ano como bruxo, Hugo terá de aprender, de uma vez por todas, que sua varinha vermelha não é sua maior arma, nem a que mais machuca. Após um dos anos mais conturbados na história da comunidade bruxa brasileira, 1999 começa derrubando a porta com todos os cruéis efeitos do ano anterior, e enquanto um dos amigos de Hugo lida com as duras consequências do heroísmo de seus atos, outro precisará muito de sua ajuda. Alguém a quem Hugo feriu mais do que a todos, com suas palavras irrefletidas. Movido pelo remorso e pelo profundo desejo de salvar alguém que tanto admira, Hugo terá de fazer uma perigosa jornada pelo interior da gigantesca floresta amazônica, numa corrida contra o tempo para consertar o inconsertável, porque, como diz a inscrição em tantos relógios antigos pelo mundo... Todas as horas ferem. A última mata. "Hugo tem um potencial tão grande para se tornar uma pessoa boa, que nós comemoramos sempre que ele acerta e nos entristecemos toda vez que ele falha, tornando-o muito real para nós." "The Guardian" "Uma história fascinante! A riqueza, a trama, o desfecho... Eu quase tive um ataque!" Caco Cardassi, canal Caldeirão Furado "Um dos livros mais corajosos e importantes que já li. Se eu já tinha 'A Arma Escarlate' e 'A Comissão Chapeleira' como meus livros favoritos, eles ganharam um peso ainda maior com 'O Dono do Tempo'. É uma saga que todos deveriam ter como livros de cabeceira." David Ernando, "Paralelismo"

Compre agora e leia

ns
VENCEDORA
DO NOBEL
DA PAZ
2018
QUE EU SEJA
A ÚLTIMA
MINHA HISTÓRIA DE CÁRCERE E
LUTA CONTRA O ESTADO ISLÂMICO
NADIA MURAD

Que eu seja a última

Murad, Nadia

9788542815689

336 páginas

Nestas intimistas memórias de sobrevivência, uma ex-prisioneira do Estado Islâmico conta a sua angustiante, mas inspiradora história. Em 15 de agosto de 2014, quando Nadia tinha apenas 21 anos de idade, sua vida terminou. Os terroristas do Estado Islâmico massacraram o povo de sua aldeia, executando os homens que se recusaram a se converter ao Islã, e as senhoras idosas demais para se tornarem escravas sexuais. Seis dos irmãos de Nadia foram mortos, e pouco depois, também a sua mãe. Os corpos foram jogados em valas comuns. Nadia foi transportada à força a Mossul e, junto com milhares de outras moças iazidis, vendida como escrava pelo Estado Islâmico. Nadia fora mantida em cativeiro por vários terroristas, e passou a ser continuamente estuprada e espancada. Contudo, ela conseguiu fugir pelas ruas de Mossul, encontrando guarida no lar de uma família muçulmana sunita, cujo filho mais velho arriscou a vida para contrabandeá-la a um local seguro. Hoje, a história de Nadia — como testemunha das atrocidades do Estado Islâmico, sobrevivente de estupro, refugiada, iazidi — forçou o mundo a prestar atenção ao genocídio em andamento no Iraque. É um chamado à ação, um testamento à vontade humana de sobreviver e uma carta de amor a um país perdido, uma comunidade frágil e uma família destroçada pela guerra.

THANOS
SENTENÇA DE MORTE
MARVEL
STUART MOORE

THANOS

MOORE ,STUART
9788542813920
320 páginas

Compre agora e leia

UM ROMANCE INÉDITO ESTRELANDO O MAIOR VILÃO DA MARVEL!É uma luta antiga: Thanos conquista as Joias do Infinito, Thanos perde as Joias do Infinito. O mundo é, então, reconstruído. Desta vez, no entanto, a Morte perdeu a paciência com o poderoso Titã Louco. É hora de mudança.A Morte está cansada de esperar. Essa incessante busca de Thanos pelas Joias do Infinito sempre o definiu. Mas quando os heróis da Marvel o derrotam mais uma vez, a Morte, amada de Thanos, concede-lhe uma última chance. Desprovido de seus poderes e de sua velha pele, Thanos embarca num itinerário cósmico para reafirmar seu poder sobre si mesmo e sobre o Multiverso. "Thanos: Sentença de morte" é uma história original que explora os aspectos mais profundos de um dos personagens mais poderosos do Universo Marvel. Thanos tem em suas mãos a chance de se tornar algo completamente diferente. Ele manterá suas ilusões de grandeza, ou seria este um novo caminho para um deus perdido? Confira neste 19º livro da Série Marvel, trazida a você com exclusividade pela Novo Século.

Compre agora e leia

POE
LOVE
CRAFT
DOYLE

Box Terríveis mestres

Poe, Edgar Allan

9788542816945
672 páginas

Compre agora e leia

BOX EXCLUSIVO REUNINDO TRÊS MESTRES DA LITERATURA: EDGAR ALLAN POE, H.P. LOVECRAFT E ARTHUR CONAN DOYLE Chegou a noite. O extraordinário que arrepia. O estranho que nos arrebata. A imaginação que nos assombra. Essas são algumas das sensações que podemos sentir – e apenas tentar explicar em palavras – ao ler autores como Edgar Allan Poe, H.P. Lovecraft e Sir Arthur Conan Doyle, pela primeira vez reunidos neste box exclusivo. Aqui, você encontrará um compilado de histórias essenciais para quem sempre preferiu as sombras: 6 "Histórias primordiais" de Poe, responsável por, de certa maneira, criar os contos de terror; 6 "Histórias favoritas" de Lovecraft, eleitas pelos fãs do autor em pesquisa da comunidade The H.P. Lovecraft Archive; e 6 "Histórias de horror" de Doyle, o maior contista policial da história numa faceta desconhecida como a noite, mas essencial como nossa adoração por ela. Chegou a hora de explorar os seus instintos. Boa sorte. INCLUI SUPLEMENTO COM CONTEÚDO EXCLUSIVO, ESCRITO PELO AUTOR E PESQUISADOR OSCAR NESTAREZ

Compre agora e leia

DANIEL MASTRAL
NEPHILIM
[águas escuras]
novo século